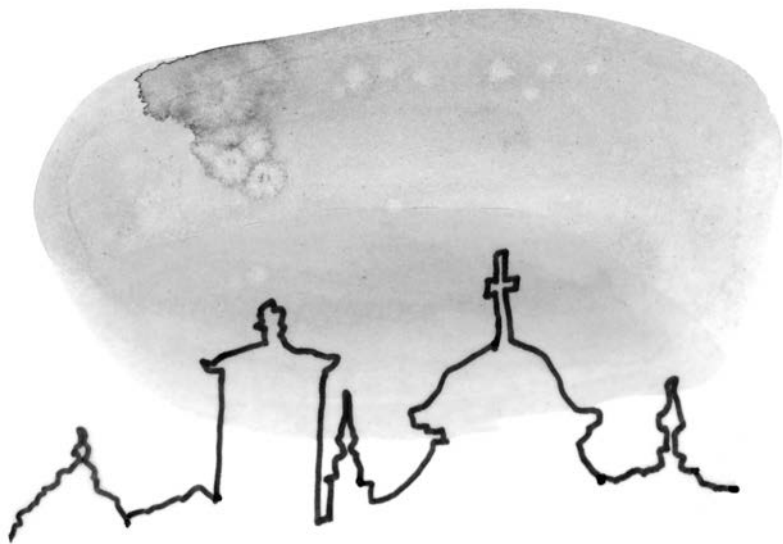




João de Pina Cabral
Aromas de Urze
e de Lama

Ilustrações de Ruth Rosengarten

ICS



João de Pina Cabral
**Aromas de Urze
e de Lama**
Viagem de um antropólogo
ao Alto Minho

Novas ilustrações de Ruth Rosengarten
Posfácio de Rui Graça Feijó

Segunda edição revista

ICS Imprensa
de Ciências
Sociais

Imprensa de Ciências Sociais



**Instituto de Ciências Sociais
da Universidade de Lisboa**

Av. Prof. Aníbal de Bettencourt, 9
1600-189 Lisboa - Portugal
Telef. 21 780 4700 – Fax 21 794 0274

www.ics.ul.pt/imprensa
E-mail: imprensa@ics.ul.pt

Instituto de Ciências Sociais – Catalogação na Publicação

Cabral, João de Pina, 1954-

Aromas de Urze e de Lama : viagem de um antropólogo
ao Alto Minho / João de Pina Cabral ; novas ilustrações
de Ruth Rosengarten. – 2.^a ed. revista. – Lisboa : ICS.

Imprensa de Ciências Sociais, 2008.

ISBN 978-972-671-220-6

CDU 821.134.3-4



Capa e concepção gráfica: João Segurado

Revisão: Soares de Almeida

Impressão e acabamento: Tipografia Guerra – Viseu

Depósito legal: 277645/08

2.^a edição (1.^a edição na Imprensa de Ciências Sociais): Setembro de 2008

A 1.^a edição do texto deste livro
é da Editorial Fragmentos,
Lisboa, 1992

Índice

Prefácio	11
Em limbo	15
Um catálogo de noites	21
Lugares ermos	39
A solidariedade original	51
Interlúdio africano	71
O domínio das escritas	75
Bruxas e almas do outro mundo	95
O pai da Celeste	121
Por desvios e demónios interiores	143
Loucuras trocadas	161
Afinidades electivas I	175
Afinidades electivas II	195
O Lopes	213
O resolver de uma morte	237
Interlúdio oxoniano	255
O último capítulo	259
Posfácio	269

.....

*Aromas de urze e de lama!
Dormi com eles na cama ...
Tive a mesma condição.
Bruxas e lobas, estrelas!
Tive o dom de conhecê-las ...
Mas a tua vida, não!*

*Subi às frias montanhas,
Pelas veredas estranhas
Onde os meus olhos estão.
Rasguei certo corpo a meio ...
Vi certa curva em teu seio ...
Mas a tua vida, não!*

*Só tu! Só tu és verdade!
Quando o remorso me invade
E me leva à confissão ...
Povo! Povo! Eu te pertenco.
Deste-me alturas de incenso.
Mas a tua vida, não!*

.....

Pedro Homem de Mello



Prefácio

O livro que irá ler não pretende ser um relato de factos verídicos, mas antes o relato de uma outra verdade: a verdade da catálise efectuada em mim pelo Alto Minho. Seja qual for a distância em quilómetros, a viagem ao terreno é a mais consequente que um antropólogo jamais efectuará. Ele (ou ela) recolhe «informações», «factos», que depois descreve de forma «objectiva», impessoal. No retorno, porém, traz consigo mais que isso; traz algo a que não se pode propriamente chamar bagagem e que, nas mais das vezes, fica por contar. Algo que não é factual nem ficcional e que os parâmetros «realistas» da narrativa científica remetem para a sombra: a experiência vivida, a catálise efectuada por essa sociedade na personalidade e na visão do mundo do investigador.

Este livro não é um contraponto à escrita científica, não é um relato de eventos reais ou ficcionais – é um ensaio de etnopoética. Situando-se na área nebulosa entre a experiência e a ficção, o texto explora toda a pluralidade possível dos métodos de narração e depoimento. É um exercício sobre a transcrição da oralidade. Contrariamente a alguns livros recentes em que os antropólogos descrevem na primeira pessoa as suas experiências, o presente ensaio tenta demonstrar que todos os registos narrativos têm a sua verdade e todos impõem as suas sombras.

O leitor encontrará relatos das vidas e das mortes dos camponeses minhotos, das suas noções, dos seus fantasmas, dos seus amores, dos seus medos. Recentes ou antigas, verosímeis ou fantasiosas, estas são as «histórias» com que o Alto Minho marcou o narrador – é a sua experiência que, por fim, dá unidade ao texto.

Uns dirão «é ficção» e não estarão sempre certos. Outros dirão «é autobiografia» e serão frequentemente enganados. Não hesitei em alterar temporalidades, lugares e identidades. Quase todos os nomes são pseudónimos. As personagens, nomeadamente as principais, correspondem às impressões deixadas em mim por duas ou até mais pessoas. O texto foi escrito completamente de memória, sem recurso sistemático aos numerosos cadernos de notas, gravações e ficheiros que trouxe como resultado do estudo etnográfico que lá efectuei entre 1978 e 1980 e entre 1982 e 1985.

Para o nome da freguesia em que se passa a maior parte da acção recorri ao pseudónimo que usei na monografia etnográfica (*Filhos de Adão, filhas de Eva*, 1989. Lisboa: D. Quixote). Enquanto nesse caso o pseudónimo encobre um local real, descrito com toda a fidelidade de que fui capaz, aqui o pseudónimo é um puro artifício. A ideia deste livro anda comigo já desde o início desta aventura. Entre as minhas notas de trabalho de campo encontrei pedaços de prosa criativa datados de 1979 e 1980 que, num ou noutro caso, ainda utilizei. Só agora os trago a público porque, finalmente, ao fim destes anos todos, já nem eu confio na veracidade factual da minha memória livre.

Os primeiros capítulos deste livro foram escritos como resposta a um chamamento emocional forte sem que eu tivesse qualquer ideia sobre qual viria a ser o resultado final. O meu irmão Daniel José leu-os com entusiasmo e, não tivesse sido ele, mais nada teria sido escrito. Mais tarde, nos dois Verões que se seguiram, durante os quais trabalhei no manuscrito, Ruth Rosengarten deu-me o seu constante apoio e encorajamento, tendo até aceitado colaborar comigo neste empreendimento [e agora, nesta segunda edição, fazendo uma nova série de gra-

vuras]. Finalmente, tratando-se de um produto literário híbrido, muitos houve em Lisboa que não se deram sequer ao trabalho de ver o que é que o manuscrito continha. Não fosse a já longa e sempre generosa amizade de Rui Graça Feijó, estas páginas estariam hoje fechadas numa gaveta. É ainda em sua casa que escrevo as últimas linhas deste livro estival.

Através das janelas do meu quarto jorra a forte luz matinal coada pelas árvores do jardim. Ao fundo, ouço as omnipresentes motorizadas minhotas no seu constante vaivém, assim como farrapos da música estridente da festa da Aparecida. É um momento apropriado de despedida desta linda terra minhota.

*Casa de Vilar, Lousada, Agosto de 1991
(revisão, Lisboa, 2008)*

Em limbo

– Estará morto?

Sentimos todos, tenho a certeza, a vertigem da curiosidade mórbida daqueles para quem nada aconteceu. Desci eu e mais uns tantos a valeta funda quase à disputa, à procura do melhor ângulo para o vermos: debatíamos-nos com toda aquela lata, de repente lixo, mas que até ali tinha sido a linda carrinha nova deste caixeiro viajante. Vendia azulejos, entre outras coisas, o coitado.

Já não me lembro se estava morto... Não se irrite comigo. Na altura, quando demos com ele esvaído em sangue, entalado entre o caniçal e o *tablier* do carro, decorado por mil brilhos de vidros estilhaçados, fiz o que pude para o ajudar. Mas depois veio a ambulância e no momento em que já não fazia mais sentido estar para ali a mirar o monte de ferro-velho, nesse momento, a vida ou a morte tornou-se retórica na minha narrativa interior. Agora o reconhecimento, porque aquilo de que me lembro é da adrenalina no meu corpo – o sabor a metal na boca, a sensação de uma alteração na atenção, as margens do olhar escurecidas.

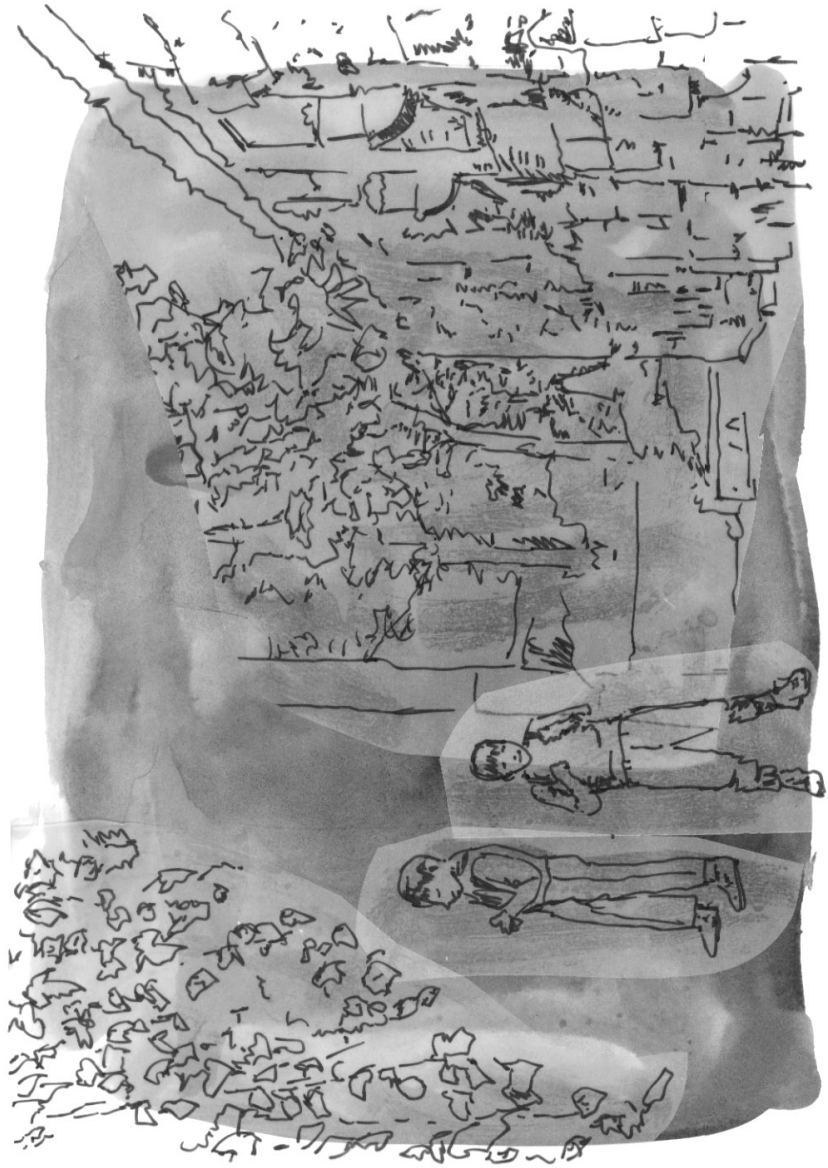
Não pretendo aqui tecer elucubrações sobre os meus pensamentos de então. A análise antropológica que tinha a fazer está feita e publicada e a ficção que fiz aqui pouca será. Também não lhes vou dar, podem estar descansados, uma narrativa de

viagem. Não se trata, afinal, de lugares distantes. Quem quiser pode meter-se à estrada e, passadas Viana e Ponte de Lima (ou, para quem tem menos amor ao seu automóvel, Braga e Vila Verde), lá estará. Quero apenas recordar o que foram essas experiências – verificar os restos de memória que em mim foram deixados – com o fito único de lhes dar o prazer de entrarem na experiência de outrem, de verem para além dos vossos olhos.

E como eu compreendo bem esse prazer! Afinal, se esses tempos ficaram em mim gravados, foi também por terem sido tempos de movimento, de experiência, de vida. Como eles destoam do meu dia a dia de universitário, sentado num cadeirão, a magicar como melhor ordenar ideias... Como eles divergem da solidão das minhas tardes e noites de leitura... Queixando-me eu um dia a um colega mais velho de que não conseguia ler sequer um terço da literatura necessária para cobrir o tema sobre o qual então escrevia, ele respondeu-me que só há dois tipos de académicos: os que lêem e os que escrevem. O mesmo se dirá de toda a escrita: há os que vivem e há os que escrevem. É na tentativa de mediação dessa contradição que se explica o fascínio da literatura de viagens.

Nesta noite de 15 de Agosto, em que estou a começar o meu relato, sinto mais uma vez o desejo de me saber vivo. Lá fora, tenho a certeza, Lisboa continua activa e excitante, cheia dessa complicada vida nocturna das grandes cidades. Olho da minha janela e parece-me que, nas luzes da rua, ouço o movimento descompassado e intenso de uma complexa peça de jazz. Mas entre mim e lá fora... Ou será que não estou mais só nem mais isolado que os outros? Afinal, nem sou sequer o primeiro a fazer a si próprio (e aos leitores) esta pergunta. Mas, como só temos os livros e os filmes dos outros para nos responderem, parece não haver resposta. Pois não foram eles escritos por escritores? Comecei a ler as *Férias de Agosto*, do Cesare Pavese, e decidi-me também a deixar algo de mim.

Nesse dia do acidente, agora já distante, voltei à estrada, montei a motorizada e subi a encosta pelo caminho estreitíssimo que, da via principal, leva à casa onde então passava as



noites. Era uma tarde de Outono, com uma luz suave e temperatura amena – não havia razão para o meu tiritar.

Passa-se a escola de reboco branco, com portas e janelas debruadas a granito, um resto desse passado cívico ditatorial que começamos já a ter dificuldade em compreender. Em seguida, o pequeno resto de um pinhal prenuncia o portal, que, como tudo o mais, também é de granito cinzento esbranquiçado. Fica-me uma imagem da enorme complexidade espacial das zonas habitadas do Alto Minho: as leiras dão lugar a adros ou a terreiros, ambos cobertos de ramadas e pontuados por árvores, debaixo das quais se alargam as medas de palha ou se adelgaçam as moreias de cana de milho; em torno destas levantam-se muros de todos os tamanhos e alturas que, cobertos por telhas e esculpido por portas e janelas, acabam por ser casas.

O aspecto antigo e imponente da casa para onde me dirigia é falso. Ela é realmente velha, mas como casa de míseros caseiros e não como a casa senhorial que hoje pretende ser. As masseiras do tecto são bonitas e típicas, assim como o são a fonte ou as janelas fundas com assentos laterais. O falso não é tudo isto ser novo. O falso é terem transformado uma casa de servos numa casa de patrões. A casa-mãe, aqui perto, agora num estado de semi-ruína, deixa-nos uma sensação de força, apequenou-nos, apesar de não ser mais do que um miúdo solar setecentista. Como casa de senhores que já foi, no entanto, pertence à ordem das coisas que a tradição legitimou. Por outro lado, esta casa onde dormia e da qual na altura era o único ocupante foi herdada pelo filho segundo e, apesar do aspecto e da mobília, não passa, na verdade, de uma casa de férias burguesa. Num quarto lateral, o granito ainda continua a suar fuligem; por mais que o limpem, nunca se libertarão dos séculos de fumeiro plebeu, último sinal dos ocupantes passados.

Se digo isto, não é porque o tivesse descoberto por mim próprio, mas sim porque, por assim dizer, mo mostraram. Começou tudo logo na primeira manhã que lá passei. Fazia um sol radiante, era ainda Verão e os pássaros começavam já a calar-se. A fonte cantava, impávida, como sempre. Abri as

janelas, peguei num pacote de bolachas e sentei-me no pátio a apreciar a solidão, a luz e o silêncio relativo. Escrevia notas sobre o trabalho que, no dia anterior, fizera numa outra freguesia que estava a estudar. De repente, «flop», ouvi um barulho na sala. À terceira vez fui ver. Estava já o chão encerado coberto parcialmente de terra atirada pela janela aberta em pequenos torrões. Nunca percebi muito bem donde vinham. Nos dias seguintes a experiência reproduziu-se sempre que alguma janela estivesse aberta. Conforme a estação avançava, os torrões foram sendo substituídos por caroços de ameixa e frutos ressequidos. O calor apertava e a casa, que inicialmente se me oferecera como um refúgio de paz e frescura, tornou-se rapidamente uma prisão.

Os meus carcereiros eram crianças, disso não havia dúvida, mas quais, de quem, onde? Nunca o pude estabelecer. As minhas repetidas queixas aos caseiros e vizinhos em nada resultaram. Estavam todos silenciosamente a dizer-me que, ou eu saía do meu isolamento, ou se libertariam eles de mim. Sentiam que tinham direito à atenção que lhes negava. Se estivesse a habitar o casarão setecentista, nunca tal teriam feito – ter-me-iam porventura comprado a atenção com pequenos presentes. Mas aquilo ali, por mais velho e senhorial que a nova decoração o fizesse parecer, era terreno deles. Quando, um dia, desapareceu uma das armas antigas que decoravam o muro da sala de jogos, o feitor e, mais tarde, o próprio dono aceitaram o facto com um vago encolher de ombros – reconheciam os limites dos seus direitos de ocupação.

De noite ouviam-se passos no cascalho sem que nunca alguém pudesse ser visto. Pela noite fora, estes eram prolongados, na minha consciência entorpecida pelo sono, no barulho do caruncho que, escondido por detrás da camada de tinta a fingir mármore, roía sistematicamente os lindos tectos de madeira que fingiam ser setecentistas. E logo de manhã mal se abria uma janela...

Na tarde do acidente fui imediatamente deitar-me, convencido de que os longos quilómetros de motorizada, de uma entrevista para outra, me tinham cansado. Já lá iam dois meses

e o cheiro quente da casa fechada, os barulhos de passos no cascalho ou no tecto de madeira, tudo isto me era cada vez mais incómodo. Sentia frio e a cara do caixeiro viajante, pálida e ensanguentada por entre as folhas do canavial, associava-se involuntariamente na minha memória aos ex-votos de cera pintada a verde e vermelho, com cuja linguagem estava ainda então a familiarizar-me. Estes enganam – com aquele seu aspecto parado, a sua excessiva parecença à carne humana, que representam, o seu cheiro bafiento, acre e empoeirado, entremeados com tranças de cabelo escuro no muro do pequeno santuário. Quem diria que estes figurinos de cera são sinais de alegria, de saúde, de vida prolongada sobre a morte! No preciso momento em que passam das mãos febris de alegria do crente reconhecido para as mãos pálidas do sacristão, estes sinais eminentes do sucesso da vida sobre a morte tornam-se, misteriosamente, lembranças de morte próxima.

Eram os primeiros sinais de uma gripe que fui curar para longe dali. Não quis mais voltar àquela casa. O Minho é uma terra possuída comunitariamente. Portanto, a privacidade é um direito a adquirir. Ali deveria ter pago o direito à privacidade com a minha integração social. Não o fiz e acabei por ser expulso.

O estampanço do caixeiro viajante, que queria ultrapassar um carro de bois, ficou marcado na minha mente como uma premonição – uma lição de que a sobrevivência naquelas terras depende da aceitação das regras do jogo. Foi, afinal, o que aprendi durante o mês que passei naquela casa bonita mas falsa e bafienta.

Um catálogo de noites

Eram para aí 11 e meia. Antes de sair do café, o Nelinho (o marido da patroa) deu-me para as mãos uma moca.

– Pegue, Joãozinho, que pode haver por aí razão para a usar.

– Está tonto, homem, que é que julga? Eu vou daqui para a cama.

– Pois, pois, mas ao menos de cães e lobos...

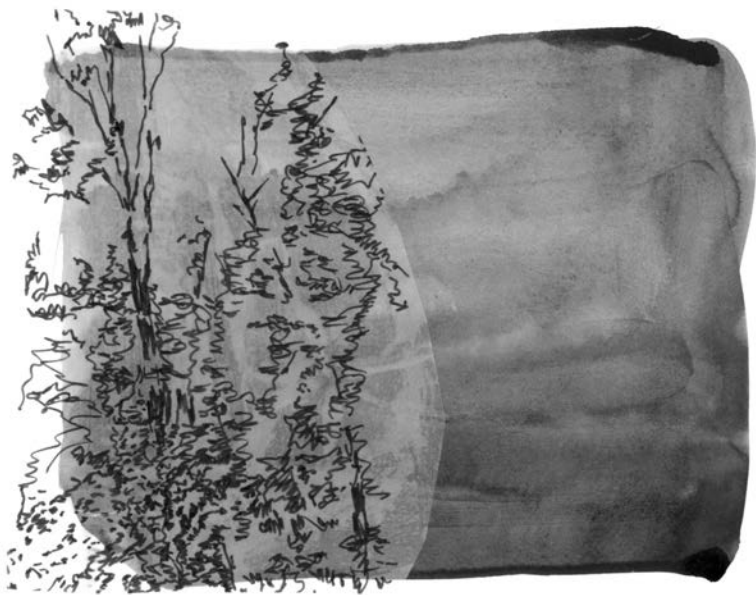
Pareceu-me que sorria por debaixo da expressão preocupada. Era para ver se eu era homem para a levar, pensei. Custava-lhe a compreender que eu não tivesse medo à floresta. Não que ele tenha medo à noite ou ao escuro: pois não andou ele noites a fio a «tapar águas» por esses campos fora, Verão e Inverno? Mas «o monte» não é sítio de gente e o caminho velho que eu seguia em direcção ao «lugar» de meia encosta onde agora pernoitava estava já abandonado há muito tempo.

Saí. Levava um pesado capote alentejano, uma sacola com o gravador e o livro de notas, um barrete enfiado até às orelhas (que já era Inverno) e, finalmente, ponto culminante desta armadura quixotesca, uma moca! Entrei pela vereda acima e quase logo as luzes do café perderam-se por entre os pinheiros. A princípio o caminho não é fácil: passa um pouco por cima das leiras ricas e chãs do Real, com o monte do outro lado, e é preciso subir e descer socalcos. Mas eu já o conhecia bem.

Aromas de Urze e de Lama

Sobe-se um pouco e, depois de se cruzar o trilho que leva ao lagar velho, entra-se na floresta. Parei ali.

A lua estava cheia e o brilho prateado sobre a erva alta do Real parecia água batida por um leve vento. Do outro lado, ao correr da estrada, via-se uma e outra luz dos poucos candeeiros públicos cujas lâmpadas não tinham ainda sido quebradas pela pontaria certa dos miúdos da escola – pouco mais por lá aprendem, parece-me a mim! Estava um frio de temer. A humidade do Inverno minhoto não perdoa. Escorria água por todos os lados. Até a meda de palha, gorda e sombria, por trás de mim, brilhava, coberta de água. Numa pequena represa um pouco abaixo donde eu parara tinha sido encontrado recentemente um homem imerso até à cintura. O vizinho madrugador que deu com ele pensou que estava morto. Mas, afinal, não estava e, quando, mais tarde, conseguiu recuperar a voz, tinha uma história de «feiticeiras» que para ali o teriam deitado por ele lhes ter chamado putas. Afirma solenemente que perdeu a potência e foi preciso andar por bruxas e curandeiras antes de voltar a ser útil à mulher. Se me tivesse preparado para a viagem



com a dose de aguardente que me aconselhavam no café (que «dá força» e aquece e tudo o mais ...) e tivesse resvalado, bem me teriam as bruxas atacado. E, com o frio que ia, não perderia só o que ele perdeu, tenho a certeza.

Entrei pela floresta com uma sensação de alívio; a moca tornou-se um peso consciente na minha mão, como uma risada. O caminho a partir daqui é mais confortável e dá mais tempo aos distraídos para olharem para o ar, apreciando os efeitos da luz sobre os ramos do pinhal. Contrariamente aos camponeses, é no monte, e não por entre as casas, que me sinto mais seguro à noite. Devaneios de cidadão, pensam eles; mas, conforme fui aprendendo a conhecer as noites, descobri que sou eu quem tem razão.

Bem me lembro da primeira noite que estive em Paço – noite escura de breu sem lua e sem estrelas. A manhã tinha estado gloriosa e eu tinha dado um lindo passeio de motorizada pelas veredas de terra, na cumeada dos montes que separam o vale do Lima do vale do Vade. À tarde visitei o padre, que, depois de se demorar uns dez minutos para responder à porta, me disse que o Sr. Cunha do lugar de Padim talvez pudesse emprestar-me uma casa por algumas semanas. Finalmente, uma luz no fundo do túnel! Insatisfeito com a falsa casa senhorial, há três meses que tentava arranjar onde dormir em Paço, sempre debalde.

Fui directo a Padim. A estrada não tinha ainda sido asfaltada e, mesmo a pé, o caminho exigia uma certa prudência. Chegava-se a um alto, onde, para reduzir o perigo de uma curva estreita, a estrada tinha sido alargada, formando uma espécie de larguinho. Mais tarde, quando já tinha automóvel, este sítio viria a adquirir significado para mim. Era ali que deixava o carro quando, recém-chegado a Paço, andava à procura do Cunha para o cumprimentar e para lhe pedir notícias. Estacionado ali, esse carro, que ele conhecia bem, podia ser visto de quase toda a «meia-de-baixo» da freguesia. Era um sinal de presença.

Desce-se uma vereda íngreme feita para carros de bois, que até para um tractor não é fácil, e entra-se então no terreiro do

Cunha por um túnel de ramadas. A primeira coisa que se vê são os dois espigueiros de madeira pintados de vermelho poucados sobre grossos pilares de granito suplantados por imponentes lajes. A casa, ao lado, esconde-se para baixo e é mais difícil de ver à distância que os espigueiros – o que, aliás, não deixa de ter as suas razões minhotas. Bati à porta, e, depois da usual espera, uma moça baixinha, forte e louraça veio dizer que o pai não estava em casa, que viesse à hora da ceia.

Foi muito desiludido que voltei à vila para jantar no restaurante da pensão. Estava lá o bando de gente do costume. Eram licenciados – médicos, professores, engenheiros – que faziam os seus estágios naqueles sítios, para eles remotos, forçados pela burocracia revolucionária da época a saírem das cidades e espalharem-se pela província. Como eles, eu pouco tinha a ver com a vida da vila. Mas a nossa camaradagem foi curta. Uns não aguentaram e desapareceram; outros e outras arranjaram namoros locais e deixaram de frequentar a pensão; e eu, finalmente, logo que pude, deixei a vila e os meus semelhantes – que, afinal, era o que eles ali representavam.

Naquela noite, uma das professoras pôs-se a contar anedotas e, antes que acabássemos, fez-se tarde. Quando me ia meter à estrada já eram 10 e meia e um médico simpático (um dos que viriam a enamorar-se de uma das «belezas naturais» da vila) quis proteger-me, dizendo que não era seguro ir de motorizada, que iríamos no «carocha» dele. E lá fomos. Só que, mal saímos da vila, apercebi-me que começou a não estar à vontade. De facto a noite era totalmente negra; em noites dessas até a estrada nacional é perigosa. Conforme íamos avançando e saindo para estradas mais e mais pequenas, o estado de espírito do meu companheiro ia-se tornando mais mórbido. Falava de bruxas e curandeiros com o tom irónico e agnóstico de quem prefere não acreditar nessas coisas mas, contra si próprio, percebe a sua relevância.

Finalmente, chegámos ao cotovelo por cima da casa do Cunha. Quando o médico viu que era necessário continuar a pé, ficou quase zangado comigo. Sugeriu-lhe que esperasse no carro – o que lhe desagradou tanto quanto a ideia de se meter

por aquele caminho fundo adentro na escuridão. Quando chegámos à casa do Cunha e a porta se abriu, jorrando luz, pareceu-me ouvir um suspiro de alívio ao meu lado. Só que a figura do Cunha não foi, afinal, reconfortante. Em vista da profunda amizade que nos viria mais tarde a unir, aquela primeira visão tornou-se crescentemente inesquecível.



O homem era baixo, magro e feio, com os membros atarracados, as mãos disformes e grossíssimas, o cabelo curto grisalho e espetado, sujo e despenteado, as roupas porcas, rotas e mal amanhadas. Com gestos lentos apreciou-nos da cabeça aos pés e, em vez de nos convidar a entrar, apoiou-se à ombreira da porta com um sorriso agreste. Naquela altura, o brilho nos seus olhos – que, mais tarde, vim a reconhecer como sinal de inteligência e de bondade irónica – pareceu-nos francamente sinistro.

– Sr. Cunha, o meu nome é João Cabral, não nos conhecemos, mas o Sr. Reitor disse-me que lhe falou de mim. Vim fazer aqui um estudo...

Enfim, lá lhe contei a minha história o melhor que pude, com crescente embaraço, porque ele não ajudava nada. Até que, finalmente, não consegui mesmo continuar. Dizendo-lhe eu que precisava de lhe pedir um favor, ele respondeu:

– Talvez... isso dependendo.

Agora sei que nessa expressão está mais informação sobre o camponês minhoto e a sua atitude para com o mundo do que é possível explicar em prosa analítica.

Ficámos assim um pedaço até que ele se decidiu a reatar a conversa, dizendo-me que lá emprestar-me a casa emprestava, mas não só não receberia renda de forma alguma, como a casa não estava em condições de se viver nela. Eu não estava em posição de dizer não fosse ao que fosse, por isso acabámos por combinar que eu apareceria dentro de uma semana para buscar a chave.

Chegados ao carro, vi bem pela expressão do médico que tinha decidido que eu era tonto, que o Cunha era um louco varrido e que a vida no campo era para quem não podia fugir para outro lado nenhum. Na verdade, não posso criticá-lo. A situação parecia ridícula e eu próprio mal sabia como explicar o que se passava. Demorou-me anos a perceber que o Cunha estava há muitos anos à procura de alguém como eu; que fora ele que sugerira ao padre que eu o contactasse, pois se tinha informado sobre mim; que a casa era simples mas perfeitamente habitável; que ele fora agreste só para me testar e não para me afastar; que me emprestava, e não arrendava, a casa não só por temer que adquirisse direitos legais de arrendamento, mas também para que não pudesse tornar-me independente dele. O dinheiro que ganharia com o aluguer era coisa secundária para ele naquele momento da vida.

Naquela noite, uma coisa era certa para mim: o trabalho de campo antropológico tinha, finalmente, começado a sério. Por mais confuso que tudo aquilo fosse, era para resolver tais confusões que eu lá estava. Para mim, a noite escura era um conforto, um breve adiamento de tarefas desejadas mas estafantes. Hoje já não sentiria o aveludado da noite com o mesmo descuido. Afinal, o receio do médico era fundado: as noites por

entre as casas e os campos cultivados são noites de vigília. Há olhos no escuro, há cães postos à espera, há intenções maliciosas, há ódios que se curam pela noite fora, há competição desbragada por fins por vezes irrisórios. No Minho, o silêncio por entre as casas e os campos cultivados é mal-intencionado.

Quando, uns meses depois, subia a encosta por baixo das árvores na noite fria de Inverno, em que a lua jogava com as formas e as sombras, começava já a aperceber-me de que, se tinha algo a temer, era das pessoas, e não dos símbolos, que levavam o Nelinho a dar-me para as mãos uma moca. Educado como fui num meio profundamente religioso, sempre tive um extremo respeito pelo sobrenatural e pelos seus sinais exteriores. Foi algo que sobreviveu a todo o trabalho analítico que tive de efectuar de modo a libertar-me de uma fé que, desde cedo, senti que me afogava interiormente. Com a idade, esse respeito foi-se alterando. Por um lado, assumiu-se como uma apreciação estética do valor dramático e cosmológico da liturgia; por outro lado, o medo que em criança tinha de ser punido pelos meus pecados sobreviveu, secreto, vago e reprimido. Foi no Alto Minho que redescobri a sua existência e foi aí também, penso eu, que ele se alterou. Foi a intensidade da fé dos meus novos companheiros que me ensinou a temer o seu poder e não os seus objectos. Nesse sentido, quanto mais os conheci, mais divergi deles, pois mais aprendi a temer a sua fé.

Insistindo para que levasse a moca, o Nelinho queria que eu reconhecesse a existência de algo de terrível na travessia do que, para ele, era em todos os sentidos um descampado, mas para mim não era. Ao menos de cães ou lobos a moca me protegeria, dizia ele, sabendo muito bem que os cães andam pelas zonas habitadas e que os lobos já não aparecem por ali há muito tempo. Mas os lobos são os companheiros em noites de floresta dos que temem os descampados.

No Verão seguinte, nesse mesmo café, viria eu a ouvir uma história que bem elucida este sentimento. O fanfarrão do taxista que a contou deve tê-la repetido muitas vezes e nunca da mesma forma. Também já a contei noutra sítio; mas repito-a aqui porque, sem ela, faltaria uma a este catálogo de noites. Da

outra vez tentei reproduzir o que ouvi; desta vez conto-a como hoje a imagino.

Chegara, finalmente, o fim do dia. Estava-se no S. Miguel (segunda metade de Setembro, a época das colheitas) e tinha sido uma jorna estafante. O sol batia no milho seco como num espelho. Por muita água e vinho que corresse, quando a noite chegou, já há muito que era esperada. O António tinha vindo de Canas, do outro lado dos montes. Era irmão do dono da casa e tinha sido chamado porque era um grande ganhão, recém-casado, que fazia o trabalho de três homens. Era tio da avó materna de quem conta esta história.

A cunhada, a Micas, juntamente com a irmã solteira, tinha arranjado uma ceia de arromba, com carne de porco assada, arroz de cabidela, frango assado e arroz doce. Comeu-se e bebeu-se bem e já estavam todos a postos para a desfolhada no terreiro à luz do candeeiro e dos astros, que iluminavam tanto ou mais, quando o António foi dizer que voltava ainda essa noite para Canas. Queriam que ficasse, que dormia ali, que aquilo era uma casa dele e amanhã lá iria com mais tempo e luz, que esses montes aí por cima não são nada bons de atravessar à noite.

«Bem vos conheço meus velhos», pensou ele com os seus botões. «Vocês, quando lá foram à nossa casa, chegaram tarde, saíram cedo e o mais que fizeram foi beber-nos o vinho e comer-nos o bacalhau. Mas eu já cá passei o dia todo a mourejar que bem o sinto nas costas, e ainda querem que fique para vos fazer a desfolhada e se calhar ainda um pouco mais do milho de amanhã. Nem pensem!» Explicou-lhes que ainda tinha muito que fazer lá em casa, que a Tina estava para ter «um criança» e que do monte não tem ele medo, que para isso lhe serve este pau que aqui traz, que muitas cabeças já rachou, como eles bem sabiam, por essas festas das redondezas. E, quanto a bruxas e coisas más, isso eram histórias de mulheres – ele tinha passado noites a fio a tapar águas nos campos do pai e as únicas vozes do outro mundo que conhecia eram as que ele próprio tinha fingido para assustar o Ti’Nelo Bouças e ficar com o tempo de água dele.

Acabou por aceitar meter no saco uma garrafa de tinto para ajudar à subida e um naco de broa, lá mais para quando estivesse a chegar a casa. Enfiou os socos e pôs-se a caminho. Ao passar pelo terreiro, os moços bem o desafiaram para a dança ao som da concertina do Pires (que, quanto mais bêbado, melhor tocava), mas ele estava já com pressa e mal lhes respondeu. A primeira parte é a pior, que é quando a gente se afaz ao caminho, depois vai-se bem. Ele conhecia o terreno como as suas próprias mãos.

Ao chegar ao alto, lá onde o estradão vira para Fonte Seca, ainda falou um pouco com o Zé das do Pinheiro, que vinha do moinho de vento, que ainda há pouco acabara de construir.

– Então, Tio Zé, já está tudo a andar?

– Já, homem, quando é que nos trazes a vossa farinha?

– Isto é longe de mais p’ra nós... A gente lá se amanha com o nosso e o do Tõno das Dornas.

– ‘Inda agora vais p’ra casa? Olha que sempre lá se arranja um canto para tu dormires e um pouco de caldo. Isto não são horas de se meter um cristão à serra!

– Obrigado, Deus lhe pague – disse o António, já de abalada –, mas a Tina está por poucos dias e eu quero lá estar na hora. Quanto ao resto, são histórias. Tio Zé, são histórias! Eu cá levo esta para alisar o pêlo de quem se meta comigo.

– Tu lá sabes... – respondeu o velho com pouca fé.

Antes de virar a curva ainda viu as costas dele, abanando a cabeça. Sorriu. Por fim, deixou o caminho e meteu-se por um carreiro de montanha. Escavado pelas águas, este era tão fundo que, com a cobertura das árvores por cima, mal se viam as pedras do chão. Quando voltou a ver o céu, no Chão da Pegada, mesmo no alto da serra, já a lua se tinha posto. Agora via-se bem o caminho por um pedaço a serpentear mais branco por entre o mato raso. O fresco da noite espevitou-o um pouco. Sabia-lhe bem sentir esta aragem contra a cara queimada pelo sol do dia. E o céu parecia que se deitava em cima dele como um manto de lantejoulas. Lembrava-lhe o manto da Senhora da Misericórdia, deitado por cima daqueles senhores finos, de barbas, a protegê-los das misérias da vida, que tinha visto no quadro pendurado na igreja da vila.

De repente, ao seguir o caminho ao longe com os olhos, pareceu-lhe ver algo escuro caído no chão. Dir-se-ia um saco ou coisa que o valha. «Alguém deixou cair um saco do burro», pensou, e virou a atenção para outra coisa. Mas ficou atento. Voltou a olhar, desta vez já procurando com ansiedade. Pareceu-lhe a princípio que não havia nada. Ia tão distraído que tropeçou numa pedra que o carreiro contornava. Riu-se de si próprio, mas por pouco tempo, porque voltou a ver a mancha escura, desta vez bem mais próxima. «Mexeu-se. Que será?» Desceu uma vala, trepou do outro lado e estacou. A mancha tinha agora dois olhos brilhantes, como faróis à distância, amarelo-esverdeados e fixos. Bateu com os socos no chão e deu mais uns passos rápidos para assustar o bicho... que nem sequer piscou os olhos. Com o calor que fazia, sozinho e no meio do caminho, parado... um lobo? Não dava para acreditar; nunca tinha ouvido falar em tal coisa.



– Arre, Diabo, cruzes, Canhoto! – berrou-lhe.

O bicho pôs-se em pé, mas sem arredar passo. O António tirou o saco da vara e deixou-o cair ao lado. Aproximou-se passo a passo com o pau bem seguro à sua frente. O animal balançava, como que a desafiá-lo. Até que, já frente a frente,

olhos nos olhos, os breves movimentos dos dois estavam sincronizados. Lentamente levantou o pau, deixando-o cair na cabeça do lobo com toda a violência de que foi capaz.

Tal foi a força que investiu no gesto que ia caindo quando o pau deu de cheio no chão duro do caminho. Ficou meio zozno; demorou algum tempo a perceber o que se passara. Dava a impressão de que o bicho se ria. Tinha-se encostado rapidamente para o lado, saltado por cima da vara, e encontrava-se no mesmo sítio e a fitá-lo com a mesma intensidade. Teimoso, o António atirou outra varada, e outra, e outra, e muitas mais, sempre com o mesmo resultado. Estavam os dois de tal forma presos na luta que era como se dançassem. Até que os braços começaram a doer-lhe e a recusarem a resposta, a cabeça fez-se-lhe em água, e parecia que o horizonte bailava descontrolado. Mais uma vez... e outra... mas teve de parar. De repente, a iniciativa era do lobo. Abocanhou-lhe a vara, agarrando-a firmemente: parecia presa com cimento. O terror subia-lhe dos pés pelas costas acima, paralisando-o e impedindo-o de fazer fosse o que fosse.

Quanto tempo terá passado até o bicho soltar a vara, virar as costas e desaparecer devagar por trás de um monte de pedras? Ninguém sabe porque, quando o António, finalmente, chegou a casa, já a manhã ia a meio. Com um olhar de animal perseguido e as mãos a tremerem incontrolavelmente, só foi capaz de dizer baixinho e repetidamente à Tina: «Foi o lobo. Ai foi o lobo!» Morreu na semana seguinte, sem ter voltado a sair da cama.

O taxista afirma peremptoriamente que este lobo era o Inimigo em pessoa; presumo eu que subido às nossas airoas estâncias com o fim único de ensinar a tontos como eu e o António os perigos da *hubris*. Quanto a saber como é que a tia da avó da prima da mulher, ou seja lá quem fosse que era suposto ter contado a história, podia ter adivinhado o que se passara entre o António e o bicho no alto da serra a meio da noite... Basta dizer que, desta vez, me dispensei de fazer perguntas idiotas; o taxista era dado a reacções coléricas e não quis tentar a sorte.

Ele ou o seu comparsa Nelinho nunca poderão compreender que não havia a mínima arrogância no meu prazer em voltar a casa pela floresta em noites escuras de Inverno. Nada me atraía na alternativa, que era subir e descer a calçada de motorizada, indo pela igreja, dando a volta a mais de metade da freguesia, acordando meio-mundo e perdendo a beleza da noite, o exercício físico e o prazer da aventura.

Na noite em que levava a moça, quando finalmente cheguei ao Souto, a beleza da floresta cortada pelos raios da lua tinha-me deixado num estado de euforia. Passava-se perto dos primeiros campos, depois era necessário evitar uma lixeira e, finalmente, reencontrava-se a estrada, aqui mais estreita e feita de paralelepípedo. O cão da Celeste, a primeira casa do lugar, ladrrou quando me ouviu. No fundo do terreiro pareceu-me ver um vulto – lá seria o marido dela, saído para mijar. Abri o portão e subi as escadas exteriores da minha casa. A Tia Amélia, que habitava o quarto junto à loja mediante um pagamento simbólico ao Cunha, já dormia. Ouvia-se-lhe o ressonar. Tinha sido jornaleira da casa dos Cunhas toda a vida e as más-línguas diziam que eram mesmo meios-irmãos, pelo lado do pai – que, no caso dela, era oficialmente «incógnito». Já quanto ao filho dela, que agora «está rico» na Alemanha, a opinião abalizada das vizinhas maldizentes é que não há mesmo maneira de saber quem fora o pai.

Há trinta ou quarenta anos, em noites de Inverno como esta, quando o frio apertava, as sobras de algum milho que tivesse ficado do S. Miguel já estavam esgotadas, não havia já vinho para aquecer a alma e ninguém tinha emprego para dar a uma pobre sem terra – em noites como estas, há trinta ou quarenta anos, quando o filho da Tia Amélia fora concebido, mulheres como ela passavam-se e desejavam-se para darem de comer a um filhito e para não sucumbirem, elas próprias, à fraqueza. Quando era das matanças do porco, lá lhes levavam um pouquinho de carne. O lavrador rico que lhes dava trabalho no Verão «não se esquecia» dos pobres jornaleiros nessa ocasião. Mas o Inverno era duro e a jorna, paga a géneros, consumida hoje, já não existia amanhã, quando mais ninguém

precisava de trabalho «de fora». E que frio fazia nesses dias! Os velhos asseguram-me que era bem pior que hoje; as casas eram mais toscas e nem todos tinham uma lareira para passar as noites tristes. Havia menos floresta e a lenha era para quem a tivesse.

O Cunha conta-me que, pelas noites frias de Inverno, as mulheres mais pobres vinham às vezes de longe, pela chuva, pedir uma côdea para matarem a fome negra, delas e dos filhitos. «Era quantas se quisesse e davam tudo por um naco de broa.» «E se eu lhe dissesse algumas que eu cá sei, que agora andam por aí feitas umas senhoras, nem acreditava...» Mas o Cunha não é dos que comem primeiro e vomitam depois – como por aqui se diz dos amantes indiscretos. Cala os nomes, se bem que tem um brilhaço nos olhos, misto de ironia e de nostalgia. Memórias gratas de satisfações antigas.

Na altura, o seu realismo chocava-me, tenho de admitir. A sua completa aceitação das regras do jogo, fossem elas quais fossem, resvalava por vezes em cinismo. Bem sei que não é fácil criticá-lo; para ele, estas memórias são de felicidade: as suas primeiras experiências sexuais. Sei que não é cruel, que tem pena do sofrimento alheio – tantos anos depois não se esqueceu da Tia Amélia. Mas também sei que nunca detectei nele qualquer emoção gratuita ou baseada em considerações hipotéticas. De início, a sua imersão no real assustava-me terrivelmente. Só depois descobri que ele também nutria sonhos, de cujos trapos eu e ele quisemos fazer ainda um museu: o seu teatro, a sua «escrita». Mais tarde falarei neles.

Havia ainda outra diferença: a da idade. Naquela noite em que subia a encosta debaixo dos pinheiros, três ou quatro meses depois de encontrar casa em Paço, eu mal saíra de uma adolescência fortemente manchada de idealismo e metafísica. Sete anos depois, quando ele morreu, já eu era homem feito, já tinha dado com alguns dos muros com que a minha vida se fechará no dia em que os descobrir todos. Já tinha apreendido muito com ele. Quando a nossa relação terminou, o seu cinismo tinha deixado de me assustar; tinha chegado mesmo a conseguir apreciar-lhe a ironia.

A casa que ele então me emprestara e onde fiquei sempre que estive em Paço tinha sido construída sobre as ruínas de uns casebres de caseiro. Tinha-a feito para um filho, que entretanto construíra outra ali perto, maior e mais airosa, à custa de muito suar em França. Outro filho (ele tinha oito ao todo) a viria a habitar mais tarde. Entretanto ficou para mim. A casa era nova, mas nunca tinha sido pintada e faltavam-lhe os últimos retoques.

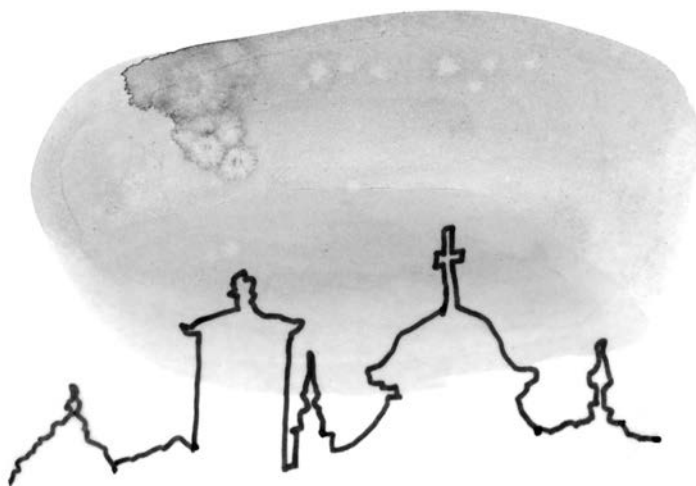
Antes de entrar parei na varanda, como sempre, para deitar uma olhada por sobre o casario do lugar de Souto. Fascinava-me a complexidade formal da integração das diferentes texturas: ramada; telha solta com pedras a segurá-la; copa prateada de oliveira rasgada pelas folhas escuras e luzidias de uma laranjeira ou limoeiro; logo em seguida, um muro esverdeado de pedras ciclópicas, sobre o qual se iniciava um campo coberto nesta altura do ano com erva verde, gorda e luzidia que, por sua vez, terminava num grande castanheiro. Conforme o Inverno ia avançando, maior se tornava a transparência da superfície debaixo da qual se mexiam as pessoas e os animais, no seu ir e vir diário pelos caminhos do lugar; na Primavera, a supraestrutura fechava-se, dando assim azo à frescura e conforto tão típicos dos terreiros e caminhos minhotos durante a canícula.

Foi nesse dia que aprendi a temer o silêncio e o aparente estado de êxtase destas noites habitadas. Era Inverno e tive a nítida sensação de que a luz do candeeiro de rua penetrava pelo caminho, por assim dizer abrindo-o aos meus olhos. Por baixo da lâmpada dormia com a família a Bininha da Mercedes do Brasileiro, num casebre que ainda há pouco tinha sido uma corte. Ouvi-a a grunhir para o marido para que se virasse. Tomei-me de uma sensação de ser o último habitante do mundo, de não haver ninguém e nada que me tolhesse o ímpeto. Uma sensação velha em mim, que me lembra tantas noites e tantas ilusões por esse mundo fora: as horas que precediam a madrugada nas praias de Lourenço Marques; o pequeno barco à vela, navegando à luz da lua cheia, na baía de Inhambane... o inverter do terror da solidão.

Quando abri a porta, o bafio da casa repeliu-me. Deixei cair a moca a um canto, por inútil, pousei a saca e voltei a sair, desta

vez em direcção ao lugar de Canhede. Foi esse o meu erro. Conforme ia passando, os cães iam ladrando. Pressenti alguém por trás de uma janela. Começava então já a saber que nenhum movimento inexplicado é interpretado pelos vizinhos como inocente. Eu estava a transgredir; as explicações mais rocambolescas sobre os meus movimentos nocturnos começariam a circular desde manhã bem cedo.

Finalmente, deixei as casas para trás. Preparava-me já para apreciar a vista sobre o vale do Lima, que deste lado de Paço é lindíssima, quando de repente vi um vulto na estrada a endireitar-se e a fugir pelo caminho acima. Tive a impressão de que tinha saias, mas não asseguro. Onde estava, pareceu-me ver uma luz como de um cigarro no chão e um pilarzinho de fumo. Não quis ver mais, sentia-me agora observado por todos os lados e muito desconfortável. Dei meia-volta e, frustrado comigo próprio, fui para a cama, perseguido pelo ladrar dos cães.



O lugar onde me pareceu ver o vulto era a encruzilhada em que a estrada que vai de Souto a Canhede encontra o velho caminho para Fonte Seca. Do lado de baixo da estrada está o Penedo do Castelo: uma enorme formação róchea abobadada, famosa pela fonte límpida que nasce aos seus pés e por ser uma «pedra encantada». Mesmo no seu topo, uma pequena marca,

que dizem ser a pegada de um burrinho, indica que ali está escondida uma moura: linda, sempre jovem e riquíssima, com as arcas de ouro que os mouros deixaram à sua guarda quando tiveram de fugir precipitadamente da terra. O Esteves taxista diz que ele e um outro foram lá com o Livro de S. Cipriano para fazer as rezas que levantam a pedra e revelam o tesouro. Mal principiaram, porém, começou repentinamente a trovejar e a chover granizo. Ficaram aterrados e fugiram. Outras pessoas, menos dadas a fanfarronices, dizem que foi a um velho que já morreu que isto aconteceu.

Na manhã seguinte, ainda preocupado com a sensação de que teria infringido a regra de ouro de não andar por sítios onde não era chamado, decidi-me a contar a história à minha vizinha do lado, que me tinha praticamente adoptado, a Sãozinha. Ao menos ela saberia a verdade do que se passara. Quando lhe expliquei o que tinha visto, ela mandou-me falar baixinho, deitando um olhar sorrateiro à nossa volta. «Cuidado com isso, Joãozinho. Olhe que esta gente é muito maldosa. Não diga nada a ninguém. Isso são coisas do Inimigo, que aquilo era mas é um defumadouro!» Eu não sabia do que se tratava. Perguntei-lhe, mas ela não estava disposta a falar mais no assunto.

Uns meses depois, já mais seguro dela, numa tarde em que estávamos os dois sozinhos sentados na cozinha, enquanto ela descascava ervilhas, voltei ao ataque. Um defumadouro, explicou-me, é um caco de barro em que se queimam umas ervas com a intenção de fazer ou de desfazer um feitiço. Vai-se à bruxa ou uma «entendida» e depois faz-se aquilo com uns gestos e umas rezas.

– Foi isso então que eu vi naquela noite ali no Penedo do Castelo?

– Ai, Joãozinho, por amor de quem lá tem, não me fale nisso. Que isso são histórias do Diabo. Mas aquela maldita da Mercedes ainda há-de aprender uma lição, ai há-de sim senhor. A puta anda sempre por bruxas e feiticeiras e metem-lhe estas coisas na cabeça.

– Mas então que história é essa?

– Pois não vê que daquela vez que me disse eu fui lá espreitar e dei com o defumadouro. A grande cabra!

– Mas como sabe que era para si, senhora? Como é que sabe que foi ela?

– Ai foi, foi, que eu sei. – Riu-se, envergonhada.

– Parece-me que está mas é a ser injusta!

– Não, que eu não podia deixar a coisa assim, que temos muito gado e os meus netinhos podiam estar sujeitos a que lhes desse alguma coisa! Falei com o Esteves (o que é taxista, o Joãozinho conhece-o) e ele trouxe-me aqui uma mulher lá de Viana que é muito entendida nestas coisas. Diz que tem um curso disso feito no Brasil. Levei-a lá, ela viu aquilo e disse-me que era para matar o nosso gado e que era de uma vizinha próxima – ora quem viria a ser senão a Mercedes? Isso é tudo inveja, sabe? Porque o marido está lá na França feito com uma desgraçada qualquer e não lhe manda nada faz anos. Eu, como tenho o meu aqui, graças a Deus, e que nos damos tão bem, ela quer fazer-nos mal. A tal mulher de Viana fez aqui umas rezas com água-benta. Não viu aquelas cruzeiras na corte? E diz que levava aquilo para deitar ao mar coalhado. Mas não diga nada a ninguém, por amor de Deus, Joãozinho, que eu nem ao meu filho contei, que ele ainda se zangava e tínhamos para aí porrada, que é isso que a Mercedes quer.

Mas o feitiço vira-se contra o feiticeiro... A pobre Sãozinha era mais marota que maldosa. Quem poderia imaginar ao que viria isto tudo...

Lugares ermos

Quem me disse que, se eu era antropólogo, devia fazer um estudo da freguesia de São Silvestre foi um professor catedrático da Universidade de.... Nunca mais poderei esquecer essa tarde, que me deixou tão perplexo, e essa personalidade, que ainda hoje me causa calafrios. Este homem, contemporâneo de historiadores como Magalhães Godinho, LeRoy Ladurie e E. P. Thompson, e ocupando um dos postos académicos mais prestigiados em Portugal, apresentou-se-me como um fenómeno de inacreditável anacronismo – uma personagem mais próxima da Contra-Reforma do que do século e tempo em que eu pensava que vivia. Mais tarde, ao ler a sua obra de grande erudição, voltei a sentir esse medo que me causara então a descoberta de que é possível ser-se erudito, é possível viver-se no nosso século e ser-se reconhecido como uma sumidade e, no entanto, ter a visão do mundo de um bispo do Concílio de Trento.

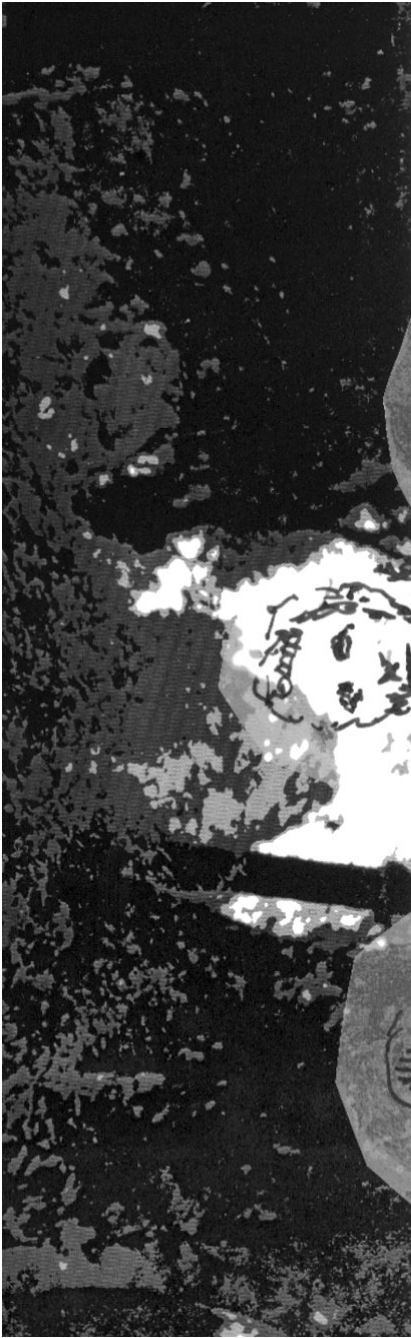
Foi logo nas primeiras visitas que fiz àquela região. Ia na companhia de dois padres que conhecera em Braga. Tinham-nos dito que ele estava de visita à sua aldeia natal, a trabalhar no «seu» santuário. Fomos visitá-lo. Era uma tarde ventosa, com um céu encoberto e pesado. Chegámos a um lugar já quase de montanha, com um aspecto desordenado e sujo, e fomos indicada uma casa fechada, com uma decoração não só

austera, mas também destituída de toda e qualquer intenção estética. Pouco depois apareceu ele, um homem de proporções liliputianas, vestido com uma batina preta surrada, com as feições e o falar de um camponês. Mal nos deu tempo para o cumprimentarmos: a sua intenção única e imediata era mostrar o santuário.

Parece que uns dias antes da visão de Fátima, em 1917, «um pastorinho» daquele lugar teria visto Nossa Senhora em cima de uma rocha. Uma família de gente importante da região tomou a coisa a peito e tentou mesmo fazer que a Igreja reconhecesse como válida a visão do pobre rapaz.

Muita gente das redondezas se interessou pela história e começaram até a acontecer alguns milagres. Só que estava-se então em plena época republicana, a altura não era propícia ao reconhecimento geral de mais um santuário. Mais tarde, já na época salazarista, quando a Igreja voltou a encontrar o seu poderio, não quis desviar a atenção de Fátima, onde tinha empenhado tudo. Assim se compreende que o culto tivesse sido deixado ao abandono pelas autoridades eclesiais, com grande pesar dos vizinhos, para quem teria sido uma verdadeira mina de ouro.

Havia, porém, ainda uma outra razão para o empenho dos vizinhos. Esta aparição seria um reconhecimento de uma grande aspiração sua. Em tempos idos, o «lugar» tinha sido sede de freguesia. Mais tarde, no século XIX, por ser excessivamente pequena, a freguesia tinha sido dissolvida e agregada à do lado. Ora, no Minho, terra de freguesias, tal humilhação jamais se esquece. A antiga freguesia jamais cessará de lutar pela sua identidade perdida. Fazem festas separadas dos outros em que «deitam» mais foguetes que os da festa da sede paroquial. Põem-se à porta de casa a contar os foguetes que rebentam à distância e reconhecem as diferentes qualidades de fogo utilizadas, para saberem se foram ultrapassados. Se preciso for, não hesitam em ir pela noite fora acordar os fogueteiros e pô-los a fazer foguetes para que a diferença seja imediatamente saldada, como me contou um fogueteiro famoso na zona. Uma vez tinham-lhe encomendado petardos especialmente preparados para rebentar



por cima da sede da freguesia, de forma a irritar o inimigo. É enquanto são só foguetes tudo vai bem! É quando começam a aparecer cabeças rachadas e a ouvirem-se tiros de caçadeira durante a noite que as coisas já vão pior.

Para o diminuto catedrático-padre o seu amor à identidade paroquial perdida manifestava-se através de um apego profundo à aparição local da Virgem – a sua revelação vicinal. Foi assim que decidiu construir este santuário, quase todo subsidiado do próprio bolso, à custa do seu salário, que foi poupano por esses longos anos de professor universitário.

A abnegação pessoal, o amor profundo à terra de origem e a fé cega no culto de Nossa Senhora, que sustentaram este homem durante os anos em que se entregou a esta obra, não podem deixar de impressionar quem quer que seja. Para mim, porém, neto da Reforma e filho do pensamento sociológico dos princípios do século XX, este espanto facilmente se transforma em pavor – como se, de repente, o meu bisavô aparecesse no apartamento onde moro, em Benfica, a comentar (e criticar, tenho a certeza) o estilo de vida que levo.

Estava ele na altura a expandir o santuário, preparando um enorme terreiro, que não deixou de me parecer excessivamente ambicioso. Como o pedregulho onde a aparição tinha ocorrido não estava convenientemente posicionado para o que ele queria, por estar muito perto do casario, tinha levado o santuário para mais alto, donde a vista era mais bonita. Na pequena capela, outra surpresa nos esperava ainda. Por aqueles montes encontra-se muito cristal de quartzo e o nosso historiador tinha um fascínio quase doentio por essa rocha. A capela do seu santuário estava recheada de cristais – alguns, diga-se a verdade, bem gigantescos. Tinha-os espetado um pouco por toda a parte: tecto, paredes e até altar. Aos meus olhos de então tudo aquilo não deixava de ser mesquinho e feio. Talvez hoje, depois de ter visto tantos santuários, cemitérios e capelas, pudesse apreciar melhor o lado inovador do exercício.

Foi então que me lembrei de lhe perguntar se tinha algumas sugestões para o trabalho que eu estava agora a iniciar. Não chegou sequer a pensar sobre a resposta, porque íamos a caminho

de ver mais cristais de pedra, estes ainda à espera de serem pendurados num outro lugar qualquer. Mas respondeu que, se eu era antropólogo, fosse para São Silvestre, que lá é que eles tinham um sistema comunitário. Nunca cheguei a perceber se aquilo era um comentário inocente ou se uma crítica velada ao que ele conhecia pelo nome de antropologia. É que, mais tarde, vim a encontrar num livro seu uma valiosa nota de rodapé em que critica aqueles que julgam que os sistemas de entreada de algumas freguesias isoladas do Minho são evidência de «comunitarismo agrário».



A verdade é que, se alguma vez eu tinha considerado a ideia de ir estudar uma dessas aldeias isoladas de montanha que por aqueles lugares ainda existiam, a partir desse momento perdi todo o interesse. Para quê procurar supostos fósseis sociológicos de uma suposta era céltica quando ali mesmo, numa freguesia como outra qualquer, um professor catedrático demonstrava estar possuído de um tão intenso sentido de identificação comunitária? Isso, sim, parecia-me merecer explicação. Mais do que qualquer sistema «comunitário» de gerir a criação de gado caprino.

E foi por isso que me decidi por uma aldeia ribeirinha onde não houvesse nenhuma «vezeira» e por onde passasse a estrada nacional. Foi assim que me encontrei uns meses depois (pouco tempo antes de o Cunha me emprestar a sua casa em Paço), face ao vale do Lima, montado na motorizada, a apreciar a riqueza de cor da paisagem coberta por lençóis de neblina de diferentes espessuras. Decidira-me pela freguesia de Paço um pouco ao calha e vinha agora reconhecer o terreno. Como o hóspede que entra pela porta principal nunca chega a saber onde fica a cozinha, quis experimentar também a porta das traseiras, isto é, entrar na freguesia vindo do vale do Vade, pela cumeada sobranceira ao rio. Sobem-se caminhos íngremes entre lugares cada vez mais agrestes e alpendorados, até que as estradas já são só de terra e chega-se ao pequeno planalto semeado de pedregulhos onde o António da história do Esteves taxista encontrara o lobo.

Para a direita há um pequeno santuário dedicado à Virgem, a separar vales, freguesias e concelhos. Para quem lá vai em dia de festa – com todos os romeiros a caminharem para lá como insectos atraídos pela música que os autofalantes vomitam –, estes santuários de montanha parecem lugares de chegada, pequenos centros. Mas o que eles são, de facto, é pontos de separação; marcam brechas na paisagem. Para se perceber isso é preciso lá ir quando não há ninguém, num dia de semana, em que o terreiro já só está ocupado por cabras – e pode nem estar lá o pastor. Então sente-se o vazio da cesura. Olha-se para um lado e para o outro e vêem-se à distância aldeias diferentes, com gente diferente, com rios diferentes. A nascente, a poente, a norte, a sul, há mundos alternativos. De repente, os pontos cardeais fazem mais sentido; deixamos de nos nortear pela vertente da encosta, como nos habituáramos nesta terra onde não há planícies.

A capela, silenciosa e granítica, está fechada, dir-se-ia que para nunca mais se abrir. Às vezes ainda se consegue vislumbrar lá dentro um santo por entre as teias de aranha que cobrem a brecha ou a janela pela qual se espreita. As casas da confraria, onde ficam os romeiros durante a festa, estão vazias e abandonadas. Também graníticas, com o seu aspecto multissecular,

ninguém diria que todos os anos se enchem de peregrinos, com os seus colchões, os seus cobertores, os seus garrações e os seus filhos incontinentes. Nessas noites de vigília, o terreiro está cheio até de madrugada. A toda a volta, as tendas de madeira dos feirantes estão iluminadas; há gente cansada a dormir embrulhada em cobertores pelos cantos e há sobretudo muito quem cante, dance, beba e brigue. Aí pelas 2 da manhã o frio começa a apertar; mesmo de Verão as noites são frias nestes pontos altos. Nessa altura lembramo-nos de ir espreitar a casa dos romeiros: pode ser que se encontre lá algum canto protegido e simpático para passar pelas brasas. Damos então com uma cena que tem algo de incompreensível para quem não lhe pertence. A porta não se abre toda porque atrás dela alguém dorme, como, aliás, acontece em toda a superfície do quarto. Até nos cantos dormem sentados aqueles que já não encontraram sítio para se estenderem. Entre eles acumulam-se pilhas de sacos, cobertores, panelas, cadeiras de lona fechadas. E, como já vai alta a noite, aquele cheiro a pó e a urina seca e antiga, ao qual os peregrinos facilmente se adaptaram quando primeiro ocuparam o quarto ao fim da tarde, teve tempo para amadurecer. Entretanto, já lá se comeu o farnel, bebeu o verdinho, digeriu a refeição e pelas pernas dos anjinhos já muito mijo correu. Quem só lá chega às 2 da manhã encontra facilmente disposição para dançar toda a noite.

Estava eu a almoçar, um domingo, em casa da Sãozinha, a minha vizinha de Souto, quando ela contou por que é que deixou de ir a romarias. Como lhe invejo o sentido dramático e a ironia do seu amor! O marido, o Lopes, estava connosco e bebíamos um último copo antes de irmos dormir a sesta. Disse ela que tinha deixado de ir a romarias porque aquilo fazia mal ao marido... Nesta altura ele corou profusamente, virou-se para o lado e fez que, se ela não se calasse, se ia embora, mas ficou – também ele se divertia um pouco com o humor verrioso da mulher. A nora já conhecia a história: debruçada sobre o lava-loiça, parecia de repente ter desenvolvido um profundo interesse pelas laranjas que brilhavam na árvore mesmo do outro lado da vidraça.

É que costumavam ir à Senhora da Peneda, disse a Sãozinha. Que bonito que aquilo era! Iam todos em grupo ali do lugar de Souto, uma série de vizinhos amigalhaços. Dormiam lá, sobre palha que se comprava já para isso, e voltavam no dia seguinte. Nesse ano foi quando puseram a luz eléctrica. Ao deitarem-se, ela vinha já com a sensação de que ele não estava bem... Adormeceu toda a gente e ela começou a ouvir assim uns barulhinhos na palha. Foi quando ele começou a respirar fundo que ela pensou que lhe deveria estar a faltar o ar, ao pobre.

– Cala-te, mulher, que até parece que não tens vergonha na cara, então o Joãozinho quer lá saber dessas coisas!

Ela então estendeu o braço e acendeu e apagou a luz. E felizmente que o fez porque o pobre estava já tão inconsciente que tinha as mãos e os braços dentro da roupa da vizinha!

– Essa rameira da Mercedes! Se o marido não volta da França, é porque as portas lá são mais largas e ele aqui tem de passar de lado.

Foi nessa altura que ela decidiu que as romarias não faziam bem ao marido e deixaram de ir.

Na tarde em que cheguei à capela do alto do monte, por sobre Paço, o terreiro estava vazio. Dei a volta à motorizada e parei a apreciar a paisagem. A encosta estendia-se aos meus pés como uma gigantesca concha verde. Ia-me embora quando vi um pastorzito. Chamei-o. Ele olhou para mim de frente, depois para o horizonte e finalmente decidiu-se a desaparecer a trote rápido. Estava a dizer-me que não tinha paciência para as perguntas estúpidas que iria sem dúvida fazer-lhe, pensei. É que eu não sabia as regras do jogo. Via-se à distância. Ora, para os que as sabem, o confronto com essa condição é bem mais desagradável nas fronteiras do que nos centros, onde a densidade de mensagens é tal que os erros facilmente passam despercebidos. Nestes lugares ermos a comunicação é rarefeita, a mínima interferência destrói completamente a mensagem. Aqui é mais difícil esconder a ambiguidade das relações.

Antes de descrever a descida para o vale vou contar ao leitor, à laia de exemplo, uma cena que se passou comigo poucas



semanas depois, na vez seguinte que visitei esta capela de monte. Vamos ver se tenho o jeito da Sãozinha, porque desta vez fui eu que passei por idiota. Estava então em curso uma novena. O padre de Paço, a quem tinha ido fazer uma visita para agradecer a ajuda que me dera a encontrar casa na freguesia, apresentou-me a um outro padre mais jovem, de uma freguesia próxima, que vinha pregar a novena. Como havia missa na capela todos os dias, fui lá uma tarde a instância dos ditos padres. Havia pouca gente, quase tudo mulheres. Entrei e para não chamar a atenção sobre mim próprio decidi-me a ficar a um fundo, meio escondido pelo púlpito, debaixo do qual pousei o capacete e a sacola. A missa ia começar e o padre fez-me uma sinalefa, como a dizer-me que devia ir para a frente. Como estava ali na qualidade de observador, e não de participante, e para evitar maiores embaraços, respondi-lhe, mais uma vez por sinais, que estava bem onde estava. Surpreendeu-me a sua cara, mas não fiz grande caso.

A missa começou e o padre interrompeu-a e disse: «Cheguem-se mais para a frente, venham aqui para perto do altar.» Mais uma vez, pareceu-me que me fazia sinais. Estava já perdido de embaraço. Que é que queria de mim? Por que não me deixava em paz onde estava? Não lhe tinha explicado já que não era crente? Olhei à minha volta e fui confrontado por uma série de caras rudes de mulheres de meia-idade, com os seus lenços bem amarrados na cabeça e os pelos escuros do buço espetados. Olhavam-me com visível desconfiança. Como não me mexesse, pelo contrário encolhendo-me cada vez mais debaixo do púlpito, que parecia proteger-me, elas, relutantemente, fizeram que se chegavam para a frente. A missa continuou e as referências do padre na homília à necessidade de chamar as almas perdidas à verdadeira fé pareciam dirigidas a mim. Comecei a ficar um tanto irritado: para que é que ele estava a fazer aquelas cenas todas? Quando, na altura do beijo da paz, em que os crentes têm de se cumprimentar, me virei para a mulher ao meu lado, com um sorrisinho envergonhado, ela deitou-me uma olhada fulgurante e virou-me as costas acinotosamente. Mal acabou a missa, pisguei-me.

Foi no domingo seguinte, na missa da sede de freguesia, que, finalmente, decifrei o enigma. Tinha-me encontrado no caminho com o Cunha, pelo que chegámos juntos ao átrio. Ia a dirigir-me para a porta central, preparando-me para me esconder a um canto do fundo, quando ele disse que não fosse por ali, que a porta lateral era mais fácil para chegar ao sítio dos homens. De repente percebi a minha infracção. Na verdade, os homens sentavam-se todos à frente e as mulheres atrás! Não me tinha ocorrido que houvesse segregação sexual nos serviços religiosos, até porque a única segregação que tinha conhecido era em África, onde os homens se sentavam de um lado e as mulheres do outro. Aqui os homens sentavam-se à frente para não perturbarem a pia concentração com a vista das mulheres. Como é que não percebera que a minha vizinha do lado, lá na capela do monte, me tinha visto como uma espécie de incubo?

Qual não foi o meu embaraço quando, da próxima vez que fui a casa do padre, dei com aquele outro pregador. Mas não tinha que temer: foi ele que se desculpou muito, dizendo que eu é que tinha razão, que era uma coisa excessivamente antiquada este hábito de as mulheres se sentarem para trás na igreja, mas que eu percebesse por que é que ele me tinha pedido para ir para a frente, é que aquelas velhas ali talvez não pudessem ainda compreender. De facto, eu tinha razão, dizia ele, era necessário mudar esse costume atrasado. Fez-se luz na minha mente: à custa de querer passar desapercibido, eu tinha ido para ali dar lições de modernismo a padres!

Nos lugares ermos, os erros são mais visíveis e as perguntas ignorantes põem mais em causa os que, mais curiosos que o pastorinho que fugiu de mim, aceitam responder.

A solidariedade original

A melhor vista do vale de Paço obtém-se, não da capela, mas de um antigo moinho de vento. A partir desse ponto, a estrada asfaltada desce íngreme, a princípio dando curvas estreitíssimas e passando por casas com um aspecto granítico e primitivo. Depois alarga-se, fazendo curvas mais preparadas para carros e passando por casas mais garridas e modernas. É ponto assente entre todos os muitos proprietários de motorizadas que a descer não se liga o motor para poupar gasolina. Como eu ia devagar, tentando gravar na mente o que ia vendo, o homem que me seguia foi-se aproximando silenciosamente. Ainda íamos lá em cima quando ele meteu conversa, curioso. Quem era eu, que fazia ali na freguesia, de quem é que andava à procura? Respondi-lhe o melhor que pude e fi-lo então pagar pela sua curiosidade. Ele era lavrador, mas fazia algum dinheiro a vender gado; não é que fosse «regatão», mas sempre um homem precisa de ir procurar dinheiro a alguma parte, que a agricultura ali é uma tristeza, mal dá para a gente comer. Não, ele não tinha ido à França. Tinha estado no Brasil, há muitos anos, mas aquilo agora já não dava como antigamente. Voltou com pouca coisa. Lá trouxe algum dinheirito para casar e reparar a casita que a mãe lhe tinha deixado, mas pouco mais.

Agora a vida já não era como de antes. Isto agora vive-se muito bem. Antes é que era! Era uma vida escrava de sol a sol;

que uma sardinha dava para dois e bacalhau era só em dias de festa. Muita gente passou por aí muita fome, chegava a fazer dó. Felizmente em casa dele sempre houve de comer e beber, mas era à custa de muito trabalho e de muita poupança, que a vida não dava para extravagâncias. Muita porrada levou ele da mãe para aprender a trabalhar a sério. Às vezes saíam para o campo de madrugada com um naco de broa no bucho e era tudo até comerem o caldo do meio-dia. Os pais dele compraram um campito por 900 escudos, veja lá! Meu Deus, aquilo é que foram anos de apertar o cinto até acabarem de pagar. O agiota, o Nelo Brasileiro, não perdoava, foi assim que arranhou muitos dos campos que agora os filhos têm, à custa do suor de muita gente. Mas os pais dele acabaram por pagar, que não eram como muitos por aí, que ficam a dever e a gente bem pode assobiar por ele. Olhe esses aí, que devem ainda uns tantos contos, que foi o pai dele que lhes emprestou. É como se já não se lembrassem, até parece que o pai não deixou herdeiros. Isto é uma gatinha muito sem jeito.

Olhe que no dia em que fizeram o último pagamento os pais trouxeram para casa uma folha de bacalhau e cozinham-no com couves e batatas e um fiinho de azeite. Nunca mais se há-de esquecer do prazer que teve. Já não comiam bacalhau há tanto tempo que não podia lembrar-se. O pão-nosso era caldo, com caldo e mais caldo, que até enjoava. E é mesmo assim! E eles, lá em casa, ainda se safavam. Havia muito quem não tivesse mesmo nada p'ra comer. E os pobres, isso só visto! Agora acabou, mas antigamente é que era. Vinham por esse monte abaixo, uns a pedir, outros a vender umas coisitas. Olhe, o que pudessem. Traziam aquilo num tabuleiro ou num saco e iam de terra em terra. Havia assim sítios onde eles ficavam de dormida, que era já obrigação. Como ali mesmo no lugar por onde tínhamos acabado de passar, a casa do Carnal. Havia ali uma casa para os pobres, onde tinham de lhes dar caldo, e eles ficavam às noites. Vinham assim a monte, sabe. Os filhos tinham-nos onde calhasse, como cabritinhos. (Mais tarde, ao estudar os registos paroquiais, lá encontrei referências pela mão dos padres a casos destes: «Mendiga, não podendo saber-se

qual a sua naturalidade. Tendo a sua deliberação quando passou nesta freguesia, ignorando-se os avós», os padrinhos foram S. António e a companheira de ocasião da mãe.)

Finalmente, parámos numa curva da estrada, por cima de uma encosta. Fui eu que travei primeiro ao ver lá em baixo, no valezinho central da freguesia, onde existem as terras mais produtivas, um palacete setecentista ainda imponente, apesar do ar decrépito.

– É de quem é aquela casa?

– Ah, aquilo é aí de um homem de cá. – Logo que as perguntas se tornam específicas, como bom minhoto que é, torna-se vago.

– Mas então, se havia assim tanta pobreza como o senhor diz, quem era a família mais rica cá da freguesia?

– Hum...

– E agora quem é a família mais rica?

– Bem... isto aqui é uma freguesia em que são quase todos remediados. Aqui não há gente sem casa. Todos têm um telhado e uma leirita pelo menos.

– Mas há-de haver gente mais rica e gente mais pobre. E aquele que tem ali aquela quinta quem é? – Vi logo pela cara dele que as coisas não iam a seu gosto. Estávamos a chegar ao fim da conversa.

– Não... aqui somos todos iguais!

Pronto, assim acabou a conversa. De repente lembrou-se de que tinha de ir ali ao lado ver não se sabe quem, virou para o lado e nunca mais soube dele. Quantas vezes mais não ia eu ouvir esta conversa? «Antes» havia grande pobreza, «agora» todos têm alguma coisa. E, sobretudo, «aqui somos todos iguais». Quanto tempo levei até conseguir satisfazer-me que sabia o que é que este credo significava para eles! É que não é fácil compreender, considerando as diferenças de riqueza e de prestígio que por lá se vêem, qual o significado desta suposta «igualdade».

Daquela vez, no entanto, o meu erro tinha sido fazer perguntas específicas. Que direito tinha de as fazer? Estava a infringir as regras do jogo: esta gente e estas coisas não me

pertenciam. Ele podia odiar o Sr. Cerqueira, o dono da quinta, mas sempre se tratava de um vizinho. Eu podia ser simpático e certamente mais amigável que o acabrunhado do Cerqueira, mas não partilhava nenhuma identidade comunitária com o meu interlocutor. Por outras palavras: sabe-se lá quem eu seria? Podia ainda ser um «ladrão», desses que dizem que andam por aí a roubar ovelhas, ou um «comunista», dos que andam a pôr fogo às florestas. (Hoje sei que até os negociantes de gado, que sabem muito bem aonde vão parar as ovelhas, e os madeireiros, que sabem muito bem aonde vão parar as madeiras queimadas, conseguem acreditar na existência destas figuras fantasmáticas.)

Esta barreira da identificação ia demorar muito tempo a desaparecer e houve sempre gente a desconfiar dos meus motivos. Já recentemente, numa das curtas visitas que continuei a fazer à freguesia por alguns anos até que o Cunha morreu, vieram uns vizinhos de Fonte Seca perguntar à Sãozinha quem eu era, tinham-me visto a voltar da missa com ela e queriam saber que estava eu a fazer ali. Não sei bem o que lhes terá respondido ela, mas, como sei que gostava de mim, deve-os ter descansado. É que eles tinham-me visto a passear pelos montes logo pouco tempo depois de o Cunha me ter emprestado a casa, quando ainda andava a tentar reconhecer o terreno, e pensaram que era um «ladrão». Viram-me outra vez agora, cinco ou seis anos depois, e queriam avisá-la.

Quanto ao tal Cerqueira, actual dono do palacete, era uma personagem deveras estranha. A primeira vez que o vi ficou-me marcada na memória. Souto, onde eu vivia, e Padim, onde vivia o Cunha, estão em encostas opostas, sobranceiras ao valezinho central de Paço, onde este começa a apertar. A distância entre os dois lugares é quase tão grande como a profundidade do vale, que tem de ser descido e subido outra vez. Num dia de sol aberto, a caminhada é linda. Quando ia ajudar o Cunha no trabalho da terra saía cedo, ainda a grossa neblina vinda do rio cobria o ribeiro lá em baixo. Saindo do lugar, com os seus caminhos sombrios, passa-se ao lado dos terrenos de vinha, em socalcos ainda recentes, da Quinta da Torna e depois, por um

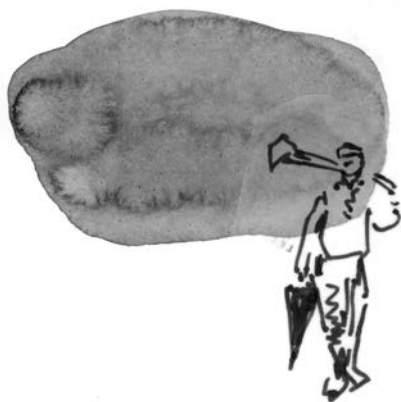
carreiro que podia ter lá estado há uns bons três séculos, desce-se para o ribeiro. Antes de lá chegar ao fundo, no entanto, passam-se umas casas de caseiro que pertencem ao Cerqueira, agora abandonadas. Ele já só lá põe gado e usa-as para recolher o milho durante a ceifa, que aquelas terras fundas valem ouro.

O caminho que cruza o ribeiro está totalmente coberto por ramadas do Cerqueira e é tão húmido que está feito num lamaçal quase todo o ano. De noite, nos Invernos chuvosos, bem vituperei eu contra aquele empecilho. Numa manhã ensolarada de Outono, com um fiinho de água a correr límpido, parece que caminhamos por uma pintura de Fragonard adentro.

Depois começa-se a subida por entre leiras em escada, quase todas já do Cunha, ladeadas por castanheiros de vários tamanhos, muitos deles com vinha de enforcado, que ele conserva um bocado por teimosia. Passa-se uma fonte, vira-se uma curva e de repente entra-se no terreiro dos Cunhas, com a casa em frente, como um comboio pintado de branco. Antes de começar o dia havia sempre à minha espera uma malga de cevada com leite e um naco de broa. E lá ia eu procurá-los pelos campos, já com duas ou três horas de trabalho em cima.

Foi num dia desses, ao fim da tarde, que encontrámos o Cerqueira. O céu estava meio encoberto com nuvens cheias, altas e brancas. Vínhamos de tapar águas nuns campos chamados Paimouro que os Cunhas têm no ângulo terminal do valezinho em questão: um sítio fundo, húmido e vagamente assombrado. O Cunha ia dar de comer ao gado que tinha numa corte em Souto e vínhamos a falar do Cerqueira. Cruzámos o ribeiro e, ao passar pelo casal abandonado, ele quis mostrar-me onde guardam o milho e que nunca fechavam as portas, que não é necessário. Ao virarmos para o terreiro demos de caras com a D. Teresinha, a mulher do dono. Cumprimentámos. Ela disse que já tinha ouvido falar de mim, que me queria conhecer, que passasse lá por casa. Era uma mulher baixa, com o cabelo preto pintado, franzina, mas activa, e sobretudo tinha uma aparência urbana, um trato refinado, e havia na sua voz o constante desejo de esconder a pronúncia minhota. Por trás, encaixilhado pela ombreira da porta do casal, encontrava-se o marido. Em

termos de imagem social, ele era o seu oposto: pequeno chapéu de feltro castanho tingido de suor, camisa branca sem colarinho, colete preto e umas calças castanhas. Trazia socos e apoiava-se a uma sachola, usando-a como muleta. As suas mãos e a pele da cara eram grossas, rugadas e tismadas, como as de um camponês, a sua voz era funda e já senil e o seu falar era tão marcado que parecia quase um dialecto. Tratou-me por «meu filho» e mandou-me peremptoriamente ir lá comer a casa no domingo seguinte.



Durante o resto da subida, o Cunha, comedido, como sempre, contou-me a sua história. Ouvi-a ainda repetidamente de muitas outras bocas com muitos mais detalhes, sabe-se lá se inventados, mas que formam um todo metaforicamente coerente, uma espécie de lenda. Eles não tinham sido sempre felizes: o que dava aos vizinhos a oportunidade de encontrarem lógicas escondidas de retribuição. E muita vontade sentiam eles de as encontrar. Não tinha o Cerqueira, um camponês como qualquer outro, comprado uma quinta tão grande? Não tinha ele casado com uma senhora «nobre»? Não tinha ele sido o «poderoso» da freguesia e manda-chuva local? Bem podia ele vestir-se à camponesa, bem podia impedir que a mulher fizesse arranjos à casa para lhe dar o tal ar decrépito, bem podia chamar «jornaleiro» ao *chauffeur* que o conduzia. O Cerqueira vivia aterrorizado pela inveja dos vizinhos e bem podia! Pela mesma

razão que o homem da motorizada o protegeu de mim, recusando-se a informar-me sobre ele (porque «aqui somos todos iguais»), por essa mesma razão, enquanto o Cerqueira quisesse ser camponês, ele seria um espinho no lado dos vizinhos. Infelizmente, ele tinha aprendido bem cedo, logo quando em novo tinha querido namorar a mulher, que não tinha outra alternativa senão ser camponês. Presos neste dilema, ele e ela tiveram de viver a sua tragédia até ao fim da vida. E não terá sido fácil.

Eles tinham vindo de outra freguesia próxima, comprando a uns «nobres» aquela casa e aquelas quintas, na altura da segunda Grande Guerra, quando ainda se encontravam coisas assim à venda. Não havia dinheiro e quem tivesse algum era logo um senhor. A lenda, tal como a contam, é que o Cerqueira, filho de uma família miserável de jornaleiros, começou a vida como serrador nos montes com os irmãos. Era a vida difícil destinada aos que não tinham terra. Nesse tempo não havia «xarrióis» (serras mecânicas) e as tábuas eram cortadas à mão. Cruzavam-se dois paus como suporte, apoiava-se o tronco neles e depois, um por baixo, outro por cima, era serrar até bem para além do mais-não-poder. Foi quando andava nesta vida que o Cerqueira, diz a história, se enamorou da filha – refinada, bonita e atiradiça – de uma família de gente rica, proprietários de quintas. Aquele amor à sociedade camponesa, aquela compreensão dos seus princípios e aceitação dos seus limites que ela tinha quando a conheci já no fim da sua vida e que tanto apreciei devia tê-los já então para se poder enamorar de um moço serrador.

Foi assim que ele se decidiu a ir procurar fortuna na América. Nunca soube bem quando, mas devia ter sido antes da depressão que ele se meteu num barco e fez a viagem como clandestino para Cuba, donde, por vias travessas, acabou na costa oeste. Aí, dizem os vizinhos, trabalhou numas minas, onde fez muito dinheiro, e, quando a mina ruiu e os companheiros morreram, ele fugiu com o dinheiro deles. Quando o dinheiro é muito, nunca ninguém acredita que tenha sido ganho honestamente. Contavam-se assim também umas histórias de um outro que voltara rico dos Estados Unidos durante a mesma

guerra. Tinha vindo de carro e trazia pouco dinheiro, mas, quando chegou a casa, mandou que tirassem as rodas ao carro, esvaziou-as e saíram lá de dentro notas de dólar suficientes para o transformar no homem mais rico das redondezas.

Do Cerqueira não se conta como voltou. Só se sabe que chegou cá e raptou a Teresinha e que se empenhou a comprar as propriedades que os sogros, esbanjadores, tinham hipotecado e perdido. Por fim, lá comprou também a quinta no Paço a uma família aristocrata empobrecida. Nessa altura as quintas eram vendidas com tudo o que tinham dentro. Ele próprio confessa que havia uma biblioteca grande, mas que não precisava de livros e os deitou todos fora. Havia também uma capela, mas chegava-lhe a igreja paroquial e transformou-a em palheiro. Só muito a custo conseguiu a D. Teresinha preservar algo da glória senhorial que a casa em tempos tinha tido.

Daí a tornar-se o manda-chuva da freguesia demorou pouco tempo. Ele próprio me contou esta parte da história com uma inocência para mim quase incrível. Foi assim: ele queria trazer uma estrada até aqui à porta da quinta e, mais abaixo, um aristocrata absentista, que possui uma outra quinta onde passava os Verões, queria também ter estrada. Mexeram-se e arranjam com o cacique da vila para que o dinheiro viesse do governo. Mas os tipos da Junta não estavam interessados em estradas e disseram-lhes simplesmente que não queriam. Havia lá um tal Pinto na meia-de-cima que tinha vindo da América e que era presidente da Junta e que não queria estradas nenhuma, dizendo que estava satisfeito com caminhos, que as estradas só servem para lá lhes irem bisbilhotar nas coisas deles e que estavam satisfeitos assim mesmo como estavam. O Cerqueira viu-se então obrigado, perante a «inexplicável teimosia do homem», a arranjar outra junta. O cacique da vila tratou disso. «E depois sabe... na altura as eleições eram diferentes das de agora. Sabia-se sempre antes quem é que ia ganhar. Era assim que se fazia quando era para o governo e, portanto, para a gente pequena daqui também servia.»

Ele não queria ser presidente, que não sabia escrever, e isso chamava muito a atenção. Ficou como tesoureiro. Mas depois

o padre Antunes quis fazer um fontanário na estrada nacional que era para trazer cá as autoridades. E havia dinheiro e tudo. Mas os tipos da Junta voltaram a chatear, queriam outra coisa qualquer, não se lembra ele já do quê. Foi dessa vez que teve de ficar como presidente. Fez-se uma grande recepção, com missa campal, vieram aqui membros do governo e tudo. Foram-me ainda mostradas umas fotografias de senhores de meia-idade, anafados, em fatos completos e chapéu escuro, alguns de bengala e outros acompanhados de senhoras ainda melhor recheadas. A alta sociedade da ditadura empertigada na inauguração de uma rústica e bucólica fonte.



A partir dessa altura, o poder do Cerqueira ali na freguesia era total. Mesmo quando chegou a altura de construir mais um pedaço de estrada, foi ele o único que conseguiu que a estrada desse duas perigosas curvas para não cortar uma leira sua. Os outros tiveram todos de ficar calados, com os campos cortados em dois. De uma dessas loucas curvas despenhou-se, há uns anos, entre outros, o tractor que matou o cunhado do Cunha.

Entretanto, a vida pessoal do Cerqueira não fora fácil. Ele e a mulher nunca chegaram a compreender-se. Segundo dizem as maldizentes das vizinhas, tudo começou quando a mulher se «amigou» com o padre Antunes. Contam que, quando o marido saía, ela botava uma colcha vermelha na janela da cozinha virada para o passal, a dizer ao padre que viesse. Foi nessa altura que ela engravidou da segunda filha. Será mentira, sem dúvida, mas contam que o Cerqueira começou então a emborrachar-se e que andava tonto por essa freguesia fora, feito um demónio, a chamar tudo o que é nomes à mulher. Tiveram uma filha, boni-

ta e bem dotada, e um filho mongolóide. Hoje, disforme, feito homem, o herdeiro mais rico da freguesia passa o dia inteiro a calcorrear as estradas para cima e para baixo. Benévolo e divertido, tem um sentido de humor quase perverso, apesar de não se perceber tudo o que diz. Gostam todos muito dele.

Quanto à rapariga, se é filha dele, não o sente. Nunca se deram bem e ela, magra e bonita, como a mãe, mas hipertensa, rejeita total e completamente tudo o que tenha a ver com a sua origem camponesa. Encontrei-a um dia de Páscoa lá em casa, no ano seguinte ao da morte do velho, quando eu tinha ido cumprimentá-los pela ocasião festiva. Tinha ouvido falar de mim, queria explicar-se, queria que eu soubesse a versão dela da sua vida. Passei duas horas a ouvi-la, fascinado e aterrorizado pelo seu ódio. Lembro-me de me ter contado, a título de exemplo da ignorância e ignóbil hipocrisia «desta gentalha», que, quando era nova, tinha voltado a férias do colégio com verniz nas unhas. Havia lá muita gente no pátio e uma velha chamou-a, pediu para ver as mãos dela e perguntou-lhe bem alto: «Então agora és uma dessas?» «E o meu pai prestava atenção ao que dizia essa gente, sabe?» Que ódio lhe brilhava nos olhos quando falava! Como é que elas, umas desavergonhadas que eram capazes de tudo (e perguntava-me se eu não sabia tão bem como ela as histórias que correm por aí), tinham o desprazo de lhe falarem assim, só por não se pintarem? Mas ela vingou-se. Calou a velha dizendo que era melhor andar pintada do que andar de cu à mostra: «Como você, que toda a gente lhe viu bem tudo quando desceu esse valado aí há pedaço.»

Quando o marido «fez um filho» numa pequenita que tinham levado para casa como criada, ela divorciou-se dele. Nunca os vizinhos lhe perdoaram isso. Para ela tratava-se de manter a honra pessoal; para eles era um gesto gratuito de destruição de uma «casa» – uma vingança terrível para um acto insignificante do marido. Voltou a casar-se (um casamento civil, «casamento de vacas», como dizem os vizinhos) e o segundo marido também não lhe foi fiel, dizem. Para as más-línguas da freguesia, tudo isto faz sentido: são retribuições naturais de acções condenáveis, suas e da mãe. Para ela, que não cometeu

nenhum crime, são simples reveses da sorte. Há uma quebra total de significado e eu, que vivo e sinto no mundo dela, e não no deles, confranzo-me com a sua dor. Percebo o horror que tem a este outro mundo que a reclama mas que não sente ser seu e que a julga sem nunca a poder compreender. É injusto, bem sei, mas foi-me impossível não sentir incómodo perante um ódio tão profundo.

Tudo isto são os rigores do «sermos todos iguais». Pelo facto de nunca poder ser absoluta, a identidade traz consigo preços frequentemente difíceis de pagar. Uma velha recentemente enviuvada, que encontrou algum conforto nas longas conversas que tivemos, contou-me que em casa dos pais, em Canhede, o lugar de montanha em que viviam, se fazia a limpeza da casa em segredo e aos pedaços, de forma que os vizinhos não notassem que eles tinham tempo para isso e não se enchessem de inveja. Senão recusar-se-iam a ir trabalhar para eles, dizendo que, se tinham tempo para gastar com coisas inúteis, fizessem então eles o trabalho da terra. E mesmo hoje, quando a comida é bem mais abundante, é frequente descobrir-se que as crianças foram ensinadas a não responder a quem pergunte sobre o que comem em casa: «A gente ensina-lhes assim, sabe, Joãozinho. Pois para que é que perguntam? Não, que isso de inveja é o que há mais por aí.» O pai desta velhota de Canhede, quando levava o pão para o moinho na burra, passava à vinda por uma loja na freguesia ao lado e comprava bacalhau, que escondia debaixo dos sacos. Assim, comiam-no sossegados, sem que os vizinhos soubessem e lhes fizesse mal. Por isso, quando uma vizinha de Paço encontra outra no talho da vila, imediatamente desiste de comprar e fica lá só à espera a ver se consegue saber o que a outra leva. Eu próprio já presenciei uma destas cenas caricatas.

As famílias mais abastadas vivem em constante terror da inveja; não é só o Cerqueira. Em casa do Nelo Brasileiro rezava-se sempre um mistério do terço para protecção contra «o inimigo de ao pé da porta». É que, quando somos todos iguais, a diferença é uma injustiça, mesmo para os que dela beneficiam.

Ao mesmo tempo, toda a identidade tem implícita uma diferença e toda a apropriação comunitária de bens tem subja-

cente uma estrutura de poder. Foi isso que descobri logo naqueles primeiros meses, quando fui visitar São Silvestre – a tal aldeia de montanha que o padre-catedrático me sugerira que estudasse. Não segui a sugestão, está claro. Mas, quando a oportunidade se ofereceu, descobri que a minha curiosidade tinha sido aguçada. O sobrinho de um padre que eu conhecera, recém-saído do curso do magistério, tinha escolhido São Silvestre para dar aulas. Ninguém queria ir para lá, por isso foi fácil aceitarem-no e ao menos, assim, ficava perto de casa dos pais.

Fomos de motorizada até ao Rego, onde viviam os pais. Saímos do vale do Lima e subimos um afluente por uma estrada cada vez mais perigosa e cada vez mais bonita. No fim da estrada, o Rego parecia mais um lugar de cabras que de gente. Viam-se já algumas casas novas, mas eram sobretudo muros novos a completar casas antigas. Na altura continuava a poder perceber-se o que da última vez que lá fui já não era fácil de ver, que até ainda há bem pouco tempo aquilo eram grutas habitadas. Por entre cabras e galinhas, subimos por uma escada escavada na pedra até à porta minúscula da casa, onde fomos recebidos de braços abertos por toda a família. À esquerda havia duas grutas. A primeira servia de quarto de dormir, a segunda, que era maior, de cozinha. Dos dois quartos à direita, o segundo fazia as honras de sala. Era limpo e confortável, se bem que também minúsculo, e tinha ao fundo uma janela quadrada de reduzidas proporções donde se vislumbrava uma vista inesquecível do pequeno afluente dirigindo-se para o Lima.

Neste lugar, eles também têm uma vezeira de cabras e um sistema comunal de rega, a que chamam a «roda», mas o lugar não tem o grandioso isolamento que tinha o Vilarinho da Furna, de Jorge Dias, ou que São Silvestre ainda tinha quando lá fui. Não dava a um cidadão romântico a mesma impressão de intemporalidade pitoresca, de inserção numa Idade Média mítica.

De forma a chegarmos a São Silvestre ainda com dia, metemo-nos quase logo ao caminho. Passava-se o rio por entre vales cada vez mais fundos e escuros, conforme o dia ia avançando. Depois entrava-se nas Gambas. (Agora há uma estrada muito tortuosa, quem sabe se as Gambas eram menos perigosas!)

Tratava-se de um caminho de cabras que, como o nome sugere, serpenteava de forma estonteante entre precipícios, de laje em laje, por aquela encosta acima. Na sua proximidade tinham construído um caminho para carros de bois que, no Verão, deixava passar tractores. Mesmo assim, todo o cimento para construir os muros novos que já se viam, aqui e ali, na aldeia, assim como os pilares para a electricidade, que lá tinha chegado ainda há pouco, tinham todos sido transportados às costas das mulheres (e isso sim é tradicionalmente minhoto) pelas Gambas acima. Quando alguém adoecia, era preciso trazê-los pela encosta abaixo numa padiola, ou mesmo na cama, se esta fosse suficientemente pequena. A tarefa requeria oito pessoas e das fortes para se revezarem porque não havia sítio para descansar.

Vamos subindo encostados à falésia até que, num dado momento, sem aviso, sobem-se mais umas pedras e o carreiro acaba num minúsculo planalto onde começa o caminho da aldeia propriamente dito. A primeira coisa que se vê é uma cruz. «Foi um dos X que matou um outro, da casa dos Y», disse o professor. Um crime passional. O amante preterido tinha esperado o outro ali mesmo e, quando este galgou a última pedra das Gambas, ceifou-lhe a cabeça com uma sacholada. Melhor sítio não podia haver, na verdade, ali mesmo na fronteira do pequeno país semi-independente que habitavam. Matava-o e ostracizava-o ao mesmo tempo. Não surpreende por isso que «a justiça» nada tenha conseguido apurar. A justiça de um outro país, outra justiça.

Mas isto são já tudo coisas do passado. Já lá chegou a estrada, já lá se vai de carro, não demorará a chegar lá a justiça. Agora o adrozinho da igreja, lugar que antes parecia impenetrável, lugar privado, onde era necessário explicar a nossa presença, agora é de todos os portugueses. Qualquer um de nós pode lá estacionar agora o carro. Que é que os vizinhos ganharam, que é que perderam? É difícil saber. Até para eles os tempos são outros. Há muitos anos, quando o Cerqueira forçou os de Paço a terem estradas, estes aqui mal saberiam utilizar-se delas; não as queriam. Mas os tempos foram passando e o seu isolamento transformou-se num anacronismo tão aberrante, isolou-os de tantos benefícios já tão visíveis, que até eles dese-

jaram o seu fim. Cada casa, rica ou pobre, pagou 50 contos para ajudar a construção da estrada, disseram-me eles, furiosos, só que ela não vinha. Os anos passaram e as sucessivas «falências» dos empreiteiros – fenómeno que, mesmo para um cidadão, não é de fácil explicação – acabaram por parecer parte de uma trama organizada contra eles. Se queriam muros por onde não passasse vento e água, tinham de levar os sacos de cimento às costas. Não podiam ensinar a ler aos filhos porque os professores não queriam ir morar para ali; subir e descer aquela encosta todos os dias não era coisa para todos os físicos. Mas isto são já tudo coisas do passado. Até o relativo isolamento das vilas do Alto Minho, que permitia caciques, que, por sua vez, iam permitindo as tais «falências», até isso já acabou.



Quando lá cheguei pela primeira vez, ainda não havia estrada. Era o fim do dia. Para a direita, as pequenas leiras em socacos estavam de um verde tão intenso que parecia fluorescente na luz crepuscular. Ouviam-se pessoas a falarem de uma encosta para a outra. Pronunciavam frases inteiras, como se estivessem em dois cantos de uma casa, numa voz que fazia lembrar o canto berrado minhoto. Passámos a fonte do lugar, que jorra água de um paladar único, e, finalmente, demos com as casas. Já era escuro quando chegámos e a impressão de antiguidade granítica é inesquecível. Os tais muros de cimento já

não se viam. Andávamos por cima de enormes lajes de granito e rodeados também por muros semelhantes. O chão era literalmente uma estrumeira. Deitam mato para os estreitos caminhos entre as casas, que se vão enchendo de restos de comida, de água das chuvas e de fezes e urina de homens e de animais. Só assim conseguem fazer estrume natural suficiente para adubar as pobres terras, que pouco mais têm que cascalho, onde cultivam os seus alimentos vegetais. Pagam a comida com o preço de viverem dentro de uma fossa.

Tínhamos escolhido aquele dia porque sabíamos que era de festa. Estávamos a contar com uma noite ao luar a dançar e cantar. Era o dia em que o gado é trazido das estâncias de Verão, no Chão de Bilhares, lá no monte, onde é pastoreado comunalmente, para os estábulos no lugar. Mas, como tinha morrido um dos vizinhos, ficaram todos em casa e a festa ficou para o ano seguinte. Em tempos idos teriam cozido um pão grande para comerem todos um pedaço. Agora pagam todos um tanto para missas à alma do morto.

O pastor traz o rebanho até ao lugar, depois cada animal vai para casa por si só, para o que já está treinado. São bois pequenos e mais escuros que o gado ribeirinho, com olhos ainda mais belos, rodeados de um halo escuro. Cruzámo-nos com dois ou três no lusco-fusco, ruminando à porta de casa, esperando que os donos lhes abrissem o portão da corte. O caminho era estreito e eles encostavam-se ao muro, bem comportados, para que passássemos. Parecia-me fantasia. Mal deu para ver a pequena igreja, porque só havia uma ou outra lâmpada fraquinha a iluminar cada esquina. Num destes pequenos palco demos com o cantor do lugar, um cego especializado na cantiga ao desafio, que é famoso em toda a Ribeira Lima. Como fazem ainda todos luto quando um deles morre, não lhe era permitido tocar a concertina e cantar naquela noite. Tinham calado o bardo (como no Asterix, pensei – como é difícil afastar estas imagens!). Ia-se agora embora, frustrado e irrequieto, sozinho. Não precisa de guia, que aqui ele conhece todas as pedras, todos os socalcos.

Fomos dar à casa do Delfim, onde o professor dorme quando lá fica. Já nos esperavam e foram hospitaleiros, se bem que

pouco faladores. Por trás da porta havia uma espécie de esquina e entrava-se numa sala grande, cortada a meio por um degrau, atravancada de mesas, arcas cobertas de panos garridos, camas, cadeiras e outros objectos com um aspecto antiquado e rústico. A um canto, a televisão falava espanhol. Já vínhamos comidos do Rego, mas quiseram oferecer-nos de beber. Bem tentámos recusar, mas não foi possível dizer que não. Aqui em cima só a vinha americana sobrevive ao Inverno e mesmo assim só recentemente a têm cultivado. Este ano, por várias razões climatéricas, não tinha havido produção. O vinho que íamos beber era precioso, a última garrafa da produção de há dois anos. Só que o americano não vive por muito tempo. Pus o copo aos lábios e tal foi o choque que não pude deixar de olhar para o professor, que o fizera ao mesmo tempo. Vi consternação nos seus olhos, como ele deve ter visto nos meus. Não foi fácil beber aquele copo de vinho podre.

Pouco tempo depois deitou-se toda a gente. Nós ficámos no quarto de honra, numa cama de casal, de lençóis muito limpos, do outro lado de uma partição de madeira fina que separava o quarto de dormir da sala, onde dormia parte da família. Tínhamos passado a tarde a trepar montes, nem eu nem o professor cheirávamos bem, e a casa tinha umas exalações pesadas que vinham dos bois, na corte. Tive de me levantar para urinar e abrir a porta da varanda, que, deste lado da casa, era de 1.º andar. Tinham-me explicado que se mijava dali para o caminho, o que não deixava de ter o seu quê de cómico. Quando voltei para a cama, adormeci a tentar decidir se o cheiro a fossa no exterior era mais ou menos opressivo que o cheiro da casa adormecida.

Foram as moscas que me acordaram à primeira luz do dia seguinte. Tinha acabado por dormir razoavelmente bem e, depois da cevada e do naco de broa que nos serviram, decidi-me a dar uma volta pelo lugar, enquanto o professor ia tratar do seu rebanho. Travei conhecimento, num larguinho logo ali próximo, com uma velha simpática e faladora que, agora tenho a certeza, devo ter enfiado com as minhas perguntas. Todo o tempo que andei pelo Alto Minho me debati com esta horrível necessidade de fazer perguntas. A curiosidade intrometida não era, no meu

caso, uma faculdade indígena. Para que as pessoas me dissessem coisas via-me obrigado a fazer perguntas. Parecia-me sempre que nunca fazia as perguntas certas e nos momentos introspectivos convencia-me de que me ia esquecer do que queria perguntar. Fazia listas de perguntas! Depois, raramente as perguntas que acabava por fazer eram compreensíveis e surtiam o efeito desejado sobre os sujeitos a quem as perguntava. Chegava a convencer-me de que o seu silêncio ou a sua incompreensão eram acintosos, dirigidos contra mim. E não eram. Bem reconheço o meu erro. É que não é assim que os verdadeiros curiosos extraem as suas informações. Não é com perguntas; é algo de mais fundo, mais difícil de reproduzir. É uma espécie de intenção interior, algo de vagamente extra-sensorial, que dispõe o sujeito da curiosidade para a resposta. Vejo às vezes um amigo que se senta ao lado de um total desconhecido e, quando volto a reparar, já sabe tudo sobre ele, já obteve a confissão das suas paixões mais profundas, dos seus ódios, dos seus medos, da sua história negra. Que inveja, meu Deus!

Finalmente, a velha desistiu e continuei a minha deambulação. Dei a volta ao lugar, reparei como é construído sobre uma falésia, como tem uma densidade e aglomeração diferente da dos lugares ribeirinhos. Numa saída (a que dá para o lado onde os rebanhos passam os Verões) fui abordado por um tipo falador e bem-disposto. Já não me lembro bem do nome dele, algo como o Manuel ou o António dos Grilos. Tinha uma caçadeira ao ombro e um boné castanho surrado enfiado de lado. Na altura dirigiu-se a mim com uma voz certa, querendo saber, mais irónico que desconfiado, quem eu era. Mais tarde vim a encontrá-lo noutras circunstâncias.

Foi numa das vezes seguintes em que voltei a São Silvestre. Ia sozinho e quis visitar o Chão de Bilhares, onde eles guardam o gado no Verão. É uma estrutura esquisita, com algo de intemporal e de profundamente ctónico: um misto de curral, de eira, de caravansarai e de escavação arqueológica. Uma enorme laje natural de granito rodeada de casotas onde o gado se aninha, com as saídas tapadas por silvados densos. Quando lá fui estava vazio, talvez daí adviesse a associação que faço com estân-

cias arqueológicas. De qualquer modo, antes de lá chegar encontrei o tal Tõno dos Grilos (se, afinal, sempre for esse o seu nome) e a mulher de narizes no ar em torno de uma oliveira. Tinha-se passado mais de um ano, mas reconheceu-me logo e disse que viesse ver, que estavam a apanhar um enxame. Tinham colmeias ali perto e um enxame tinha-se dividido. Fizeram-lhes uma casota nova, uma estrutura rude cilíndrica de cortiça, com três paus afiados espetados de tal forma a manterem-na fechada. Seguimos o enxame até as abelhas voltarem a assentar numa outra árvore. Trepámos a diferentes ramos.

O enxame era uma massa negra e, de perto, tinha algo de nojento. Mexia-se como se de um único ser se tratasse, apesar de à superfície haver abelhas que se agarravam e desprendiam. A diferença entre o movimento de grupo e o movimento de unidade estava aqui reduzida a um mínimo. Tínhamos sob os nossos olhos o ponto máximo da solidariedade, a total dissolução individual. O enxame tinha um movimento constante, uma tensão interior, como um corpo a respirar. Quem diria que o modo de lhe dar casa era pôr a colmeia deitada ao seu lado e bater nela levemente com um pau, produzindo um som oco e rítmico? Quando o enxame entrou e tapámos a colmeia, a tensão dissipou-se. De repente reparámos que, desde que eu aparecera, até agora – uma boa meia hora – actuáramos em perfeita consonância, concentrados na tarefa em mãos.

Agora, a diferença restabelecia-se vagarosamente. Ainda fomos ver onde iria ficar a nova colmeia, ali perto. Depois fez-se silêncio. Ia quase sucumbindo à tentação, mas, finalmente, consegui resistir a fazer «perguntas» – por essa altura já tinha descoberto a sua força destrutiva, mesmo sabendo bem que nunca encontrarei alternativa. Simplesmente disse adeus e fui-me embora. Não posso esquecer-me da intensidade do sentimento de solidão nos momentos que se seguiram. O dia aquecia, o cheiro quente e doce da giesta e do tojo penetrava os meus pulmões, como que a abafar-me. Pareceu-me que toda a minha vida tinha sido assim. Depois dei com um campo de giesta totalmente coberto de flores de um amarelo dourado (por isso se chamam estes montes serra amarela); com uma escarpa íngreme

para a direita; com um rebanho de cabras semicoberto pelo mato do outro lado do ribeiro fundo; com uma formação de pedras graníticas impressionante. Enfim, uma lista interminável de objectos de atenção que foram dissolvendo silenciosamente o apertar do nó. Ao chegar ao Chão de Bilhares já quase me esquecera das abelhas. Já tinha recriado aquela fantasia salutar de desdobraimento interior que nos permite estar sozinhos sem que a solidão afogue a nossa humanidade. Aquela constante conversa interior que deu vida ao Robinson Crusoe.

E foi também essa sensação que, na manhã da visita a São Silvestre com o professor, me fez descer do ponto de observação que encontrara sobre o minúsculo cemitério, já fora do lugar. Estivera aí sentado a ler talvez uma hora ou coisa assim. Terão sido os Nuer de Evans-Pritchard, alguma coisa de Mary Douglas ou algum artigo da colecção que o Teodor Shanin organizou para a Penguin sobre sociedades camponesas. Era o que lia na altura. Ainda era cedo para voltar, o professor estaria ainda a dar aulas, mas não consegui continuar ali mais tempo. À porta do cemitério cruzei-me com um moço risonho, de sacho ao ombro, que vinha por outro caminho, ele também morto por conversar. Numa aldeia de quarenta casas até as vizinhanças do casario são lugares ermos. E mais uma vez as minhas «perguntas» acabaram por abafar a conversa. Foi com alívio que ambos chegámos à escola. Estava já um grupo de vizinhos à espera de que o professor acabasse para lhe falarem de não sei bem já de quê. Inquiriram discretamente sobre quem eu era. Começámos a falar sobre o isolamento relativo da vida em São Silvestre. Protestavam que tinham pago já 50 contos por casa para a estrada e que ela continuava a não vir. Continuavam a ter de levar os doentes e as mulheres grávidas pelas Gambas abaixo. Que assim estavam sujeitos a pagar mais que os habitantes das terras baixas pelas coisas que queriam comprar. Havia aqui, como, aliás, em todo o camponês minhoto, uma crítica velada aos negociantes, em particular ao dono da loja lá do lugar, o mais rico dos vizinhos, que tinha até três «burras» (cavalos).

Mas não tinham benefícios, como a «vezeira» (o sistema comunal de trabalho agrícola), perguntei? «Bem... lá isso...», veio

a resposta indecisa. Também já não é coisa que dure muito tempo, responderam. E porquê?, quis saber, surpreendido. Infelizmente, já não me lembro das precisas palavras da resposta. Na essência, fui informado de que isto de trabalhos comunitários também não beneficia todos por igual. Que com o rebanho das cabras e com o gado ainda ia assim-assim, mas que por isso mesmo é que tinham acabado com a vezeira dos trabalhos nos campos. E então por que é que tinham terminado com o que me parecia a mim uma coisa que beneficiaria todos? A resposta veio tão certa e já pensada que lhes era mesmo difícil compreender que, por me faltar a mínima ideia sobre os detalhes, eu não podia bem avaliar o seu peso. É que, veja, disseram, se um de nós tem três pequenos campos, só tem interesse em reparar alguns, poucos, caminhos. Mas quem tem dez quer reparar mais caminhos. Se o trabalho é dividido, o que tem três campos acaba por fazer quase metade do trabalho do que tem dez. Durante muito tempo tinham andado a tentar acabar com isso, mas isto aqui era muito isolado... Só agora, que já havia mais contacto com o resto do concelho, é que era menos fácil forçar «os pequenos». Pareceu-me que os meus interlocutores tinham o dedo apontado ao tal que era dono da loja. Uma coisa era certa, o dilema do Cerqueira também ali se encontrava. Quem tinha razão era o tal padre-catedrático na nota de rodapé que escrevera. Ele bem sabia, porque a sua pequena aldeia, com o seu pequeno santuário, era ali perto e lá também dominava a inveja.



Interlúdio africano

Que procurava eu no Minho? Não é por acaso que se chega à antropologia. Estas coisas constroem-se devagar, silenciosamente. Lembro-me do restaurante, da mesa, do amigo que me ouvia, até da marca de cerveja, que acompanharam a decisão de seguir esse caminho. Mas as decisões, sempre repentinas, não são mais que teatralizações que construímos para nós próprios. O ponteiro do barómetro interior já há muito que apontava nessa direcção, empurrado minuscilamente por cada caso, cada experiência... pelo acumular de mil acontecimentos dispersos.

Antes de voltarmos ao Minho vou deixar aqui um breve relato de um desses pequenos empurrões. Escolhi-o, não porque pense que é mais representativo que os outros, mas porque senti que é talvez o melhor exemplo de como o fascínio pelo estudo da semelhança e da diferença culturais – que eu satisfaria por meio da etnografia minhota – me tinha sido inculcado num contexto em que a diferença era maior. Sempre pensei que, apesar de o meu percurso ser inverso ao deles, constituía uma resposta aos velhos mestres da antropologia africanista. Só que, contrariamente a eles, dirigia-me da diferença em direcção à semelhança.

Sáímos de Lourenço Marques de manhã muito cedo, antes de o sol se levantar, em direcção à Namaacha. A savana da

planície costeira vai-se progressivamente transformando numa floresta esparsa, conforme a estrada sobe os contrafortes da serra. Íamos num *Land Rover* verde-escuro do tempo da guerra, sólido e seguro... os patrióticos buracos da estrada anunciavam que se tratava de um território sob administração portuguesa... mas eu era miúdo, ainda não sofria de dores nas costas. Parámos em frente à pequena igreja de tijolo, adobe e zinco, no meio de uma clareira de terra muito vermelha. Explicaram-me que era já muito antiga. A vista sobre o vale profundo, coberto por uma vegetação densa, é linda. Aqui e ali, uma ou outra árvore mais velha elevava-se sobre as copas das restantes – lembro-me de pensar que, se me quisesse orientar, serviriam de pontos de referência. Mas, mal começámos a descida pela picada de terra em direcção ao vale, vi logo como me enganara: os pontos de referência das formigas são muito diferentes dos dos homens.

A viagem tinha por finalidade a inauguração de uma pequena igreja – pouco mais era que uma palhota grande rectangular – que tinha sido construída recentemente nas imediações do domicílio de um régulo que «ainda era pagão», explicava o padre local, mas que tinha tantos parentes e seguidores cristãos que acabou por desejar que eles tivessem um lugar de culto perto da sua corte para não terem de ir rezar a terras que estavam fora da sua jurisdição. Quando são feitas com esmero, estas palhotas impressionam pelo ar sólido que têm. Lembram cestos de palha, que, apesar da fragilidade do material, adquirem uma surpreendente resistência devido à sua arquitectura. Não faltava nada: portas, bancos, altar, cruz, até uma pequena sacristia – tudo feito de paus, de palha, de arbustos.

Já não me recordo dos detalhes da inauguração. Terá sido uma missa pouco diferente das outras. No fim, o régulo, que estivera até ali ausente, mandou um emissário a convidar os visitantes a participarem na festa que dava em honra da ocasião. Atravessámos uma sebe e entrámos no aldeamento. Se fosse hoje, ter-me-ia preocupado em tirar notas para vos saber descrever quem estava lá, como estavam dispostas as palhotas, quem eram as mulheres que serviam à mesa onde se sentaram

a minha mãe, a minha irmã e a missionária americana que nos acompanhava, quando, onde e como tinham morto o boi, etc. Mas nessa altura não tinha contexto mental para integrar tais coisas, não tinha percebido a sua relevância... não sabia ver e, portanto, agora não vos posso contar.

Tocavam-se tambores e as mulheres, novas, velhas e crianças, dançavam em grupo, para a frente e para trás, ululando, nuas da cinta para cima. Passavam rapazes novos, muito vaidosos, vindos do «Jonas» (as minas do Transval, na África do Sul) – vestidos de panos berrantes, com objectos coloridos espetados no cabelo e atados aos braços, transportando espelhos, para os quais olhavam narcisicamente. Na mesa em que se sentara a minha mãe estavam pousados os pratos com o arroz empapado e a galinha muito cozida a que já me habituara em mesas africanas. Só que ali havia uma diferença para a qual não estava preparado: o chefe era pagão. Por oposição às outras ocasiões deste género a que frequentemente assistia, o salto cultural era qualitativo. O que encontrávamos ali era mais do que a imitação imperfeita dos «nossos» costumes, que tinha sido ensinado a sofrer com uma certa condescendência carinhosa. Neste caso, a ordem dominante alterara-se.

Os homens comiam à parte. Eu também fui convidado. Penso que por ser branco, porque mais nenhum rapazola da minha idade estava presente. Fomos apresentados ao régulo, vestido de peles e panos. Era um homem de 40 e tal anos, forte e com um ar de autoridade sóbria. Tinham-me dito que tinha muitas mulheres. Surpreendeu-me a maneira como prendia a tanga de pano azul debaixo das pernas quando se acocorava. Fazia-o automaticamente, com o decoro refinado de quem aprendeu a etiqueta no berço. Lembro-me do seu gesto, porque me espantei a mim próprio a compará-lo com o decoro da professora de inglês quando se sentava no estrado, precariamente encoberta pelas suas entusiasmantes minissaias.

Os homens formaram um círculo em torno a uma tábua grande pousada no chão. Alguém retirou de um caldeirão de água a ferver a cabeça inteira do boi que fora morto para a ocasião. O chefe pegou num machete e, de um só golpe, abriu-

-a ao meio, entre os dois cornos. Senti-me desfalecer ao perceber que, como os outros, tinha de meter dois dedos na massa cinzenta quente e mal cozida, que, se calhar, quem sabe, seria uma delícia – sabendo ainda aos últimos pensamentos do pobre do boi. Olhei para o meu pai, que me deu um sorriso amarelo e fez um gesto como a dizer-me que me podia ir embora. O padre terá dito algo ao chefe, que olhou para mim afirmativamente, sem prestar grande atenção.

Dessa vez comi galinha, com a minha mãe, debaixo da árvore donde pendiam umas bengalas e uns sacos de pano poeirentos, estranhos, em cujos conteúdos já há muito ninguém tocava. Hoje saberia que se tratava de um altar aos antepassados do chefe. A vaidade que sentira por ser o único rapaz a ser tratado como homem esvaíra-se. Não estava humilhado, mas sim indelevelmente surpreendido pela descoberta da minha incompreensão da ordem que ali dominava.

O domínio das escritas

Se não fosse o pai, ele hoje, se calhar, era advogado. Quando chegou a altura de ir para a escola, lá foi como todos os outros miúdos. A princípio as coisas não correram muito bem. Parecia ter pouco jeito para a escrita e era traquinas, o professor chegou a ter de castigá-lo severamente. Mas no 2.º ano começou a gostar e, quando tirou o exame da 4.ª, era já o aluno preferido. Teve até a melhor nota da classe.

Por esta altura já o professor Almeida era um velhote, bondoso e interessado, se bem que ríspido e, em última instância, deprimido com a vida. Era baixo, mas forte, com um andar decidido, um bigode que em tempos terá sido majestoso e uma forma de se apoiar à bengala como que a fingir que a usava para decoração. Era viúvo e dois anos antes tinha-lhe morrido a filha única. Morrera virgem e fora a enterrar de branco, levada com música pela «juventude» da freguesia num caixão também branco e com fitas. Foi dos últimos enterros em que ainda usaram aquele passo especial para os enterros dos que morriam novos e virgens, dos que morriam «antes do tempo»: dois passos para a frente e um para trás.

Tão branca e tão singela, todos a amavam na freguesia. Nos seus últimos meses, quando a tuberculose ia avançando e deixando mais e mais marcas na sua aparência, ela desfazia-se em caridade, como que a preparar algo de vindouro – e tam-

bém, quem sabe, um pouco e secretamente para se vingar do pai. Republicano ferrenho, ele não era adverso a dar um braço a um camarada em dificuldades, muitos tinham já beneficiado do seu relativo bem-estar. No meio de toda aquela pobreza, quem não faria figura de rico? Mas caridade gratuita, ensinar os pobres a serem pedintes, encorajar mandriões, isso nunca! Ora era precisamente essa caridade, para ele perversa, essa caridade que só interessava à padralhada, que, na opinião do professor, visava criar seres dependentes e irracionais e não seres humanos livres; era precisamente esse desejo de dar a quem nos causa pena só porque nos causa pena que motivava a filha. Ela chegou a dar mesmo mais do que seria prudente em termos da economia familiar. Ele protestava, mas, desde que ela começara a definhar, as relações de poder tinham-se invertido. As ordens de outrora iam-se tornando pedidos. Até que chegou mesmo uma altura em que, vendo-se a caminho de um abandono total, tinha simplesmente aprendido a calar-se, a aceitar amorosamente exigências que não teria sequer querido ouvir ainda há uns meses. E assim foi que o padre Antunes, jovem, bem-falante e recém-chegado à freguesia, tinha começado a frequentar a sua casa quase diariamente.

Para um republicano, um socialista, um homem que tinha expulso o antigo padre, substituindo-o como presidente da Junta de Freguesia durante os primeiros anos da República, para o apóstolo das luzes que era este pequeno professor de aldeia, o padre Antunes era uma verdadeira manifestação do Demónio. Ele e esse poder novo que ele representava, essa gente jovem que agora andava por aí enfeitada pela ditadura, padresca e reaccionária, do ministro das Finanças. Neste triste final dos anos 20, os sinais de que uma nova era estava a despontar eram como miasmas mortais para o nosso professor. Era a madrugada de um dia que não seria seu nem em corpo, porque estava velho de mais para continuar a luta, nem em espírito.

Quando voltava a casa da escola, em que era professor único, com a cabeça ainda cheia da sua pequenada, e via a capa preta do padre e o barrete no bengaleiro; quando a criada lhe explicava, com uma solicitude francamente desnecessária (pois

não tinha ele visto os arreios da besta na entrada!), que o Sr. Reitor estava a confessar a Menina e que seria melhor se o Sr. Professor esperasse na cozinha; nessas alturas perdia a esperança. Sentava-se no banco fundo ao lado da lareira como um cão que espera a morte: silencioso, parado, de olhos abertos mas turvos, consciente da vida que o rodeia mas distante, sem deitar culpas. Mas ele deitava culpas!... bem... de facto, o padre fora chamado, não viera de seu próprio acordo. Será que, por ser mulher, ela nunca terá compreendido o que ele tanto se esforçara por lhe ensinar? No entanto, ia jurar que ela tinha compreendido. Era esperta, ele sabia isso. Então porquê?

O padre veio despedir-se, dizendo-lhe que a sua filha era um anjo e que, por isso mesmo, sem dúvida, Deus a chamava. Que se confortasse. O velho deixou-o ir-se, não tinha forças para respostas, doía-lhe de mais o tema. Comeu sozinho, porque «a Menina está a sentir-se cansada e pediu para a deixarmos repousar um pouco». Depois foi vê-la. Deitada na cama, magra, tinha um sorriso que o prendia, que o amava, mas algo irónico. Leu-lhe um pouco o jornal e ainda lhe perguntou que tinha ela tanto a dizer ao padre. «Ora, o pai...», como se aquilo fosse resposta!

Nessa noite dormiu mal. De manhã, ao beber a cevada, perguntava-se que raio teria o filho do Noronha Lima que vir ocupar-lhe os sonhos. Via-se ainda a correr esbaforido, faltando-lhe o ar, com o rapaz a correr atrás, de moca em punho, enquanto o Noronha Lima e o padre Antunes de braço dado se partiam a rir, debruçados sobre a varanda de pedra do solar da Boavista. Nunca antes tinha sentido remorsos de ter proibido a casa ao descarado do moço que lhe vinha ali namorar a filha. Pois não sabia bem que ela não tinha dote que desse para casar com ele? E para que é que ela se iria casar? Arranjar trabalhos, e então com um Noronha Lima, gente decadente e sem escrúpulos. Não estava bem assim? Mas não estava e agora fugia-lhe entre as mãos, levada pela morte. Ele merecia melhor sorte, pensava.

Dois anos mais tarde, num fim de tarde de um dia chuvoso, dirigiu-se a Padim depois de acabar as aulas. Toda a tempestade, a angústia dos últimos dias de vida da filha, tinha agora passado. Ele era um sobrevivente num mundo que já o ultrapassara

há muito, esperava a morte entretido com os seus miúdos. Às vezes, quando lhes falava, parecia-lhe que a sua voz era como a de um autor clássico, que chega aos nossos ouvidos através das idades, mais ténue, mas mais certa.

Tinham-lhe dito que o velho Cunha ia tirar o miúdo da escola. Rai's-partam os selvagens! Aquela gatinha estava mesmo ainda na pré-história. Um aluno tão bom, o melhor que ele tinha tido há anos. Era um desperdício. E logo o Cunha não precisava, que era rico e tinha mais dois filhos, que lhe podiam bem tomar conta da quinta. Mas é um troglodita. E então a mulher? Apre, que megera, pensava o professor, enquanto trepava pelos carreiros. O caminho não é fácil. Com a ajuda da bengala, e apesar de as botas estarem cada vez mais pesadas com a lama que se lhes agarrava, lá foi chegando ao terreiro dos Cunhas.



E assim, leitor, voltamos à história do Cunha, em pequeno, quando o pai o impediu de continuar os estudos. Mas antes disso: caso o leitor se esteja a perguntar como é que eu sei o que acabo de contar, eu respondo. Aquilo que não inventei eu sei, em parte, porque várias pessoas me descreveram as personagens

em vários contextos, em parte, porque li os registos das reuniões da Junta e os arquivos paroquiais, mas sobretudo a minha atenção foi chamada para este professor e a sua filha porque ela hoje é tida pelos vizinhos em aura de santidade. Já morto o professor Almeida, os herdeiros (uns parentes da mulher) quiseram lá enterrar alguém e abriram o jazigo para o limparem. Encontraram então a Menina intacta, como se tivesse sido enterrada ontem. Se possível com as cores ainda mais vivas e as roupas cheirando a violetas. A Sãozinha do Souto afirma mesmo que antes do corpo ter voltado ao seu lugar lhe tirou e pôs um sapato e que estava como novo. Disseram logo que é santa e eu imagino que o padre Antunes, que na altura ainda era vivo, segundo a Sãozinha, deve ter ainda pensado em aproveitar a ocasião para arranjar uma santa para a freguesia. Por que razão não o fez, não sei. Se calhar foi por preguiça, se calhar por andar muito metido com o Cerqueira em politiquices e não ter tempo para essas coisas, se calhar por respeito à alma do inimigo, mas o mais provável é que fosse porque essas coisas começavam a deixar de estar em moda nos meios eclesiásticos nas décadas que se seguiram à segunda Grande Guerra. O Santuário de Fátima absorvia as atenções de todos.

Cá pelo que me cabe, e por respeito ao velho republicano, sinto-me feliz que já só eu e umas velhotas ainda se lembrem do caso. Devo dizer que é com um certo prazer que, quando entro no cemitério, olho para a campa e penso que ali por baixo existe, guardado intacto, um tempo parado, uma Bela Adormecida, um espécime historiograficamente irrepreensível para o Museu do Traje.

Bem, de volta ao Cunha. Escusado será dizer que, quando o professor chegou a Padim, o Cunha pai o fez esperar uma boa meia hora antes de aparecer de dentro de uma das lojas e mandar o miúdo trazer uma malga de vinho aqui para o Sr. Professor e que fosse do «de trás da porta» (todos aceitam implicitamente que o vinho que está escondido é o melhor). Quando o professor lhe disse que lhe vinha pedir um favor especial, ele terá respondido «talvez... isso dependendo» – a alguém tinha o filho de sair! Finalmente, quando o professor se explicou: que

o rapaz era esperto, que ainda podia ser um doutor, que o deixasse ir estudar, que era mal empregado na lavoura, o Cunha pai fez assim umas contas rápidas de cabeça e percebeu logo que só tinha a perder com a proposta. Se ainda fosse para padre... mas para isso o moço não tinha vocação. Com o que o professor também parecia concordar. Quant'ó resto, só se fosse parvo. Ia meter-se em dispêndios, ia perder o trabalho do puto, que já começava a amainar benzinho, que era forte, e, o que era ainda pior, se calhar ainda ia perder um filho. Está visto, que é que um doutor quer de um pai tão atrasado como ele? «O professor que vá mas é tratar dos filhos dos outros, que cá dos meus percebo eu. Um varadas pelo cu abaixo e vamos ver se o rapaz não se deixa de manias de ser doutor!» E assim foi. Segundo o Cunha, as semanas que se seguiram a esta entrevista e à subsequente carga de porrada foram as piores da sua vida. Todas as noites encharcava a almofada. Os irmãos, que dormiam com ele, queixavam-se de que já não se podia dormir em paz naquela casa.

Contou-me isto numa daquelas longas noites de Inverno que passámos em torno do seu espólio documental: ao pôr-do-sol eu aparecia em Padim, isto já nos últimos anos em que por lá andei, quando só lá ia ocasionalmente passar dois dias, uma semana ou um mês. Tinha demorado anos a descobrir que ele passara a vida toda a recolher informação detalhada sobre a sua actividade agrícola, informação que, de um ponto de vista sociológico, é uma mina. Fazia mapas, tabelas e mantinha registos de mil e uma coisas, numa letra que, aliás, foi mudando com o tempo, tornando-se mais firme. Finalmente, acabou por me dar acesso àquilo tudo e muito mais, porque ele tinha garas de escritor, não de contabilista. Os registos, vim a descobrir ainda mais tarde, eram só uma faceta de toda uma produção literária (no sentido mais lato da expressão, é claro). Produzia artigos para o pequeno jornal do concelho, coisas simples, dirigidas a uma audiência rústica, sobre a agricultura ou as festas sazonais, que, afinal, eram os temas que ele dominava. Era um mestre camponês, dominava os conhecimentos da vida de lavoura como poucos; era um desses exemplos que parecem ter

sempre fascinado os antropólogos pelo mundo fora, um especialista sobre o conhecimento do quotidiano. Por isso se tornara «louvado» (avaliador de terras) e era conhecido como um dos melhores em toda a região. Mas também escrevia versos e peças de teatro. Curiosamente, para romances e novelas, dizia ele não ter tempo.

Produziu ainda muitas peças, mas agora já só restam algumas. Uma série de papéis que eu herdei. Algumas incompletas e outras que não se sabe bem a origem, porque copiava tudo o que ia encontrando e lhe parecesse útil. Ali o plágio não era preocupação. Aliás, assegurava-me que só começara a escrever por não ter encontrado o que queria. O padre tinha-lhe dado umas peças piegas dos salesianos, coisas como *Somos todos simpáticos*, *O Soldado da Roliça*, *Preitinhos do Sertão*, *Por causa de um sobretudo*, etc. Era tudo sobre criados irónicos mas fiéis aos seus patrões burgueses ricos. «Aquilo para nós não tinha muito jeito», dizia ele. Interessado em criados e patrões estava ele, mas nada de criados servis, nada de versões domesticadas de Fígaro ou Leporello. Os criados das suas peças deixam o mundo às avessas, substituem os patrões, acabam com a diferença. Afinal, ele fazia teatro com o fito particular de educar os filhos e de criar um contexto onde a mocidade da freguesia pudesse sair um pouco da rotina agrícola e do parco divertimento das festas: dança e vinho. Não se lembrava ele bem dos sofrimentos por que passara? De como aquela terra se podia tornar um deserto? Para quem tinha oito filhos, nascidos uns por cima dos outros, não faltavam actores, copiadores de manuscritos, encenadores e mãos-p'ra-tod'à-obra. Com aquele núcleo conseguiu organizar uma companhia que deixou memória na freguesia. Há hoje homens e mulheres maduros no Canadá, na França, na Alemanha, na Austrália e na Venezuela que se lembram saudosamente d'*O Advogado* ou d'*O Enxota Diabos*, do *Creminoso* [sic] ou da *Fiada na Aldeia*. Quase todos os que por lá andaram são agora emigrantes. Foi o que aconteceu a toda aquela geração de jovens dos anos 60.

Sim, porque isto tudo só aconteceu depois da morte da mãe. Até lá, nada de devaneios, senão a «legítima» ainda acabava na

mão de um dos irmãos e ele e mais os filhos ficariam feitos jornalheiros. Era trabalhar de sol a sol, comer pouco e mal e calar queixas. A velha sobreviveu ao marido muitos anos e enquanto ela lá esteve mais ninguém piava em casa. Os sofrimentos que ele e a mulher passaram foram grandes, mas a humilhação foi ainda pior. Uma noite, depois da ceia, contou-me como demorara ainda anos a aceitar que ia ser um camponês toda a vida. Se via num caminho o professor ou o padre, escondia-se, ou quando ia com uma junta de bois por um caminho qualquer virava os bois para outro caminho, mesmo se fosse errado. Não queria vê-los, sobretudo não queria falar-lhes. Quando passava por eles no adro da igreja, ou na estrada perto da loja, fazia um sinal de cabeça e não deixava que lhe falassem, não queria que ouvissem que falava como um labrego, com uma pronúncia de camponês. Foi assim por anos e nunca mais teve uma única conversa com o professor, cuja memória tanto acarinhava.

Depois foi para a tropa, andou por Gaia. Não gostou nada daquilo, escusado será dizer. Tempo perdido, mas sempre se vê algum mundo e dá para a gente pensar na vida. Quando voltou, diz a Sãozinha, andou à volta dela para se casar, por serem primos e reunirem terras. Mas ela queria um homem mais bonito e mais «civilizado», como ela dizia – que ali em casa da tia eram todos assim muito toscos. Pregou-lhe um dia uma partida que o curou dos amores. Ele andava-lhe sempre à porta sem despegar e enxotava outros que lhe interessavam mais a ela. Uma tarde veio a irmã dizer que lhe queria falar. Ela respondeu que se fosse embora, que estava ocupada. Ele insistia em que não podia esperar, que tinha pressa de lhe falar. Ela então disse à irmã que ele se escondesse no cortelho, que ela já lá ia. E foi, mas só para fechar a porta. E o pobre bem pediu que lha abrisse, só que ela nem pio. A única pessoa que por lá passou foi o pai para dar de comer ao gado. O pobre do Cunha, transido de medo que o tio o visse, escondeu-se num canto e ali ficou toda a noite. No dia seguinte, de manhã, quando a irmã abriu o portelo, o rapaz pigou-se que nem tempo teve para dizer bom dia. O pai da Sãozinha ainda o terá visto.

À ceia disse: «O Tôno dos de Padim parece que dormiu ontem no cortelho. Raios!» Fez-se silêncio. A Sãozinha ficou com a impressão de que o velho tinha um risinho maroto na cara. Não gostava nada deles. Eram parentes da mulher e ele achava que eram uns invejosos.

Não terá sido muito depois que o irmão mais velho do Cunha descobriu, por mero acaso, a noiva nos braços de um outro. Eram aí umas 5 da tarde, vinha ele de ajudar uns parentes a sulfatar umas vinhas. Saiu do carreiro para mijar e reparou nuns vultos encobertos entre o muro do socialco e um campo de milho. Por curiosidade, foi espreitar, mas saiu-lhe cara a esperteza. Apanhou-os deitados e deu-lhes tanta porrada com o cabo do sacho que trazia que quase os matava aos dois (pelo menos é isso que se conta). Depois, ficou assim zonzo e arisco, amedrado das mulheres. Nunca mais se ouviu que tivesse namoros.

Como o irmão mais novo era um pouco simples e podia ver-se bem que ninguém o queria em casamento, a responsabilidade de continuar a casa caía sobre os ombros do Tôno. Acabou por encontrar mulher num dos lugares de montanha. A Emília era uma rapariga bonita e bem dotada, magra, mas trabalhadeira. Apesar de se terem casado já depois de o pai morrer, quem mandava ali era a mãe, sempre apoiada no peso silencioso dos dois irmãos solteiros. Se a pobre da nora pensava que ia encontrar prestígio, respeito e bem-estar numa casa sua, que, afinal, era uma das melhores casas da freguesia, estava muito enganada. Nada disso, ela era a escrava da sogra e o marido que olhasse pela vida dele se não queria que o pusessem também a ele na rua.

Conhecendo a espécie de contrato mudo que os unia quando os conheci muitos anos depois, é-me difícil compreender que ele não tivesse lutado por ela, que não a tivesse protegido na sua fraqueza. Mas não! Ele agia assim sempre, levado por aquela sua profunda aceitação das regras do jogo. Quando não podia vingar-se, não protestava. Uma tarde sentei-me com ela na eira a escolher feijões. Estávamos à espera de que o Cunha viesse de uma louvação. Ou melhor, eu estava à espera, porque



ela nunca esperava por ele. As suas vidas encontravam-se sempre, mas só por corresponderem a ciclos semelhantes. Parecia não haver vontade no encontro, apesar de ser notória uma profunda aceitação. Também nunca vi sinais exteriores de amor ou ternura, como, por exemplo, era frequente com a Sãozinha e o Lopes. Essa tarde, à sombra dos dois espigueiros, ela contou-me quanto sofrera quando ali chegou. «Veja lá que a velha era tão má que não me deixava falar.» Na casa dos pais, o pote (de três pernas) era posto à direita do lume; ao cozinhar, não se ajustava a tê-lo do outro lado, como a velha aqui fazia, queimava-se amiúde. Mas a velha não aceitava mudanças. Em casa dela fazia-se como ela sempre tinha feito, mesmo se quem cozinhava era a nora. O que a pobre passou até se habituar a ter o pote do outro lado, meu Deus! Felizmente, como teve os filhos todos em bicha, ia-se entretendo com eles. E dinheiro? Isso era tudo controlado, havia anos que não lhe chegava a ver a cor. Passava-se muito mal ali antes de a sogra morrer.

Depois da morte da sogra as coisas começaram a endireitar, apesar de o regime naquela casa ter continuado a ser sensivelmente o mesmo. Quem dominava tudo era ele e o dinheiro estava todo na sua mão. Ainda em diários recentes, que estudei para saber os preços que recebia pelos produtos agrícolas, encontrei entradas para camisas, chapéus, socos ou calças para os irmãos. Até o dinheiro para os cigarros eles tinham de lhe pedir. E a comida nunca foi nem rica nem muito abundante, disso tive amplo sinal. No entanto, quero deixar aqui bem dito, também tive sinal de hospitalidade. Uma hospitalidade que me era dirigida a mim em particular, e não a todo o que viesse, o que nunca poderei esquecer.

Com o tempo, também o Cunha foi aceitando a sua condição e encontrando até meios para a superar. Começou a escrever umas versalhadas para as festas: testamentos-do-galo para o Carnaval e trovas humorísticas para o S. João. Meteu-se na louvação e chegou a ganhar fama no ramo. Por fim, foi a ele e ao Lopes (o marido da Sãozinha) que o Cerqueira se decidiu a deixar a Junta. O final dos anos 50 e os anos 60 foram o período áureo da sua vida. Tendo aceitado a sua condição, o Cunha acabara por superar os seus limites por dentro. Até por isso, se recusara sempre a considerar sequer a noção de emigrar, como tantos outros faziam nessa época. Mas terá alguma vez esquecido a humilhação que lhe causara o pai, impedindo-o de seguir a sua vocação de advogado?

O leitor que retire a sua conclusão desta peça que ele escreveu:

O Advogado

(Peça de um acto, transcrição literal)

Personagens:

Advogado

Criado Felisberto

Zé do Monte

Freguês

(O Dr. sentado à mesa lendo no Código Civil)

Dr. (Só) – Isto de leis faz dar voltas aos miolos.

Dr. (Pprim) – Entre faz favor.

Zé (Entra o Tio Zé do Monte acompanhado do Felisberto) – Bom dia Sr. Doutor.

Dr. – Bom dia meu velho amigo. Então o que o traz por cá acompanhado dum rapazola?

Zé – Sr. Doutor, é o criado para V. Exa., se lhe servir.

Dr. – Ah, muito bem, deve servir.

Zé – Ele, Sr. Doutor, deve possuir boas qualidades, pois os pais dele são sérios, honestos e trabalhadores.

Dr. – Muito bem, como se chama ele?

Zé – Felisberto é o seu nome.

Dr. – Então Felisberto (e vira-se para ele) vais ser bom rapaz, não é verdade?

Criado – Ora se não, Sr. Doutor.

Dr. – Pois agora vou expor-te aqui a tua missão na minha casa.

C. – Sim, na minha casa.

Dr. – De manhã levantas-te, tratas das galinhas e dos coelhos, depois vens para aqui arrumar e varrer a sala.

C. – E depois?

Dr. – Depois vais para o quintal e trabalhas lá até que eu te chame.

C. – Sim, até que eu te chame.

Dr. – Pois, para fazeres alguma coisa que faça falta. (Vira-se para o Tio Zé e diz) E agora você vai e mostra-lhe o trabalho lá no quintal, que eu quando fizer falta o chamarei.

Zé – Muito bem Sr. Doutor, eu mostro-lhe o serviço e sigo, pois tenho a minha Joaquina bastante mal e não posso demorar por isso. Adeus Sr. Doutor, até à primeira.

Dr. – Vá com Deus. (Os outros dois saem)

Dr. – (Pprim) Entre faz favor.

Freguês – Bom dia Sr. Doutor.

Dr. – Bom dia, então que temos.

Freguês – Um caso bem simples, Sr. Doutor.

Dr. – Exponha-o, faz favor.

Freguês – A minha vizinha tem uma casa.

C. – (Entra o criado) Ó Sr. Doutor temos de ir ambos ao quintal, pois aquilo lá corre mal.

Dr. – Corre mal, porquê?

C. – Porque está parado.

Dr. – Bem, bem, senta-te p'raí.

C. – Senta-te p'raí.

Dr. – Continue.

Freguês – ... com dois inquilinos que entram ambos pela mesma porta. Um deles sou eu.

C. (Levanta-se) – Ó Sr. Doutor, eu quanto vou ganhar?

Dr. – Sente-se p'raí, já lhe disse.

C. – Ah, já lhe disse, vou-me sentar.

Dr. – Continue.

Freguês – Encontrámo-nos os dois. Ora ele, ora eu, ambos queríamos entrar.

C. – Ó Sr. Doutor, haverá carta no correio.

Dr. – Cale-se, quem manda aqui sou eu.

C. – Quem manda aqui sou eu. Vou-me sentar.

Dr. – Queira continuar.

Freguês – De maneira que resolvemos tomar um conselho a ver qual de nós tem direito a entrar primeiro.

C. – Ó Sr. Doutor, a que horas é o jantar?

Dr. – Cale-se, já lhe disse, sente-se p'raí.

C. – Sente-se p'raí, já lhe disse.

Dr. – (para o Freguês) Olhe meu amigo, eu prefiro a paz ao dinheiro, por isso o conselho que lhe dou é a boa harmonia lá entre vocês.

Freguês – Obrigado Sr. Doutor, pague-se. (aparte, saindo) P'ra isto escusava de cá vir.

C. – Ó Sr. Doutor, e o dinheiro cá para o rapaz?

Dr. – Ó homem, você é mais maluco do que ajuizado; pague-se e vá-se embora, não o quero aqui mais um segundo. Ouviu?

C. – Ouviu? (e sai)

Dr. – Criados como este só deitados no rio.

C. – (Entra) Ó Sr. Doutor, o meu dinheiro?

Dr. – Ó homem, não me consuma mais. Já lhe paguei, ouviu? Vá-se embora.

C. – Ah, o freguês de hoje pagou e não bufou e o Sr. Doutor bufa? (e dá-lhe uma grande bofetada)

FIM

Qual será a reacção do leitor? Achou a peça grosseira? Sim, claro que é grosseira. Mas não nos esqueçamos de que é uma produção caseira: um camponês que escreve uma peçazita para os filhos e os amigos se divertirem. E até isso me dá vontade de rir. Estou a ver o meu pai a ditar-nos um tal texto!

Aliás, a atitude do Cunha para os filhos era muito diferente da que eu próprio experimentei. Quem mandava era ele; enquanto vivessem em casa, os filhos obedeciam. Preocupava-se em ajudá-los, honrava-se dos seus sucessos, mas fazia-o para os filhos, como para os irmãos, para a mulher e para todos os que pertencessem à casa. Havia uma espécie de fraternalismo na relação. Se bem que fosse autoritário, era-o como *primus inter pares*. Não era um superior hierárquico à maneira do pai burguês. A mim, às vezes, aquilo parecia-me frieza.

Eu estava lá na noite em que o segundo filho disse que tinha acabado o curso de advocacia. Era Inverno, tínhamos passado a tarde a «fazer a nossa escrita», como lhe chamávamos. Na altura penso que trabalhávamos com os registos da quinta. Sentávamo-nos perto daquela porta no outro lado da qual o tinha visto pela primeira vez. A sala era pequena, com uma janela funda, onde guardavam a máquina de costura de uma das filhas solteiras (as paredes tinham mais de 1 metro de grossura em partes). Do outro lado havia quatro portas interiores, duas davam para quartos minúsculos onde os residentes dormiam a dois em camas de casal, uma dava para outra das três salas, com mais dois quartos de dormir, e, finalmente, uma para a casa de banho nova e a cozinha. No fundo da casa, que crescera como um comboio, estava a sala grande, também essa funcionalmente proporcionada; para meter tanta gente em dias de festa não poderia ter sido mais pequena.

Foi ali, sem dúvida, que ele foi exposto em câmara ardente mais ou menos um ano depois. Imagino-o deitado sobre o caixão escuro forrado a cetim branco. Mas eu não estava lá. Tive pena, ele havia de ter gostado que eu lá estivesse. Custou-me muito sabê-lo morto, éramos compinchas. A nossa relação tinha algo de arbitrário, não era sobredeterminada, como quase todas, tínhamo-nos encontrado por um acto de comum livre vontade, apesar do muro grosso que nos dividia. Foi a sua morte que me libertou para escrever este livro, não por ser um livro que ele quisesse ou soubesse ler, mas por ter sido largamente sugerido pelas muitas horas que passei a pensar sobre ele. Oferecia-lhe cópias dos textos em português que ia publicando. Nunca soube sequer se os leu ou se os tentou ler. De qualquer forma, não era pessoa para dizer a quem quer que fosse o que pensava sobre eles ou o seu trabalho. Parecia ter medo da sua própria ironia mordaz.

A casa era estritamente funcional e, se bem que o edifício fosse mesmo muito grande, tudo parecia minúsculo, porque as dimensões eram as mínimas necessárias para as funções desejadas. A decoração era estritamente superficial, paninhos coloridos sobre as superfícies e tinta verde alface e cor de pêssego nas paredes. Sentávamo-nos, ou melhor, sentava-me a uma pequena mesa no centro da sala, porque ele, em geral, ficava de pé, debruçado sobre a mesa. Dizia que tinha frio quando se sentava. E com razão. Apesar de os bois, na loja por debaixo do tabuado, aquecerem um pouco a casa com o seu bafo (e por esta altura já me habituara às miasmas), fazia um frio de morte. A lâmpada somítica de 40 watts dependurada do tecto não dava para ler e tínhamos de recorrer aos serviços precários de um pequeno candeeiro de mesa, sempre sujeito a tombos. Chamaram-nos para a ceia. Como sempre, demorava-lhe aí uns cinco minutos a reagir e eu aprendera já a aguentar-me, esperando que ele desse a deixa para nos levantarmos.

A cozinha estava cheia de luz. Tinha sido recentemente renovada. Ao fundo, a lareira ardia sempre pouquinho. O irmão mais velho, que lá estava invariavelmente, era cuidadoso em queimar pouca lenha, porque dava muito trabalho cortá-la.

Estava mais quente aqui: mais um dos benefícios do fogão de ferro. Na mesa estavam dispostos nacos de broa, duas ou três malgas, colheres e garfos. A comida era posta na mesa em panelas e travessas, das quais cada um se servia, comendo logo que possível. As mulheres comiam depois de servir e em geral à parte, encostadas ao balcão ou sentadas num banco à lareira; não por subserviência, mas por conveniência. Quando eu lá estava, a filha com o curso do magistério sentava-se à mesa, como que para marcar uma posição adquirida. A ração era sempre a mesma: cotovelos de massa em refogado com chouriço, banha de porco e, às vezes, um pouco de carne, seguidos de caldo, esse sim delicioso. Até naquilo eles eram tradicionalistas. Já há muito que as outras casas, mesmo algumas com menos posses, tinham optado por hábitos alimentares mais citadinos. Eles, porém, resistiam estoicamente ao consumismo – era curioso até que, apesar de terem televisão, não a ligavam. Diziam que não dava muito bem ali (o que, para os vizinhos, não constituía impedimento).

Era naquele mundo camponês, dentro desse universo de conhecimento, nessa sociedade tradicionalista, que ele brilhara, que encontrara o seu domínio. Não precisara, afinal, de ser advogado. E não é também isso que diz a peçazinha que transcrevi? Ele roubara a escrita ao mundo dos doutores e pusera-a a uso no mundo camponês. As coisas desse outro mundo onde ele não tinha domínio – o mundo da cidade, da televisão, da política nacional – deixava-as para os outros. Foi por isso que eu entrei, foi essa a minha utilidade, a minha relevância, melhor dizendo. Eram esses os termos do contrato que ele me estava a propor nessa primeira noite em que aceitou «talvez... dependendo...» emprestar-me a casa de Souto. Eu era uma chapelada que o mundo dos doutores dava ao Cunha. O que eu escrevesse não lhe interessava, o que lhe interessava era a minha presença, a evidência do meu interesse literário, ou melhor, letrado. Por isso tenho pena de não ter estado lá, como sinal vivo da chapelada, no dia do enterro.

Quando o conheci, já ele estava reformado sem eu o saber. Na altura, tenho de confessar, pensava nele como num cola-



borador de investigação. Agora vejo o meu erro. Aqueles anos que por lá andei não foram mais que um pequeno ângulo da sua vida. «A nossa escrita» era um museu que construíamos com o seu espólio. Eu estava na posição do historiador de arte que para fazer a sua tese sobre um velho pintor lhe pede que recolha o material que produziu pela vida fora e se encontra espalhado por vários armários e *ateliers*.

Só mesmo para o fim, ao estudar as peças, comecei a perceber que para ele a revolução correspondera a uma espécie de reforma forçada. Em 1974, o Cunha e o Lopes foram expulsos da Junta por um grupo de jovens liderado pelos filhos de um parente por afinidade de ambos. Esse parente assumiu a presidência em nome de um partido de esquerda, depois passou-se para o PSD e ainda lá está. Não é mau presidente, é o homem dos novos tempos, um homem que representa a mudança que tinha ocorrido nos anos que precederam a revolução: a «malta da arte» (trolhas, pedreiros, madeireiros, carpinteiros), os tipos da «indústria» (lagares mecânicos, alambiques, britadeiras) e os donos dos cafés puseram de lado os agricultores, os louvados, os negociantes de gado e os donos das tabernas. Estava a mudança ainda a acontecer quando lá cheguei.

O domínio do Cunha era na antiga maioria, nunca iria adquirir outro. Sabia-o e, se não tinha inveja, também não estava ali para ajudar. Quando um grupo de opositores ao presidente lhe pediu que aceitasse fazer parte de uma lista, cedeu na condição de que lhe dessem só um lugar de vogal. Era uma lista do PS! Estas eleições já não eram como as que o tinham elegido nos «tempos da velha senhora». Ele informou-me que não se interessava por aquilo, porque iam perder. E, é claro, perderam. O mundo era outro, para ele já não voltaria a haver maioria.

Estávamos a iniciar a refeição quando apareceu o filho. Fica a dormir em casa dos sogros, na freguesia ao lado, quando volta da cidade. É raríssimo a mulher vir com ele. A casa do Cunha é excessivamente rústica, não gosta muito que a vejam lá. Filha de camponeses enriquecidos como é, os seus preconceitos burgueses são agudíssimos. É uma morena, baixinha, pintada e

abonecada, mas sabe sempre quanto tem na bolsa e nunca ninguém a enganou num preço. Ele, fisicamente, é uma contradição ambulante: é bancário e, portanto, janota, bem-comido e bem-cuidado, mas por dentro do fato azul é a cópia rigorosa do pai, pequeno, rude e activo. Falta-lhe a ironia, o domínio, que dão força ao velho. Fez o curso aos bochechos, teimosamente, mas, por fim, sempre acabou aquela cadeira difícil que o perseguia há anos. Sentou-se à mesa e disse-o. Ninguém reparou muito e a conversa acabou por ser entre mim e ele sobre política concelhia. Eu proporcionava-lhe uma das poucas oportunidades que tinha de mostrar à família como estava a par da política, agora que os cunhados lhe tinham aberto portas. Quando a audiência é tão renitente como aquela – que não só não sabe, como não quer saber –, ocasiões como a que eu lhe proporcionava não são de desperdiçar. Cheguei a convencer-me de que acabou a refeição feliz. Quanto ao pai, queria mas é voltar à sala logo que possível para darmos o toque final numa série de fichas que estávamos a fazer. Estava com sono. Não era um advogado assim que ele queria ter sido e, de qualquer forma, agora já não queria ser advogado.

Bruxas e almas do outro mundo

No Alto Minho, as bruxas são feiticeiras e as feiticeiras bruxas; em assuntos do outro mundo nunca se sabe bem quem é quem nem o que é que cada um fez. Acontecem as coisas mais incríveis. Senão vejam a seguinte história, que ouvi da boca de pessoa fidedigna...

A Sãozinha, quando ia à vila, passava pelo tribunal, a ver que caso é que estava a ser julgado. Divertia-se a ouvir os pobres infelizes explicarem-se. Um dia deu com o último acto da seguinte tragédia. Logo que pôde, veio-me contar. Sabia que eu partilhava o seu gostinho por estas histórias meio picantes e meio rocambolescas. O meu irmão, que na altura tinha 17 anos, tinha vindo passar quatro dias comigo. Queria saber como é que era a vida no campo e pediu-me que o levasse. Nem quero pensar o que o pobre rapaz terá sofrido nas traseiras da motorizada por aquela estrada louca entre Famalicão e a Barca! Não lhe ouvi nem um protesto. Quando a Sãozinha contou a história, ele ficou pasmado. Foi ele que outro dia me lembrou, já a tinha esquecido. Que utilidade podia eu ter para uma tal história ao escrever uma monografia etnográfica? Agora lembro-me tão bem que me parece sentir ainda o gozo libidinoso com que ela a contava.

Era uma vez um casal cinquentão sem filhos, o Domingos e a Deolinda. A sobrinha-afilhada, que tinham criado em casa, ca-

sou-se e emigrou para a França. Para a substituir empregaram uma miudinha de 13 anos, neta ilegítima de uns caseiros pobres. A Rita era bonitinha e bem-comportada e respondia com prontidão ao que lhe mandavam. A casa era de lavoura e havia muito que fazer, pois trabalhavam a maior parte das terras de casa.

A princípio o Domingos mal reparou na moça. Mandava-a cortar erva, chamar a mulher, levar comida aos jornaleiros, dar uma ajuda nos trabalhos dos vizinhos em paga pelos favores que eles lhes tinham feito, eu sei lá. Ela ia a tudo a correr. Demorou tempo até ele perceber que a Rita era como um cãozinho, tão poucas exigências fazia que se tornara indispensável. A Deolinda ainda tentou dar-lhe o tratamento a que se acostumara com a sobrinha: fazia cenas por faltas imaginárias, chamava-lhe burra, gritava por ela a cada cinco minutos. Só que não era fácil, porque não havia absolutamente nenhuma razão de queixa e, de qualquer forma, ela agora já estava mais mole. Acabou por ter pena da criança e calar-se. Também era difícil não ter pena. Qualquer um podia ver por que é que ela era assim dócil. É que todos os dias ganhava corpo e se fazia mais sã. Comia pouco, mas com os olhinhos brilhando sobre o prato. As roupas que lhe davam eram como se fossem capas de santo. Pois não estava ela habituada a fome constante, ao frio das noites sem cobertores, à porrada da avó borracha e às varadas do avô, que não sabia falar de outra forma? E depois não lhe custava o trabalho; que a trabalhar tinham-na habituado desde cedinho, nem à escola tinha ido. Mandavam-na a jornal a este e àquele só pela comida. Quanto à mãe, tinha-a visto duas vezes e, como vinha sempre de automóvel com uns homens da cidade, fingia que ela era sua sobrinha.

Passou-se ano e meio e o Domingos cada vez tinha mais dificuldade em encontrar jornaleiros. Era na altura em que todo o mundo fugia para a França. Ainda tentou libertar-se de terras, mas não havia quem as tomasse. Os caseiros já não estavam interessados. Quanto ao vinho, deixou de o fazer em casa, mandava-o agora para a Cooperativa. As terras mais inacessíveis (algumas delas nem eram grande coisa e não tinham água sequer) deixou-as ficar de velho. As outras não podia parar com elas,

para não perder a vinha, que precisa que a terra seja lavrada todos os anos. Meteu um moço como jornaleiro permanente e comprou um tractor. Por fim, as coisas lá endireitaram à custa do seu trabalho e, a bem dizer, sobretudo do da Rita. Tornaram-se inseparáveis e faziam quase tudo sozinhos. Estava a ficar velho.



Estávamos na última semana de Agosto. A sulfatação tinha acabado. Agora era respirar fundo e esperar pela altura da ceifa do milho. Entretanto, ele e a Rita iam fazendo a rega. A Deolinda já não podia, dava-lhe reumatismo de andar com os pés na água. Tinham estado a regar no campo do Corvo de manhã. A Deolinda trouxe o almoço. Peixe frito, um naco de broa, dois ou três copos de vinho. Sentaram-se todos num muro por cima do ribeiro a comer em silêncio. Depois da sesta, a velha voltou a casa e eles os dois subiram em direcção ao Freixo, onde ele tinha umas águas que, no Verão, lhe cabiam três vezes por semana a partir das 2 da tarde.

Estava quente e só se ouviam as moscas em volta ao suor das testas. Chegado lá acima, o Domingos tirou as botas, arregaçou as calças e foi pela leira fora abrir a água, que corria num rego

um pouco acima. O milho estava alto e ainda protegia um pouco do sol, porque este ano não tinham cortado as bandeiras para dar ao gado. Já não havia tempo para essas coisas.

Quando voltou, ela tinha começado a distribuir a água. Iam pelo meio do campo, ela, à frente, abria para a esquerda e ele, atrás, para a direita. A princípio ia-se bem por causa da sombra da ramada. Depois o calor começou a apertar, mas ele nem se deu conta. Reparou nos pés da Rita, no prazer com que chapinhava na água, nos salpicos de terra que secavam na barriga da perna, no suor a brilhar na dobra do joelho. Ela baixava-se cada vez que puxava a terra para abrir um caminho para a água passar. A sensação de carinho que primeiro o invadira foi-se transformando de cada vez que ela se dobrava. Parecia-lhe que sentia uma seiva nova a correr por si adentro. Quando ela, por fim, se levantou, pôs as mãos à cinta, inclinando-se para trás para endireitar as costas, e se virou para ele, não pôde deixar de reparar nos seios cheios e altos. Como ela tinha crescido! Estava parado, os pés enterrados na lama escura, a enxada nas mãos húmidas. Sentia o pulso em todo o seu corpo. Ela vinha a sorrir, ia dizer qualquer coisa, mas hesitou:

– O senhor está bem, Tio Domingos?

– Hum!

O sorriso da Rita transformou-se. Olhou para a terra e, quando voltou a levantar a cara, os seus olhos vinham sérios, calmos e fixos.

– Está quente – disse ela.

Teve a intenção de responder «anda mas é, que se não nunca mais acabamos!». Mas só lhe saiu da boca um grunhido por causa do nó na garganta. Ela percebeu e continuaram. Era um começo, por assim dizer, sabiam-no ambos.

Finalmente, chegou o S. Miguel. Nas terras maiores, cá por baixo, o Domingos chamou uns vizinhos para fazer a ceifa. Um grupo alegre e falador. Contavam histórias e cantavam. Mas a leira do Freixo era pequena, faziam-na bem os dois num dia.

Saíram cedo, ainda o sol não levantara. Levavam já o farnel porque era longe para a Deolinda. A princípio não custa, o trabalho faz-se com rapidez enquanto o sol não começa a subir.

Conforme a manhã avança, a velocidade vai decrescendo. O Domingos sentia o seu suor cada vez que se baixava para apanhar um punhado, caía-lhe para a testa. A Rita seguia-o, apanhava os caules e desaparecia por trás do muro de milho dourado para empilhar as braçadas, que iam ficar ali a secar ao sol. Era um trabalho monótono e cansativo, mas tinham-no feito toda a vida e, afinal, aquilo ali sempre era o pão que comiam. Há algo de sagrado na colheita.



Quando tocou ao meio-dia na igreja, ele cortou mais só uns caules e foi sentar-se à sombra da ramada, por trás do milho ainda por cortar. Doíam-lhe as costas e morria de sede. Bebeu logo meia garrafa, fechou os olhos e deitou-se para trás, encostado à relva. Pouco depois a Rita fez um grunhido a chamar por ele. Endireitou-se, pegou no prato que lhe era estendido com cozido e esperou que ela cortasse a broa que estava a tirar do cesto. Tinha 15 anos e ainda não lhe crescera a camada de músculo e banha que acaba sempre por tornar disformes estas mulheres do campo. Nos seios altos e nos lábios vermelhos sempre semiabertos já ele tinha reparado.

Comeram em silêncio. Ele deitou-se de lado e adormeceu. Não terá dormido muito, mas o sono foi profundo. Quando acordou e abriu os olhos viu o braço dela, a pele da cinta, que

se entrevia por cima da saia, a mama apoiada ao chão dentro da camisa entreaberta. Estava deitada a um palmo de distância. Quando se ergueu sobre o braço, percebeu que ela não dormia, esperava. Levantou os olhos em direcção ao caminho, que não se via daqui. Não era provável que dessem com eles. Com aquele calor ninguém andaria por fora. Beijaram-se. Ele esqueceu-se de si próprio e dos seus gestos até que, quando ia a penetrá-la, ela o aguentou por um segundo, fixando-o bem nos olhos, como a exigir um contrato – pensou ele, já depois de se separarem, enquanto fingia que dormia deitado ao lado dela, que, desta vez, dormia a sério.

Por uns meses foram como dois namorados. As vizinhas suspeitavam, mas como nem era nada de especial – acabava sempre por acontecer em quase todas as casas – nem se passava com os maridos delas ... Ainda tentaram dar a achega a Deolinda, por pura maldade, para a chatear; só que ela tinha mais em que pensar e nem reparou. Teria certamente acabado por dar com eles e feito uma cena, não fosse andar tão mal de saúde. Precisava muito que olhassem por ela, o que eles faziam com carinho e até com um vago sentimento de gratidão. Depois entraram todos dentro de uma rotina – uma rotina a três, em que cada um exigia coisas diferentes dos outros num ciclo fechado e assimétrico de desejo.

Tudo isto ainda demorou uns anos, até que, por fim, as coisas começaram inevitavelmente a mudar. A Deolinda foi melhorando, como costuma acontecer às mulheres de 60, enquanto o Domingos definhava, também como costuma acontecer aos homens dessa idade. Quanto à Rita, fez-se mulher e era quem mandava na casa. Com o novo regime, a quinta dava cada vez menos trabalho e, como rendia mais, sobretudo agora com a venda do leite, começaram a poder dar trabalho quase permanente a mais que um jornaleiro. Já não faziam trabalho na terra e era a Rita que olhava pela horta e pelos animais. A crise veio quando entrou um quarto parceiro no jogo: o tal jornaleiro permanente que já tinham há anos. O Berto da Brava era da mesma idade que a Rita (ainda eram primos, como se costuma dizer dos que já não sentem que o são). De início ninguém

reparou nele, mal o viam. Devagarinho, ele e a Rita foram-se interessando um pelo outro. Como o Domingos não a podia levar a festas e romarias, ela acabava por ir com o Berto, que entrementes se enamorara dela. A Rita não se importava nada, até parecia bem aos olhos da vizinhança, porque o rapaz era simpático. Quanto ao Domingos, de vez em quando lá fazia uma cena, mas bem sabia que estava a envelhecer. Tudo iria bem se o Berto não se tivesse lembrado de pedir a Rita em casamento, propondo-lhe que fossem para a França juntar-se ao irmão dele, que já lá estava com a mulher. Ganhava-se bem por lá. A proposta era atraente.

Para o casal velho aquilo foi um duche de água fria. Esfregaram os olhos e acordaram para a realidade daquela ficção que tinham andado a manter esses anos todos. Parecia-lhes uma questão de vida ou de morte.

A cena é no quarto de casal, às 11 e meia da noite, luzes apagadas, e o velho casal, deitado há já dez minutos, finge que dorme:

– Grande cabra! – diz ele.

– Bem podes pôr-te p'raí a rogar pragas que já te serve de pouco. Deu-lh'o cio, qu'ê que queres? É p'ra isto qu'a gente as cria, olha por elas, dá-lhes as chaves da casa... mas cheira-lhes a caralho e, pronto, desandam, que parecem andorinhas.

– Há-de haber outras... – Percebe-se bem no tom de voz que não tem nada a certeza de que haja.

– Oh!, há! Isso era dantes! Iam bocês, ficab'à gente. Iss'acabou. Olha p'rás do Bento Gazela, se não foram todas. Casadas, solteiras, bai tudo. A nossa Lina, o que a gente num fez por ela e bê lá quantas vezes põe cá os cornos. E é de corrida! P'ra elas aquilo é qu'ê bom, fic'umas senhoras.

Fez-se silêncio por cinco minutos.

– Oube lá, já dormes?

– E se dormisse? Que é?

– Será que se a gente...

– Diz lá, home'!

– Não, num é nada...

– Desembucha, caralho, tam'ém tu às bezes!

– E se a gente lhe dissesse que lhe segura a terça a ela em testamento?

– E a Lina? Nem penses nisso, ela não é nada à gente.

– Pois não, mas sem ela ficamos aqui que nem dois tram-bolhos. Assim com'á assim...

– Apre, Diacho, nem penses.

– Oube. P'ra ladrão, ladrão e meio. Ela num sab'escreber. A gente diz-lhe qu'ê p'rá Lina e os bizinhos num saberem. Bamos à bila no dia da feira, bamos ao notário e dizemos qu'ê p'ra lh'assegurar a casa. Depois bamos lá e deixamo-lá'spera na sala p'ra ber que fomos. Eu quero proguntar sobre o Chico da Resteva, que já num paga a renda das leiras do Caco há dois anos. Ber se arranjamos outro. À saída, a gente mostra-lhe o contrato daquela compra das cortes do terreiro ao Tôno, sabes? Ela nunc'há-de saber da dif'rença.

– Foda-se, home, tam'ém tu!

E adormeceram mais confortados. No dia seguinte o Domingo começou a dança. Depois da sesta disse à Deolinda que ia comprar cigarros e meteu-se com a Rita no quarto dela, nas casas novas, do outro lado do terreiro. Aquilo era já rotina. No fim, estavam ainda deitados, diz ele:

– Qu'êssa 'stória qu'a Chica beio dizer à patrôa que tu e o Berto da Brava se casam?

– [sorrizinho matreiro] Ora... num é nada...

– Ó menos isso.

Silêncio por uns minutos.

– Mas eu tam'ém bou p'ra belha! Num é só bocemecê. E depois? Essa cabra da Lina nem na corte me põe a dormir, num se lhe bê no focinho?

– Cala-te, corno! Já te disse qu'ê minha sobrinha, num fales assim.

– Innda s'ela num fosse rica.

– Tam'ém num é tanto assim. Aquilo são notas, tão facilmente se ganham como se gastam.

– Pois, pois, mas é mesmo dessas qu'eu quero. O Berto tem lá o irmão e a cunhada, dizem qu'emprego pr'á gente num há-de faltar.

– Esse Berto, inda lh’hei d’intortar os cornos, grande filho da puta, ladrão!

– Já lhe disse, num fale assim dele. Qu’é que bocemecê tem a dizer? P’ra ladrão, ladrão e meio!

– Ai, puta, qu’inda te mato! – Faz que lhe vai bater e levanta a voz.

– Olh’ágora quer chamar as bizinhas, é? Qu’é p’ra birem ber! Grande reparo. Cale-se, home, qu’essas imbejosas é o que quere’. Silêncio por poucos minutos.

– S’é tecto que tu queres... começa o Domingos outra vez.

– Lá isso...

– E o Berto?

– Já num gosta de mim?

– Então!

– Ele lá se arranja.

– E tu com ele.

– Já lhe disse q’uma pessoa tem que pensar no futuro.

– Bem, oube. Qu’remos alguém qu’olhe por nós. E s’a gente te segurasse a casa?

– Deixam-m’a terça?

– Tenho que falar cu’ela, mas, pelo que me cabe, eu sou independente.

– Promete?

– Prometo, mulher!

Por final, concordaram todos e o plano foi avante. Na noite em que voltaram da feira, a Rita foi falar com o Berto e ele pôs-se aos gritos, chamou-lhe quanto havia. Mas mais vale um pássaro na mão que dois a voar e ela também não tinha vontade de deixar a terrinha. Sabe-se lá se ele ainda ia encontrar por lá alguma francesa. Tem acontecido a tantas!

O Berto ainda andou por ali feito parvo por um ou dois meses até que desapareceu para a França, donde voltaria só já depois da morte do Domingos, casado com uma transmontana que lá tinha conhecido. Por sinal, nem era feia. O lugar dele foi logo dado a outro. Já não era tão fácil ir para a França agora. Trabalho pago como aquele não havia falta de quem o fizesse. Veio um outro, indicado pelo padre, chamava-se Zé.

Numa tarde de Inverno em que chovia intermitentemente e fazia um frio de rachar, o Domingos morreu de repente com um ataque de coração. Quem correu com o enterro foi o Bento Gazela, que era compadre. A Lina chegou no dia seguinte, à hora do almoço. Fez-se o enterro à tarde e, como é da praxe, os parentes e os da casa não foram ao cemitério. Quando saiu o enterro fez-se silêncio na casa e, se bem que a Lina ainda falou baixinho com a velha durante o quarto de hora em que a Rita esteve a fazer as camas, não houve conversas de heranças. Na manhã seguinte a Lina tinha de sair com toda a pressa para apanhar o avião no Porto. Estava já o marido no táxi e ela ia a cruzar o terreiro quando a Rita disse para a Deolinda:

– Já sabe, ela?

– De quê?

– Então? Pois da terça do defunto.

– Ah – respondeu a Deolinda por entre as lágrimas profundas que chorava sempre que alguém a deixava por mais do que dois dias –, p'ra que é qu'a gente lhe iria dizer? Inda vai fazer aí uma cena.

A partir daqui o espírito da Rita nunca mais esteve em paz. Tinham-na enganado, tinha a certeza. Pediu que lhe mostrasse o testamento e a velha não lho mostrou. Num dia em que a Deolinda foi ao médico abriu por trás a gaveta onde se guardava o dinheiro e os documentos, acabando por descobrir que o testamento do Domingos deixava tudo à Deolinda e que esta fazia a Lina sua herdeira universal. O seu compincha era o Zé, o novo moço de lavoura, que sabia ler e tinha substituído o Berto em mais do que um aspecto.

A ideia veio dela, mas era ele que conhecia uma bruxa ali para os lados de Avintes. Tinha lá ido com a mãe quando ela sofria de varizes. Para começar, a Rita deu em queixar-se de câibras e tonturas, até que foi a Deolinda que lhes deu dinheiro para consultarem a mulherzinha. O Zé levou-a na motorizada à vila e de lá apanharam um táxi para Avintes. A mulher fê-los esperar ainda uma hora sentados num corredor, dizendo que tinha muita gente a atender. Depois entraram para uma sala pequena com uma mesa redonda à qual se sentava a mulher-

zinha com um baralho de cartas. As paredes e a mobília estavam cobertas de gravuras sagradas coloridas de todos os tipos e feitos e de fotografias de caras risonhas com inscrições a agradecer. A luz eléctrica era amarelada e havia candelabros com velas nos cantos. Cheirava bem.

– Não me digam nada. Já sei ao que vêm. A menina não se sente bem, tem andado mal ultimamente. Tenho ou não razão?

– Lá isso é verdade, mas...

– Há alguém que lhe quer mal, não é?

– Pois... é que eu preciso da sua ajuda, santinha, porque me enganaram.

Lá contou a história como pôde. Queria que deitasse um feitiço sobre a Lina. Não, disse a bruxa, isso não fazia. Mas, tendo consultado um lenço que a Rita tinha tirado da mala da Lina quando ela veio ao enterro (para o que desse e viesse), a bruxa decidiu que esta se tinha protegido com uma força muito poderosa. Um mago francês de quem ela era, aliás, amiga pessoal – o Sr. Faty Kandura. Tinham um pacto. Mas, de qualquer forma, também isso não ia resolver nada. Importava era influenciar a velha. E isso era fácil. Eles prometeram que lhe pagavam 30 contos de réis se lhes dissesse como.

Bem. Bastava que a Deolinda se convencesse de que a alma do velho estava em penas e que era preciso restituir o que ele roubara, tendo prometido falsamente – não faziam nada de errado, porque quem tinha mentido eram eles. Uma vez pensado, o plano desenrolou-se naturalmente. Começaram a ouvir-se barulhos de noite. Uma manhã apareceu uma pedra da calçada no meio da mesa da cozinha. Depois foi a vaca que começou a escoucear e de noite parecia que andava alguém com ela. A Rita passou a dormir na casa grande, porque a velha tinha medo. Depois ouviam-se correntes de ferro na calçada. Uma noite ouviu-se um grande berro e a Rita entrou na cozinha toda a tremer. Trancou a porta e disse que tinha visto uma coisa que crescia na eira. Parecia assim um homem muito grande, mais alto que as árvores, que começou a andar para ela com uma voz chorosa, como que um pedinte. Ela até pareceu

reconhecer-lhe a voz, foi quando berrou. «E quem seria?», queria saber a Deolinda. Ai, mas isso a Rita não quis dizer, que é coisa muito séria. Tinha medo.

Só que a Lina, em França, soube do que se passava quase logo que os barulhos começaram. O Zé andava muito interessado pela Fina da Brava. Se a Rita soubesse, matava-o. Mas ele era mais novo que ela e fazia planos de que a Rita não constava. Para casamento, está visto, ela não lhe servia. Uma noite combinou encontrar-se com a Fina no terreiro da casa dela, por trás da moreia, quando fosse dar a lavagem aos porcos depois da ceia. Vinha partido de riso. Tinha um cadeado dentro de um cesto. Para que era aquilo? «Dou-te um beijo se me contares», etc. De presente em presente a Fina roubou-lhe o segredo. Ela era sobrinha e afilhada do Berto, tinha duas razões pelo menos para não gostar da Rita. O lorpa do Zé é que não viu que também se lixava ele.

Entretanto, a Deolinda andava perdida de medo, foi preciso chamar a bruxa. Tiveram de lhe pagar uma dezena de contos – dizia que para se deslocar perdia clientela em casa. Ainda assim era por especial favor, porque num dia normal fazia muito mais que isso, assegurava ela. Era uma quinta-feira de manhã quando ela e o marido apareceram. Deitou as cartas e concluiu que aquilo não era feitiço, que era outra coisa. Andou pela casa, dizendo que onde houvesse coisa má lhe davam dores de cabeça. Quando chegou ao quarto onde o casal dormira, parou e pôs-se a olhar para o lado de fora da cama, que era onde o Domingos tinha morrido. Dizia que aqui havia coisa, sentia uma presença. Parecia um peso sobre a cama.

A conclusão geral era que se tratava de alguma alma que queria falar. Fecharam-se as janelas e as portadas. O marido da entendida trouxe umas velas que deitavam um cheirinho. Ela cobriu-se com uns panos pretos e começou a recitar umas coisas em latim. Estavam sentados em cadeiras em torno do lugar na cama onde o Domingos expirara. O quarto era minúsculo, estava um calor enorme. Fez-se silêncio, no fim do qual a mulher deu um grande arrotto, depois outro, depois a cara contorceu-se toda («apre, Jesus», pensou a Rita, «se não parece a

cara do falecido, Deus o tenha com ele.») e começou a falar com voz de homem:

– Ai, Aiiii. Num me deixem aqui. Eu desespeeer’. Por favor, ajudem-me.

A velha deu um berro: «Domingos!!» E caiu redonda. O desmaio da Deolinda foi sinal para acabar o teatro. Abriram-se logo as portas e janelas, apagaram-se as velas, escondeu-se o pano preto. Até o homem da bruxa desapareceu. Quando a velha abriu os olhos, estava deitada no quarto arejado e cheio de luz, com a Rita a segurar-lhe a mão.

Dizia a bruxa que para resolver bem o caso era preciso ir ao cemitério, só lá é que ele falaria. Marcaram para a semana seguinte. Ainda lhes deram de jantar antes de partirem. A Rita foi levá-los ao carro.

– Ó senhora, aquilo era mesmo a voz dele. Como é que bomecê fez isso? E será verdade, estará ele mesmo em penas, o infeliz? – Foi então que se apercebeu de que ainda tinha carinho por ele, apesar do que lhe fizera.

A bruxa virou-se para ela com um sorrizinho matreiro, mas quando viu a cara da Rita ficou séria, deu-lhe uma pancadinha no ombro, meteu-se no carro e disse ao tipo para se porem a andar. Ainda abriu a janela para dizer: «Até quinta da próxima semana, no cemitério, às 11 e meia em ponto. Ouviu?» A Rita fez que sim. A partir desse momento nunca mais duvidou de que tivesse sido a velha quem enganara o Domingos. Dali para diante acreditou sempre que ele estava em penas por causa da promessa quebrada. Todas as noites reza um padre-nosso e uma ave-maria pela alma dele.

Não tinha contado é com o Zé, que, com 20 anos, ainda era miúdo. Estava numa excitação incontrolável. Teve mesmo de contar tudo à Fina, senão arrebetava. Esta, por sua vez, disse à mãe, que telefonou à Lina, que meteu um atestado na fábrica onde trabalhava (tinha um problema de espinha) e apareceu em casa delas na noite de terça-feira. Estava a dormir em casa da irmã, numa freguesia do concelho vizinho, e só saía à noite para que não a vissem. Já tinha falado à Guarda e estava tudo a postos para a noite de quinta-feira.

Quarta à noite o Zé ia morrendo de susto. Ao sair da cozinha, depois da ceia, deu de caras com o homem da bruxa, escondido por detrás do espigueiro.

– Anda d’áí que eu preciso da tua ajuda. Traz uma enxada pequena e uma picareta e não deixes que te vejam.

O moço obedeceu, meteram as ferramentas na mala do carro, onde estavam já uns metros de mangueira, e foram estacionar por detrás do cemitério. Escusado era dizer que o Zé estava transido de medo. Felizmente, o à-vontade do outro era tal que inspirava confiança. Fizeram um furo na parede do fundo do cemitério, onde tinha caído uma pedra mesmo à superfície da terra. Passaram por ali a mangueira, que depois enterraram no saibro do cemitério até o bucal ficar por debaixo do jarro de flores que a Deolinda mantinha sempre frescas na campa. Cortaram rente os extremos e cobriram a saída para fora com uma pedra. Antes de o deixar sair do carro o homem agarrou o braço do Zé com força e disse, com uma voz calma e impassível, sem virar a cara para ele:

– Se tu dás à língua sobre o que a gente fez, nem que seja um pedacinho, corto-te o pescoço. Tu és um tipo simpático, não havia de gostar de ter que mandar cá um amigo. Mas tu é que sabes...

Esta parte, o Zé nunca contou a ninguém. Quando lhe perguntavam durante o julgamento sobre quem pusera a mangueira, calava-se.

Na quinta à noite reuniram-se todos às 11 e meia à porta do cemitério. A bruxa disse que o marido tinha querido ficar no carro, que estas coisas o incomodavam. Reuniram-se em torno da campa, a mulher acendeu uns pauzinhos de incenso e começou as rezas. Quando bateram as 12 no sino da igreja ouviu-se «uuuuhhhhhhh...». Estarreceram todas. Eram uns grunhidos de voz de homem, uma coisa distante. Em seguida a campa começou a falar distintamente. Era ali e o som vinha da campa, sobre isso não havia dúvidas. Dizia: «Duliiiiinda, Duuliiiiinda, mulheeer. Cometeeeemos um graaaand’ pecaadaad’. Salba-m’aaaaalma. Salba-m’aaaaalma, mulheeer. Dááá Rit’ó que lhe deeeeeeves. Dáaa...» A voz foi interrompida repentinamente.



Para encurtar, basta dizer que, salvo a Deolinda e a Lina, dormiram todos na choça. Ainda lá estavam quando a Sãozinha os ouviu a desculparem-se no tribunal. A Rita explicava ao juiz que, na verdade, tinha ido pedir à bruxa que a ajudasse, mas a causa era justa e o pobre do Domingos estava lá no céu a sofrer por causa dessas duas invejosas. Quem não acreditou que ela estivesse a falar a sério foi o juiz.

Não pense o leitor que a Deolinda e a Rita são casos de especial credulidade ou duplicidade. Pelo contrário. Não se pode viver no Alto Minho mais que uns dias sem acabar por dar com bruxas, almas e demónios. Tudo são acusações e contra-acusações, visões e pressentimentos, achaques e remédios. Parece que os ventos húmidos que trazem a verdura também trazem macaquinhos para as cabeças das pessoas. Há os que dizem que acreditam, os que dizem que acreditam assim-assim, os que dizem que acreditam pouco, os que afirmam acreditar dependendo da bruxa, os que dizem que não acreditam, os que mantêm que é tudo mentira e, finalmente, há os que insistem veementemente que odeiam essas porcarias. Uma coisa é certa, falam todos e constantemente de bruxarias e bruxedos e é raro o que não tenha já ido à consulta. Aliás, a instrumentalização da crença não a torna menos genuína. O melhor conselho que tenho a dar a quem se interesse pelo tema é que se arme da certeza de que nunca terá certeza nenhuma.

Até o Cunha, sempre irónico e mordaz quando desses temas se tratava, acabou ao fim de uns anos por me confessar que a mulher o tinha conseguido levar pelo menos uma vez. Fazia chacota, mas, quando os filhos encontraram no canto de um campo seu um caco de louça branca com umas ervas dentro, coberto com um paninho preto, mandou queimar aquilo tudo e não ficou nada satisfeito. Entretanto, ia brincando com a sua audiência teatral à custa da credulidade humana. A Sãozinha, a Mercedes, a Toninha dos Vigários, todas elas muito dadas a bruxedos, lembram-se com gosto da peça que ele escreveu, chamada «Mariana, Bruxa Feiticeira», da qual mais tarde fez uma versão «séria» intitulada «Enxota-Diabos». Aqui deixo um extracto.

A bruxa queixa-se:

– Que tempos desgraçados, mal se ganha para contribuições e impostos. Depois, a guerra que me fazem! Primeiro é o abade. Há uns poucos domingos que me não larga. Lá com as tretas dele vai-me afastando a freguesia. Segundo é o médico. Aquele malvado não me pode ver porque lhe tiro a freguesia. Terceiro é o regedor, a ameaçar-me com prisão e que me mete quinze dias no casôto a pão e água. Anda isto assim, comemor-nos uns aos outros.

– Ó Chiquinho – continua ela para o assistente –, olha, vai ali dentro e traz-me de lá alecrim, terra benta, palhas alhas e patas de sapo. A crise agora é grande, os diabos são muitos e a água-benta é pouca.

Entra uma vizinha a queixar-se:

– Olhe, Tia Mariana, lá em casa vai tudo mal. São as galinhas de bico aberto horas e horas, os filhos cada vez mais magritos fogem à vista, a filha mais velha vê sombras e fantasmas ao toque das Trindades. Mas ainda mais. Tenho lá uma porquinha que estava prenhinha e há três dias que começou a parir e ainda não acabou. Acho que já é parir de mais. Já não chega uma teta para cada três.

– Ora bem, nós imos remediar o mal. Você não me trouxe nada da porca?

– Pois não, que ainda não a matei.

– Ó Chiquinho, vai depressa, traz-me a caçarola das brasas. Olhe, minha amiga, os seus assuntos são muito sérios, mas nós vamos resolver tudo. Mas você tem de pagar o preciso porque é muito trabalhoso.

– Eu pago, eu pago...

E por aí fora. Quando se inaugurou a peça, toda a freguesia se entusiasmou, riram-se todos imenso. Mas riam-se de si próprios, porque ao mais pequeno infortúnio ou incerteza assumem logo o papel do papalvo da peça.

A história da Deolinda e da Rita merecia ser contada, não acha? Merecia, eu sei. Só que o prazer que tive a contá-la paguei-o com a mentira. E a mentira não está só em inventar coisas, tais como os pensamentos do Domingos, que morreu, coitado,

muito antes de eu lá ter chegado. A mentira está também em ter posto tudo junto. Não era assim que as histórias, em geral, me chegavam: embrulhadinhas pela curiosidade mórbida da Sãozinha e pela curiosidade punitiva da justiça. Chegavam-me em farrapos, aos pedaços, peçazinhas que raramente se juntavam todas, *puzzles* sempre incompletos. Mas também não era assim que elas se passavam, porque, se elas me chegavam aos pedaços, era porque elas eram e serão sempre aos pedaços. Se, para o Domingos, a Rita tinha sido uma vítima dos seus apetites, para ela as coisas eram diferentes. Tudo depende de emoções e associações, que podem ser as menos esperadas. Digamos, por exemplo, que não contei ao leitor que a Rita estivera presente, com 8 anos, quando uma tia fora seduzida por um vizinho. Assistira a todo o drama social, que acabara com a tia em França, donde agora voltava de vez em quando, toda apinocada. Por conseguinte, tinha agora ganas de repetir a cena. Ela também queria ser uma senhorinha como a tia.

Outra suposição: e se a Deolinda tivesse sabido muito bem o que se passava entre eles, preferindo ficar calada? Imaginemos o seguinte cenário: o velho teria andado desinteressado, o que doía à mulher, mas desde que a Rita lhe dera nova vida ele passara a cumprir os deveres matrimoniais com muito mais regularidade e interesse. Assim, o que traiu a Deolinda não foi a cupidez da Rita, mas a sua própria sovinice, que não lhe permitiu pagar o que, de verdade, era devido à moça pelo contrato sem palavras que os unira durante todos estes anos.

Nunca ninguém sabe o que os outros pensam nem o que os outros vêem, ouvem e sentem. Outro exemplo: que se terá passado no Carnal? Lembra-se o leitor da casa onde antes se dava sopa e guarida aos pobres, de que já lhe falei de passagem? Comecei a ouvir indícios de que as coisas por lá andavam mal nos princípios da minha segunda estada, quando levei comigo a Ruth. Uma manhã de domingo a Lúcia, a filha mais nova da Sãozinha, apareceu-nos ao pé da escada da varanda. A Sãozinha tinha-a mandado para nos convidar a comer com elas. Aceitei sem grandes rodeios, em casa delas comia-se sempre bem.

Sentámo-nos todos à mesa. Eu em frente ao Lopes, a Ruth ao meu lado, em frente à Sãozinha, e as raparigas no resto da mesa, que era comprida. O filho estava na América na altura. Perguntei-lhes que barulhos eram aqueles na casa da Celeste, que nos tinham acordado a meio da noite. O Lopes, sempre irónico nestes assuntos, respondeu que os diabretes andavam à solta. Que aquilo era uma gente sem vergonha, que tinham chamado um bruxo. Todos se riam – o mal não era com eles e a Celeste era notoriamente dada a exageros. Mas a Sãozinha, ainda assim, ia-nos prevenindo de que com essas coisas não se brinca. Não me quis contar mais porque o marido fazia chacota. Mas nessa tarde, depois da sesta, quando voltei para lhes entregar um sachinho que tinha levado comigo para enterrar lixo, consegui que me contasse o que se passava. Quando acabou de falar da Celeste disse algo como o que se segue:

– Isso agora de demónios e coisas más anda aí muito. A gente nunca sabe, Joãozinho. Olhe, a Celeste é assim meio-tonta, como o Joãozinho a vê. Mas ele há coisas. Isso há. Veja o que aconteceu aos do Carnal, coitados!

– E o que foi, senhora?

– Então não ouviu? Parece que a Micas – a que se veio a casar lá de Fonte Seca – outro dia, quando ia à palha... eles têm uma meda naquela eira do Redondo, sabe?

– Não, nunca por lá andei.

– Olhe, também não perde nada, que aquilo ali em São Macário são todos uns atrasados, aquilo é um lugar mesmo sem jeito.

– E então?

– Ela ia à palha, assim ao fim do dia, e diz que viu uma coisa. Eu sei lá, seria o Inimigo! Voltou a casa, coitadinha, toda mijada, e a tremer, que até parecia que tinha febre, sabe?, e aos berros, que tinha visto uma coisa má, que era na eira do Redondo. O marido disse que não havia nada, que era impressão dela e quis levá-la lá. Mas qual quê. Pregou os pés ao chão e não saía de casa, e gritava, e gritava. Olhe, foi para ali uma cena que nem acredita. Ouvia-se pela freguesia toda.

– E que era?

– Bem, a gente é livre de pensar, não é? Sabe, ela é assim uma mulher muito... Mete-se em tudo, percebe?, assim meio-desatinada. Ora, ainda no ano passado faltava gente para a apanha da oliveira, ela meteu umas calças do homem e, pronto, trepava a tudo o que é árvore. Uma mulher não devia meter-se nessas coisas, sabe? É feio.

– Mas não teria sido isso que lhe fez ver coisas!

– Não sei, lá isso...

Não disse mais na altura porque não sabia. Aí uns quinze dias mais tarde, no entanto, ouvi outra referência, desta vez da Tininha dos Vigários. Queixava-se que a filha de 13 anos, coitadinha, não andava bem. Que sufocava de noite. Afigurava-se-lhe um homem, que lhe vinha apertar o garrote, e «berregava» a noite toda. Não tinha eu ouvido? Mas o meu quarto de dormir dava para o outro lado e, apesar de sermos vizinhos, não tinha ouvido nada. Ela afirmava não saber do que se tratava. Tinha-a levado ao médico, que lhe dera umas pastilhas, mas não deram resultado, está visto. Pensava que talvez fosse o malquerer aí de alguma vizinha e, se calhar, do que ela precisava era de ir consultar aí esse padre a que tinha ido a Micas dos do Carnal.



Não tinha eu sabido? Ela tinha ido um dia buscar palha e viu assim uma mulher, com uma cara horrível, ao lado da meda. Foi para casa e nunca mais ficou boa com um mal das costas, que não conseguia mexer-se. O marido disse logo:

– Lá terá sido essa maldita da minha mãe.

É que a mãe dele era uma bêbada, uma coisa desgraçada. Levaram a Micas ao padre de Caneças, que a pôs logo a falar. E é de acreditar, sim senhor, é bem verdade, essas coisas são mesmo assim. Então não tinha a Micas começado a falar com a voz da sogra? Até parecia mentira. Diz o Esteves, o taxista, que lá estava com eles, que era a própria voz da velha e que o filho a reconheceu logo, que até chorava.

É que é a eles ali, no Carnal, que lhes pertence de olhar pela capela do lugar – do S. Macário. Mas aquilo está ao abandono, é uma vergonha. A gente pergunta-se: e para onde irá o dinheiro das graças do santinho? É que ainda lá entra muito dinheiro, que o santinho é milagreiro e aquela gentinha ali tem muita devoção. Aquele dinheiro é para o santo, mas toda a gente sabe que a velha se emborrachava com ele. Pois se o marido não lhe dava as chaves da adega e não deixava nunca vinho em casa! Ora como ninguém lhe dava a fiar – o marido e o filho já não pagavam, e com razão, porque diziam que quem lhe desse era por maldade e que maldades não pagavam eles. Está visto que ela apanhou muita piela com o dinheiro do santo. E os santos não perdoam. Isso aí, quem semeia trovões colhe tempestades. Diz que a mulherzinha caiu no chão redonda quando o tal padre começou a fazer lá as rezas e que começou a falar com a voz da velha, a dizer que era por ter roubado o santo e que reparassem a capela, que é para ela poder seguir em paz o seu caminho.

Ouvi ainda uma terceira versão, contada pela D. Susana, a sogra do Nelinho do café. Tinha-a ela ouvido a um homem da freguesia ao lado.

– Então, Joãozinho, não ouviu já dizer que há demónios lá para os seus lados? – Da perspectiva da meia-de-baixo, onde ficava o café, a meia-de-cima era um todo indiviso. Em Souto, porém, consideravam S. Macário um lugar remoto.

Por fim, contou-me que o tipo que lhes fornece as cervejas tinha ouvido a história toda à filha da velha do Carnal, que se tinha ido casar a uma freguesia vizinha. A velha era uma borrachona. Já quando deu de mamar ao último filho andava de tal modo que mal o podia aguentar nos braços. O povo dizia que o marido lhe dava de beber para a afastar porque, enfim, ele e a filha entendiam-se. Bem, é o que se dizia, está claro, não é certo. Como sempre nestas coisas, havia mesmo quem jurasse que tinha visto os dois assim a modos de que ...

Agora a filha tinha dito ao homem das cervejas que, quando a mãe apareceu à cunhada ao lado da meda, ela tinha logo ido a uma bruxa em Vila Nova de Gaia. A bruxa tinha-se tomado lá do espírito da falecida e tinha começado a falar. A dizer que, se vinha cá a esta terra, era para redimir uma grande falta que deixara. Que não teria paz no outro mundo enquanto não limpasse o nome à filha. Que ela tinha espalhado vozes que a filha andava com o pai e era tudo mentira. Eram ciúmes que tinha porque era bêbeda e não podia olhar pela casa. Tinha ódio à filha, que, desde miudinha, tinha sido quem tinha feito tudo em casa e lhe tinha tirado o lugar. Segundo o informador da D. Susana, o espírito da velha estava de tal modo possuído pelo Demónio que não foi possível libertá-lo e tiveram de o deitar ao «mar coalhado».

Seja como for, muito tempo depois, numa daquelas visitas rápidas que eu fazia para ver o Cunha e entreter-me com a Sãozinha, nos últimos anos que por lá andei, fui informado que a mulher do Carnal já estava boa. Tinha passado muitos anos de cama com um mal de espinha (quem me contava isto era o irmão mais novo do Cunha, que tinha recentemente partido um braço). Então lembraram-se de a levar a um «pandôrco» (um endireita) que há ali para os lados de São Bento da Porta Aberta. O homenzinho fez-lhe uns tratamentos e é só vê-la, já anda e começa até a fazer quase todo o trabalho da casa. Quanto a ele, como o braço que partira lhe doía, mesmo depois da cura que o médico da Caixa fizera, convenceu o irmão a deixá-lo ir lá. O tipo deu-lhe um puxão — «ai que me deu uma guinada, que ia perdendo os sentidos» —, mas a ver-

dade é que lhe tirou as dores. (Mostrava-me como conseguia agora mexer bem o braço.)

Quanto aos do Carnal, coitados, cada um conta e/ou concebe da sua forma o que terá ocorrido. Uma coisa é certa: passaram uns maus bocados. Quem sabe até se a casa... Não dizem os vizinhos que aquela casa já tinha sina antigamente, que era por isso que tinham feito a promessa da capela e de lá irem os pobrezinhos? Mas não vou continuar, o leitor já terá percebido a ideia. Cada participante e cada relator tem o seu interesse, a sua concepção, a sua leitura. Se as acções dos actores se combinam de forma a criarem sequências dramáticas relativamente estruturadas, é porque partilham todos um *stock* comum e bastante limitado de instrumentos de representação.

E a si, leitor, que lhe dizem estas coisas? Agora que se vê por aí tanta publicidade à Costa Verde, ao turismo de habitação, mais dia, menos dia, ainda irá passar uma semana de Verão ao Alto Minho. Eu, por mim, não poderia aconselhar nada de melhor. O Minho no Verão é o mais próximo que conheço do paraíso. Quando o leitor sair uma manhã, sei lá, por exemplo, do Solar de Calheiros para dar um passeio pela encosta sobranceira ao vale do Lima... Digamos que é uma manhã de sol, só com uns farrapos de nuvens brancas, lá muito no alto e para norte, por cima de Paredes de Coura. O leitor dormiu bem e sente-se rejuvenescido. Em geral, é esse o efeito nas nossas complexões fatigadas e moles de cidadãos do ar puro e fresco e do sol das colinas. O caminho de terra esbranquiçada contrasta com o verde lindíssimo dos campos de milho e das latadas, sob a sombra matizada das quais o leitor se passeia lentamente. Digamos, para que não nos acusem de machismo, que o leitor é leitora. Enlaçada ao braço do seu marido ou namorado de ocasião, a passeata adquire aspectos românticos, que poderão dar alguma força ao meu exemplo. Param os dois um pouco lá mais abaixo, donde se vê outra vez a vila de Ponte de Lima e o rio que se espalha por entre areais, eles também invadidos por manchas de um verde riquíssimo. Em seguida, o caminho vira para a esquerda. Ao longe, a leitora dirige os olhos em direcção

a Ponte da Barca, que ainda não se vê daqui, pelo vale acima. No fundo, o vale é cortado por um avental amarelo. É a serra amarela, as giestas perto do Chão de Bilhares, onde ajudei a apanhar um enxame, lembra-se?

Só então repara em duas moças, gordas e fortes, agrestes, vestidas com roupas sintéticas garridas, que estão ali encostadas a um muro a bichanar qualquer coisa. Em frente delas, dentro de um nicho de granito de uma *naïveté* perfeitamente deliciosa, está um painel de oito azulejos também garridos e que a leitora considerará, sem dúvida, de um mau gosto atroz. Uma Senhora de Fátima, com as alminhas a saltitarem-lhe aos pés entre as chamas, como sardinhas na grelha. Que pena não terem lá deixado as alminhas pintadas sobre latão que ainda da última vez que por cá passara com o patife do namorado anterior tinha apreciado tanto. É tudo resultado da emigração, pensa. Na sua opinião, hoje em dia o mau gosto prolifera por todo o Minho. Mas, apesar disso, aquelas alminhas continuam a ter para si algo de pitoresco, de romântico.

Então a leitora reparará que alguém deixou no nicho uma espiga de milho ainda verde e que a caixa das esmolas tem lá dentro dinheiro. Quero que a leitora agora olhe para as moças e que lhe ocorra pensar qual delas terá lá deixado a espiga ou os tostões; que lhe ocorra pensar qual será o parente que anda por aí «em penas» e pela libertação do qual a moça rezou quando deixou a espiga. Quero que pense que, se calhar, ainda há poucos dias uma delas estava a falar com voz de homem, deitada no chão, com espuma nos cantos da boca, a berrar que era o avô dela que voltou porque tinha mexido uns marcos de terra. Teria sido a da esquerda, que tem assim uns olhos mais fugidios? A leitora apoia-se só um pouquinho mais ao braço do namorado. Mas muito também não, que ele poderá ler-lhe os pensamentos.

Quero que ele também não se sinta muito à vontade ao pensar que aquelas alminhas foram ali postas porque, há trinta anos, aquele lugar era ensombrado. Aparecia lá uma porca com bacorinhos e, quando se ia a apanhá-los, não havia nada, ouvia-se uma risada e a pessoa em causa ficava doente, que era pre-



ciso exorcizá-la senão morria de medo. Quero que, quando chegarem ao adro da igreja, se sintam um pouco preocupados com a velhinha simpática e risonha, encolhidinha e vestida de preto, que acaba de sair da missa com as faces rosadas da concentração que teve de despender quando, na ocasião do levantar da hóstia, rogou uma praga ao vizinho que agora está a cumprimentar, por ele lhe ter posto o feitiço que matara a sua única vaca logo quando ela estava prenhinha. Quero que saibam, ao passarem pela taberna, já depois do almoço delicioso que tomaram no restaurante do miradouro da Madalena, que, se o mesmo vizinho está a beber uns copos a mais com cara de poucos amigos ao balcão, não é porque seja envergonhado, mas porque está preocupado, pois sabe perfeitamente que a vizinha deu com o defumadouro que ele pôs para lhe fazer mal à vaca. Ela não lhe queria vender a cria só por raiva de o seu António lhe ter posto a filha prenha e não a ter casado. Claro, o rapaz tinha agido mal, mas é como o outro, que é que um homem faz quando elas se oferecem? Só que ele não contava que o raio do animal fosse parir aquelas coisas esquisitas e morresse assim logo. Bem esperava que isto tudo não desse em nada, que para chatices já tinha ele suficientes.

É claro que, como nunca me passei perto do solar de Calheiros, não sei se existe tal caminho, tal nicho das alminhas, tal igreja ou tal taberna. Uma coisa sei: existe ali tal gente e ocorrem-lhe tais medos, tais terrores, tais loucuras, tais actos e tais pensamentos. Esse terror é o chão-de-pedra do misticismo minhoto. No Minho não há «capelinhas românticas», «imagens de santos de deliciosa inocência», «alminhas ingénuas», «crença simples e devota». No Minho há um misticismo profundo, aterrorizante e vivido no dia a dia, que rodeia as pessoas e dá sentido (o mais das vezes tétrico) às suas preces.

O pai da Celeste

Se alguém quiser saber «a verdade» sobre o que aconteceu à Celeste a propósito do pai dela, o melhor é não lhe perguntar, porque ela tem uma imaginação prodigiosa, não tem muito em que ocupar a mente e nunca conta uma história da mesma forma duas vezes seguidas. Seja como for, nem tudo se passou com ela; houve outros intervenientes. Aliás, uma parte importante da história não pôde ser narrada por ela na primeira pessoa porque, apesar de ser a actriz principal, era suposto não estar consciente. Recolhi este relato de um número surpreendentemente variado de fontes. Levou-me mesmo uns anos a perceber que os vários pedaços se relacionavam; que no fundo disto tudo estava a imaginação criadora de uma camponesa pobre e diabética que, não encontrando no seu dia a dia de fadiga e tédio outra forma para se entreter, foi construindo todo um edifício ficcional por meio do qual ia interpretando os males de que padecia: a memória dolorosa do desprezo do pai, a morte prematura da mãe, a diabetes, o tédio da vida rural, a pobreza e a falta de prestígio. Digam-se, de passagem, que muito conseguiu ela. É claro que não se curou da diabetes, mas obteve outros benefícios: entreteve-se a ela e a toda a família; resolveu muita da dor que a memória do pai lhe causava; e, não tendo conseguido adquirir propriamente prestígio, acabou por chamar sobre si a atenção de quase toda a freguesia. Quem sabe mesmo se um dia destes a Celeste não

transforma a sua «doença» em proveito próprio, tornando-se ela mesma uma médium. Bem capaz disso era ela e resolvia logo um outro problema: o da pobreza.

Mais uma vez, quero começar por preveni-los de que já contei esta história noutra local. Na altura não quis que pensassem que estava a ajudar um pouquinho. Portanto, descrevi-a em três curtos parágrafos, em termos secos e precisos. «Que grandíssima injustiça», pensava, enquanto ia escrevendo, «um tecido tão rico, uma estrutura tão cheia de possibilidades, e eu a tratá-la em linguagem de cientista, como que a matá-la.» Desta vez, no entanto, posso mandar passear a «verdade positiva», pois não temos aqui utilidade para ela. Posso contar a história como ela merece ser contada. Se não conseguir fazê-lo, acreditem que a culpa é toda minha, e não da Celeste, porque a mim e aos vizinhos de Paço ela não teve a mínima dificuldade em entreter.

Antes de começar, porém, queria relatar o que a Celeste me disse um dia em que a trazia de carro da vila, onde ela tinha ido ao centro de saúde consultar o médico. Habituada a falar em recintos abertos, a Celeste berrava mais do que propriamente falava. Em tempos, dizem, foi bonita. Hoje é uma mulher gorda, forte, de meia altura, com um sorriso pronto, do género alarve mas bondoso. Sentou-se atrás e debruçou-se sobre o assento da frente para que eu e a Ruth a ouvíssemos melhor. Podíamos não ter compreendido, mas não podíamos ter deixado de ouvir. Disse-me ela que o médico lhe tinha explicado que sofria de «diabetes» e que muita razão tinha ele, porque eram diabinhos pequeninos que lhe estavam a comer o corpo; bem os sentia ela. Eu conto isto, não para mostrar que a Celeste era destituída de toda e qualquer educação formal (o que é um facto, apesar de ter andado na escola), mas para mostrar como até as correspondências mais inocentes podem ser usadas como meio de construção de significado quando há necessidade para isso. Neste caso, é importante perceber-se que as fronteiras entre as diferentes fontes de infortúnio não são estanques. Ela tinha uma «doença de médico» e era perseguida por almas penadas, mas o Inimigo nunca andava muito longe.



Se o que as almas revelaram à Celeste é verdade, a cena que vou agora descrever passou-se num dos piores períodos pelos quais os habitantes do Alto Minho passaram na sua história recente – os anos 40. Não havia emprego em parte nenhuma, o «jornal» (salário agrícola) era pago a uma ninharia, porque havia muito quem trabalhasse só pela comida; os produtos da terra eram pagos ao produtor a preços baixíssimos; o crédito era extorsionário; já desde os anos 30 que não havia para onde emigrar, toda aquela gente nova estava para ali a passar fome, sem saber que fazer da vida; e não havia terra para dar de comer a todos.

No casebre dos Sousa as coisas não iam melhor, pelo contrário. Em 1943 tinha-lhes nascido uma filha, a última de quatro. Chamaram-lhe Celeste. Os pequenos cresciam. Por pouco que se lhes desse de comer, não era justo que passassem fome – o pior é que estavam naquela idade em que ainda não ganhavam sequer para comer. Só agora o mais velho, com 9 anitos, tinha começado a aliviar a carga; trabalhava para o Cerqueira pela comida – o que já não era mau, que lá não se passava fome, como em casa dos pais dele. Os Sousa viviam mesmo no centro do lugar e bem viam que não eram os únicos a sofrer. Até o Nelo Brasileiro, que tantos contos tinha na gaveta, fazia os filhos trabalhar de sol a sol e só comiam carne de vaca na Páscoa. Para os Sousa isso era inacessível. Comiam uma sardinhita de vez em quando; quando os da Torna faziam a matança, lá lhes levavam uns pedacitos de porco para fazer enchido, que depois punham no caldo dos miúdos, e pelo Natal e pela Páscoa comiam um rabo de bacalhau.

O sustento vinha-lhes sobretudo de umas leiras que a mulher tinha herdado perto do lugar. Eram três leiras jeitosas que davam milho, vinho e castanhas e tinham boa água. A de cima partia com umas terras do Matos. Estávamos em tempo de «bessadas» (as lavradas) e o Matos já as tinha feito. O Sousa estava agora a acabar as dele. Para o grosso da terra, ele tinha pedido ajuda a vizinhos, mas hoje só faltava fazer as bermas e, como as terras eram pequenas, fazia ele isso sozinho. Ele e o Barrumão tinham cada um uma vaca e faziam uma parelha com as duas – esta semana

estavam com ele, amanhã iriam para as terras do parceiro, que sempre eram maiores. Na altura, as terras eram lavradas mesmo até às bermas. Qualquer cantinho de terra contava; sempre eram mais quatro ou cinco espigas, o que, bem vistas as coisas, era mais um dia de consumo de pão-milho lá em casa.

O sol tinha-se posto há muito, a luz já começava mesmo a faltar. Estava tudo terminado. O Sousa olhou orgulhoso para o campo com a terra levantada, ainda escura nas partes que já não tinham apanhado sol, mas seca e solta onde a bessada tinha sido feita há mais tempo. Trabalho bem feito. «Se Deus quiser, este ano passaremos menos fome que no que lá vai» – e bem difícil tinha sido, com aquelas chuvadas de Julho a estragarem o milho todo. Entre a leira do Sousa e a do vizinho não havia nem sequer um centímetro de terra por lavar, a divisão era visível só por virtude dos marcos: três pedras enterradas pelo bisavô do Matos e da mulher do Sousa quando tinham feito as partilhas e dividido o campo pelos filhos. Terra era coisa que não lhe tinha faltado, ao velho. Eram outros tempos!

Foi então que o Diabinho lhe falou à orelha. E se ele mexesse os marcos e depois passasse o arado por cima? Quem é que havia de saber que a terra não era dele? Não havia sequer registo das partilhas, estava tudo em nome do velho! As partilhas que se iam fazendo eram todas informais. Assim dava-se menos de comer aos tipos da vila.



Verificou que ninguém estava por perto, mexeu os marcos para o rego seguinte e passou o arado por cima para arranjar a terra. Não havia maneira de ser descoberto. Ia a meter-se ao caminho quando deu com o filho mais velho, que lhe trazia um pedaço de broa, uma cebola e uma caneca de vinho. Prendeu as vacas, sentou-se numa pedra e comeu e bebeu em silêncio. Pareceu-lhe que o miúdo tinha um sorriso matreiro nos lábios.

– Viste?

– Vi sim, meu pai.

– Olha que é por causa da fome que tu e os teus irmãos passaram este ano!

– Eu sei.

– Mais alguém terá visto?

– Não senhor, que eu fui ali por cima do que é da Tina para ver se estava lá alguém.

– Fizeste bem. E agora em casa não quero palavra, estás a ouvir?

– Sim senhor.

– Que isto de mulheres não se pode confiar nelas, não têm tento na língua. Estás a ouvir?

– Estou, sim senhor.

No ano seguinte repetiu-se a mesma cena. Desta vez o miúdo já era mais crescido e tinha ficado com o pai para o ajudar com o gado. Ainda o quis mandar embora, mas o moço fez que não percebeu e voltou a tempo. Ao lusco-fusco diz o pai, envergonhado:

– Sobe então à bouça da Tina a ver se vem gente.

O pão dos Sousa aumentou outra vez mais um pedacito esse ano.

Mas as coisas começaram a pôr-se feias. O Matos desconfiava. Ao outro dia de manhã foi encontrá-lo lá com os da Eira a verificar os marcos.

– Então que se passa? – diz o Sousa, já com cara de poucos amigos.

– Estes marcos estão muitos soltos.

– Pois terá sido o arado que bateu neles.

– Tu lá sabes, ladrão! – respondeu o Matos.



Não fosse o Zé da Eira ter afastado o cabo da enxada com a mão, o Matos tinha ficado com a cabeça em bocados da paulada que o Sousa lhe dirigiu. Foi preciso afastá-los à força, que se matavam. Nunca mais se falaram e até à morte do Matos, muitos anos depois, as duas famílias estiveram de relações cortadas.

Quando a Celeste tinha 12 anos, a mãe morreu de pneumonia. Ficaram todos muito desamparados; não fosse ela ter assumido o governo da casa, que teria sido daqueles homens? Felizmente, conforme a década de 50 ia avançando, as coisas foram melhorando. Começou a emigração clandestina para a França. O irmão mais velho foi o primeiro a dar o salto, logo depois de ter voltado da tropa. Foi a pé com mais dois de Paço que já conheciam o caminho. Ainda arranjou trabalho em Espanha por uns tempos e, finalmente, acabou em Paris. Uns anos depois seguiram-no os outros irmãos. Ficou a Celeste em casa, a olhar pelo velhote e a cuidar das terras.

Por fim, ela casou-se com o Tôno Monteiro, um vizinho que trabalhava com os irmãos em Paris. Não fosse a insistência dos irmãos com o pai, não tinha mesmo casado, porque o pai dizia que ela não podia olhar por ele se se casasse; ia ter filhos e ele é que ia sofrer.

Com a ajuda do marido conseguiram até sair do casebre em que viviam. Passaram a usá-lo como corte e fizeram uma casa de cimento ao lado da estrada. Coisa de pouca monta, mas sempre era menos fria e miserável. A Celeste andou muito tempo magoada com a atitude do velho para com o seu casamento, mas sobretudo o que ela nunca perdoou foi a atitude do pai quando este se decidiu a fazer partilhas. Principiou por dizer que quem decidia a divisão era ele e que, se algum deles disputasse a sua decisão, que dava a terça dele e a parte que herdara da terça da mulher aos outros. Era em Agosto e estavam os irmãos todos de retorno da França – a atmosfera começou logo a azedar-se. A parte mais importante da herança era a leira que dava com os terrenos dos do Matos. A Celeste, que tinha olhado sempre pelo velho, pensava que seria beneficiada. Disse logo que os irmãos teriam de perceber que ela não os

poderia compensar imediatamente pelo que lhes cabia do valor das terras, mas que, com o que o Tônio ia ganhando em França, lhes pagaria em poucos anos. Responde o irmão mais velho:

– Isso depois veremos.

Logo naquela noite, depois da ceia, o irmão pediu ao pai para irem dar um passeio. Queria falar com ele. No dia seguinte o Cunha veio fazer a louvação. O Sousa chamou-o à parte e disse-lhe que fizesse os lotes como muito bem lhe apetiesse, com a condição de que o filho mais velho levasse indivisa a leira em questão. Se fosse preciso compensar os outros, deixava-lhe a terça. Se mesmo assim não chegasse, tirava-se da parte da Celeste, que a terra onde ela tinha construído a casa nunca tinha sido paga.



O Cunha disse-me que fez tudo o que pôde para demover o Sousa. Explicou-lhe a injustiça para com a filha e ameaçou-o de recusar-se a fazer a louvação, mas o velho insistiu em que quem era o dono era ele e que mandaria vir outro louvado, em vez dele, se não fizesse o que ele queria. Não se mudava nada. Segundo ele, não devia nada à filha. Ela não tinha feito mais que a sua obrigação. De qualquer forma, desde que ela se tinha casado, deixara de o tratar como ele merecia.

A partir daí, a Celeste nunca mais chamou pai ao velho. Davalhe de comer o caldo todos os dias, mas era com repugnân-

cia e porque o marido lhe tinha feito ver que, mesmo assim, o velho ainda estava em condições de os fazer pagar pelo terreno em que tinham construído a casa. Quando ele teve de ir para o hospital com um cancro da próstata, foi um alívio para ela. Por fim, os médicos deram-no por perdido. Como ele insistisse que gostava de morrer na terra, trouxeram-no de volta. Disseram que teria, no máximo, dois dias de vida. Mandou-se logo mensagem aos irmãos para virem de França e o padre foi fazer a extrema-unção.

A parte que se segue foi-me contada pelo padre. Ao sair de casa da Celeste, o Sr. Reitor virou-se para a filha e disse: «Não lhe dêem mais nada de beber ou comer que não seja sumo de limão com muita água e açúcar.» Pensou que mais mal do que ele já estava não era possível e podia ser que ainda lhe fizesse bem. O padre é muito crente em medicinas tradicionais e em herbalistas – trata tudo lá na residência com chás e mezinhas, do que muito se queixa a irmã às comadres. Até já tirou um «curso» sobre isso em Braga.

O que deixou toda a gente espantada é que o velho começou a sentir-se melhor desde a primeira vez que lhe deram a limonada. No dia seguinte, quando o padre o foi visitar, já estava melhorzinho. Depois estabilizou, nem bem, nem mal. Os dias passaram e as lágrimas dos filhos foram secando; tornou-se aquilo uma espera silenciosa e irritadiça. Telefonaram para o hospital para o levarem de volta, mas receberam a resposta de que já não havia nada que eles pudessem fazer: se o velho não morria, tanto melhor.

As partilhas mal feitas eram como que um veneno entre eles. O irmão mais velho, que tinha sempre sido o preferido do pai, dizia que não tinha nada a ver com a questão, que a decisão tinha sido do velho e estava tomada; os outros diziam que a Celeste devia mas era pagar ainda o dinheiro correspondente ao terreno da casa para os compensar. Ela, é claro, que ficara sem terra agrícola, perguntava como é que eles, que estavam tão ricos em França, tinham coragem de deixar uma mulher sem uma horta sequer para dar de comer aos filhos. Ao que as cunhadas respondiam que, se o marido dela não tinha feito

tanto dinheiro como os delas, era porque era um tonto e não era culpa delas que a Celeste tivesse escolhido mal.

Puseram-se todos a discutir aos gritos. O Sousa, que queria paz, tê-los-ia ainda calado se não fosse o filho mais velho responder-lhe:

– E você, meu pai, não morre?

Nessa tarde, quando o padre lá chegou, estava a casa cheia de vizinhos. Tinha sido preciso chamá-los porque os irmãos e os cunhados tinham-se metido todos ao murro por causa de uma cabra, que a Celeste dizia que era dela e eles achavam que era do pai. A partir dessa noite, o Sousa nunca mais pronunciou uma palavra, nunca mais aceitou fosse o que fosse de comida ou bebida. Finalmente, morreu ao fim de três dias.

Depois da morte do pai, o marido da Celeste já não voltou à França. A verdade é que nunca tinha conseguido fazer muito dinheiro por lá. Como agora já não tinham terras, como haveria ela de dar de comer aos filhitos? Fizeram-se caseiros de uma quinta dos herdeiros do Barrumão, que estavam emigrados, e de umas terras da Sãozinha. O Tôno trabalhava na «arte» para um empreiteiro da freguesia vizinha e ajudava a Celeste no trabalho da terra quando era necessário. Entretanto, já iam no quinto filho.

Foi depois do nascimento deste que as coisas começaram a dar para o torto. A Celeste desleixava o arranjo da casa. O marido e os filhos andavam sujíssimos, porque ela não tinha vontade de lavar roupa. Sentia-se mal e perdia o apetite. Houve noites em que nem sequer lhe apeteceu pensar em dar-lhes de comer. Metia-se na cama a meio da tarde e ficava para lá, nem adormecida, nem acordada. Quando o marido chegava do trabalho, tinha de ser ele, com a filhita de 10 anos, a fazer o caldo para o resto do bando. A princípio chegou mesmo a zangar-se. Depois deixou de protestar, porque sabia que aquilo era doença que ela tinha.

Alguma coisa se estava a passar. Andavam todos num estado miserável. Os filhos estavam amedrados, sujos e maltratados; o pai desesperava de ter uma vida decente, tudo lhe corria mal; a mãe sentia-se muito doente e deprimida. Uma tarde a Celeste

entrou pelo terreiro da Sãozinha adentro num estado de terror e excitação nervosa que fazia pena ver.

– Ai, Sãozinha. Jesus, Maria, José! Ai, Sãozinha, que me passaram a mão pelo cu ali no monte do Rosário. Ai, meu Deus. Ai, meu Deus!

A vizinha não percebia o que se passava.

– Mas então, mulher, se foi só isso, não é grave. Acalma-te, caralho! E quem te fez isso, afinal? Diz lá, quem foi?

Por fim, consegui acalmá-la. O que assustava a Celeste é que não tinha visto ninguém. Estava sozinha a cortar erva no meio de uma leirita que para lá têm e, de repente, sentiu que lhe apalavam o rabo. Virou-se logo para dar um bofetão, mas nada... não estava lá ninguém. Ficou muito assustada, mas continuou. Da segunda vez, no entanto, até lhe pareceu que lhe levantavam as saias. Deu-se de um terror irreprimível e correu, pernas-para-que-te-queiro, até encontrar alguém.

A partir desse dia, os «fenómenos» reproduziram-se com mais frequência. Por várias vezes a Celeste sentia que lhe agarravam o braço ou que lhe tocavam, apesar de não estar ninguém perto. Até já nem gostava de andar sozinha. Sentia outras vezes um formigueiro por todo o corpo – mais tarde explicava estas sensações como sendo «os diabetes». De noite passavam-se coisas estranhas naquela casa. Uma noite ela e o marido acordaram com a cabeceira da cama a bater violentamente contra a parede. Ouvia-se por toda a casa, os miuditos choravam de medo. Mal o Tõno acendia a luz, parava tudo; logo que a voltava a apagar, a cama começava outra vez a bater, primeiro devagar e depois com crescente violência. O cãozito que tinham ladrava desalmadamente. Nessa noite ninguém dormiu com o susto.

Uma manhã, quando ela e o marido se levantaram, encontraram o filhito mais novo, que não tinha ainda feito um ano, deitado no meio do terreiro. Dormia descansado, embrulhado num cobertor, com as galinhas a debicarem à sua volta. Nunca conseguiram averiguar quem é que o pôs lá porque a criança não sabia ainda andar.

Finalmente, a crise chegou quando um dia, ao pôr-do-sol, a filha mais velha, que por essa altura já tinha 12 anos, viu um



homem à porta da «loja» (os arrumos do andar térreo). Havia uma moreia de palha de milho ao lado das escadas e, do outro lado, a porta da loja abria-se, escura. Via-se pouco para lá, porque os raios ténues do sol-poente que iluminavam as escadas eram bloqueados pela moreia. A moça ia buscar uma caneca de vinho para a ceia quando, de repente, soltou um berro assustador. O Tôno já ia a descer as escadas quando viu a filha no meio do terreiro, coberta de suores frios e a tremer:

– Ai, meu pai, ai, meu pai, que ele não tinha pernas nem cabeça. Atirou-se a mim, queria-me agarrar; ai qu’ele queria-me agarrar. Parecia que voava, que não tinha pernas nem cabeça.

O pai pegou nela, deu-lhe um abraço e perguntou se lhe tinham feito mal. Ela disse que não. Então levou-a para cima, carinhosamente. Sentou-a no banco da cozinha e queria ir buscar vinho para lhe dar, mas já não pôde. A Celeste, mal viu a filha, pôs-se logo a tremer e a gemer. Depois começou a ter convulsões, babava-se, rolava-se pelo chão como um cão raivoso. Ele deitou-lhe a mão, mas ela tentou mordê-lo. Os filhos berravam todos: assustados os mais velhos, esfomeados os mais novos. O Tôno não sabia o que fazer.

Acabou por ser a mais velha que ainda teve presença de espírito para chamar os vizinhos. Foram precisos três homens fortes para prender a Celeste a uma cadeira. Rolava a cabeça, gemia, espumava, até que caiu num sono profundo. Por fim, os vizinhos foram-se embora e levaram os miúdos mais pequenos. O Tôno, sentado nas escadas, chorava mansinho, de cansaço e confusão de espírito. Foi então que apareceu o patrão dele, o Manuel da Resteva. Tinha ouvido o que se passava e veio logo com uma garrafa de aguardente para ver se podia ajudar. O Tôno era o único empregado de confiança que lá tinha, não podia passar sem ele.

Sentaram-se à mesa e começaram a debater o caso. O Manuel já vinha com uma ideia fisgada. Como de costume, quem lhe dera a notícia foi o Esteves taxista, que, ao passar pelo lugar, tinha ouvido a gritaria. O Manuel sugeriu logo que fossem a um padre que ele sabia, que era muito santo e enxotava diabos. Vivia numa freguesia isolada de montanha, ali para os lados da

serra da Agra, era uma espécie de bruxo. Dizia-se muito bem dele. O dia seguinte era domingo e caía mesmo bem para essas coisas.

Quando saiu dali, o Manuel meteu-se na motorizada e foi logo a casa do Esteves para lhe dizer que estivesse no Tõno da Celeste pelas 6 da manhã do dia seguinte – sempre iam a ver o que o tal padre sabia fazer. Quem pagava o táxi era ele.

Ainda a névoa matinal pairava sobre os campos, vinda lá debaixo, do rio, e já iam eles a caminho. Quem me contou como isto se passou foi o Esteves, que gostava sempre de fazer propaganda aos seus serviços. A Celeste tinha dormido na cadeira em que a tinham preso os vizinhos. Quando a levantaram não se aguentava nas pernas, foi necessário levá-la a braços – o que não podia ter sido fácil, porque ela por essa altura estava bem gorda. Agora ia no carro ao lado do Tõno e falava para si de vez em quando, meio desatinada.

O táxi era um *Peugeot 404*, já velho e habituado àquelas estradas de montanha. Quando lá chegaram, depois de vários quilómetros por caminhos de terra que lembravam ao Esteves as picadas de Angola, onde aprendera a conduzir durante a guerra, o carro preto e verde estava coberto por uma espessa camada de terra amarelada. Era meio-dia e já lá se encontravam cinco «clientes» à espera. O padre era um homenzinho careca e franzino, vestido com uma batina velha e surrada, sobre a qual tinha uma sobrepeliz com as rendas rasgadas aqui e ali e uma estola de damasco remendada e manchada de gordura no pescoço. Nas mãos tinha um rosário de plástico transparente e um livro em latim – o *Missale Romanum*.

A igreja, de talha antiga, mas recentemente reconstruída, mais parecia uma capela. Estava num canto do lugar, sem grande espaço em frente, e tinha uma torre sineira que era uma parede pouco mais alta que as casas de habitação. Por trás estava o cemitério, tão pequenino que até os visitantes de Paço sorriram ao olharem para dentro enquanto esperavam. Mas estava muito asseado, o que os impressionou bem.

Quando chegou a vez deles, a Celeste não quis entrar, berrava desalmadamente e chorava. O padre, à porta da igreja, ben-

zeu-se logo e insistiu com eles para que a trouxessem. Foi preciso levá-la a braços e forçá-la a ajoelhar-se em frente ao altar. O padre fez lá as rezas em latim, cantou umas coisas e depois benzeu-a. Ela, por fim, acalmou-se e parecia ter voltado a si. Ao saírem, o tipo disse ao Manuel que não lhe parecia que o que ela sofria fosse de possessão demoníaca; que agora estava melhor mas a coisa voltaria; que a levassem a uma dessas mulheres que percebe de almas do outro mundo.

De facto, a Celeste melhorou um pouco, mas continuava sem vontade de fazer fosse o que fosse; chorava muito. Levaram-na a um «corpo aberto» (médium) em Viana para ver se, afinal, sempre eram espíritos que a tinham possuído. Tiveram de esperar sentados num corredor. Logo ali ficaram apreensivos porque se ouviam dentro da sala uns barulhos horríveis e umas vozes estranhas. Por fim, entraram numa sala totalmente escura, com as paredes cobertas de panos pretos. Havia uma mesa em torno à qual se sentaram onde estava um candelabro



com duas velas. A sala tinha um forte cheiro a incenso indiano que ardia numa cómoda ao canto. A médium pôs as mãos sobre a Celeste e depois foi sentar-se numa cadeira ao fundo. Disse-lhes para fecharem os olhos e só os abrirem quando ela falasse.

O Tôno abriu os olhos porque ouviu uns grunhidos, como de um mudo. Na cadeira da médium estava agora sentada uma moça nova com o cabelo e o corpo cobertos por um pano preto. Olhava para a Celeste e grunhia, como que a tentar dizer qualquer coisa. O pano caiu sobre a cara da médium e eles esperaram. Pouco depois, quando se levantou outra vez, pareceu-lhes ver uma mulher de meia-idade que falava: «Minha filha, minha filha, como tens sofrido. Estou aqui para te proteger, meu anjo, que senão ele ainda te mata. Não deixes que te faça mal, olha que eu estou aqui por ti.» Voltou a cair o pano. A Celeste chorava copiosamente, dizendo que era a cara e a voz da mãe dela, chapadas. O pano levantou-se por uma terceira vez. Agora era um velho. Até o Tôno pareceu reconhecer a voz do raio do sogro. O que ele disse e a Celeste me reproduziu não vou escrevê-lo aqui porque eram tudo pragas e blasfêmias obscenas.

O marido da bruxa levou-os para fora da sala, dizendo que ela ficava muito cansada no fim destas possessões. Ao padre pouco mais tinham dado que uma esmola; aqui pagaram valentemente porque, como o homem dizia, a mulher tinha gasto muito tempo e esforço a aprender estas artes. De volta a Paço discutiram o que tinham visto. Sobre a mãe e o pai, a Celeste não tinha dúvidas. E a outra quem seria? Seria a Lurdinhas, a filha da Ruça, que era tão amiga dela em criança e morrera tão nova? De certeza ela tinha vindo protegê-la juntamente com a mãe. É que a gente pode ter muitas almas dentro de nós, achavam eles. Algumas são almas penadas, as outras são almas de pessoas que aceitam vir à Terra para proteger os que amam das almas que lhes querem fazer mal.

Como ela continuasse a sentir os formigueiros e andasse ainda muito deprimida, a Mercedes conseguiu convencê-la a ir ao centro de saúde e foi até com ela. Quando voltaram, a vizi-

nha vinha furiosa. Jurava que, com a Celeste, nunca mais ia a parte alguma; a mulher era uma tonta. Então não tinha ido contar a história toda em frente às enfermeiras e às outras pessoas que ali estavam? Até tinham ido chamar os médicos para virem ouvir e ela tinha repetido tudo segunda vez. Pois não sabia o que eles pensam dessas coisas?! Tinham todos feito chacota delas e o médico mais velho até disse: «Vocês são uns ingénuos, uns primitivos. Meu Deus, que falta de educação por aqui vai! Às vezes até me parece que estou outra vez em África!» Que vergonha! Era mesmo pedir que lhe chamassem parola!

Por esta altura a Celeste começou a sentir-se melhor, menos deprimida, apesar de os acontecimentos esquisitos continuarem de vez em quando a ocorrer. Uma noite a filha mais velha voltou a ver o homem sem pernas e cabeça; desta vez, no entanto, a Celeste não ficou tão afectada como da última.

Finalmente, por sugestão do Esteves taxista, decidiram-se a visitar outro bruxo, perto de Vila Real. Parece que era o mais poderoso nestas coisas de almas do outro mundo. Chamavam-lhe «Sr. Doutor» e ele afirmava ser um padre que tinha deixado o hábito. Dizia o Esteves que estava tão rico que até já tinha comprado um *Mercedes* e um prédio de apartamentos, sinal de que não lhe faltava clientela e de que fazia muitas curas. Para o Esteves, é claro, isto tudo era um negócio: as viagens longas de táxi são bem pagas. Aliás, ele próprio me confessou que, de vez em quando, mudava de bruxo, porque, «com estas coisas, a novidade também conta».

Saíram ainda de noite e chegaram a Vila Real a meio da manhã; a viagem foi cansativa porque aquelas estradas são terríveis. Era uma casa grande e nova. Estava já lá à porta muita gente, mas o Esteves foi dar uma palavra à senhora que recebia as pessoas e mandaram-nos entrar para um quatinho ao lado. Tiveram de esperar hora e meia. Durante esse tempo, um velhote que lá estava contou-lhes que tinha tido uma doença que o tinha deixado de cama por dois anos. Os médicos já tinham desesperado dele. Até que se decidiu a vir aqui ao Sr. Doutor, que o tinha curado num instante, eram espíritos demoníacos que o perseguiam. Agora vinha só acabar o tratamento.

Quando entraram para a sala de consultas foram recebidos por um homem alto, de meia-idade, forte mas magro, com uma cara vincada, autoritária e uma voz grossa. Primeiro pediu à «paciente» que explicasse do que sofria. A Celeste lá lhe relatou a história que já conhecemos, adicionando ainda que o médico lhe dissera que tinha diabetes.

– E terá, terá» –disse o bruxo. – É a história do costume, os médicos julgam que sabem tudo; não querem acreditar na existência de outras forças, mas depois não conseguem curar as pessoas e por isso é que, como vêem, mal tenho mãos a medir. Mas isto que a senhora tem precisa de ser exorcizado, é coisa de religião. Esperem um pouco, por favor.

Uns minutos depois a porta abriu-se e eles viram-no entrar vestido de padre: com batina, sobrepeliz, estola e um livrinho na mão. Disse-lhes que ia exorcizar os espíritos demoníacos que a perseguiram; que não resistisse às forças que passassem por ela. Começou então a rezar em latim, com a mão direita posta sobre a cabeça dela. A Celeste diz que não se lembra de mais nada; que foi o marido e o Esteves que, na viagem de retorno, lhe contaram tudo o que se passou. De repente caiu ao chão, redonda. Como da primeira vez, esperneava, espumava pela boca, gritava. A certa altura o padre sentou-se em cima dela para a aguentar com a ajuda dos outros dois e começou a puxar-lhe pela língua, dizendo que era o Demónio a querer matá-la, a querer que ela engolisse a língua para sufocar. Depois começou a dar-lhe bofetadas e a mandar que falasse, que dissesse quem era. A Celeste deu um grito e começou a falar com voz de homem. O marido diz que era a voz do sogro chapada e que se tomou de tal maneira do susto que mal se aguentou para não fugir. O espírito rogava pragas à Celeste, dizendo que a queria matar, que ela era uma puta, uma cabra, que por ela é que tinha morrido, que lhe queria fazer mal.

O bruxo perguntou-lhe então por que é que estava detido, que mal é que tinha feito para não ter seguido o seu caminho. Respondeu que, em vida, tinha movido marcos de terras, que agora só poderia seguir quando o roubo que fizera fosse reparado. Que perguntassem ao filho. Queria que o libertassem deste

martírio em que estava. O bruxo então disse uns exorcismos. Ele deu um grande berro e calou-se. Por esta altura, a Celeste encontrava-se estatelada no chão, a dormir profundamente.

Segundo o bruxo lhes explicou depois, aquilo só tinha solução final quando mudassem os marcos. Mesmo que ele nunca mais falasse pela Celeste, apareceria noutros parentes. Entretanto, a Celeste ficaria melhor e ele passaria lá em Paço dentro de uma semana para «limpar» a casa. Estava a planear uma viagem a Paredes de Coura para visitar um «paciente» e, à volta, passaria por casa deles.



Como é que a Celeste soube dos marcos? O irmão terá dado à língua em criança? Estou em crer que não porque, quando lhe foram pedir que mudasse os marcos, chamou quantos nomes soube à irmã, disse que ela era uma tonta e recusou-se a fazer o que lhe pediam. Será então que a acusação era injusta, que os marcos não tinham sido movidos? Mas, pelo que se passou de seguida, acho que tinham mesmo sido mudados.

Uns anos mais tarde, quando voltei a Paço só por um mês, reparei que uma casa nova perto do cemitério não estava habitada e tinha umas grandes cruces cavadas no chão do terreiro. Perguntei ao Cunha, que ia comigo no carro, que seria aquilo. Riu-se e disse que perguntasse à Celeste, não tinha andado eu tão interessado nas tontarias dela?

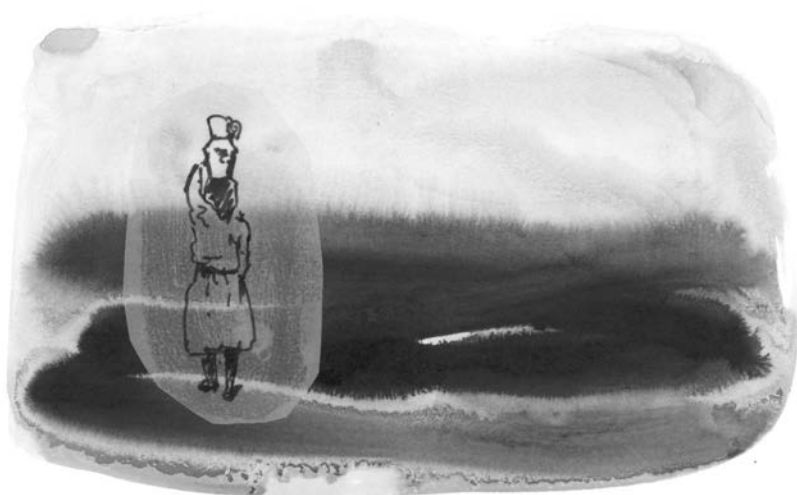
Perguntei. Em resumo, então: o irmão estava a pensar em reformar-se e voltar à terra. Tinha mandado fazer aquela casa e, há uns meses, a mulher veio de volta para a ocupar. Mas começaram-se a ouvir para lá uns barulhos que a deixavam amedrontada. Pediu à irmã dela que lhe fosse fazer companhia porque não conseguia dormir lá sozinha. Nessa mesma noite estavam as duas a comer a ceia quando se abriu uma porta e elas viram distintamente um vulto de um homem a chamar por elas. As portas da casa batiam e as vidraças tremiam. Encheram-se de tal medo que abandonaram a casa a correr e foram dormir para casa dos vizinhos. Juraram nunca mais lá pôr os pés até resolverem a situação.

O irmão da Celeste veio logo da França. A princípio ainda resistiu, mas, como também ele não teve coragem de dormir sozinho na casa, acabou por concordar que chamassem uma bruxa. Ela fez uma rezas e cavou aquelas cruces enormes que eu vi, escavadas no terreiro. Perguntou então se ali tinha havido fama de alma penada, na família dela ou na do marido. Palavra puxa palavra, acabaram por confessar a história do pai da Celeste. Segundo a bruxa, se não mudassem os marcos, não havia nada a fazer. Os marcos foram mudados e, que eu saiba, acabou tudo aí.

Por desvios e demónios interiores

Que sei eu sobre loucura? Como poderei falar de desvios e demónios interiores? Eu que vivo tão solidamente subjugado pelo domínio da intersubjectividade, da razão, da evidência exterior! Que nunca sequer sofri o necessário para sentir na boca o paladar da loucura! Não sei o suficiente nem quero saber. Conforto-me parcialmente em pensar que não me falta absolutamente toda a experiência, que a loucura não é uma condição estanque. Dentro do nosso planalto interior, a loucura é um lugar sem paredes. Todos já olharam para lá, mesmo os que jamais pisaram o seu chão fervente. Por vezes, digo a outrem «agora entraste na loucura» quando vejo na sua cara a face demoníaca da incompreensão da evidência exterior. Mas o Demónio não gosta do seu nome, que faz parte do próprio mundo da evidência que ele rejeita. Digo «volta, que eu estou aqui à tua espera». Mas a minha cara tornou-se um espelho, já não me vê a mim, vê o esgar terrível de gárgula da sua cara interior. Eu e os meus gestos fazemos parte do turbilhão criado pelo sistema que transforma a evidência, aleatorizando-a. Tento entrar dentro do barquinho de montanha russa, abrir postigos, improvisar travões. Em geral, acabo estatelado no chão e só me resta esperar. Mais tarde diz-me «estive louco» (ou «louca», se for o caso). O seu demónio é como pólvora que se vai acumulando com o suor dos dias, até que explode num espectáculo

destrutivo e alucinante. Resulta de tudo isto, porém, que fiquei de fora; continuo a não saber que ar se respira nessas paragens, só as vejo à distância, fascinado. Não posso descrevê-las com nitidez. Portanto, aqui só falarei ao leitor de sinais exteriores, de evidências, do que vi e ouvi e do que congeminei sobre esses dados. Não vou mostrar-lhe demónios, que esses não os conheço suficientemente; vou contar-lhe situações.



Lembra-se de me referir a uma velha que encontrou algum conforto do desespero em que a deixara a morte do marido conversando longamente comigo? Foi ela que me apresentou ao casal de «brasileiros».

Ela morava em Canhede. Quando eu os ia visitar em vida do marido, ia em geral a pé, pela estrada que na altura ainda era de saibro, para apreciar melhor a vista soberba. Saía de Souto pelo estradão sobranceiro ao Lima. Nos raros dias límpidos vê-se daí o monte de Santa Luzia, em Viana. Passava pelo Penedo do Castelo (o tal de má fama, onde vi o defumadouro naquela noite de Inverno de que já lhe falei) e depois, por entre campos

e bouças, sempre com uma vista aberta para a direita, acabava no «lugar». Para se chegar a casa deles tinha de se passar o lugar – aldeia de gente desconfiada e rude que, por mais que tentasse, nunca me deu cobro.

Viviam numa das melhores casas das redondezas e eram dos mais «civilizados», na opinião do reitor – que me levou lá pela primeira vez. Era uma casa de pedra com varandas de madeira a toda a volta, de tal modo que dava a impressão de ser de madeira. Estava posta num lugar alto, por baixo de um pinhal. Viviam sós com uma sobrinhita que era mais uma criada que outra coisa. O filho único era técnico de electricidade numa barragem do Gerês. O velho tinha um carro branco que conduzia com a mão certa de quem tinha sido condutor profissional.

Quando foi para o Brasil, ia na peugada de um tio. Mas o tio não tinha lá a riqueza que por cá constava. Quando chegou, não havia emprego à espera e o tio tinha mais que fazer que incomodar-se com ele. Chegou mesmo a passar fome. Começou por vender carne-de-segunda num carrinho de mão, nos bairros mais pobres do Rio, por conta de outro português. Com o tempo conseguiu abrir um negócio e acabou por fazer uns tostões. Por esta altura voltou à terra, casou-se com a Rosa do Caiador e quis estabelecer-se por cá. Queria ser taxista na vila, mas não tinha carta de condução. Lá arranjou a que o levassem a exame, quase com a certeza de chumbar, porque não sabia ler. Se passasse o exame, talvez não precisasse de voltar ao Brasil.

Quando se soube do dia do exame, a Rosa não aguentou. Tinha de saber o futuro e decidiu-se a consultar uma bruxa. Caso o marido chumbasse, corria o risco de o perder nas profundezas do Brasil de então: um mundo vasto e terrível, sem comunicações nem piedade. Contou-me a história com lágrimas nos olhos... Considerando o que acabou por acontecer, não é de estranhar que chorasse.

Ela e a irmã saíram de casa muito cedo, ainda não fazia luz. A bruxa que queriam consultar morava para lá dos Arcos. Era uma caminhada de mais de sete horas por caminhos rurais acidentados que muitas vezes elas não conheciam. Atravessaram o rio a vau quando o sol estava a nascer e subiram penosa-

mente a encosta. Era a primeira de muitas mais subidas íngremes. Por fim, quando lá chegaram, a sala de espera estava cheia. Uma hora depois a bruxa recebeu-as. Era uma mulher nova, mas gordíssima, reclinada sobre uma enorme cama, na qual espalhava as cartas que consultava, enquanto comia doces. A Rosa lembra-se do enorme desconforto que teve durante toda a entrevista. Não tinham comido nada desde o dia anterior e não tinham trazido comida para não lhes pesar pelo caminho. Só voltariam a comer no dia seguinte. Os bolos da bruxa fizeram-na sofrer de fome. Entregaram-lhe um lenço usado do homem dela. A bruxa deitou as cartas por cima do lenço e respondeu-lhes que não se preocupassem, que ele passaria o exame. Só que serviria de pouco; a vida não lhes iria para melhor. E foi tudo – tão verdade foi que ainda hoje lhe custa a contemplar essa memória. Voltaram a casa sem saber o que pensar, contentes mas amedrontadas. As sete horas de caminho de volta, pela tarde quente de Verão, foram as piores. Passado o rio, anda são três quartos de hora de encosta íngreme para chegar ao lugar delas (julgando pelo mapa, sobem-se 450 metros em 4 quilómetros!).

No dia seguinte o marido passou o exame. Um mês depois tinha arranjado o lugar de táxi e dois meses depois tinha gasto todo o dinheiro que trouxera do Brasil, compreendendo que não havia suficiente clientela para lhe pagar o investimento. Teve de voltar ao Brasil. No dia em que ele partiu, ela, que estava grávida, pôs luto e não o tirou durante os quinze anos seguintes. Quando o filhito nasceu, ela desistiu da vida. Passou dois anos sem conseguir sequer trabalhar. Em vez de ser ela a olhar pela velha mãe, era a mãe que a tinha ali por caridade. Foram quinze anos da sua juventude em que não esteve viva. O marido escrevia uma vez por ano e depois passou dois anos sem escrever. Por lá andou também perdido. Esteve na Amazônia, trabalhou em Manaus, voltou ao Rio. Mas só ao fim de dez anos começou a fazer o suficiente para acreditar que poderia um dia voltar. Afinal, comprou uma carrinha em que fazia despejos de lixo. Ao fim de quinze anos voltou «rico» – estas coisas, é claro, são sempre relativas.



Diziam-lhe coisas lá no Brasil. Vizinhas invejosas escreviam sobre as más-línguas aos maridos, que lhe passavam as dúvidas. Não sabia sequer se a família o esperava. Quis vir sem avisar, ao menos assim não teria de confiar nas más intenções de ninguém.

Uma tarde chegou ao lugar sem ter avisado ninguém. Ao sair do táxi, no largo do lugar, ninguém o reconheceu. De mala em punho, pôs-se a caminho de casa. Vinham uns moços atrás, curiosos como sempre com estranhos. Quando entrou pelo caminho que ia dar à casa da mãe dela, um dos miúdos meteu a monte e foi avisar a mãe que vinha ali um estranho, que não abrisse a porta. E não teria aberto, não fosse ela ter espreitado por um postigo e reconhecido, como quem reconhece um fantasma, a cara do marido, pai dos miúdos.

Um dia em que eu estava só com ele disse-me que nunca conhecera outra mulher em todos os anos que estivera no Brasil. Eu acredito, era homem para isso. Eles amavam-se com um carinho que surpreendia, considerando a falta de expressividade exterior que normalmente caracteriza as relações amorosas nestas paragens. Mas estava velho, as atribulações e os trabalhos marcaram-no muito, já não conduzia como antes. Um dia o carro fugiu-lhe numa das curvas apertadas perto de casa e morreu contra uma árvore. Eram já velhos, mas ela ainda ia viver uns dez a quinze anos, outra vez sozinha! Custou-lhe muito, muito mais do que eu soube então perceber.



Um dia à tarde, poucos meses depois do acidente, fui visitá-la. Estava sentada com um casal de meia-idade a apanhar o sol de Outono no terraço. Os visitantes falavam com um forte sotaque brasileiro e vestiam-se de uma forma um pouco garrida que mostrava bem como se tinham já distanciado dos costumes portugueses. Ela era magra e irritadiça; ele era anafado, falador, desconfiado, e carregava nos dedos um par de grandes anéis. Um, em particular, de ouro maciço, chamou a minha atenção, por ter esmaltado a cores o brasão nacional. No Brasil são portugueses, aqui são brasileiros.

Era mais novo que o falecido, que fora quem o levava para lá. Tendo trabalhado muito toda a vida, estava agora bem, explicou-me. Era dono de um pequeno supermercado em São Paulo, por cima do qual habitava com esta sua mulher, uma minhota que para lá tinha ido em criança com o pai viúvo, e uma filha que estava para se casar. Era a primeira vez que voltavam à terra. Tinham escrito à irmã, mas, como não tivessem recebido resposta, não sabiam o que esperar. Estavam ali agora ainda meio-tontos, sem saberem muito bem o que fazer, a tentarem compreender a recepção que tinham recebido.

A «esposa» estava o mais indignada possível. Então não tinham chegado lá e a primeira coisa que aquela mulher tinha feito logo que disseram quem eram não tinha sido berrar para o atrasado do marido que fosse deitar umas braçadas de palha ali ao lado para eles dormirem, que vinham de longe! Eles não eram animais e não precisavam da casa dela para nada. Até já tinham quarto marcado no hotel da vila. Isto aqui ainda era como antigamente, santo Deus! As casas não eram limpas (pelo franzir do sobrolho, via-se bem que a Rosa do Caiador, sempre muito ciosa das suas limpezas, não ia gostar dela). No Brasil já ninguém vivia assim (*sic*). Mas palha, também francamente, era de mais! E depois aquela conversa toda. Nem eles eram ladrões nem precisavam do que ela tinha, aquelas mantas esfarrapadas que queria que levassem de compensação da herança. O marido só queria a sua legítima e não era pedir de mais. E eles que tinham vindo enganados com a intenção de lhe darem um bom presente!

Quanto a ele, dizia, filosoficamente, que este país é para os que cá querem ficar. Isto ainda se lhe afigurava mais atrasado do que quando ele saíra. Felizmente que a prima Rosa os tinha recebido. Senão teriam tido de se ir logo embora sem sequer verem o lugar. E pensar que ele nascera aqui nessa casa dos Rifas, onde tinha sido recebido agora dessa maneira. Como era possível viver-se neste atraso? Ele queria ir já marcar a passagem de avião ao Porto para voltar a São Paulo. Vejam lá aquela «mocinha» tão linda, a irmã dele. Não dava para acreditar que tivesse acabado assim! Esta terra não presta mesmo.



Deixei-os ali a carpirem as mágoas do desterro. Bem sabia eu que a doença deles não tem cura. Quando voltei a Canhede, uns dias depois, já estavam no Porto para apanharem o avião no dia seguinte. Mal pousem pés no Brasil, contudo, começarão logo a ter saudades – conheço-lhes a tortura. Por seu lado, a Rosa do Caiador não tinha ficado com boas memórias deles: «Se estão melhor lá», dizia, «então para que é que vêm cá meter-se com a gente?» O caso, porém, era triste. É preciso saber-se a história da irmã dele para perceber.

O brasileiro era primo da Rosa pelo lado do pai. Do lado da mãe dele (os tais Rifas, que era a casa onde agora a irmã vivia), tinha havido sempre loucos na família. Quando ele foi para o Brasil, a única irmã que tinha ficou a olhar pelos pais. Casou-se com um vizinho que gosta muito dela... até de mais. É um trambolho, um ranhoso, um zé-ninguém. Era sobre ele que a Rosa empilhava as culpas de toda esta miséria.

A princípio correu tudo bem. Ela até era bonita e ele, não fosse assim um zonzo, era bom trabalhador. Tiveram logo dois filhos e agora têm sete. Foram os filhos que a estragaram, segundo as vizinhas que presenciaram o processo. Começou tudo ao terceiro. Não lhe queria dar peito, mas tinha de ser, que ali aquela gente não pode pagar essas comidas que as senhoras usam nas cidades para os bebês não lhes estragarem o peito. Deu em cantar. Berregava todo o dia umas músicas que nunca ninguém tinha ouvido antes, umas mixórdias, coisas esquisitas. Atirava as crianças ao ar, como se fossem bonecos. Para os mais crescidos até era carinhosa. Não fosse tão estranha, não seria muito má mãe.

Ao quarto filho, porém, as coisas começaram a andar mesmo mal. Dava-lhe o peito e depois batia-lhe. Andava pelo caminho a cantar à criança uma música inventada por ela, a dizer que o lavava na fonte para ficar mais bonitinho para quando estivesse no seu caixãozinho. Foi assim com o quarto e com o quinto, logo ano e meio depois. Preocupados, os vizinhos foram pedir ao padre para falar com o homem. O Sr. Reitor chamou-o lá, disse-lhe que não fosse um animal; não via ele como a mulher estava, que andava louca varrida e batia nas criancinhas e que era pecado? O pecado também era dele, porque ela não sabia o que fazia. Que se aguentasse, que não lhe fizesse mais filhos, um homem às direitas não tem dificuldade em sair a tempo. Mas ele chorava e dizia que a culpa era dela, que trepava por ele acima. Como é que um homem pode aguentar, Sr. Reitor?

– Sabe, Joãozinho – dizia a Rosa –, eles são mas é os dois loucos, só que com ela vê-se e com ele não.

O sexto filho ainda demorou algum tempo. Ela esteve grávida, mas as vizinhas levaram-na a uma mulher ali do outro lado

do rio e libertaram-na do peso. Disseram-lhe que era para ver se estava tudo bem. Fez-lhe lá umas coisas e ela perdeu o criança. Está visto que é pecado – e grande, mas é que ela, realmente, não estava em modos de ter mais um e... enfim, às vezes é preciso pensar nas criancinhas, que também é pecado fazê-las sofrer assim. «Por amor de Deus, Joãozinho, não diga isto a ninguém, que, se o padre sabe...»

Infelizmente, não foi grande o remédio. O marido queria matar essas vizinhas e ainda hoje não fala com elas. Andava aí feito uma fera. Não acreditava que tivesse sido doença, coisa natural, como elas explicavam. Ela ficou pior que doente, meu Deus, parecia que ia morrer. Foi preciso vir aí um homem cortar-lhe o ar e fazer-lhe uns defumadouros. Mas a partir daí nunca mais acertou mesmo. Até que veio cá o médico e mandaram-na para essa prisão para loucas em Vila do Conde. Aquilo é só para mulheres. Parece até que não as tratam mal. Ela gosta de lá estar. Ele é que fica como uma alma penada, passeando-se meio-elocado por esse lugar fora. Anda pelos caminhos meio-tolhido, a falar sozinho, com o rebanho das crianças esfarrapadas atrás dele como cordeirinhos. Todos muito cheios de fome, e até é de estranhar, porque quando ela cá está não é ela que faz o comer, que não atina.

O mal, sabe, é que o deixam lá ir. E diz que os vigiam. Não sei... A verdade é que cada vez que ele lá vai ela fica prenha e, como elas lá não guardam mulheres grávidas, mandam-na de volta. Veio muito melhor, começou outra vez a sair mais e a fazer o trabalho de casa. Mas é sempre uma coisa nojenta. A brasileira não tinha razão a pensar que lhe queriam chamar animal, sabe; é que eles dormem mesmo em montes de palha lá em casa. Aquilo ali é uma estrumeira.

Foi o sétimo filho que ela matou. Estava sentada, olhe, ali, por baixo daquela moreia, não vê uma oliveira? Foi mesmo aí debaixo. Ali os das Cortes ainda viram tudo acontecer. Estava muito contente nesse dia e cantava. Deu de mamar à criança e os outros estavam todos por ali como bacorinhos. Andam sempre a fuçar a terra, parecem torrões. É um nojo. De repente arrancou-o do peito, deitou-o ao chão e pôs-se a dançar-lhe em

cima. O pobre anjinho ainda nem baptizado estava. E pensar que está a sofrer por causa dela. Tudo devido a esse porco selvagem, assassino, o marido, que não sabe aguentar-se.

É claro, foi tudo a tribunal dessa vez. Homicídio, parece que se diz. Os vizinhos tinham visto tudo, mas não conseguiram chegar a tempo de salvar o bebé. Mas, como é tola, meteram-na em Vila do Conde outra vez; ele voltou a visitá-la e pronto! Está de volta, outra vez grávida e toda lampeira — até soube dizer ao brasileiro que não venha cá pedir as leiras, que ao fim de tantos anos sem nunca ter mandado nada à família já não são dele. E com toda a razão. Para que é que ele queria a «legítima» dele? Que ia fazer ele com as leiritas? Vendê-las sem dúvida por tuta e meia a um vizinho qualquer para pagar a viagem de lorde aqui à terrinha, isso é que era! Quem tem razão é ela: para que é que ele precisa de vir cá desencantar fantasmas velhos, roubar aos pobres? Não lhe falta lá nada no Brasil, meu Deus! Foi-se embora logo e foi o melhor que fez. (A Rosa também não perdoou aos brasileiros a incompreensão.)

A história ficou-me a zumbir nos ouvidos. O leitor compreenderá que não é fácil esquecer tal história, sobretudo pelo que ela representava na altura. Os médicos da vila andavam



então a fazer uma grande campanha de planeamento familiar e os padres estavam acirradíssimos contra eles. Houve um que, do púlpito, chegou a afirmar que quem deixasse uma pílula por uma noite sobre uma placa de zinco descobriria que, na manhã seguinte, ela teria penetrado a chapa. E que assim fazia aos interiores das mulheres! Há limites para o que se pode esperar de um antropólogo em termos de compreensão.

Deixei de ver a Rosa do Caiador por uns tempos, andava muito ocupado em Souto e Padim. Quando lá voltei, a casa estava vazia. O padre, que se tinha dado muito com o falecido marido, disse-me que ela fora viver com o filho para a barragem onde trabalha. Mais recentemente, falando com a Tininha dos Vigários, ela contou-me que o tal filho que a louca dos Rifas ia ter tinha sido encontrado morto. Ela e o marido diziam que tinha caído abaixo da mesa da cozinha... ninguém acreditava, mas a justiça não apurou nada.

Se há aqueles que se entregam à loucura, como a dos Rifas, há também os que a cultivam e domesticam. Em todas as freguesias, como em todas as aldeias, há um «bêbado». Em Paço essa eminente posição era ocupada pelo barbeiro – um homenzinho de 1,60 m, magro, que nunca tinha querido deixar de ser moço e que mantinha ainda, já velho, uma aparência infantil. No ano que lá passei com a minha mulher, ele era o colega inseparável do irmão mais novo do Cunha, que se tinha deixado levar também na época pelo fascínio do álcool. Ainda hoje nos rimos quando nos lembramos das visitas que me faziam ao fim do dia.

Escurecia. Passada a hora de dar o comer ao gado que os Cunhas tinham na corte do Souto, ouvíamos a cancela a abrir e fechar e, pouco depois, uma tosse. Eu saía a ver quem vinha e dava com os dois solteirões, apoiado cada um na sua enxada, o barbeiro com o seu boné e o Nelo do Cunha com um chapéu de palha muito roído já posto de banda. Sabiam que os vizinhos me ofereciam regularmente garrafas de vinho em paga por boleias e outros pequenos favores que ia fazendo e sabiam que não o gastávamos – que a Ruth não bebe e eu não dava vazão àquilo tudo. Eles vinho tinham, que os Cunhas não têm

falta, mas gostavam da companhia e sempre levavam um pouco mais no borco para a viagem de volta a Padim.

– Então, boa tarde! Subam, subam, não lhes posso oferecer um copito?

– Obrigado, não é preciso – dizia o Nelo do Cunha.

– Mas então! – respondia eu já a sorrir com eles.

E lá ia eu abrir a garrafa e buscar uma malga, enquanto eles subiam vagarosamente as escadas e se encostavam ao parapeito da varanda. Cada um de nós bebia uma malga de cada vez. Era aqui que a coisa se tornava cómica para a Ruth, que nos ouvia do outro lado da porta, partida de riso. É que uma garrafa ainda dá para meia hora e eles nem sabiam nem queriam fazer conversa. De qualquer forma não tínhamos nada para dizer uns aos outros. Fizesse eu o que fizesse, perguntasse o que perguntasse, a conversa acabava sempre por se espaçar, consistindo em interjeições, tais como «pois, é assim...» ou «pois, é a vida...» e, finalmente, em desespero de causa, «pois é...». Mas o que ela nunca percebeu é que tanto eu como eles gostássemos desses momentos. Uma vez, quando me fui despedir para estar ausente por mais tempo, o Nelo saiu do seu mutismo usual. Disse-me calmamente e sem nenhum laivo de autocomiseração que não andava bem, quem sabe se aguentava mais um ano? Sentia muito que talvez não voltasse a ver-me. Felizmente, quando lá voltei uns anos depois, tinha abandonado o barbeiro e o vinho, ganhara nova vida, tornara-se um velho cómico, rijo e fuinha. Quem teria previsto que iria sobreviver ao irmão, acabando a vida como começara, sujeito ao poder de uma velha – antes a mãe, agora a cunhada!

A loucura do bêbado é o fascínio do vinho. Para dar ao leitor uma ideia, vou transcrever *ipsis verbis* uma conversa com o barbeiro que gravei por acaso. Era uma manhã cedo, vinha a descer de carro em direcção ao café para tomar o pequeno-almoço e encontrei-o. Pediu-me que lhe desse boleia até uma freguesia próxima que ficava no meu caminho. Parámos no café, onde, a certa altura, liguei o gravador para o testar. Muito depois encontrei este pedaço de conversa. Aqui fica então um extracto.

Eu – Não acabe à pressa, homem, não faz mal.

Barbeiro – Eu, uma malguita de binho, estou duas horas co'ela. Aqui há pouco fui ali à Barca, a matar o bicho, como matei aqui. Não. Eu já tinha matado o bicho aqui até. Fui à Barca (à Ponte da Barca, bá lá, é a nossa bila) e mandou lá um deitar um copo de aguardente, bubeu-o todo, aquilo como eu bebo um copo de água, bá lá.

Eu – Mas eu já ouvi dizer que você no passado também bebia assim.

Barbeiro – Eu antigamente buba munt'aguardente. Ia à casa... ia à casa dos Cunhas fazer-lhes a barba... Era aguardente por um copo de binho. Binha pelo Sr. Cerqueira, que já não lha torno a fazer... enterraram-no outro dia...

Eu – Eu sei.

Barbeiro – ... e punha uma garrafa de aguardente ali à minha frente e o prato do pão e eu lá buba o que queria, num me dava porção. Binha por um irmão que tenho, mora no Outeiro, fazer a barba dele. Lá já era a coisa mais racionada [risos]. Lá já... dava-me dois caluzinhos como aquele que diz «tu já vens arremediado». Que ele perguntaba-me de donde qu'eu binha. Digo: «Benho da casa dos Cunhas, eu hoje estibe a fazer a barba ao Sr. Cerqueira e agora bou por aqui e bou a fulano e a fulano à Boavista.» Era assim, como eu bebia ali aguardente com uma força medonha. Se estivesse sem comer agora, até à uma hora bebia aguardente.

Eu – Diga-me lá, ultimamente para onde é que você tem ido trabalhar?

Barbeiro – A semana passada andei dois dias, com licença, a deitar estrume para o Sr. Cunha e andei p'rá – passámos lá também agora – Custódia da Resteva. Esta semana andei p'rá Rosa, a irmã; que elas moram uma à beira da outra, qu'a casa é a mesma.

Eu – Ouça, e eles dão-lhe um tanto pelo trabalho que o senhor faz?

Barbeiro – Não senhor, eu bou a favor. O que é que eles... mas eu bou a favor. Mas eu bou fazer a contas e ainda me dão mais do que se me dessem dinheiro porque estão ali bizinho, todos os dias me dão de beber, ou uma ou outra, porque eu

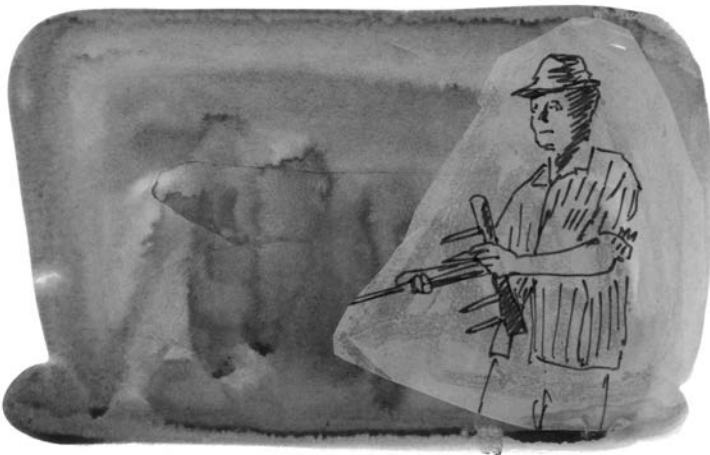
tanto ando p'ra uma como p'ra outra. P'ra Rosa é que eu ando mais. P'rá Custódia andei a outra semana a fazer as eiras no olival, passámos à beira lá agora também. Andei lá a tapar aquilo tudo, que a azeitona caía e depois eles iam abanar. A mim não me dão um tostão, que eu não quero.

Eu – Podia dar-lhe jeito, porquê?

Barbeiro – Daba, mas eu não me dá certo num dar dinheiro a ninguém, em ir a ganhar a dinheiro. Porque eu sou inválido, senão não estava entregue ao dispensário, como estou. Se me fizer falta remédios, nem que custe 10 contos, dão. Já por isso me estão a dar 2 contos e 900 por mês. O que é que eu não me dou queto, eu não me dou queto nem por nada, hei-de fazer aquilo que mais puder e graças a Deus na casa lá dos Srs. Cunhas come-se e bebe-se e ali não se passa fome.

Eu – Lá isso é verdade.

Barbeiro – O binhinho eu é que me tenho que governar, eu que me tenho de governar, lá o binho. Entre o binho, posso trabalhar à vontade, eles têm uma adega forte em Padim, rica. Que eles têm muito trabalho e andam sempre com muita gente de fora e gastam muito binho. E não é só o barbeiro que bebe. Bai uma caneca de vinho para a mesa e eles limpam-na num instante e eu bebo um copo de binho com eles... quem diz um copo, uma malga. Quando bebo mais um bocado é quando não está ninguém em casa...



Quem o vir agora, com a sua cara de miúdo matreiro, à porta do casebre de tijolo que os vizinhos lhe construíram para substituir o de madeira que desabou numa noite de temporal, diria que este homem é um santo. O vinho é a sua própria loucura. Por isso toda a gente na freguesia teme a sua cólera, só os ignorantes o humilhariam.

Há quem diga também que o seu mal foi de mulheres, se bem que nunca ninguém o visse metido com nenhuma. Fosse como fosse, foi pelos 20 anos de idade que aprendeu a ser barbeiro e começou a emborrachar-se. Bebia aguardente ao copo e mal ganhava para ela. Já ninguém sabe por que é que a irmã, depois de morta a mãe, o pôs fora de casa. Ele também não quis saber de heranças. O casebre ao lado das Alminhas serve muito bem para quem não quer ter cuidados.

Mas mesmo ele não conseguiu pôr-se à parte. A vida do campo é uma vida de luta, em que os homens e as mulheres se destroem uns aos outros, às vezes por bem pouco. Os fracos sucumbem, mas o barbeiro não é um fraco. Ele provou-o uma vez aos vizinhos e de tal força foi a prova que nunca mais teve de reiterar.

Foi assim. Na altura ainda fazia ele a barba e o cabelo por quase toda essa freguesia. Houve aí um dia um vizinho que, encontrando-o bêbado à porta de uma taberna, fez escárnio dele, dizendo que o ofício de barbeiro é para quem não gosta de mulheres. Ele quis proteger-se, mas tinha bebido de mais e levou pancada. Nunca mais perdoou ao homem e sempre que passava à sua porta o ameaçava, dizendo que ainda o ia matar. O vizinho, ao ver que aquilo era a sério, começou a assustar-se. Uma manhã encontrou cortadas umas vinhas novas que tinha plantado num terreno que tinha em disputa com uns primos por causa de uns marcos que tinham desaparecido. Toda a vizinhança sabe que não foi o barbeiro – como ele me explicava: «Cortar vinhas, Santo Nome, eu nunca!» O homem, no entanto, entendeu que era a ocasião certa para se libertar daquele peso que já o incomodava e fez queixa do barbeiro à Guarda. Só que todos sabiam que a acusação era injusta e o barbeiro foi avisado antes de a Guarda chegar. Andou a monte

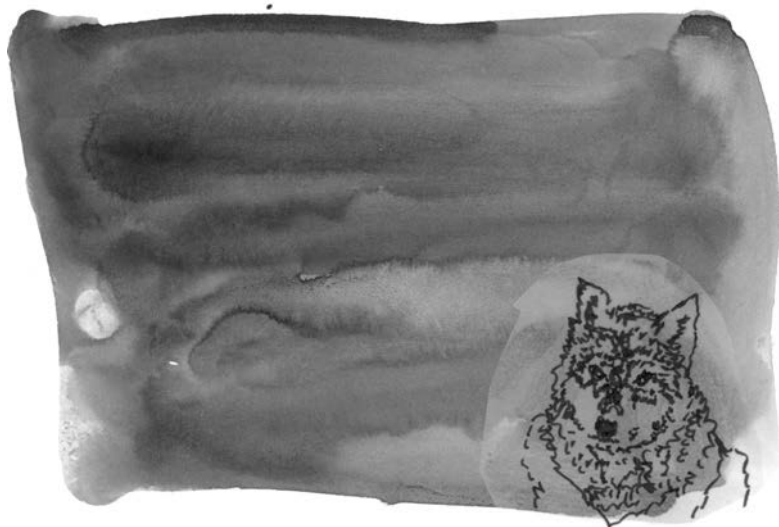
ainda umas semanas e o vizinho cada vez mais aterrorizado. E bem razão tinha porque uma tarde apareceu morto com um lanho de enxada que lhe abriu a cabeça ao meio.

Quando se entregou à Guarda, quase um mês depois, o barbeiro estava mais morto que vivo. Foi julgado e dado como mentecapto. Mandaram-no para um hospital curar o alcoolismo e uma pneumonia que apanhara a dormir pelos montes. Desde essa altura nunca mais bebeu aguardente, mas vinho... isso só lhe faz bem, diz ele. Quando voltou, perdera o vigor da sua juventude mas veio com uma «tença» que lhe permite viver como gosta. Nos últimos anos já só o Nelo do Cunha deixa que ele lhe faça a barba.

Loucuras trocadas

A história que vou contar foi-me contada assim. Não são as mesmas palavras, nem a intenção é a mesma, porque a intenção com que a história me foi contada era má, muito má, acho mesmo que era mortífera. Era o destilar do ódio de décadas, de gerações. Não que se trate de um simples tecido de mentiras – acredito que muito do que me foi contado é verdade, só que não terá sido bem assim. Nem a ordem nem a intensidade dos acontecimentos terão sido estas. Foi nisto, no entanto, que a Sãozinha quis que eu acreditasse, foi isto que ela quis que eu transmitisse. A intenção era difamar pessoas através da revelação e elaboração fantasiosa de factos pouco abonatórios referentes aos seus antepassados directos. Desta forma queria a Sãozinha criar as condições para que, nessa luta, eu tomasse o seu lado, pois ela também era parte da trama. E tinha as suas razões, porque entre a difamação e a violência vai uma distância ínfima, como mais tarde, infelizmente, ela própria veio a descobrir. E conseguiu que, pelo menos interiormente, eu tomasse o seu lado, não porque me enojasse das suas inimigas, escandalizado pelos actos dos seus antepassados, mas pelo apego que acabei por ter por ela, pela sua imaginação, pela sua inteligência, pela sua ironia. O seu ódio, inveja e ciúme eram-me menos revoltantes do que os das outras, por serem acompanhados de toda esta fantasia, humor e curiosidade. Por isso,

a versão que conservei e que relato é a dela, e não as das outras. Afinal, também eu estou a trair a Sãozinha, dando-lhe um pseudónimo e mudando os nomes às suas *dramatis personae*, deixando só que transpareça a sua imaginação perversa, que ela não estava consciente de possuir, e amputando a sua real intenção – a maledicência. Resta ainda dizer que só um vídeo escondido por detrás dos meus óculos teria captado a real intensidade dramática da narração desta mestra da difamação que era a Sãozinha. Por isso mesmo, até só eu sei quão pobre é a cópia que vos ofereço.



Era uma tarde quente de Setembro, depois do almoço, quando ouvi a cancela abrir-se e a tossezinha que sempre se seguia. A Ruth dormia, para fugir às moscas e moscardos que pareciam preferir a nossa casa aos estábulos onde eram gerados. Pela tosse soube logo tratar-se dela. Trazia vinho e pão – uma deliciosa broa caseira com a qual ela muito justificadamente se honrava. Desta vez, e contrariamente ao que era seu hábito, aceitou beber um copo do vinho que eu ainda tinha sobre a mesa e sentar-se a fazer-me companhia. Preferia, em regra, falar comigo dentro do seu território. Terá sido a curiosidade que desta vez a levou a entrar. Na altura era uma mulher de 40 e

muitos anos, baixa, forte, inchada, com uma cara oval e o cabelo castanho liso, apanhado atrás e geralmente semiencoberto por um lenço escuro que lhe caía para os ombros. Mexia muito as mãos pequenas quando falava, com os dedos grossos de camponesa espalhados em leque. Para mim, o principal era aquele seu risinho irónico, maldoso e quase impúdico que lhe saía dos olhos como um jacto de luz, assim como a bondade e genuíno interesse maternal que tinha para quem quer que fosse que lhe fornecesse entretenimento.

– Este vinho foi-lhe dado pela Gracinha? Lá bom é. Mas...

Eu que não confiasse nos da Torna, aquilo é uma corja e é coisa que já vem de antes. Ela bem o sabe, porque ainda são parentes. A avó dela teve duas filhas – a mãe da Sãozinha e a mãe dos Cunhas – e dois filhos – o da Torna e um padre. Para eu ver que gente era, ela contou-me que, quando este padre morreu na freguesia onde dizia missa, os vizinhos mandaram dizer para cá. Os da Torna, que receberam a notícia antes dos outros vizinhos, foram lá noite fora e tiraram tudo o que valia a pena – o padre vivia bem, havia muito que tirar. Só na manhã seguinte é que chamaram os outros irmãos. Quando eles lá chegaram, a casa estava vazia. Ora não é coisa que se faça. Também lhes serviu de pouco, que o Costa da Torna, o filho, quando lhe deu a loucura, acabou por partir tudo quanto tinham trazido de lá. Davam-lhe uns ataques e punha-se a partir louça. Então depois que a mulher morreu era uma coisa terrível.

Aliás, ele nunca fora gente boa. Tinha tido um irmãozito que ele matou com uma pneumonia. Levou a criança a tomar banho nuns poços frios, lá no Paimouro, e depois pô-lo ao sol a aquecer. Está visto, no dia seguinte a criança morreu. Ficou só ele, mas os pais não tinham mão nele. Já de novo, ainda antes de ir estudar para o Porto, não havia jornaleira a que não se atirasse, e ai delas se se negavam! Aquilo era certo e sabido, caía em cima de todas.

Depois veio como professor, mas acabou por ensinar por pouco tempo, porque se embebedava de mais. Tratava os pais como se fossem criados. Quando o pai estava para morrer, mandou que não lhe dessem de beber nem água nem vinho, que não

ia durar e não valia a pena. A Sãozinha foi lá a casa visitá-lo e o velho pedia-lhe por tudo que lhe desse alguma coisa de beber. Ela esperou que não estivesse ninguém presente e deu-lhe ainda água. Mas já foi tarde, porque morreu nessa mesma noite.

Quando o Costa se casou, foi também uma tristeza. Pôs-se logo a dizer que a pobre da mulher e os parentes dela o tinham enganado. Que o dote que ela acabou por receber não se comparava com o que lhe tinham prometido. Então deu em bater na pobre. Mas batia-lhe mais quando ela estava grávida; parece que a odiava mais nessa altura. Ela teve um filho e uma filha e estava já grávida de um terceiro. Um dia não quis que ela entrasse em casa e deu-lhe um pontapé na barriga que a deitou pelas escadas abaixo. Quando chegou lá ao fundo já ia morta.

Depois ainda se juntou à Amélia do Torto, aquela que tem tanto jeito para contar histórias, que vive agora em São Macário. Os filhos dela são quase todos da lavra do Costa. Mas depois aquilo começou a dar para o sério e a mãe e a filha, quando viram que a do Torto tinha tento nele, puseram-na fora de casa à pancada, que ela de outra forma não saía. Então ele começou a meter-se mais na bebida e a coisa passou a andar mesmo mal. Fazia cenas terríveis que assustavam todo o mundo. Metiam-se-lhe umas coisas pela cabeça adentro.



Veja lá, Joãozinho, que havia uma velhota pobrezinha que vivia, olhe, aqui mesmo por debaixo, no que agora pertence aqui a esta casa do Cunha onde vive, que o comprou à velha ainda antes de ela morrer. Vê aquela parede ali? Ainda não desmontaram o casebre todo. Era ali, coitadinha. Aquilo era como uma corte, que a pobre mal tinha para comer. A miudagem costumava brincar com ela. Deitava-lhe uns calhaus pela janela adentro – naqueles tempos só os ricos tinham vidros – e a velha afinava! Dava-lhe para berregar. Estava naquilo a tarde inteira – que mais isto e aqueloutro e que não tinham respeito à idade –, mas berrava muito. Ninguém lhe ligava, coitadinha, que ela não fazia mal a ninguém. Só que o Costa, um dia, deu-lhe para se pôr contra ela. Sabe-se lá porquê! Foi da bebedeira e da loucura, que era tudo a mesma coisa, e ele andava cada vez pior.

Ela pôs-se à janela a chatear com o que um miúdo qualquer lhe tinha feito e ele veio com uma caçadeira, apontou à janela e deu dois tiros lá para dentro. A velha não atinava no que lhe tinha acontecido, sujou-se toda, a pobrezinha. Esteve mal por uns dias, que até nem abria o bico. Mas ao fim foi-se queixar ao regedor. Os vizinhos também não gostaram, é claro, que assim isso podia dar no torto, sabe, e o Costa, quando andava louco, não havia quem lhe pegasse. Bem que na altura havia muito respeitinho pelos ricos. Como ele aqui era o mais rico, as pessoas calavam-se, que precisavam do trabalho que eles davam de jornal. Até por isso não se participou à Guarda – que não valia a pena, que o Costa era assim todo fino, professor e tudo o mais. Quando não estava bêbado era bem parecido e ninguém na vila ia acreditar nestas coisas. Mas ele não perdoou à velha ter feito queixa, ia para a porta da casa dela com a caçadeira a assustá-la, dizia que, se ela falasse, lhe metia um chumbo na garganta. Só sei que ela sofreu muito, pobrezinha!

Fazia assim umas cenas que davam muito que falar. Porque a mãe dele era toda mandona e toda a gente lhe tinha medo – quando ele fazia destas, andava toda a vizinhança pelos caminhos com cara de enterro, porque tinha medo à velha, mas portas adentro era uma risada pegada. Ele então decidia que a

casa era dele – era muito somítico e avarento quando andava louco –, que mais ninguém tinha direito a estar lá. Deitava-os todos fora e deixava-os ficar às vezes até mais que um dia a viver debaixo da ramada, ali ao lado do tanque, sabe? Foi assim que matou a mulher, que ela quis entrar por estar grávida e ele não deixou. Depois, se lhe pediam coisas para comer ou o que fosse, atirava-as pela janela fora. Acabou por partir a louça toda do padre. Aquilo só visto, voavam pratos e tigelas pelas janelas fora!

O filho, esse, logo que teve 15 anos, pôs-se a andar para o Brasil, nunca mais ninguém o viu. Dizem que, quando volta, fica na terra da mulher, que aqui não põe ele os pés, por ódio ao pai. E bem roubadinho tem sido pela irmã na herança – quem sai aos seus não degenera, sabe! Já a filha era a única que lhe ia ainda tendo tino, que ele respeitava-a e davam-se bem – na medida do possível, é claro, porque quando andava pior não havia coisa que o segurasse. Até que lhe deu para se atirar a mulheres mais velhas, que já não podiam ter filhos. Foi depois de lhe tirarem a Amélia do Torto. Nem queira saber, era uma vergonha. Aquilo com as jornaleiras, é como o outro, faziam-no todos. Já se sabe. Elas precisavam daquele dinheirinho para viver e portanto... Mas depois que lhe deu para as velhas, diziam que até à mãe se atirava, veja lá que vergonha! E ela então, coitadinha, a maneira de lhe ter tento era arranjar outras velhas que lá fossem. Pagava-lhes um tanto, eu sei lá!, mas elas iam e ele assim ia-se aguentando.

Depois, quando ia para velho, trocou a loucura com um outro. Não acredita? É verdade. E digam que isto não são coisas do Diabo! Foi mesmo assim; que aqui soube-se por toda a parte, que o outro depois que melhorou contava a história toda tintim por tintim. Já ele deu em acalmar – quando se embebedava já não fazia cenas violentas. E olhe que até fazia pena, que ainda durou bastante tempo. Saía de casa todo fino – ele tinha uma presença jeitosa, era alto, grisalho, falava bem e a mãe e a filha tinham-no sempre impecavelmente vestido, adoravam-no, apesar de tudo o que lhes tinha feito. Saía de casa e ia por essa freguesia abaixo. Ia ali para a Boavista, tinham lá

mais tabernas. Depois, à noite, quando voltava, vinha bêbado que nem um cacho, todo roto e maltratado. Eles lá não tinham paciência para as manias dele. Não lhes era nada! E então batiam-lhe e chegou mesmo a vir de rastos. Uma vez encontraram-no assim de manhã todo mijado numa valeta, como quem vinha a caminho de casa. Assim foi também depois com o meu irmão, pobrezinho, que Deus tenha a sua alma. Chegaram mesmo ainda a andar juntos. Ao meu pai foi como quem lhe espetou uma faca no peito, que ele ao Costa tinha-o sempre odiado, dizia que os parentes da minha mãe eram todos uma corja. E o Costa tinha-lhe respeitinho; com o meu pai não se metia ele, tinha-lhe medo, mesmo quando andava com as loucuras. Quando o filho também se começou a emborrachar, foi como se lhe espetassem uma faca no peito, ao meu pai.

E foi então que o Costa trocou a loucura com outro, o Herculano do Matos – olhe, o que vivia ali para baixo, o pai da Mercedes, sabe, essa que é outra que tal. E veja, não acredite no que elas lhe dizem, Joãozinho, que já vi que você fala para elas. São umas vespas, ou até pior, se possível. O Herculano, depois de curado, é que contava como se tinha passado, que ele lembrava-se de tudo. Até porque o Costa não o negava. Dizia que não sabia, que já não se lembrava. Foi numa tarde de Agosto que o Costa mandou um rapazito que lá estava a trabalhar para eles que fosse chamar o Herculano. Mandou dizer que precisava de falar urgentemente com ele, que o fosse encontrar lá nos campos do Paimouro. O Herculano achou esquisito, mas foi. Chegou lá e viu o Costa com aqueles olhos arregalados, que lhe dava quando não andava bom. O Costa pegou-lhe no braço e disse-lhe: «Tenho aqui uma coisa para te mostrar.» Levou-o para debaixo de um grande castanheiro. Dizia o Herculano que, ao passarem por baixo, lhe caiu em cima um grande cão preto que o atirou ao chão e que, pronto, a partir daí nunca mais atinou. Foi como se lhe roubassem o juízo.

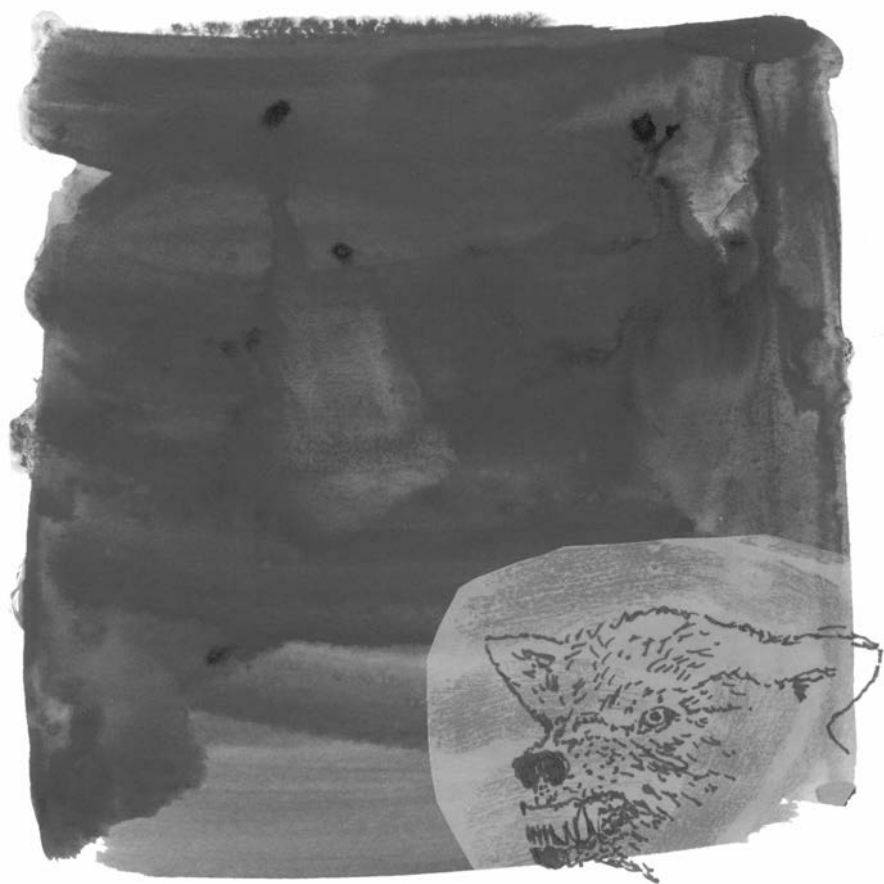
Começou a dizer em casa que elas não prestavam para nada (e tinha razão, ai isso tinha!), que era melhor que fossem todos

mortos e que os ia ele matar a todos. Onde é que ele arranjou veneno ainda hoje ninguém sabe. Mas tinha veneno. Chegou mesmo a deixá-lo dentro de uma bilha de azeite, que era para matar a família. Só que o viram mexer com aquilo. Desconfiaram e deram o azeite a provar a um cão. Caiu logo ali redondo. Depois andavam atrás dele para lhe tirar o veneno. Ele fugia. Era preciso ver para acreditar, porque já não era nada novo, já tinha os cabelos todos brancos, tinha passado a vida toda no Brasil! E, por sinal, bem pouco de lá trouxe, que o que os filhos hoje têm é quase tudo feito por eles.

Fechou-se no quarto, em frente ao terreiro, por cima da cozinha, e não havia modos de lá entrarem para lhe arrancarem o veneno. Até que estava lá todo o lugar no terreiro. Por fim, arrombaram a porta. Vai daí – e olhe que eu vi com estes olhos, diga-me lá que não são coisas do Inimigo! –, ele saltou por cima da ramada. Parecia uma ratazana. Pé num arame, outro pé noutro, caminhou por ali fora, sem que lhe faltasse um pé sequer, parecia que marchava em terra lisa. Fugiu por essa freguesia abaixo, com todos os vizinhos atrás. Só o conseguiram apanhar passada a Ribeira, ali no lugar do Lamaçal, lá em baixo.

O pior foi depois. Chegaram à ponte e não conseguiam passar p'ra cá, que está visto do que se tratava! Veio assim como que uma nuvem de mosquitos para o proteger e eles viram-se desesperados. Antes que passassem ainda foi preciso recorrer ao padre, sabe lá o Joãozinho! Depois disso ele acalmou um pouco, mas ficou louco por muito tempo. Era um pândego. Do que ele gostava era de fazer pouco da família. Aos domingos era para aí um arraial. A gente da freguesia parava toda aqui para o ver fazer fitas. Pegava num guarda-chuva e num chapéu e entregava-o ao primeiro que viesse, dizia-lhe que assim já podia casar-se. Então casava-o com a mulher. Fazia aquilo várias vezes ao dia – e a pobrezita, coitada, muito humilhada, vivia com aquilo tudo, mas que remédio?!

(Prometo que esta aqui não a inventei eu. Trata-se de uma espécie de *major* de Casterbridge versão nacional e, portanto, (a) por me faltar o génio do Harding, (b) porque as modas



literárias mudaram e (c), quem sabe, por causa dos «brandos costumes», acaba tudo em bem, como vão ver.)

Segundo a Sãozinha, foi nessa altura que os vizinhos convenceram a mulher a chamar um bruxo de Paredes de Coura que tinha muita fama. Era a ver se resolvia a situação, porque estava já a tornar-se um escândalo e começava a dar mau nome ao lugar. Na altura não havia estradas, só caminhos e bem fracos! Não era fácil uma pessoa mover-se. Para trazerem o bruxo foi coisa morosa. Mandaram lá dois dos filhos do Herculano para o trazerem e estiveram três dias fora.

Chegaram a Souto numa noite de Outubro. Já fazia frio e a névoa do rio cobria as árvores como um manto pegajoso. Ainda não tinha começado a chover, mas já estavam as vindimas feitas. Era altura das castanhas e do vinho novo. Os moços que traziam o homem não vinham muito à vontade. A princípio ele não tinha querido vir, depois lá aceitou, porque lhe prometeram boa paga se tivesse sucesso. Era um homem dos seus 50 anos, espadaúdo, grisalho, vestido com um capote castanho e um chapéu de palha. Trazia umas chancas ferradas, como se usava na altura, e apoiava-se a uma bengala de cana grossa com um nó na ponta. Veio o caminho todo, desde quando saíram de madrugada até chegarem já noite feita, sem dizer nada que não fosse o estritamente necessário. Falava com uma voz cava. Do que eles gostavam menos, e ainda hoje se lembram com repulsa, era da maneira que ele tinha de murmurar constantemente e de deitar o olhar. Tinha os olhos muito activos e lá alguma coisa havia... porque os bois e os cavalos, quando ele os olhava, ficavam esquisitos. Ao chegarem à Boavista, por exemplo, depois de atravessarem o rio na barca do moleiro, já era escuro, deram pela frente com um carro de bois que vinha para uma corte por baixo do lugar. Vai o bruxo e diz «arreda». Pareceu aos moços que viram os olhinhos dos bois a tremerem. Começaram a puxar para trás, meteram-se por uns campos adentro e não acalmaram até o bruxo ter passado. De cima, os moços olharam para trás e ainda viram o vulto do pai do Esteves da Pica, que, finalmente, tinha conseguido ter mão nos bois. Nunca tal tinha sido visto.

Em casa dos Matos, ainda eles não tinham chegado, já o Herculano começara a dar sinal de si. Estava sentado à lareira com a mulher e a filha, cantava uma daquelas músicas tontas que lhe vinham à cabeça, umas lengalengas que repetia o dia inteiro. Começou a mostrar que havia coisa estranha; mexia-se de nervoso. Diz a mulher: «Que é, homem? Vá, tem-te calmo, que já é tarde!» Andava de volta da cozinha, até que se escondeu por baixo da mesa a gemer como um cão assustado. A filha foi logo pedir ajuda aos vizinhos, porque já não confiavam nele, sabiam que quando lhe davam estes ataques eram precisos muitos homens para o aguentarem e mesmo assim não era fácil.

Lá o agarraram e prenderam a uma cadeira. Quando o bruxo entrou, ele pôs-se aos berros, molhou-se todo, estremeceu, que dava dó, com os olhos a rolares. Gritava que deitassem aquilo fora, que em casa dele só ele cabia. O bruxo entrou muito calmo, com os rapazes atrás, transidos de medo. Deu-lhes a bengala, tirou o capote e o chapéu e puxou de um livro que trazia no bolso. Botou os olhos no Herculano; parecia que o prendia com eles. Abriu o livro e começou a recitar uns exorcismos, coisa ainda demorada. No fim, exclamou alto: «Afasta-te, Satanás!» O Herculano deu um grande berro e parecia que ia arrebentar com as cordas que o prendiam. Afinal, caiu como morto.

O bruxo mandou que lhe tirassem as cordas, que o levassem para a cama, lhe esfregassem aguardente na testa e que, quando voltasse a si, lhe dessem um chá de cidreira para ele depois dormir a noite descansado. Então mandou sair toda a vizinhança e disse à patroa que lhe trouxesse uma rasa de feijões bem medida. Deitaram os feijões em cima da mesa e sentaram-se todos em volta. Tinham de contar os feijões um por um até ao fim, sem lhes faltar sequer um e sem engano. Foi aquilo um suplício; então para os moços que vinham de uma longa viagem a pé! Quantos feijões contassem, tantos anos estaria presa a maldição no «mar coalhado». Já era dia quando o bruxo se deitou e nessa mesma tarde foi-se embora sozinho e bem pago, que o Herculano parecia outro homem.

Nesses dias o Costa começou outra vez a dar sinais de não andar bom, queria deitar a mãe e a filha outra vez fora de casa, falava do cão preto. Mas já todos sabiam o que era: o padre veio fazer uns exorcismos e ele acalmou.

«Que história é esta do cão preto?», dirá o leitor. «Que falta de imaginação. Será que o autor julga que nós não nos lembramos do cão preto que visitou Fausto? Ou será que ele está a dizer que Fausto era louco, ou que o Costa era um génio perseguido por Mefistófeles, como Fausto?»

Nada disso, leitor, nada disso. Que arrogância seria a minha? Não senhor! Nada disto é inventado. Se alguém é responsável por esta redundância, não sou eu, mas Goethe. Quem copia nem sou eu nem a Sãozinha, que, realmente, me contou esta história. E ela nem lia Harding, nem Goethe, nem sequer lia português! Veja lá: tinha aprendido a ler e escrever na escola, só que depois esquecera-se. Quando a conheci, já só sabia escrever o nome.

Se algum crime cometo, é o crime do companheiro de Fausto – o crime dos néscios, para quem nunca chega a haver um problema. Porque o que acabo de escrever não é só um diálogo com a Sãozinha e os que pensam como ela. Assim como o companheiro respondia a Fausto, respondo-lhe eu a ela aqui: «Um cão, senhor – vede, não temos aqui nenhum fantasma! Rosna, hesita, senta-se sobre o traseiro e até bate o rabo: tudo ortodoxia canina.»

Resta, no entanto, a sensação de reconhecermos caminhos já trilhados sem sabermos quando e como os tínhamos visitado. Já Thomas Mann dizia de um outro Dr. Fausto: «De facto há uma tradição apocalíptica que passa a estes videntes extáticos imagens e experiências que, até certo ponto, já vêm encaixilhadas, por estranho que pareça, psicologicamente, que um homem delirante venha a delirar seguindo o mesmo padrão que um outro que o antecedeu, que entremos em êxtase, não independentemente, mas, por assim dizer, em bicha». Portanto, se respondo como o companheiro de Fausto, não é porque não veja o cão, não é porque não saiba da existência de padrões, de correspondências, de sintonias, mas porque me recuso a caminhar pelas sendas da loucura, pelas terras para além do medo.

Há um pedaço afirmei que estava irremediavelmente votado a ficar excluído das sendas febris da loucura – falsa modéstia! Agora, que o leitor questionou a originalidade dos factos narrados (pondo em causa a verdadeira novidade da minha narrativa), obriga-me a confessar o subterfúgio. Sim, confesso, não se trata, no meu caso, de uma genuína deficiência metafísica, antes de uma opção, de uma escolha vocacional. Quis encontrar a minha liberdade e salvaguardar a minha reserva na «fecunda dificuldade das posições intermediárias» – é esse, afinal, o caminho da antropologia, e não é um caminho de heróis.



Afinidades electivas I

Há algo de excitante no retrato de alguém que se ama muito, mesmo quando não é uma boa semelhança, assim como por vezes é excitante discutir com um amigo. Tem-se a sensação agradável de estar dividido, sem porém jamais poder estar separado.

Goethe

Era uma manhã de Maio, daquelas que em Roma são inesquecíveis. Cheias de uma luz branca, penetrante e clássica. Até a estátua equestre do Marco Aurélio no Campidoglio parecia menos severa, carregado como estava o ar de uma frescura fértil e alegre. O jovem turista que subia a colina estava ali pela primeira vez, mas o que via não era novo ou inesperado. Eram tudo confirmações de um saber que transportava consigo de longa data: todo o acumular de simpatias, expectativas e compreensões que resultam da socialização-padrão de um letrado na civilização ocidental. Pouco importa que, neste caso, tivesse sido em África que lhe tivessem incutido esse fascínio — o monte Capitolino nunca será um monte qualquer. Mesmo se ele tivesse sido africano e não caucasiano, depois das explicações de latim para o 7.º ano dos liceus que o padre Fernandes lhe dera, nunca aquele monte seria igual a todos os outros.

Passou pelos monstros de pedra que seguram uns cavalinhos, cada um de seu lado, e entrou na praça. Sabia bem que cada pedra que via debaixo dos seus pés era individualmente parte de um desenho feito pela mão de Miguelangelo. Não via o desenho – estava próximo de mais –, mas era como se o sentisse. Caminhava sobre matéria valiosa, como quem pisa um raro espécime de tapete de seda. Deu duas voltas ao chato do imperador: o luxo voluptuoso do Campidoglio ria-se da filosofia naquela linda manhã de Primavera romana.

Àquela hora o Museu Capitolino estava praticamente vazio. O entusiasmo com o que via absorveu completamente o jovem turista. Seria mesmo assim que se pareceria um guerreiro gaulês ferido pelo bruto de um romano – dobrado num gesto de incrível beleza perante o estertor da morte? Seria assim que alguém o queria conceber? Quem? Que representaria a morte desse gaulês ali, em Roma, hoje? E na época em que foi feito?

Deu a volta ao museu num estado de semitranse, perdido dentro de um mundo que se lhe abria, não ao toque, não ao contacto humano, mas à imaginação histórica – esse dom que, no seu caso, sofre quiçá de gigantismo. Entrou numa sala com amplas janelas pelas quais a luz creme do dia, agora já mais quente, entrava a rodos. Ao fundo, com uma sala só para si, um carro de batalha romano tinha sido recriado a partir de restos de bronze. Quantos gauleses teriam sido mortos com ele? Ou teria aquele ali sido simplesmente um carro cerimonial, sem nenhuma utilidade violenta – um simples símbolo de domínio, como a escultura do gaulês que morre?

Foi então que se encontrou frente a eles. O repentino contacto humano violou-o tanto ou mais que a eles. Foram, porém, violações diferentes. Para eles, o turistazito era um intruso num acto de profunda comunicação; para ele, eles eram uma esperança frustrada de realidade humana, do amor absorvente que ambicionava mas não tinha.

Como descrever o que viu? Ele não tinha mais de 20 e poucos anos. Aprumado, imberbe, de cabelo preto e pele cor de azeitona, vestia o seu traje de franciscano, como quem nunca tinha usado outra coisa. E o mesmo ela, no seu hábito de claris-

sa, pequena, lindíssima, com uma pele branca marmórea que fazia sobressair os olhos negros profundos, surpresos. Pararam de frente para o intruso, de mãos dadas, saindo apressadamente da intersubjectividade em que estavam imersos.

Foi tudo muito repentino – não fosse a vaga sensação de inveja, o jovem turista não teria demorado tanto a levantar os olhos e eles não teriam tido tempo para notar que havia ali algo de errado. Não se teriam forçado a separar as mãos e a sair rapidamente da sala, irritados e silenciosos.

Mais tarde, cá fora, a atmosfera mudara. O sol queimava agora a praça, quebrava o vigor das estátuas e dos transeuntes. O frenesi da Roma moderna, automobilística, fazia-se sentir já pelos barulhos e cheiros. Ao começar a descer a rampa, o turista viu ainda o casal místico à distância, descendo a escadaria lentamente. Quem sabe se eram irmãos de sangue? O sisudo do Marco Aurélio, sentado no seu cavallinho, via todos os três a descenderem para a cidade do trânsito, em direcção ao ruído. Um pairava indeciso, os outros dois levavam algo de adquirido, tinham encontrado uma afinidade electiva.

Este prólogo teve por finalidade introduzir aqui todo um novo campo de experiência. O do amor retribuído, a afinidade preferencial entre dois seres humanos que é o inverso da loucura. Entre duas pessoas que se amam, o demónio não tem lugar. Ele só entra onde pode exigir prioridades.



Vem-me à memória um caso que conheci e que parcialmente acompanhei em Paço. A primeira vez que reparei no Tõno da Eira foi numa tarde de Outono em que tínhamos ido passear na floresta para os lados do monte do Rosário, por cima de Souto. Estava ele a cortar lenha para a Júlia do Lobo. Eu e a Ruth discutíamos, não me lembro já sobre o quê, mas recordo-me da curiosidade com que nos olharam, porque já nos estavam a ouvir ainda antes de os termos visto. Como sempre em Paço a sua curiosidade aproximava-se do espanto. Não só não compreendiam os princípios que geriam a nossa relação tempestuosa, como não percebiam o inglês que normalmente falávamos. Esta incompreensão era uma constante fonte de surpresas para eles. Numa terra de emigrantes sabiam bem que noutros locais se falavam outras línguas. O que havia de estranho é estarmos nós ali entre eles, já tão familiares, falando aquela algaraviada.

Os ramos cortados espalhados pelo chão impediam a passagem. Tivemos de esperar por que o Tõno os afastasse. Tentei ainda abrir conversa sobre o tempo com a Júlia, que já conhecia, mas ela era de poucas falas e foi ele que respondeu. Não porque fosse falador, mas por embaraço. Não me recordaria hoje de o ter encontrado se não fosse a maneira como ele respondeu. Para dizer que, de facto, talvez já não voltasse a chover hoje, despejou um saco de bojardas de tal quantidade e tal calibre que nos deixou a todos os três positivamente espantados. Sorria, estava a querer ser simpático. A Júlia só dizia: «Oh, homem! Oh, homem!» E ficou muito embaraçada. Soube depois que se foi queixar à Sãozinha: «Que é que estes senhores vão pensar da gente aqui?»

Tinha fama de ser «tõno», ou «bicho do mato», como se diz por aquelas bandas. Era baixo, forte, louro, rude, como um animal de tracção, e tinha na altura os seus 40 anos. Andava sempre andrajoso, vivia num casebre que os pais lhe tinham deixado e trabalhava a jornal porque não conhecia nenhuma «arte». Era o mais brutinho de toda uma série de filhos de um casal muito pobre e com pouco prestígio local. Nunca tinha emigrado e a escola não tinha passado por ele. Falava de uma

forma rudimentar, soltando constantemente as pragas mais violentas, a ponto de chegar a ser difícil saber qual o significado essencial do que estava a tentar comunicar.



Mas o Tôno tinha uma «conversada», a Olivinha. Desde pequenos que brincavam juntos; se os deixavam soltos, iam logo procurar-se. Mais tarde começaram a encontrar-se às escondidas porque sabiam que eram tema de risota geral. Ela era filha de mãe solteira, uma pobrezita vinda sabe-se lá donde que vivia do que ia ganhando por esses campos.

– A mãe diz que ela é filha do Costa e que foi contra a sua vontade, mas vai-se lá a saber..

De qualquer forma, só o diz a portas fechadas, que, se a Gracinha da Torna ouve, tínhamos para aí uma cena tal que a Olivinha ainda acabava por ter de se ir embora daqui.

Hoje a Olivinha é pequena e magra, tem o cabelo preto curto e veste-se com roupas escuras, sempre mal amanhadas. Por oposição ao Tôno, ela não tem problemas a falar e, se pragueja, pelo menos percebe-se bem o que quer dizer com aquela sua voz fininha e penetrante. Os vizinhos têm-na por uma simples, por ser muito arisca e por nunca ter querido a outro homem que não fosse o Tôno ou sequer manifestado desejo por outra vida que não fosse aquela vida simples de jornaleira.

Um dia dei com duas das minhas vizinhas do Souto mais o

Lopes na conversa, partidos de riso. Parece que o Tõno e a Olivinha tinham ido ao padre pedir que arranjasse os papéis para se casarem. Veja-se lá que disparate! Bem que eles costumavam dizer quando eram novos que se queriam casar. Só que, com a risota que aquilo dava, pensava toda a gente que se tinham esquecido da ideia. E então, com estes anos todos, é que lhes veio o cio – riam-se a bandeiras despegadas! Diziam que o padre lhes tinha perguntado por que é que só agora se lembravam da coisa e que eles teriam respondido que só agora é que tinham arrumado as poupanças necessárias. E bem pouca coisa teria sido, coitados, que pobres lá isso são!

Antes de me ir embora ainda falei com o padre sobre isto. Tínhamos ido visitar uma casa que ele herdara numa freguesia próxima e que estava a restaurar para que um dia em que morresse a irmã tivesse para onde ir. Lembro-me bem de que foi na cozinha ainda inacabada que tivemos essa conversa. Havia ali uma pequena janela com uma linda vista sobre um valezinho muito verde, com um bosque de pinheiros por cima a fechar o horizonte.

– Então, Sr. Reitor, ouvi dizer que o Antõnio da Eira e a Olivinha se vão casar?

– Ai soube disso? Que grande disparate! Isso é o povo a fazer troça, não ligue. Não vão casar nada. De qualquer modo, eu é que não os caso. Só faltava mais essa!

– Mas então porquê? Se eles querem. E, afinal, querem ou não?

– Lá querer parece que querem, mas eles sabem lá! São uns tontinhos, coitados. Nem parecia bem.

– E porque não?

– Mas então não está a ver? Duas pessoas que não têm nada de seu, para que é que eles se vão casar? Não têm nada que juntar, só se juntam eles, como os animais. Aquilo não tem jeito nenhum. E então já com aquela idade. Disse-lhes que fossem à vida, que não pensassem mais nisso. O casamento é uma coisa sagrada: para as pessoas fazerem casa, ter filhos.

O padre não tinha contado com a força da vontade deles. Julgou-os individualmente e não por aquilo de que realmente

eram capazes juntos. Quando voltei a Paço, dois anos mais tarde, passei um dia por eles a caminho de Padim. Vinha ele à frente, com um chapéu novo na cabeça, uma camisa limpa e os sapatos na mão. Atrás vinha ela, também mais arranjada e penteada, com um miudinho lourito nos braços. Um bebé muito bonito.

Nem podia acreditar no que via. Cumprimentei-os, mas mal me responderam, como se não me conhecessem, o que não era o caso. Chegado a Padim, fui logo perguntar à filha do Cunha o que é que se passava. Contou-me então a seguinte história.

Pouco depois de me ir embora, eles tinham voltado a insistir com o padre, que continuara a dizer que não, que não lhes arranjava os papéis, pensando que eles não conseguiriam fazê-lo sem ajuda. Qual não foi o seu espanto quando, uma tarde, eles apareceram a dizer que tinham ido à vila e que já tinham todos os papéis arranjados. Ou o padre os casava ou eles iam pelo registo, porque lá ninguém lhes poderia dizer que não. Que solução teve o padre senão casá-los?

Não fizeram festa, porque mais ninguém levava aquilo a sério. No dia do casamento vieram sozinhos, cada um de sua casa. Ela levava um cesto na mão com um presente para o padre e uns sapatos na outra mão; ele ia de chapéu e guarda-chuva. Foi uma risota geral: «Aquilo até parecia antigamente.» Agora as pessoas já só gostam de casamentos tipo emigrante, com a noiva de vestido branco de cauda, o noivo de fato cinzento e cravo na lapela, um carro todo enfeitado e uma recepção valente de muitas centenas de contos.

Depois da igreja foram almoçar à vila com a mãe dela e os pais dele num restaurante barato. Os irmãos não puseram lá os pés de vergonha. À noite foram para o casebre do Tôno, que é onde vivem agora. Estava toda a mocidade escondida à espera para lhes fazer uma «tocata». Já não se fazia uma no Paço há muitos anos, desde que a viúva do Rodrigo se tinha casado com o criado para lhe deixar a herança, na Fonte Seca. Quem sabe se voltará a haver outra?

O carpinteiro que lhes tinha lá ido montar a cama não tinha aparafusado os ferros, já de propósito. Enquanto eles estavam

fora, os moços tinham-lhes metido uns jarros de barro com água debaixo da cama. Quando eles chegaram a casa, sozinhos, estava tudo num silêncio total. Meteram-se na cama e, quando esta começou a mexer-se, caiu abaixo das pernas e partiu os jarros. Era o sinal! Os que estavam no telhado levantaram as telhas e deitaram um balde de água sobre o casal e lá fora começou toda a gente a tocar cornetas, panelas, bombos e sinetas. Parecia o juízo final. O Tõno apareceu à porta todo molhado. Vai logo toda a gente: «Olha, o Tõno mijou-se!» Foi um pandemónio a noite toda, com eles fechados lá dentro. Só de vez em quando se conseguiam ouvir os impropérios que ele dizia.

Quem sabe se era uma forma de a vizinhança lhes dizer que os aceitava? Eles já deviam estar à espera; habituados a serem troçados estavam eles. Se fosse mesmo a sério, ter-lhes-iam feito como aos de Canhede. A verdade é que o Tõno e a Olivinha ficaram de bem com toda a gente; perdoaram e agora são felizes. Dez meses depois veio-lhes este filhito, que tratam como se fosse um príncipe. Anda sempre limpinho, dizem as vizinhas, e vão com ele regularmente ao médico, coisa que eles próprios nunca tinham feito. Segundo me informou a filha do Cunha, era daí que vinham quando me cruzei com eles a caminho de Padim.

A bênção do povo, porém, é sempre condicional. Quem não lhe tem respeito não mantém a pele intacta. Vou agora contar-vos então uma história passada em Canhede. Aconteceu aí uns cinco anos antes de eu aparecer em Paço, por isso nunca cheguei a conhecer as personagens. Por onde já irão elas nesta altura! Ela era da casa dos das Cortes, que «têm manias», porque são dos que têm mais terras por aquelas bandas. Um ano, na festa de S. Lourenço, conheceu um rapaz de São Martinho. O tipo estava em França e tinha vindo às «vacanças». Andava com um *Ford* branco novinho. Falou-lhe e ela achou-lhe graça. Ao fim do dia foi levá-la a casa de carro com outras moças de Canhede. Entrou, aceitou um copo e deu-se muito bem com o pai dela. Dizia que trabalhava como capataz na construção, que tinha muitos contos no banco, que já tinha comprado o carro. Soube-se que os pais dele eram boa gente. Escreveram-se depois que ele voltou à

França. Veio cá pedir-lhe a mão no Natal. Em Agosto, a Rosa das Cortes estava casada com o «francês». O pai deu-lhe um casamento como poucas ali à volta tiveram.

Fiando-se nos contos que o noivo dizia ter no banco, a Rosa e o pai insistiram para que não voltasse à França, que havia muito que fazer por aqui. Ele também não se fez muito rogado, por sinal. Não fosse estranho ele ter deixado o carro na França – iria lá mais tarde buscá-lo, dizia –, tudo correu bem nos primeiros meses. A Rosa irradiava alegria, dava gosto de ver. Ao terceiro mês, o sogro estranhou que ele não se empregasse na «arte»: se tinha trabalhado na construção na França, não seria difícil empregar-se por cá. Arranjou a que o Sr. Freitas da vila lhe desse trabalho. Da próxima vez que o sogro foi à vila, o Freitas queixou-se de que o tipo não percebia nada de nada, que não tinha uso para um mandrião daqueles. Aí o pai da Rosa começou a desconfiar. Então o tipo comia-lhe a sopa e bebia-lhe o vinho, mas não queria trabalhar? Pediu-lhe que o ajudasse no trabalho da terra, mas o «francês» deu a entender que isso não era para ele, que já não estava habituado.

O golpe final foi quando o irmão da Rosa se decidiu a abrir uma loja ali em Canhede; que a do Taveira já não tinha mãos a medir. Propôs-lhe que fossem a meias, que não era um investimento muito grande, que ele sempre guardaria o grosso das massas no banco, para estar seguro. Ele fingiu que hesitava, que tinha planos mais grandiosos. Deu em dizer que respondia para a semana, depois para a semana seguinte. Até que as coisas começaram a andar feias. Como é? Onde está o carro? Onde está o dinheiro? A Rosa não gostou nada do que estava a ouvir. Fez-se-lhes luz de que, se calhar, tinham sido levados.

Por fim, o «francês» confessou. Não havia dinheiro nenhum, não havia carro nenhum, que o outro era emprestado, e ele não sabia nada da «arte». Foi o pandemónio total. À Rosa deu-lhe um desmaio, pensou que ia morrer; o pai ia matando o tipo com a pá do forno e o irmão, esse berrava como um desalmado. Puseram-no na rua logo ali a meio da noite e ele acabou por ter de dormir no palheiro de um vizinho. Mas não arredava pé; não acreditava que o tirassem assim de casa depois de estar

casado com ela. Não lhe parecia justo. Ainda tentou pedir aos vizinhos que o ajudassem, mas qual quê! Estava tudo contra ele; se lhe davam alguma coisa de comer, era como quem dá a um cão. Imaginem só que lhes tinha acontecido a eles! Quando, finalmente, os das Cortes o expulsaram do lugar à paulada, fingiram todos que não viram.

Em São Martinho da Gândara, os pais também não lhe perdoaram a humilhação. «É melhor ser pobre que mentiroso, António. Tu o que fizeste foi um roubo a eles e a nós», disse-lhe o pai. Que fosse para a França outra vez, talvez desta vez conseguisse alguma coisa que se visse. No ano seguinte voltou pelo Verão, mas a Rosa não deixava que a enganassem duas vezes. Mandou dizer por uma vizinha que não pusesse os pés lá no lugar, porque, se o pai ou o irmão não o matassem, mata-a ela. Se queria voltar, que depositasse primeiro o dinheiro prometido na conta dela, no banco, e depois ver-se-ia. Nunca mais voltou.

Passados uns meses, as vizinhas começaram a perceber que alguma coisa se passava entre a Rosa e o Nelo da Torre. Quando ele ia à vila, ninguém dava com ela. Uma vizinha que ia de autocarro a Ponte de Lima para visitar o médico viu-os juntos dentro de um táxi. Ninguém estranhou; a bem dizer, era de esperar. Ela era uma moça nova, recém-casada, que ficou para ali como viúva, e ele... todos sabiam como a mulher o tratava mal, como lhe berrava o dia inteiro, e havia até quem já os tivesse visto à porrada um ao outro e não era ele quem mais batia! Os dois filhitos, coitados, eram uns sacrificados; uma megera da pior espécie essa Ester da Torre. Bonitinha era ela – o que se não podia dizer da Rosa –, mas era um estafermo que já ao pai tinha tratado tão mal que lhe tinha apressado a morte, diziam as vizinhas. Para as cenas da Ester já ninguém tinha paciência. Se ele queria andar com a Rosa, isso era lá com ele.

E assim foi até que a Rosa engravidou. Ao pai dela e ao irmão tanto se lhes dava. Pouca sorte já ela tinha tido, que a deixassem mas era em paz. Pegaram nuns cortelhos que tinham já fora do lugar; fizeram dali uma casinha pequena mas asseada e ela foi para lá viver. Agora o Nelo passava por aquelas bandas



quase todos os dias. O miudito nasceu e tudo ia bem, não fosse o Nelo não suportar mais a mulher. Ela tinha ciúmes e, se já antes tinha sido insuportável, agora não havia maneira de a aguentar. Até que ele se fartou; uma tarde disse-lhe que não esperasse, porque não voltava. Pegou num saco de roupa e desandou.

De manhã cedo estava a Ester na estrada, em frente à casita da Rosa, com os filhos pela mão, num berreiro desgraçado. Os vizinhos vieram ver o que se passava. Palavra puxa palavra, mandaram uma tia dele dizer-lhe que fosse levar a mulher para casa, que assim não se resolvia nada. Ele primeiro não quis responder, depois veio à porta dizer que não tinha nada mais com aquilo tudo, que ela fizesse da vida o que lhe apetecesse, que ele não queria mais nada com ela.

Os vizinhos não acreditavam no que ouviam. Se até ali todos tinham tido pena dele, porque a Ester era de facto um estafado de primeira, agora as coisas punham-se feias. Quería ele abandonar a casa, a mulher e os filhos? Não sabia para que serve o casamento? Canhede não é Lisboa! As mulheres não são para se deitarem fora quando já não servem. E que seria da casa dele? Não tinha respeito a quem lha tinha deixado? Uma sem-vergonhice destas até dava mau nome ao lugar. Não se podia aceitar. Se ele não queria voltar para a mulher, então ali também não ficava a dar aquele espectáculo.

Como ele não se demovesse por vontade própria, puseram-no dali para fora à pedrada mais a Rosa. E que nunca mais voltassem juntos! Escorraçados do lugar, os dois amantes esconderam-se, com o filho nos braços, por trás de uns penedos perto da estrada. Nessa noite, o irmão dela passou lá com o carro para os levar a casa de um tio, do outro lado do rio. Foram dali para a Alemanha e nunca mais voltaram a Canhede. Diz-se que houve quem os tivesse encontrado lá na estranja e que estão bem.

O casamento, portanto, é uma coisa séria. Juntam-se duas crianças sem importância e fazem-se logo gente. Por isso, os miúdos são contra os «casamentos de vacas»: agora feitos, logo desfeitos. Os pecados que cada um comete é lá com ele ou ela; mas isto de casamentos é com toda a gente do lugar. Dali sai

uma casa e é de casas que se faz o lugar, de lugares que se faz a freguesia, de freguesias que se faz o país.

Quem se casa à revelia dos vizinhos sofre-lhe as consequências. Por isso, antes acontecia muitas vezes casarem-se a meio da noite, às escondidas, para que os vizinhos não pudessem impedir o padre de os casar. Agora vão casar-se ao Sameiro, dizendo que é uma promessa. Depois sofrem humilhações, mas ao menos já ninguém os pode descasar. Alguns, coitados, passavam mesmo por maus bocados. Mas cada um sabe as linhas com que se cose. Pode a gente não concordar com a justiça do povo, mas ela é sempre previsível. Quem se mete nelas depois que se arranje!

Há casos do Diabo! Pouco tempo depois de voltar a Paço pela segunda vez, quando trouxe a Ruth comigo, o Cunha ia fazer uma louvação lá para os lados de Fonte Seca. Acompanhei-o na caminhada porque queria visitar um homem a quem tinha sido apresentado pelo padre uns dias antes. Por sinal, o homem não estava ou tinha mais que fazer do que perder tempo comigo naquela altura do ano. Ossos do ofício!

Quando o Cunha passou pelo Souto a buscar-me, ainda era cedo, numa manhã de Junho. Nos carreiros, as ervas molhavam-nos os sapatos e as pernas das calças. Passado São Macário, não seguimos pela estrada, que era mais longe. Fomos pelo caminho velho, coberto de pedregulhos irregulares, cavados aqui e ali pelas rodas dos carros, ladeado de muros de pedra solta cobertos de musgo; em alguns sítios, o caminho estava já quase impedido pelas giestas e arbustos que vão crescendo ao deus-dará porque já não passam carros de bois por ali. Do outro lado de umas leiras, o caminho sobe abruptamente, cavado na terra esbranquiçada de granito em decomposição. Lá em cima demos a volta a um pequeno morro.

– Foi aqui que elas o apanharam – diz-me o Cunha. – O da louvação que a gente está agora a fazer em Fonte Seca – explicou. – Prenderam-no a um pinheiro ali por trás daquelas pedras. Não se vê daqui, está claro.

O velhote tinha morrido muito depois da mulher. Tinham deixado filhos, netos e bisnetos. Quando da morte da mulher,

o filho mais velho estava na França e os outros eram muito miúdos, por isso ficou tudo em comum. Depois, conforme se iam casando, ele foi-lhes dando as terras para fazerem casa e horta; a cada um de sua vez. Mas nunca tinham feito partilhas. Só há uns meses, quando o velhote morreu, é que foram fazê-las. Estava tudo já decidido, a louvação terminada e os lotes escolhidos. Só nessa altura descobriram que não havia indicação nos registos de que o velho tivesse sido casado. Apesar de estarem todos registados como sendo filhos de uma união legítima, a verdade é que essa união não estava oficialmente registada, era inválida para fins legais. Por lei, portanto, as propriedades que ele tinha comprado com o dinheiro trazido do Brasil pertenciam aos sobrinhos!

Ninguém tinha suspeitado nunca de nada. Foi-se ver à igreja e, de facto, havia lá registo, mas a data tinha sido riscada. Havia uma nota da mão do padre Fontes a dizer que a cerimónia tinha sido protelada. Perante aquele grande mistério, foram-se informar com os mais velhos do lugar, a ver se ainda alguém se lembrava do que se teria passado. Felizmente, havia uns velhos que tinham ouvido falar dos acontecimentos, mas já nenhum dos que participaram activamente estava vivo. Depois de muitos aborrecimentos, e passado o caso pelo tribunal, lá conseguiram pôr os registos em ordem e o Cunha ia agora à Fonte Seca só para pôr termo ao processo.

Nunca me disseram o nome do velhote, mas digamos que se chamava Francisco, para facilitar a narração. O Francisco era um valente moço ali de Fonte Seca. Na época, o lugar era mais pequeno: uma série de casas todas aninhadas em torno a dois ou três caminhos imundos num baixio – que era para se protegerem das tempestades e dos raios. No meio estava, como ainda está, a fonte – que, felizmente, não é nem nunca foi seca. Até os próprios caminhos que agora estão ao abandono, pelos quais eu e o Cunha nos movíamos, não tinham ainda sido terminados nesses tempos remotos do princípio do século. Fonte Seca era um lugar mesmo muito isolado. Aos domingos, só para ir à missa lá abaixo ao pé do rio, perdia-se o dia quase todo. Muitos só iam à missa para a desobriga pascal.

Já há muito que o Francisco e a Antónia eram conversados. Eram primos e da mesma idade, estavam destinados um ao outro desde crianças, até porque reuniriam as terras dos avós. Conforme foram crescendo, iam mantendo a amizade. Nas festas e romarias, ela só dançava com ele, e ele, às tardes de domingo, vinha visitá-la à porta de casa. Com 23 anos, porém, ainda era cedo, ninguém tinha pensado em casamento para já.

Foi então que o José Fernandes voltou do Brasil. No dia em que chegou a Fonte Seca deixou todos os vizinhos de boca aberta. Não era assim tão frequente ali naqueles sítios isolados que alguém conseguisse ir para o Brasil e sobretudo que voltasse com algum pecúlio. Vinha com um fato branco e um grande chapéu de abas largas, carregava duas grandes malas numa burra que puxava atrás de si. A mulher e a filha, já convencidas de que nunca mais o veriam, iam morrendo de felicidade. Fez-se logo ali uma festa com muito vinho a correr à custa do Fernandes. Quando o sol se levantou, ainda havia quem dançasse ao som, já pouco certo, do acordeão do Zezinho Picas.

O Francisco andava, como todos os outros rapazes, fascinado com as histórias que o brasileiro contava. Sentavam-se na taberna e pediam ao Fernandes que contasse o que tinha visto por lá. O Fernandes dourava um pouco a pílula, mas não era nem mentiroso nem irresponsável e não queria criar naquelas mentes jovens expectativas que ele sabia que não seriam realizáveis – a vida é difícil em toda a parte e no Brasil, se calhar, ainda mais.

Com o tempo tudo perde o brilho. Dos rapazes que andavam em torno ao Fernandes quando ele chegou, já só o Francisco não lhe deixava o lado. Fizeram-se amigos. Iam juntos à feira na vila e, quando o Fernandes quis ir a São Bento da Porta Aberta pagar uma promessa, o Francisco foi com ele. Foi durante essa caminhada de uns dias que cozinham o plano: o Francisco casava com a filha do brasileiro, que assim ficava mais descansado em deixá-la aqui na terra pois ela era bem bonita; em seguida iam os dois juntos para o Brasil; o Fernandes pagava a viagem ao genro e, com os conhecimentos que já lá tinha e o capital acumulado, apoiando-se um no outro, haviam de voltar ricos.

Foram logo falar com o padre para arranjar os papéis. A moça, essa não queria outra coisa – o Francisco era mais velho uns anos e ela olhara para ele sempre com um pouco de inveja da Antónia. Para ela aquilo era um sonho.

Quando se soube no lugar, é que as coisas não andaram tão bem. A Antónia começou logo por apanhar a filha do brasileiro um dia na fonte e dar-lhe tal carga de porrada que a deixou de cama por dois dias. Depois, queria que os tios impedissem o casamento. Os velhos, a bem dizer, não estavam muito satisfeitos – sempre tinham contado com a sobrinha para nora. Era ela que olharia por eles na velhice. Por outro lado, a proposta que o Fernandes lhes fez na noite que voltou com o filho da romaria não era das que se podiam deixar passar. Eles também tinham uma filha e as propriedades não davam para dois; com o Francisco no Brasil sobraria mais para ela. Talvez assim se pudesse arranjar dote para casar a Berta. Acabaram por aceitar.

O Francisco é que não saía de casa dos pais, com medo da Antónia e das amigas, que ameaçavam matá-lo. Chegou o dia do casório. A procissão saiu a pé, como era então costume. Todos aperaltados, de guarda-sol aberto, iam vinte a trinta pessoas atrás dos noivos. Correu tudo às mil maravilhas até chegarem ao Souto, já o dia ia avançado. Tinham de passar ali por baixo de um muro da Quinta da Toma. De repente, saltam lá de cima três cabeças e despejam dois baldes de merda e mijo por cima dos noivos. Tiveram todos de debandar porque havia pedras e calhaus preparados para pôr o séquito de corrida. Mandaram um miúdo avisar o padre Fontes – foi nessa altura que ele riscou a data no registo.

Nem uns nem outros desistiram das suas intenções. Ficou toda a freguesia à espera, a ver no que aquilo ia dar. Uma semana depois o Fernandes avisou que ia com a filha e a mulher mostrar-lhes o mar em Viana. A mocidade desconfiou logo que alguma coisa se passava, mas foi a irmã do Francisco que acabou por confessar o plano que tinha ouvido o irmão fazer com o Fernandes. Nessa noite, à 1 da madrugada, o Francisco abriu a porta de casa e, cuidadosamente, esgueirou-se do lugar,



metendo-se a monte, para chegar à igreja antes ainda do amanhecer. Ia todo janota, com o fato já lavado, se bem que ainda lhe parecia sentir um vago cheiro a estrume. Não sabia era que vinham as moças do lugar atrás dele. Montaram-lhe uma emboscada. Quando ele passava no lugar que o Cunha me indicou, foi apanhado por dez jovens braços femininos. Despiram-no todo e amordaçaram-no. Prenderam-no a um pinheiro lá mais por trás de uns pedregulhos onde não se visse do caminho. Sabe-se que lhe bateram, porque ele tinha as marcas quando foi encontrado, não se sabe é que mais lhe fizeram, porque nunca ninguém contou.

Quando ele não apareceu até à hora da missa da manhã, o Fernandes viu logo que tinha havido esturro. Não valia a pena esperar. Voltou ao lugar – e, por sinal, passou bem perto do Francisco, mas sem o ver. Ninguém sabia onde ele estava. Só na manhã seguinte é que um serrador de São Macário que tinha ido ao monte deu com ele, mais morto que vivo. Foi para casa e ainda esteve umas semanas de cama, que bem apoquentou a família e a noiva.

Não havia nada a fazer. Se não os deixavam casar-se, a coisa resolvia-se de outra forma. Ninguém podia impedir que o Francisco vivesse em casa do Fernandes. A verdade é que os restantes vizinhos já começavam a estar fartos da história. A Antónia, da vez seguinte que se pôs a refilar e a achincalhar a mulher do brasileiro ao pé da fonte, levou um tabefe da mãe e foi para casa corrida. Os ânimos começaram a amainar.

Quando, dois meses depois, o pai e o quase-genro saíram de Fonte Seca em direcção ao Porto para apanhar o barco para o Brasil, já a filha do Fernandes estava prenha. O miudinho só conheceu o pai quando ele voltou, passados quinze anos. Não trouxe a fortuna que tinham planeado, mas trouxe o bastante para montar uma casa jeitosa e comprar algumas terras de milho e vinho. O Fernandes é que nunca mais voltou. Não porque tenha sido mordido por uma cobra, mas porque lhe mordeu o coração uma preta que conheceu na Baía e que nunca mais o soltou.

Estamos outra vez a 15 de Agosto. Aqui em Lisboa nada nos leva a pensar que o dia possa ser diferente dos outros dias. No Minho, porém, raras serão as freguesias que não estão em festa. Se não for a celebração da ascensão de Nossa Senhora é a que a substitui quando os fregueses já não têm mais paciência para os padres, a Festa do Emigrante. Em Paço hoje já devem ter rebentado vários contos de réis de foguetes – como que para lembrar aos céus que é dia de festa, caso S. Pedro se tivesse esquecido de mandar os anjos pôr uma colcha à janela.

Passou um ano desde que comecei a escrever este livro. Para o leitor passa-se tudo no percurso de uns dias; para mim, o tempo desta escrita mede-se em meses, em anos e na década que entretanto passou desde que primeiro visitei Paço. Foi uma peregrinação de que só agora sinto que estou a voltar; uma viagem que recolho em palavras para que não se perca dentro de mim.

Hoje levantei-me tarde – em época de férias não tenho razão para me apressar. Tomei o pequeno-almoço e sentei-me em frente ao ecrã do processador de texto. Como é meu costume, reli atentamente o que escrevera ontem. Conforme ia avançando, fui-me apercebendo de que algo me impedia, como se estivesse a nadar contra a corrente. Só um pouco depois de interromper a leitura me dei consciência do que se passava. A janela e a porta do meu gabinete – uma à minha esquerda e outra à minha direita – estão abertas. Para lá do patamar das escadas, a janela da cozinha está também aberta. Do lado da cozinha chegava-me a música da vizinha, cada vez mais intensa, mais pressionante – que hora mais estranha para tocar o *Bolero* de Ravel! Do lado da rua chegava-me o carrilhão de uma igreja qualquer – como raio é que nunca o tinha ouvido antes? Fui obrigado a parar. Conseguia apagar uma orelha e ouvir a outra, e vice-versa, mas, quando tentei ouvir as duas, apercebi-me de que não conseguia. Tive a sensação de que o meu cérebro se dividia em dois com um golpe tão certo que as metades brilhavam como vidro. Por entre elas reflectia-se a luz verde do ecrã à minha frente.

O *Bolero* acaba de repente — isso eu sei —, o que me perturba é que não consegui perceber se os sinos acabaram ao mesmo tempo ou não. Mal comecei a escrever isto, no entanto, perdi logo o sentido da situação. A escrita abafou o sentimento de participação. Da mesma forma, conforme vou escrevendo este livro, vou perdendo o sentido das sensações que o motivaram — vão sendo substituídas pelas interpretações que teço. Vou-me encontrando mais em Lisboa. É como quem narra um sonho, sabendo que, na narração, o sonho é recriado sem que, lá por isso, se torne menos verdadeiro.

Afinidades electivas II

O marido da Tina dos Vigários, o Silva, foi dos que ainda emigraram para o Brasil nos anos 50. Teve pouca sorte, porque os que foram clandestinos para a França nessa época acabaram por trazer mais dinheiro. Mas quem iria prever isso na altura? Como ele tinha lá um irmão, o Brasil pareceu-lhe mais seguro.

Quando se casou com a Tina, ela era a rapariga mais linda de toda a freguesia e arredores. Magra, alta, com o cabelo preto abundante, tinha feições que pareciam cortadas em mármore, com linhas nítidas e simples. Nunca foi namorada — os rapazes não estavam à vontade com ela porque era muito séria e dava a impressão de reparar em tudo. Mas o Silva era simples, inteligente, directo e, como não era dado a basófnas, não tinha nada a esconder. Por isso não teve medo do escrutínio a que ela os sujeitava. Estavam, e estão ainda, feitos um para o outro. A Sãozinha diz que mudaram pouco com os anos. Quando os conheci, ainda se via que ela tinha sido uma beldade e ele continuava a ser inteligente, bondoso e pouco ambicioso.

Casaram-se um pouco à pressa por causa do filho que já vinha a caminho. A casa foi-lhes dada pelos pais dela, mas não tinham terras. Ele teve que ganhar a vida. Por isso foi para o Brasil. Pagou-lhe a mãe a viagem, como já a pagara ao irmão, com o resto do dinheiro que o pai deles também por lá ganhara nos seus tempos.

Trabalhou numa fazenda, já nem ele sabe dizer onde; depois foi para o Recife, vivendo em condições precárias e fazendo de tudo um pouco até ter acumulado o dinheiro necessário para a passagem de volta. Passaram-se, entretanto, cinco anos. Desde os primeiros meses que sabia que não voltaria rico. Voltar sem nada para mostrar pelo esforço, no entanto, foi-lhe parecendo pior sorte que esperar mais uns tempos. Ficou por isso à espera, a ver se a fortuna lhe batia à porta, para trazer alguma coisa consigo. Por fim, conseguiu um contrato de exploração de uma linha suburbana de camionagem a medias com um sócio. Durante dois anos trabalharam quanto puderam. Dormiam na camioneta, comiam na camioneta, não faziam férias e não paravam ao domingo. Ao fim de sete anos, quando voltou, o Silva era um homem cansado, de 35 anos. Trouxe o suficiente para comprarem umas leiras, para reconstruírem a casa no Barral que tinham herdado dos pais dela e para terem um pequeno pecúlio a render no banco. Sobretudo, trouxe consigo uma total ausência de ambição, que partilhava com a mulher. Viveram o resto da vida como camponeses pobres, mas, graças a Deus, honrados, independentes e satisfeitos com a sua condição.

Enquanto ele andava pelo Brasil, ela precisava de ganhar a vida. Ia a jornal sobretudo para a Quinta da Anha, que ficava logo ali. O feitor, o Rodrigues, vinha de uma freguesia do outro lado do rio e tinha-se casado com a Micas do Resteva, cujo pai fora o feitor anterior. Com as terras que a mulher herdara e as que ele geria dos patrões era um agricultor importante na freguesia e da Páscoa ao S. Miguel (Setembro) tinha quatro a cinco jornaleiros a trabalhar para ele a tempo completo. Para a Tina aquilo era um ganho seguro e até agradável. Se bem que eles tivessem fama de agarrados e não dessem aos jornaleiros da comida que comiam, ela não se podia queixar. O Rodrigues nunca a tratou mal ou desrespeitou.

Foi no terceiro ano de ausência do Silva que as coisas principiaram a mudar. Já há três anos que ela lá trabalhava regularmente. Já nem era preciso darem-lhe ordens, era como se fosse da casa. Agora, que o filhito já andava, começava a estar menos



dependente dela. Era neto único e passava muito tempo com a avó lá em cima em São Macário.

Era a solidão que a punha doente. Chegava à noite e parecia-lhe que o corpo lhe doía do desperdício da sua força e da sua beleza. Perdia o sono. Quando ia à feira, os estranhos olhavam para ela, comiam-na com os olhos e ela chegava a casa ainda com pele de galinha.

A relação com o Rodrigues foi-se alterando. Todo o Verão foi uma dança. Ele pedia-lhe a opinião por tudo e por nada, nunca andava muito longe donde ela estava a trabalhar. Um dia, durante as vindimas, deu-lhes, aos dois, um tal ataque de riso que a Micas até acabou por fazer uma cena de ciúmes. Não era que o Rodrigues fosse envergonhado! Meu Deus, não havia jornaleira que não lhe tivesse passado pelas mãos. Só que aquele ar senhoril que ela tinha protegia a Tina, não era fácil tratá-la de forma leviana.

Veio o Outono e a solidão começou a assustá-la cada vez mais. Tinha terrores nocturnos, tinha medo do Inverno inóspito e vazio que a esperava. Foi tudo muito natural, como se o tivessem esperado. Um dia estavam os dois a cortar mato no monte. Debruçada a trabalhar com a enxada, ela sentia atrás de si a presença dele, quente e reconfortante. Ele pousou-lhe a mão numa nádega, ela estremeceu, levantou-se e olhou-o bem dentro dos olhos. Caíram no chão logo ali, agarrados um ao outro, como duas moscas.

Não era pessoa para coisas mal feitas, para sentimentos mal digeridos, para humilhações. Se ia dormir com ele, era em casa, com tempo. O Rodrigues era alto, forte e bastante mais sabido nestas coisas que o Silva. Nunca ela imaginara os prazeres que ele lhe dava nas longas tardes de Inverno em que dizia à mulher que ia à vila tratar de questões da Junta, da qual era secretário. Entrava pela janela que dava para trás do casario, para o pinheiral do Cabrela.

Passado um mês, numa tarde de chuva, apareceu-lhe a sogra em casa com cara de poucos amigos. Trazia-lhe o Toninho, que já estava com ela há uns dias. Sentou-se a aquecer as mãos à lareira.

– Trouxe-te o teu filho, que parece que te faz falta. Por que é que não foste lá por ele ontem?

– Como vomecê gosta que ele lá esteja e eu tinha aqui a corte para limpar..

– Pelo que vi agora mesmo, pouca limpeza fizeste.

– Pois foi. Doeram-me as costas. Até tive de me ir deitar.

– Doem-te as costas, mas é do que fazes na cama!

– Que história é essa, senhora?

– Não te faças de mal-entendida, que bem ouviste o que te disse. Já não é a primeira vez que ouço piadas das vizinhas.

– Ah, isso são essas cabras, essas invejosas das do Calão.

– Pois lá invejosas serão, serão. Mas Deus bem sabe, e tu também, que lhes deste ocasião, minha filha. Vê lá no que te metes e, olha, pensa lá bem se queres estragar a tua vida e a do meu Zé, que, coitado, bem sofre lá por vocês.

A voz da velha já era menos agressiva, engasgou-se até um pouco. Fez-se silêncio. À Tina, sentada à mesa, caíam-lhe lágrimas pela cara abaixo.

– E ele não volta, minha mãe?

– Eu sei, filha, eu sei. Voltará, que ainda é novo. Somos todas mulheres e sofremos todas da mesma sorte. O meu acabou por morrer lá. E olha que, mesmo com a idade que tenho, há noites que ainda parece que lhe sinto a falta na cama. Tu és nova, eu sei. Mas vê lá no que te metes, que, se fazes pouco do teu marido, ficas sem amparo. Nunca mais ninguém te dá respeito. Vê lá no que te metes! É uma vida triste, mas é a vida de mulher e não temos outra. Não digas depois que não te avisei. Que fique isto por aqui!

– Mas eu não fiz mal..

– Pois, pois... e eu nasci ontem? Eu e as vizinhas que me avisaram. Para eu te vir cá falar foi preciso que muitas outras falassem. Põe lá tento na tua vida enquanto é tempo, minha filha, por ti, pelo teu marido e pelo teu filhinho.

Foi-se embora quase logo. A Tina acompanhou-a com o miúdo nos braços até à cancela do terreiro. Chuviscava. A velha, vestida de preto, com o grande chapéu-de-chuva aberto,

arrastava as socas, tornadas pesadas pela lama dos caminhos. Virou-se antes de dar a volta à esquina:

– Olha que o menino molha-se, mulher!

Entre as pernas gigantescas de granito do espigueiro, o cãozito abanava a cauda, curioso e confortável.

Os degraus para a cozinha brilhavam com a água. Entrou, fechou a porta, mas deixou o postigo aberto, para que passasse o pouco de luz que este dia maldito ainda tinha. A janela à direita dava para o terreiro – as oito placas de vidro estavam precisadas de limpeza, bem via ela as teias de aranha. Via-as ela, porque o miúdo não via tais coisas e fora ele... que importância tinha?

Sentou-se no banco corrido ao lado da lareira, na parede oposta à porta. Pegou na toalha e começou a limpar a cabeça ao filho. Que sujo que estava; meu Deus, a sogra era do tempo em que a limpeza era um desperdício de água. Amanhã dava-lhe banho. Aqueceu o caldo no pote de três pés que estava ao lume e sentou-se à mesa no meio da pequena sala. O miúdo comia devagar; uma colherada por cada membro da família, vivos e mortos, para haver que chegassem. A chuva agora seria mais forte? A luz cinzenta que entrava pela janela e pelo postigo lutava com a amarela da lareira; cada face do filho tinha uma cor diferente. Sentiu náuseas e decidiu-se a não insistir mais com ele p'ra que comesse. Pôs as malgas na pia de ardósia à esquerda da porta e foi deitá-lo no quarto de dormir, que era a única outra divisão da casa – afora a loja no rés-do-chão, é claro.

O quarto também não era grande. Entrava-se por uma porta em frente à janela da cozinha e o quarto estendia-se à direita. Ao fundo, na parede da direita, havia outra janela, um pouco maior que a da sala. Aquilo era parte de uma casa que tinha pertencido aos avós dela, por isso os dois quartos eram desalinados. Por trás, na parte maior da antiga casa, vivia agora uma prima. Do outro lado do terreiro viviam as do Calão. Teriam sido elas a falar? Da janela da sala delas talvez ainda se pudessem ver sombras no quarto, porque a janela do quarto dava para o monte. Ninguém podia ver nada daquele lado, excepto se estivessem fora de casa à noite a espreitar...



Deitou o filho na cama e foi sentar-se no parapeito da janela a cantar baixinho para o pôr a dormir. Do outro lado do muro de pedra solta, os pinheiros parecia que sofriam com a chuva. Os ramos, pesados de água, tinham um ar caído. Pelos troncos escorriam rios. O chão devia estar particularmente escorregadio, com toda aquela caruma molhada. Continuou a cantar baixinho, como a chorar, apesar de o filho já dormir.

Só agora via que no muro baixo de pedra solta se notava o sítio por onde ele costuma saltar. Tinham caído as pedras de cima e as que lá se viam estavam mais novas, com menos musgo. Como é que não reparara antes? Também daquelas pedras se tinha de lembrar! Subia-lhe à garganta um aperto ao pensar no sorriso com que ele costumava galgar o muro, caindo seguro com ambas as pernas fortes no chão pisado, em frente à lenha que esperava ali, por baixo da janela, coberta pelo beiral, a sua vez de arder até à cinza na lareira.

Abriu a janela, fechou as portadas e voltou a fechar a janela. Foi sentar-se à mesa da cozinha, de costas para o fogo. O azul e amarelo com que o marido tinha pintado as paredes quando se casaram para dar mais cor ao casebre estava agora a ficar preto em quase toda a casa. Se ele voltasse, talvez valesse a pena pintar outra vez as paredes, talvez ela se satisfizesse com o amor inocente e desajeitado que ele fazia. Talvez ele também viesse outro.

Da pequena gaveta da mesa tirou a última carta:

«[...] sempre consegui sair daquela selva. Graças a Deus, o meu irmão dá-me cama para dormir. Agora trabalho num café. O patrão é português, mas casou com uma brasileira unhas-de-fome. Pedi já ao Antunes para falar no estaleiro a ver se me querem lá, que se ganha melhor e eu sou forte. O Manuel Freitas levou-te o que te mandei? Como está o nosso filho? Que saudades que tenho de ti, Tina. Dá um beijo à minha mãe por mim, diz que lhe vou escrever para a semana...»

Tinha-se mudado para uma cidade, o Recife. Se estivesse a fazer o dinheiro com que tinham sonhado, ter-lhe-ia dito. Não lhe tinha confessado o Nelo Freitas que o marido por vezes mal tinha que comer?

Primeiro pareceu-lhe que o pequeno se tinha levantado, mas depois ouviu-lhe o respirar profundo.

«Toc».

Era ele! Deitava pedrinhas à janela, que encontrara, pela primeira vez, fechada. Foi à masseira cortar um pouco de broa.

«Toc».

Sentou-se à mesa outra vez; tremia, caíam-lhe lágrimas e comia o pão, como que por vingança, sem fome.

«Toc».

Na manhã seguinte, a Tina decidiu-se a ir viver com a sogra. Apareceu-lhe lá ainda cedo com o miúdo pela mão, uma trouxa à cabeça e o cachorro atado a uma guita.

– Então, mulher, que se passa?

– Se eu cá estiver, vomecê não tem más ideias.

– Lá isso. Lá isso... Nem eu, nem tu... Não será má ideia, não. Por uns tempos. Mas olha que a casa é minha, quem manda aqui sou eu!

– Pois isso.

Não eram inseparáveis, mas também não se davam mal. Ninguém disse nada. Estavam só à espera de que a tempestade passasse. Ao terceiro dia, tinha a Tina ido cortar erva para a vaca, quando ouviu chamarem-na baixinho. Lá estava o Rodrigues, encostado a uma nogueira, com uma cara cansada e triste.

– Que se passa? – perguntou a Tina, atarantada.

– Que se passa? Passa-se que tu me fugiste, mulher.

– Tinha que ser.

– Porquê?

– Tinha que ser.

– Tina, eu quero-te muito. Eu dou em doido, Tina!

– Quem dá em doida sou eu.

Depois arrependeu-se do que disse porque ele deitou-se a ela a chorar. Quis beijá-la. Mas ela disse, muito baixinho, sobre o ombro dele:

– Não! Não quero. Vai-te embora, homem. Vai-te embora!

Falou com tal emoção que o parou. Afastou-se, assustado. Falou-lhe com mais cuidado:

– Vai-te embora agora, vá.

Ele foi. A última coisa que a Tina viu foi que ele arrastava as chancas e os ombros tremiam-lhe.

A casa da sogra ficava um bocado fora do lugar, entre uns campos. Era Inverno, altura em que não é fácil uma pessoa esconder-se, porque as vinhas e os castanheiros não têm folha. Há três dias que ela não saía. Andava tensa, irritadiça, sempre com uma lágrima no olho. Ele rondava a casa. Sabiam as duas e não diziam nada uma à outra. Nesse noite, depois da ceia, estavam sentadas à mesa em frente a uma malga de vinho meio-acabada quando se ouviu um barulho de folhas no caminho, seguido de um longo silêncio. A velha não aguentou:

– Pronto. Lá está o sentinela. Até parece que a casa está ensombrada!

– E que quer que eu faça, senhora!? – respondeu a Tina num tom quase histérico.

A sogra levantou-se, abriu a porta, saiu e foi directa ao caminho. Ainda viu o vulto dele a esconder-se por trás de um muro.

– Não precisas de te esconder, estafermo, que sei bem que estás aí. Deixa-nos em paz, estás a ouvir? Não vês que estragas a vida desta mulher e ainda estragas a tua, caralho! Não ponhas cá mais os pés, senão eu faço queixa à Guarda.

Ao fim de uma semana, como não o tivessem voltado a sentir, a Tina decidiu-se a ir ao Barral olhar pela casa, porque uma casa abandonada deteriora-se muito rapidamente. Mal sabia no que se metia. Ao passar perto da fonte deu logo com a Micas. Cumprimentou-a distraidamente. A outra pôs as mãos à cinta e começou num relambório; chamou-lhe puta e muito mais; atirou-se a ela para lhe bater; já a tinha deitado ao chão com um lábio rachado quando as vizinhas a agarraram. A Tina escondeu a cara nas mãos e fugiu a chorar. Ainda ouviu a outra a gritar:

– Hás-de m'as pagar, hás-de m'as pagar, sua puta ranhosa, que nunca o meu homem andou assim por uma cabra em cio.

A coisa podia ter sido feia. Toda a gente via que o Rodrigues não andava bom e a Micas jurava que a Tina lhe tinha dado de comer uma crista de galo com sangue menstrual para lhe prender o coração. A conselho de uma «entendida», deu-lhe umas

ervas para soltar o ventre e ele até deitou cá para fora, dizia ela, uns cabelos que eram da Tina. Só que não havia ninguém que jurasse tê-los mesmo visto juntos e era do conhecimento público que ela tinha ido para casa da sogra. Ninguém podia deitar culpas à Tina. Só a Micas não lhe perdoava a humilhação. Lá que ele se entretivesse com uma jornaleira de vez em quando, isso era uma prerrogativa de todo o lavrador rico; agora ficar assim como um bebé desmamado meses a fio por uma rameira qualquer, nunca ela poderia perdoar tal coisa.

Quando, anos depois, o Silva voltou a Paço, já estava tudo esquecido. Ainda ouviu uma piadita ou outra, mas fez-se despercebido. Tinha mais que fazer que estragar a vida por coisas insignificantes. Não tinha ela esperado por ele sete anos no vigor da vida? Ela era uma mulher honrada e ai de quem lhe tirasse esse nome.

Os anos foram passando, a Tina teve outra filha e o Rodrigues também. As pessoas não se esquecem destas coisas, mas aprendem a senti-las com menos força, a viver com elas. Não fosse a Micas ainda ser um pouco agreste para com a Tina, ninguém diria que tudo aquilo se tinha passado.

Foi então que o Rodrigues se meteu noutra ainda mais séria. Em frente à casa dos caseiros da Anha, do outro lado do caminho, havia um grande muro de pedra por detrás do qual, nuns casebres que se escondiam sobre esse muro antigo, vivia uma família pobre: o Manuel Pinto e a mulher, a Ermelinda. Aquilo era gente que trabalhara sempre para os da Quinta da Anha. A filha mais velha fora criada dos senhores em Lisboa e «casara-se de lá». Estava agora na França. Os dois filhos tinham arranjado emprego com cunhas do Sr. Doutor. A filha mais nova, a Antónia, de 16 anos, trabalhava de jornaleira para o Rodrigues. A senhora tinha prometido que, se gostasse dos modos dela, quando cá viessem no próximo Verão, talvez a levassem com eles para Lisboa.

Ultimamente, a rapariga andava esquisita. A Micas já tinha reparado, mas teve, mesmo assim, dificuldade em acreditar, quando, uma tarde, lhe entra o Pinto pelo terreiro adentro, aos berros, a dizer que aquilo não era possível, que a miúda não

tinha idade, que o Rodrigues era um porco, que podia ter sido avô dela. Enfim, uma chusma de vergonhas. Felizmente, ele não estava em casa na altura. Resumindo, a Micas deparou-se com o facto de o Rodrigues ter iniciado a jovem nos prazeres do sexo um pouco cedo de mais. Ainda era menor, mas já estava grávida de três meses. O ciúme foi o menos que sentiu. Sobretudo o que a levou a tomar uma posição mais dura foi a lembrança de como o pai tinha quase perdido o lugar de feitor da Anha quando tinha havido um escândalo com uma mulher casada. Agora então com uma menor! Mas aquilo era uma gatinha humilde, gato-sapato, faziam sempre o que se lhes mandava. Para adiar, para ter tempo para pensar e também a ver se colava, a Micas não conseguiu sair-se com outra que não fosse responder ao Pinto que se pusesse a andar dali para fora e ai dele se fizesse um escândalo, que nunca mais arranjava trabalho. Não teria sido o marido dela a fazer aquilo, mas, se fosse, era merecido; todo o mundo sabia que a moça era uma rameira, sempre agarrada às calças dos rapazes. Não eram um nem dois os que já lhe tinham saltado à espinha.

Foi má estratégia. O Pinto, se já vinha furioso, mais furioso ficou. Essa agora, então ainda lhe queriam tirar o trabalho com que ganhava o pão para dar de comer à família?! Totalmente absorvido pela ira, nem disse à mulher ao que ia: enfiou o chapéu, calçou uns sapatos e desandou para a vila. Fez queixa à Guarda.

No caminho de volta ao Paço já vinha com as suas dúvidas. Que tinha ele ido fazer? A filha não ganhava nada com isso, que o criança ia nascer na mesma. O Rodrigues levava uns anos de cadeia, ai isso levava; mas os senhores escolheriam outro feitor? Não era certo. Que outra pessoa é que o iria substituir, com a Micas ali a bufar-lhe pelo pescoço abaixo? E, mesmo que viesse outro, ia querer dar-lhe trabalho a ele? Também não era certo. Ele sabia que já não era novo, que o Rodrigues o mantinha ali como jornaleiro permanente um bocado por caridade e um bocado porque sabia que podia confiar nele, que ele ia a todas.

Quando a carreira o deixou em frente ao café, já estava convencido de que tinha sido má ideia. Foi meter-se em casa a

beber copo sobre copo, ensimesmado e cheio de medo. Era já noite quando lhe bateram à porta. Era o pequeno do Rodrigues a dizer que o pai queria falar com o Pinto. Estava na adega à espera dele. Quando ouviu que era na adega, a primeira ideia que veio à mente do homenzinho é que o Rodrigues o ia matar. Depois pensou que era disparate, para males o Rodrigues já tinha que lhe bastasse. Para falar a sós, até que o sítio não era mal escolhido.

A casa do feitor ficava, como tantas naquela zona, a cavalo num declive do terreno. A adega, por baixo do andar de habitação, tinha a entrada para o lado oposto, virada a nascente. Decidiu-se a entrar por baixo, e não pelo terreiro, assim não precisava de passar em frente à cozinha. Sem dúvida que essa tinha sido a ideia do outro. Saiu de casa, virou à esquerda, desceu a calçada, galgou o murito da quinta, seguiu o carreiro à beira do campo por debaixo da ramada – ele tinha praticamente sido criado naqueles carreiros, já a mãe dele, que dê Deus paz à sua alma, tinha ali trabalhado toda a sua vida. A porta da enorme adega estava aberta e escura. Ao fundo, o Pinto viu o luzir de uma vela e entrou. A vela estava colada ao tampo de uma mesa de serviço que eles lá tinham, em cima da qual o Rodrigues tinha posto uma caneca e duas malgas com vinho. Estava já ali sentado, à espera, com os braços cruzados sobre a mesa, o chapéu puxado para a nuca e uma cara de quem não sabia bem se sorrir, se não.

O Pinto passou por entre as pipas e sentou-se. Pegou na malga e bebeu um travo.

– Ouve lá... foi mal feito, lá isso foi, mas... Foda-se, que a moça também...

– Qual moça, qual quê. És um porco! Podia ser quase tua neta.

– Mas também tu, que é que ganhas em ir dizer à Guarda? Diz a Micas que andavas para aí a ameaçar. Afinal, também não é como se fôssemos estranhos, porra! A gente sempre resolve isto aqui entre nós.

Só então é que o Pinto percebeu que ele não sabia que a queixa já estava feita. Não lhe foi fácil confessar. A culpa era da

Micas, explicava ele, não era preciso tê-lo ameaçado, como se o culpado tivesse sido ele! Agora já não havia nada a fazer.

Ao Rodrigues era como se lhe tivessem dado um soco. Estava perdido, caiu-lhe uma lágrima pela cara abaixo. O outro bebeu mais uma malga. Ficaram para ali calados como dois condenados à forca. Ouviram uns passos na entrada e foi com alívio que viram que a Micas se aproximava. Sentou-se em cima de um caixote de madeira que para ali estava.

– Então?

– Então o quê? – diz o marido. – O gajo já fez queixa!

– Mas você... mas você fez uma coisa dessas, homem!

O Pinto gaguejava sem saber que dizer. Foi o marido que lhe respondeu.

– A culpa é tua, filha da mãe. Então tu foste ameaçá-lo?

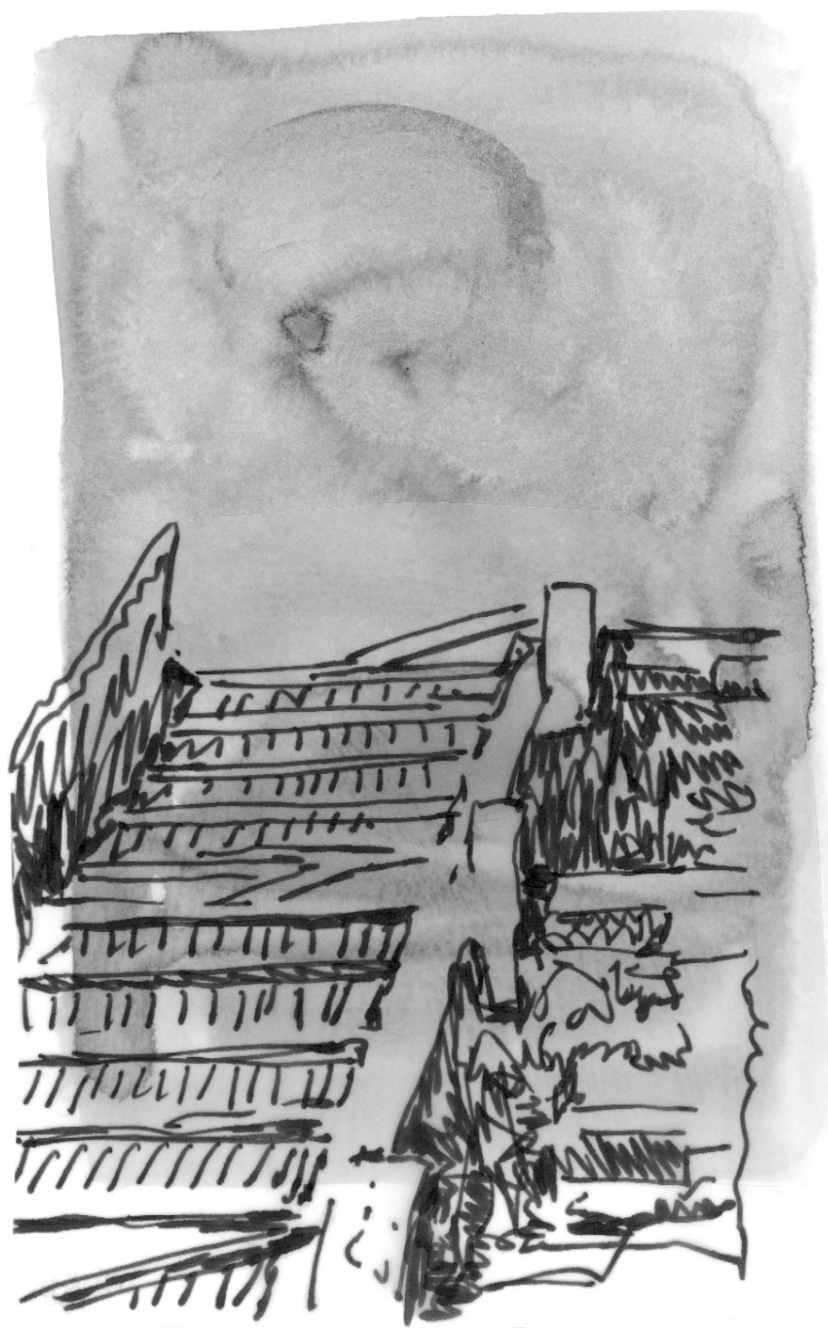
– Ai, sou eu que ando para aí a foder criancinhas, seu cabrão?

– De grande coisa serve estarem para aí nisso agora – disse o Pinto, e calou-os.

Por fim, quem teve a ideia foi, como de costume, a Micas. Amanhã o Pinto ia lá dizer que queria levantar a queixa. Se não deixassem, dizia que, quando fizera a queixa, ainda não tinha falado com a filha e que tinha deitado as culpas à pessoa errada. Depois, se a Guarda insistisse, eles instruíam a moça a dizer que tinha sido outro. Se tudo corresse bem, eles davam 50 contos de réis ao Pinto. Para o miúdo, tanto fazia que o nome de registo do pai fosse o do Rodrigues ou de outro qualquer. Parecia boa ideia a todos, mas quem haviam de escolher?

Só havia uma pessoa que eles todos concordavam em odiar: o Silva da Tina dos Vigários. A Micas, por vingança para com a mulher; o Rodrigues, por ciúme de a Tina ter preferido o marido; o Pinto, porque estava convencido de que o Silva lhe tinha vendido uma vaca sabendo que estava doente, que o animal morreu pouco tempo depois de ir para casa dele.

Meu dito, meu feito. O Pinto foi à vila com a filha e no dia seguinte apareceu a Guarda em casa do Silva a citá-lo para fazer declarações. Quando se soube isto no lugar, e depois na freguesia toda, as pessoas dividiram-se logo. Nestas coisas é preciso



muito cuidadinho; os que deviam coisas ou favores à Junta ou ao Rodrigues, ou trabalhavam para a Quinta da Anha, eram pelo Rodrigues: «Nunca faria tal coisa, homem sério e honrado...»

Os que não deviam nada eram pelo Silva, porque toda a gente sabia que o Silva não era de andar a fazer coisas dessas, enquanto o Rodrigues era um desavergonhado. E, mais, os vizinhos do lugar sabiam todos muito bem que quem tinha preparado isto tudo fora a Micas por ódio à Tina – eles ainda se lembravam da razão porquê.

Como a Tina era normalmente tão calada e pacífica, ninguém esperava que reagisse como reagiu. Foi logo tirar nabos da púcara a casa da Micas. Puseram-se ao murro. O Rodrigues, quando ouviu isto, foi tentar separá-las. Mas não era fácil e deu tempo aos vizinhos para avisarem o Silva, que também apareceu. Estava ali perto a cortar erva para o gado, tinha ainda a fouce na mão. Começaram os dois homens a implicar. O Rodrigues, que era mais forte, agarrou-se ao braço do Silva e arrancou-lhe a fouce, cheio de medo de levar com ela pela cara abaixo. Nisto, apanhou com um pontapé nas canelas. Os vizinhos que estavam a apreciar a cena dizem que foi a mulher que lho deu. Mal sentiu a dor aguda, o Rodrigues reagiu automaticamente, atirando um golpe de fouce, que fez um grande golpe no ombro da Tina. O sangue espirrou e cobriu a camisa branca que ela usava. Pararam logo todos, aterrorizados. Os vizinhos levaram-na para casa, com o Silva atrás, totalmente atarantado. Teve de ir ao hospital e levou dez pontos.

Estava agora toda a gente escandalizada com o Rodrigues: já todos diziam: «Pois então ele faz uma coisa daquelas e ainda tenta matá-la?» Mas a Tina não se deixou ficar. Aproveitou o escândalo e arranjou logo dez ou doze vizinhos que lhe prometeram que iam a tribunal declarar por eles. Apesar de, passados uns dias e a instâncias da Micas, um ou dois destes terem acabado por repensar a sua adesão, a verdade é que o golpe de fouce tinha tombado a balança para o lado dos Silvas. Os da Anha tinham ido longe de mais. Veio o julgamento e eles perderam. O Rodrigues foi fazer uma cura de dois anos à prisão.

Quanto à reacção dos senhores da quinta, a Micas estava enganada. Estávamos então nos princípios dos anos 70, os tempos tinham mudado. Quando souberam da história, os patrões até se riram. Não era por isso que iam correr o risco de arranjar outro feitor e até era maneira de estes lhes ficarem mais gratos e serem mais fiéis. O filho mais velho do Rodrigues aceitou ficar em casa a substituir o pai e a Micas sabia muito bem gerir uma quinta, que outra coisa nunca tinha ela feito. Já do tempo do pai dela, o professor bêbado, quem pensava em tudo era ela.

Quando andei por Paço, o ódio entre aquelas duas mulheres era palpável. Por anos e anos cruzavam-se e não se falavam. Só quando o Silva morreu de um acidente de motorizada, já em 1983, é que as famílias voltaram a falar-se. Foi num mês em que eu estava em Paço. O Silva estava em câmara ardente na sala e quase todos os vizinhos já tinham dado as condolências. Eu estava no terreiro com uns vizinhos quando vimos o filho mais velho do Rodrigues entrar na sala seguido da irmã. Houve um momento de ansiedade da parte de todos os presentes. O tipo foi direito à Tina, deu-lhe um abraço e disse:

- O que lá vai, lá vai.
- Pois seja – respondeu ela.

Mais tarde vieram também a Micas e o Rodrigues, um pouco a contragosto, mas vieram. Os vizinhos e os filhos não lhes perdoariam se não tivessem vindo.

O Lopes

Como é que vou descrever o que se passou nesse dia? De certa forma, tudo o que atrás vai foi uma espécie de prelúdio para o que se segue agora.

Estávamos no princípio de Setembro. Os dias eram já mais curtos, as noites mais frescas, mas o Verão manteve o seu esplendor até ser quebrado por uma tremenda e inesperada tempestade – nesse dia que vos quero descrever. Era o meu segundo Verão em Paço. Já era conhecido por toda a gente, sentia-me adaptado ao papel que acabara por desempenhar na vida do lugar. Tínhamos entrado no tempo das colheitas. Havia trabalho para todos. Os meus dias eram passados nos campos, gozando a atmosfera eufórica e despreocupada que sempre distingue esta época do ano e sofrendo as agruras do trabalho. O milho maduro tem um pó seco e louro que faz espirrar e que se entranha pelos poros adentro, provocando em peles pouco curtidas, como a minha, uma comichão insuportável. O sol bate a pico. As lâminas altas do milho são como facas à procura da pele tenra que, no pescoço e nos pulsos, o neófito não consegue encobrir.

Na manhã do dia anterior ao da tempestade acordei com uma sensação de nojo de mim próprio. Os últimos dias tinham sido de trabalho intenso e ali não havia chuveiros nem banheiras – toda a limpeza era feita aos pedaços, com panos, com

alguidares. Ainda o dia se levantava, já ia eu a caminho do rio por aquele carreiro que uns meses antes percorrera em sentido inverso, carregando o cacete que o Nelinho do café tinha insistido que levasse. Batia o sol amarelado por entre as árvores, fazendo brilhar a caruma; o cheiro do pinhal era absorvente. Passei pelo café, tomei uma cevada com a D. Susana, e segui em direcção ao rio.



Da Boavista para baixo, o caminho desce, sempre muito lamacento, por entre pedregulhos arredondados, registando a memória das enchentes que, em tempos pré-humanos, terão lavrado aquele vale, moldando brutalmente esta Ribeira Lima, hoje tão branda. Passa-se debaixo de um enorme castanheiro. Do outro lado das bandeiras do milho maduro, a pedir para ser apanhado, já se entrevê o brilhar do rio. Aqui vira-se à esquerda por uma pequena encosta de pinhal. Só então o caminho cai, paralelo ao rio, profundamente cavado pelas rodas dos carros de bois. Há uma espécie de cancela feita de dois esteios de granito e, por entre silvas, chega-se aos pradozinhos que, deste lado, em pequenos socalcos verdejantes, formam as margens. Do lado de lá, a encosta é mais íngreme, as árvores caem sobre as águas por entre pedregulhos que mal permitem a subida. Logo por cima começam campos em socalcos que sobem rapidamente em direcção à floresta nos cumes dos montes.

Afora os ruídos felizes da natureza, a calma é total. O rio corre pacificamente: de um verde mais amarelado sobre os bancos de areia e mais carregado nos fundões, onde por vezes se formam brandos redemoinhos. Nas águas espelha-se tudo o que, nas encostas, vale a pena ser visto: como o se o rio fosse uma espécie de filtro estético. O pedregulho esbranquiçado, à sombra do qual me deitara a descansar da caminhada, é continuado por outros que entram pelo rio adentro, formando, lá mais para baixo, pequenas ilhas, em torno às quais a superfície da água se enruga. Mais tarde, depois de me ter lavado cuidadosamente com muito gasto de champô e sabonete, nadei até à ilhota mais próxima. Deitei-me sobre a pedra quente e lisa. Ao fundo do vale, a serra amarela, entrevista por entre as encostas íngremes, tinha agora uma cor verde acastanhada que ia mudando de tom com o levantar do sol e a passagem, lenta, alta e branquíssima, de um ou outro pequeno farrapo de nuvem. A encosta sobranceira à margem norte é recortada pelo Val do Vez, em direcção aos Arcos, com outras montanhas, mais brumosas, lá para o fundo.

Algum pastor me terá visto porque, vagarosamente, começaram a aparecer ovelhas a morder a erva, cada vez mais próximas da minha roupa. Estas coisas têm as suas regras: o pastor só aparecerá dentro de uns minutos, curioso, mas arisco e fugidio:

Num solitário vale, fresco e verde,
Onde com veia doce e vagarosa
O Vez, no Lima entrando, o nome perde,

Numa tarde rosada, graciosa,
Quando o mar seus raios resfriava
O Sol, deixando a Terra saudosa:

Ouvi uma voz triste que soava
Tão brandamente ali, que parecia
Um fio que com outro murmurava.

O gado, que do campo recolhia,
Deixando nele, por entre a espessura
Me fui chegando à triste voz que ouvia.

Vi Tirse e Melibeu, que na verdura
Entre bastos salgueiros escondidos
Choravam duras mágoas com brandura.

As mesmas pedras, os mesmos montes, as mesmas águas; mas que diferença entre os pastores renascentistas de Diogo Bernardes e o meu! Bem sei que o sol da manhã não é, como o poente, propício à melancolia. A diferença, porém, é outra: para o poeta, o vale do Lima foi um seio materno; para mim foi uma amante, encontrada de fugida e jamais esquecida. Na écloga, Limiano, o narrador, escondido entre a folhagem, condói-se com os pastores; comigo foi ao contrário. O miúdo, que já há muito me espreitava, finalmente, apareceu. Tentei falar-lhe, mas, como sempre, não recebi mais que um sorriso tímido. Olhava-me com curiosidade, com um fiinho de inveja... e até com uma certa irritação, por lhe vir ali lembrar a sorte que ele não tinha. Como diria a mãe dele: «Isto aqui é um deserto, vivemos para aqui uma vida de mouros, mas é! Ai, lá em Lisboa é que aquilo é bonito!» Que conceito mais estranho de deserto terão os habitantes do paraíso!

Em casa, a Ruth esperava-me para o almoço. Desde madrugada que batalhava com tintas num *atelier* crescentemente ameaçado pelo calor e pelas moscas. Restava-lhe agora o desconforto de uma tarde letárgica e deprimida, sabendo que à noite seria levada por mim a jantar com pessoas que compreendia ainda mal.

Foi então que a Sãozinha entrou com broa e vinho e com aquela história que já relatei sobre loucuras trocadas. Saímos pouco depois, deixando a Ruth a dormir. Faziam eles essa tarde a desfolhada do milho na Masseuria. O marido da Sãozinha, o Lopes, estava eufórico. Lá teria feito algum negócio de gado com o Ramos, que também estava presente, com a mulher. Andavam os dois homens muito amigos. Nas notas que tirei essa noite encontro a seguinte passagem: «O Lopes anda eufórico, fala muito de amizade. Estava muito contente que o Ramos lá estivesse. E não era só do vinho que todos íamos bebendo — que calor, meu Deus! Insistia muito no valor da amizade.



Agora dizia que o Ramos era como um irmão, depois dizia que o gajo era um sovina e um finório – na brincadeira. Andou assim o dia inteiro». Quando, em Oxford, voltei a ler esta passagem, à luz do que depois se passou, senti um calafrio. Quem sabe se assim se explicariam coisas? O Ramos também negociava gado e o segredo é a alma desse negócio...

Estavam lá também o Silva e a Tina, a Ti' Berta Pires e as duas filhas solteiras do Lopes, a Lúcia e a Mila. De vez em quando a Sãozinha aparecia com uma carrada de pão e vinho e chouriço ou queijo e marmelada. O milho, cortado há dias, tinha sido deixado no chão a secar. O Lopes, o Silva e eu próprio levantávamos o milho contra um valado. Aí o Ramos e a Ti' Berta iam arrancando e desfolhando as espigas. A Mila transportava os cestos para o espigueiro. A Tina e a Lúcia iam fazendo mideiros da palha já desfolhada. Cantava-se, brincava-se, contavam-se histórias brejeiras.

Homens e mulheres estão em constante disputa nestas ocasiões. Põem-se em causa mutuamente, incitando-se, com a consequência, afinal, de reforçar a masculinidade e feminilidade respectivas. Dizia a Tina para mim e para o Lopes, que nos debruçávamos a apanhar o milho:

– Isto aqui está tudo ao contrário. Olhem-me para estes, sempre virados para baixo. Então não sabem o adágio? Os homens olham para cima, as mulheres olham para baixo.

Não vou repetir aqui a resposta do Lopes.

Diz a filha dele, que sentia o problema talvez com mais intensidade:

– O mal é que já não os há para quem os queira. Foram todos embora.

– Ai isso – responde a Sãozinha. – E olha, que não te esqueças: as mulheres têm duas semanas para se casarem. Na primeira levam quem elas querem; na segunda levam quem as quiser.

Também ela se preocupava por a filha ter acabado o namoro com o moço dos da Barroca. Mas, afinal, não precisava de se preocupar: um ano depois já estava casada com outro e a viver no Canadá. Uns fogem, outros voltam a buscar as que ficaram.

Como não podia deixar de ser, a conversa virou para a história que agora circulava de boca em boca, de um fulano de perto de Viana que tinha 80 anos e casara com uma moça de 28. Parece que lhe morreu nos braços! O Ramos achava que havia de ser uma morte abençoada. As mulheres logo se benzeram: que era coisa nojenta. Era preciso ser uma grande lam-bona! Que grande coisa não havia de ser essa mulher, que uma mulher com um homem assim não era para se ter quieta; tinha sempre de acabar em escândalo. Para o Lopes, se os homens enganam, é porque as mulheres nunca estão satisfeitas, que não há uma que não caia. A Sãozinha, já um pouco irritada, respon-dia que a experiência dela não era essa, mas que ele lá saberia da consciência dele.

Ainda se iam zangando, não fosse a mulher do Ramos dis-trair a atenção, lembrando o exemplo do «americano» ali do Outeiro, que era trinta anos mais velho que a mulher. Aquilo mesmo só visto, até faz dó: de manhã, exercícios para dar força, depois umas injeções. Segundo o que dizia a cunhada, era a única maneira que conseguia de dar satisfação à mulher. E, mesmo assim, ela... (São todas tão rápidas a apontar o dedo!, pensava eu, reparando como a Tina concordava). Agora que ele morreu, nem se deu ao trabalho de voltar a casar! Veio logo outro tipo buscá-la lá da América. Já nunca mais ninguém a vê por cá. Isso de certeza!

O Lopes gabava-se de que aquele terreno onde estávamos valia muito. Aquilo fora o dote que lhes dera o sogro. Tinha sido ali que, pela primeira vez na freguesia, se tinha utilizado um semeador de milho. Como o sogro se zangara, Santo Nome! Mas depois que viu como se poupava trabalho para a rega e a monda nunca mais quis outra coisa. «Poupadinho era ele. E não era burro, não senhor. Mas casmurro! Ai, isso, não podia ser mais».

Ao Lopes já tinham oferecido muito dinheiro por aquele campo da Masseur, mas ele não vendia; não estava necessita-do de dinheiro, graças a Deus. De qualquer forma, antes havia de morrer que vender terras. A Berta, ao fim de algum tempo, começou a irritar-se com a basófia, coitada. Era solteira, filha de

mãe solteira. A irmã tinha-se casado, mas ela não: o tipo que lhe fizera a filha tinha fugido para o Brasil por ela não ter dote. Afinal, teve de mandar a filha para a França para trabalhar, que também não conseguira casá-la por cá.

– É com campos assim que eles se amarram! – vociferou.

Ninguém ouviu, é claro. Não soubéssemos nós que a São-zinha também já se casara de barriga cheia. Disse-me ela uns anos depois que tinha sido uma desfeita que fizera aos paizinhos dela, Deus lá tenha as suas almas, que muito lhes deve. Afora isso, nunca lhes faltara em nada. Mas eles eram assim muito teimosos e, pronto, era deste que ela gostava... Ficar para tia não ficava, não senhor, por muito que «convinhésse» ao bêbado do irmão. Graças a Deus, nenhuma filha lhe tinha pago com a mesma moeda, que isso para ela teria sido como se lhe tivessem batido.



Isso contou-me ela anos depois. Na altura fingiu não perceber e continuou a servir vinho e a distribuir broa com queijo e marmelada. Para certas coisas e em certos momentos sabia ela ser surda, como noutros momentos parecia que ouvia tudo uma milha em redor.

Mas a velha não tinha acabado. Pagavam-lhe para trabalhar, não para estar calada. Depois, é claro, diziam que ela e a irmã «tolhiam» (tinham o mau-olhado), o que só as punha ainda mais azedas. Quando o Lopes voltou ao ataque, ela não aguentou. Insistia ele em que nunca enganara ninguém ao negócio – havia de ir para o céu, de certeza!

– Já aqui o amigo Ramos – dizia por graça – não estará tão inocente, porque S. Pedro dizem que já lhe está a preparar a viagem para o inferno.

A velha não resistiu:

– Pois não, só se estivesse tudo ao contrário. No meu tempo dizia-se que não havia contratador que passasse as portas do céu. Isso de regatões é coisa do Diabo, que não há um que preste.

Aqui a situação começou a pôr-se feia. Nem o Ramos nem o Lopes confessavam abertamente que negociavam com gado. «Contratador», ainda é como o outro; agora pelo nome de «regatão» não respondiam eles, ai isso nunca!

– Ouça lá – rosnou o Ramos –, está a falar para alguém daqui? Vamos lá a ver. Já alguém daqui a enganou? Senão repara-se já!

Ele sabia muito bem que ela estava endividada ao Lopes e à mulher, que lhe davam leite quando estava doente e ainda a ajudavam no que lhe ia faltando. Agora, que a filha mandava dinheiro da França e com a tença da Casa do Povo, ela já não trabalhava para mais ninguém que não fossem eles.

– Ai isso, não senhor. Que estes senhores aqui são como uns anjos-da-guarda que eu tenho.

– Então cale-se, mulher, e tenha mas é tento na língua.

O Lopes, como anfitrião que era, fez sinal ao outro para que deixasse a velha, insistindo em que precisava da ajuda dele para irem ao espigueiro levantar umas tábuas. Lá se foram. Só que a velha não se calou, não fosse ela quem era e não tivesse senti-

do a minha curiosidade. Porque, continuou ela, isto de «negociantes de gado» – estava agora a jogar pelo seguro – era uma raça na qual não se podia confiar. Vejam lá, que ela conhecia uma mulherzinha que quis comprar uma vaca e pediu a um vizinho que andava metido nas lides para a ajudar. Quando foram comprar a vaca, pareceu-lhe ver o negociante a piscar o olho ao vizinho. Desconfiou logo, mas ficou calada por não ter nada que dizer. Só descobriu o que aquilo tinha sido quando, uns dias depois de a vaca estar lá em casa, viram que ela sofria dos olhos. Em poucos dias ficou totalmente cega, até que a tiveram de mandar matar. A mulherzinha, coitadinha, que era pobre, tinha confiado no vizinho e o gajo, que era rico, ainda estava a tirar algum proveito à custa de a enganar.

O Silva torcia-se todo e olhava para onde os outros iam com um visível alívio pela crescente distância. Perguntei-lhe se isto era verdade.

– Lá isso... – respondeu-me. – Aquilo na feira de gado, o Joãozinho há-de ver, é tudo empurrões, sinais, piscar de olhos. Só que há os honestos, que não se metem nessas coisas. Porque isto de fazer dinheiro à custa da infelicidade dos outros é um grande pecado.

Diz a Ti' Berta:

– Eles, o dinheiro que fazem tem de vir de alguma parte. Se fazem dinheiro, é porque ficam com o dos outros, porque não trabalham por ele. Os animais tanto valem quando são comprados como quando são vendidos.

Ela ainda pertencia a um mundo que já passou, o mundo dos camponeses verdadeiros. Para ela, o que não for trabalho manual não é trabalho e todo o comércio é um roubo.

Fazia-se já noite. Atámos o milho que ainda faltava desfolhar e pusemo-lo em pé em mideiros, caso viesse a chover, que a estação ia avançada. No lusco-fusco, quando saímos do campo, os mideiros pareciam vultos parados a esperar o jantar... Que fome que eu tinha no fim desses dias de lavoura, meu Deus!

Fui a casa lavar-me um pouco e chamar a Ruth. Estava sentada na varanda a beber sumo de limão. Tinha acabado um quadro pelo fresco da tarde e, como sempre nessas alturas,

estava mais feliz. Em casa da Sãozinha comia-se sempre bem, nem que fosse só um simples caldo de feijão e couves. Nestas ocasiões, no entanto, o repasto era melhorado e muito regado por vinho «do de trás da porta», em honra dos convidados. Havia carne guisada, bacalhau no forno, canja e um doce feito pela Mila. Estávamos lá todos em torno da mesa comprida, excepto as filhas, que comiam depois de nos servirem. A Sãozinha, contudo, tinha sempre um lugar à mesa: nunca se sujeitara a comer separada do seu homem, como é aqui prática corrente – afinal, não era ela a herdeira da casa?

Caiu logo um silêncio conventual sobre os comensais. Estávamos esfomeados. Só no fim, depois do caldo, é que a conversa foi aquecendo. Voltava sempre tudo ao mesmo.

– É vê-las a comer – dizia o Ramos. – E ainda dizem que os homens comem mais.

– Os homens são todos uns lambões, querem comer, mas não querem pagar – dizia a Tina.

– Lambonas são as mulheres que os provocam – respondeu-lhe o Lopes.

– Eu só sei é que, não fosse esta aqui ter-me posto doido, não me teria casado. – E apontava para a Sãozinha. – O casamento é para as mulheres. Perguntem aqui à Sr.^a Rutezinha, que veio de tão longe.

A Ruth, que não entrava muito no espírito da piada, fez o que pôde por explicar que eu também tinha vindo de longe como ela.

– Pois, pois, mas isto é um feitiço que elas nos deitam. Eu falo por mim – voltava o Lopes ao ataque –, que fiquei como ceguinho, que foi assim que esta aqui me apanhou.

– Ora, ora, grande foi a bruxaria – insistia a Ti^a Berta, recordando todo o milho que tinha visto sair do campo da Masseuria hoje e ainda lá tinha ficado muito por apanhar!

– Pelo que me lembro, conhecias bem qual era o feitiço – dizia a Sãozinha, que preferia uma explicação de natureza sexual a uma económica.

– Eles protestam – diz a mulher do Ramos –, mas chegam a casa e comem o caldo que já está certinho à espera deles.

– Havia de ser como a Inês Anastásia. – Quem falava agora era a Lúcia que, com 15 anos, ainda se divertia muito com as histórias que o pai tinha tanto jeito para contar.

A Inês Anastásia era uma moça muito bonita, mas muito, muito preguiçosa. Os pais, logo que puderam, casaram-na para se verem livres dela. Chegou um dia em que todas as roupas que trouxera com o enxoval se acabaram. O marido estava muito preocupado; ela não se importava.

– Ó mulher – diz ele –, e se aparece aí um vizinho?

– Não faz mal, marido, digo que estou doente e falo da janela.

Por fim, o marido estava tão zangado que decidiu ensinar-lhe uma lição. Insistiu em que fossem à feira comprar uma roca e um fuso para ela fazer roupa para se vestir. («Olha que ainda quando eu era criança se fazia toda a roupa em casa, estás a ouvir? Isso é que era trabalhar em casa da tua avó!», explicava a Sãozinha à filha.) Mas como é que ela iria à feira despida? O marido emprestou-lhe o capote e ela foi naquele estado. Mesmo assim, não se importou.

Quando voltaram a casa, o marido tirou-lhe o capote, pôs o fuso e a roca de um lado da lareira e do outro pôs uma dorna (barril). Como ela não podia sair, ele disse-lhe que fizesse o serviço na dorna e que trabalhasse com o fuso. Só que chegou a altura de a dorna estar cheia e não havia ainda nada no fuso. Então ele pegou na mulher, atou-a ao carro de bois junto à dorna e foi dar a volta à freguesia para mostrar a todos como cagava tanto e trabalhava tão pouco.

Apesar da humilhação, a Inês Anastásia continuou a não querer trabalhar. Então ele decidiu vingar-se. Levou-a à feira para lhe comprar roupas. Estavam a chegar lá e ele viu uns amigos.

– Ó mulher, dá-me o capote, que tenho que ir falar com estes amigos e parece mal se for em mangas de camisa.

– Ó homem, mas eu estou nua por baixo.

– E a mim que me faz!

Meu dito, meu feito: tirou-lhe o capote das costas e deixou-a despida no meio da multidão.

Mal se viu assim nua na feira, a Inês Anastásia encheu-se de tal vergonha que correu directa para casa a chorar, com uma mão à frente e outra atrás. Quando chegou a casa, tinha aprendido a lição. Foi sentar-se ao pé do fogo e nem para comer parava de trabalhar. Quando vinha uma vizinha visitá-la, não ia à porta. Respondia da janela:

– Entre abrir e fechar a porta faço roupa que chegue para cobrir o meu cu.

Conheciam todos a história, mas riam-se na mesma. Também elas e as suas mães tinham sido ameaçadas em crianças, de serem levadas à feira como a Inês Anastásia.

– Ai das minhas filhas se fossem assim preguiçosas, que a coisa principal numa mulher não é ser bonita, mas trabalhadeira.

Contaram-se ainda muitas outras anedotas. A noitada foi comprida, nesta altura do ano dorme-se muito pouco.

Já saíamos quando perguntei ao Lopes onde iam trabalhar no dia seguinte para lá ir ter logo que acabasse de fazer «a minha escrita». Deu-me uma resposta fugidia, que amanhã não se fazia nada. Como eu insistisse, acabou por confessar que não queria que eu o ajudasse. Ia varejar nozes com o Nelo Sendão e era trabalho perigoso. As nogueiras são uma árvore pouco de confiança, são muito escorregadias. Era uma responsabilidade enorme, não queria meter-me nisso.

Fiquei contrariado. Ter-me-á, aliás, passado pelo espírito, devo confessar, uma ponta de ciúme. Há coisa de uma semana, tinha ido à feira de gado com o Lopes e o Nelo Sendão. Mostraram-me a feira toda; os diversos tipos de gado; como se vê se uma vaca é boa para leite; explicaram-me os géneros de negócio que se fazem; responderam-me a tudo o que perguntei; depois ficaram à espera de que me fosse embora para fazerem negócio. Tinham de ir ali falar por causa de uns animais, se eu não me importava, encontrávamo-nos às tantas em frente à Cooperativa. Nessa altura, a feira de gado da Barca fazia-se sobre a relva e a areia dos prados junto ao rio. Os animais estavam presos segundo as suas categorias. Os porcos e as ovelhas eram postos em pequenos cercados improvisados. As vacas e os bois, alguns deles com os cornos enfeitados, eram seguros pelas mãos dos donos.

Os cavalos, lá mais ao fundo, estavam presos a uma cancela. Faziam-se negócios muito gesticulados, andava-se para trás e para a frente e as vacas eram muito apalpadadas por pessoas que tinham todas o aspecto de derivarem mundos inteiros de informação de cada apalpadela que davam.

Ao subir para a rua, olhei para trás e vi-os a dirigirem-se a dois homens que já antes tinham vagamente cumprimentado. Um deles, com um ar mais urbano, usava um boné claro; o outro, com um sorrisinho aciganado, tinha na cabeça um chapéu de feltro castanho-escuro posto um pouco de lado. O do boné vi-o à tarde montado num lindo animal na corrida de cavalos. Por que é que não confiavam em mim? Na verdade, eu bem sabia porquê. Nestas coisas, a discrição é a alma do negócio e os outros não confiariam na presença de um forasteiro. Afastei-me, irritado. Como na noite em que me foi negada a participação no apanhar das nozes, estava irritado com o Lopes e também comigo próprio por saber que não tinha razão. Por sinal, se no dia da feira o Lopes tivesse confiado em mim, talvez muito do que se veio a passar não tivesse ocorrido. Só que, quem é que pode ler o futuro?

O dia seguinte começou ensolarado. Pelas 9 horas estava eu já sentado na varanda a escrever as notas do dia anterior. Tinha muito que escrever. Quando acabei, lá mais para o fim da manhã, o céu tinha-se coberto de um sólido capacete cinzento e ameaçador. Estava um tempo quente e abafado, eléctrico – um daqueles dias em que é difícil não andar enervado e com dor de cabeça. Por volta das 11 decidi teimar com o Lopes. Fui lá a casa perguntar em que campo andavam a apanhar nozes, sempre lhes faria uma visita.

Não estava ninguém em casa, só o cão, que ladrrou quando abri a cancela. Voltei a casa frustrado – que raio, também, ao menos podiam ter dito por onde andavam. Sabia que não encontraria o campo sem ter de dar muitas voltas porque eles tinham pedaços de terra espalhados por toda a freguesia. Que perigo haveria de eu cair? Mais facilmente cairia ele, pensava eu, que tem andado com quebras de tensão. Ainda havia de cair, só para aprender.



Foi daqueles pensamentos que vão e vêm e deixam a gente um pouco envergonhada e, por isso mesmo, menos zangada. Lembro-me bem de pôr a mão sobre a maçaneta do portão da nossa casa e de sorrir da minha própria petulância infantil.

A Ruth insistia em que já seria tempo de irmos buscar o carro, que tínhamos posto na garagem da vila a fazer uma revisão. Descemos calmamente até à estrada. Ao subirmos para o autocarro tivemos uma surpresa: um casal de amigos de Oxford estava sentado mesmo no banco em frente ao que nos coube – Rick e Ann. Tinham vindo acampar para a Espanha e Portugal e, como eu lhes tivesse dado o nome da freguesia e do concelho onde estava, decidiram vir visitar-nos. Deviam ter saído na paragem onde entráramos, mas ninguém os compreendia e eles não tinham conseguido ler a placa toponímica da freguesia. Sorte tiveram eles em encontrar-nos, na vila poucas pessoas os compreenderiam para lhes indicarem o caminho.

Quando voltámos a Souto, desta vez de carro, havia uma atmosfera estranha no ar. As portas e cancelas da casa dos Lopes, mesmo ao lado da nossa, estavam todas abertas. A Ruth saiu para abrir o nosso portão para o carro e uma mulher que passava disse-lhe qualquer coisa sobre o Lopes que ela não percebeu.

– Aquela mulher disse qualquer coisa sobre o Lopes.

Foi o que cheguei para eu entender. Passei pelas filhas, que se carpavam, sentadas na varanda, entrei de rompante na porta dos quartos e dei com o Nelo Sendão, perdido de terror, tentando estancar o sangue com aguardente.

O Lopes era um homem de aproximadamente 1,70 m e boa aparência. Estava agora com 50 e muitos anos e tinha uma barriga próspera mas simpática, não era obeso. As suas feições eram menos rudes do que as que, em geral, marcam uma vida inteira de trabalho agrícola. Bem sei que nunca tinha trabalhado como o Cunha ou outros, que levavam muito a sério a sua condição camponesa. O Lopes protegia-se, o que lhe era fácil devido à valente herança que o sogro lhe deixara e ao dinheiro, por vezes abundante, que fazia no negócio das vacas.

Agora, que tinha caído da noqueira sobre o valado, de uma altura de mais ou menos 12 metros, e que a cabeça tinha encon-

trado uma pedra insignificante, já não parecia ser ele. O Nelo Sendão esforçava-se freneticamente por lhe devolver a aparência normal. Nas semanas que se seguiram era frequente eu acordar a meio da noite com o terror de reviver a imagem da sua cara, com as faces ainda quentes progressivamente estampadas com a rigidez da morte, como se de um véu de gaze esverdeada se tratasse. Acabei por rejeitar essa imagem. Desliguei-a, porventura, para onde não lhe tenho hoje acesso. Resta-me o horror de lembrar o cheiro a aguardente e sangue e a atmosfera de medo, desespero e excitação que se vivia naquela casa onde, vagorosamente, um homem violentamente morto se ia transformando num cadáver inerte. A sua mão entre as minhas parecia estar tensa mas leve... o pulso tinha-se partido.

Ajoelhado sobre a cama, a garrafa de aguardente na mão, o Sendão estava perdido. «Estávamos nas nogueiras da Barroca, eu estava virado ali para a casa da Júlia do Lobo e só ouvi um barulho do milho a partir-se na leira debaixo, que já é uma dos da Torna. Quando vi que ele já não estava no ramo grande da nogueira, chamei por ele, mas não ouvi resposta. Fui eu, o Pinto da Torna e o Moreira, que estava lá a trabalhar para eles, que o trouxemos para aqui. Mas ele tem tanto sangue, meu Deus, tanto sangue! Ajude-me, Joãozinho, por amor de Deus, que o Pinto teve de ir à Boavista telefonar para os filhos na América e em França. Não há aqui quem tenha um carro».

Nesta altura vi a Ruth do outro lado da porta, abraçada à Sãozinha, choravam as duas abundantemente. Saí do quarto e fechei a porta. Voltámos a casa. Saídos de Oxford, onde a morte é um facto longínquo que hoje afecta sobretudo o Terceiro Mundo e que principalmente explica, por exemplo, a sentida ausência dos grandes poetas e romancistas do século XIX – para Rick e Ann, o que se passava aqui era totalmente surrealista. Toda a noite e todo o dia seguinte, cada vez que eu voltava a casa, encontrava os três, curiosos mas atemorizados, sentados em volta à mesa da sala, a jogar majongue – testemunhas de acaso de uma representação dramática cujas convenções não sabiam ler. Ouviam as minhas explicações com um misto de fascínio e repulsa, sobretudo a partir do pôr-do-sol, quando o

carpir das mulheres começou a ser mais organizado, mais «artificial». Para quem está de fora, o pranto soa como o uivar de lobos em noites de lua cheia ou como o som do batuque, que, rolando intensamente sobre a noite africana, lembra ao branco aterrorizado violências indescritíveis, em vez do simples e honesto desenrolar de cerimónias tradicionais.

Falta-me ainda contar-vos sobre a tempestade. A primeira chuva do ano ameaçava deitar-se sobre nós desde a hora do almoço, quando eu tinha ido procurar o Lopes e, desiludido, no caminho de volta a casa, com a maçaneta do portão na mão, lhe tinha desejado a queda. Esta fantasia paranóica perseguiu-me por dias. Foi, se calhar, a real motivação para a intensidade da minha participação no seu enterro. Uma espécie de vingança da Providência em quem não quer acreditar nela. Que Deus perverso se afirmaria de tal forma? Seja como for, tive de viver a sua morte de perto, como que para espí-la.



Quando voltei lá, os vizinhos tinham já iniciado o processo de cerimonialização do que, no início, não tinha sido mais do que um sofrimento informe. A Celeste olhava pela cozinha, a mulher do Ramos dava de comer ao gado, o Pinto da Torna continuava ocupado com telefonemas e telegramas lá em baixo na Boavista. Cabia-me agora e ao Sendão levar a cabo uma série de tarefas. Parámos na igreja a avisar o padre para tocar os sinos e para nos dar a cruz processional que deveria estar com o corpo logo que possível. Na loja das primas da Sãozinha comprámos vinho do Porto, bolacha, arroz. Na loja do cangalheiro, já noutra freguesia, comprámos outros víveres (bacalhau, carne, esparguete, pão) e encomendámos o caixão. Depois fomos dar a volta ao monte para subirmos para a Codeceira – a aldeia de montanha donde o Lopes tinha vindo a casar-se com a Sãozinha e onde ainda vivia o irmão, com quem ele já não falava há anos. Fomos subindo a encosta, a princípio por entre casas e campos, depois entre pinheirais, mais e mais íngremes. A estrada estreitava constantemente. Cada vez que passávamos por cima de um dos numerosos buracos, a cruz processional, que ia na mala do carro, entalada entre o bacalhau e o esparguete, dava um enorme salto.

Comentei o facto ao meu companheiro, que não pareceu preocupar-se minimamente.

Pelo caminho falava-me de como o «falecido sobre terra» – nunca mais ninguém usou o seu nome depois da sua morte até à missa do sétimo dia – era um homem bondoso, de quem todos gostavam. A princípio, «a verdade deve ser dita», quando ele tinha vindo destes sítios desertos lá para Paço, «tinham-lhe espécie». Até porque foi tirar o casamento a outros, que a Sãozinha tinha um bom dote (por aí passa a história do Cunha...). E depois ele também teve aquele problema com o Pinto da Torna. Ele próprio, Sendão, tinha andado metido em justiças por causa dessas porcarias. Como se dava muito bem com o «falecido sobre terra», porque eram compadres e ajudavam-se muito... tinha ido a ser sua testemunha. A Celeste, antes de casada, era muito atrevida e parece que a rivalidade dos dois vinha de então. Eles iam-se matando um ao outro. Foi



tudo a tribunal e o Lopes perdeu, que era muito agarrado, Deus o proteja, e nestas coisas de justiça, como diz o povo, é precisa «rapidez e bolsa aberta». Os mais pobres perdem sempre. Só agora é que as coisas estavam já mais calmas entre as duas famílias.

Que compulsão, que vingança fina, terá levado o homem a confessar-me essa história neste momento? Talvez sentisse que eu necessitava de saber em vista da participação que estava a ter nos acontecimentos. A minha inocência incomodava-o, penso eu.

Quando chegámos à casa dos pais do Lopes por um carreiro de terra batida, já tinha começado a pingar. Eram 6 horas da tarde. O Sendão viu logo junto a um muro um velho dobrado com um olhar hostil e desconfiado.

– Olhe, é aquele ali. Ele e o falecido não se veêm desde a morte do pai, por causa da divisão de um rebanho de cabras. Até que me mandava aqui cada vez que havia qualquer coisa. Veja lá como esta gentinha aqui dos montes é.

– Sr. Lopes, lembra-se de mim?

– Vomecê não é o compadre do Tôno? Ao que vem?

– Sou eu sim, sim. Bom, é que o seu irmão... Quer dizer, foi uma queda de uma noqueira...

– Morreu? – perguntou o outro um pouco agressivamente.

– Pois nós viemos aqui... – Mas foi logo interrompido pelo velho.

– ‘Inda foi antes de mim então?

Ficou parado um tempo, como quem planeava qualquer coisa. Mas nisto arrebitou um trovão tremendo e a chuva caiu sobre nós, torrencial. Corremos todos para dentro de casa. Era uma cozinha enorme com uma pequena janela na parede oposta à porta. Fiquei ali sozinho. Passava gente nos corredores, diziam-se coisas que não me competia ouvir. O Sendão estava lá para dentro a discutir em altos tons com uma velha.

A janela estava aberta e dava sobre um pequeno pátio, do outro lado do qual havia um valado. Para lá disso só se via o vale fundíssimo deste ramal do Vade. Por entre o verde dos pinheirais de vez em quando surgia um socalco cultivado, com o milho muito amarelo. Aqui ou ali distinguia-se a folhagem mais clara dos carvalhos ou mais cinzenta das oliveiras. Lá ao fundo viam-se as manchas vermelhas dos telhados e, já na outra encosta do Vade, a forma alongada de um solar setecentista, com o seu telhado comprido e as paredes brancas listradas pelas janelas grandes e escuras. Tudo isto estava banhado por uma luz violeta, com algumas nuvens quase alaranjadas. A chuva parara momentaneamente e os relâmpagos repetiam-se uns aos outros, acompanhados de trovões cada vez mais tremendos. A luz entrava pela sala adentro, iluminando as paredes e a lareira, que, mal passava o clímax luminoso, escurecidas como estavam pelo fumo, se tornavam logo um mar negro. Era uma cena de ópera encenada só para mim, pensei eu. Lembrava-me o encontro durante a tempestade de Enrico e Edgardo na *Lucia de Lamermoor*.

Sáímos antes de a tempestade acabar, outra vez no meio de uma chuva torrencial. Levávamos connosco os dois velhos. Praticamente ninguém falou durante a viagem, de vez em quando o irmão do Lopes dava uns suspiros vagamente teatrais. Quando voltámos a parar no terreiro do Souto, estava já tudo mais avançado. O Sendão saiu logo a correr para ir mudar o corpo para o caixão, que entretanto chegara. A Sãozinha e o

velho dirigiam-se vagarosamente um ao outro, em grandes prantos, no meio do terreiro. Deixei ali o carro e ia a virar-me para o portão quando a mulher do irmão me tocou no ombro e me deu um sorriso alegre, como quem agradece a um animal ou a um ser com o qual não pode falar. Não era ela que era muda, era a mim que me tomava por surdo.

Em casa já iam no quinto majongue. Queriam ouvir música para apagar o som do carpir. Tive de pedir-lhes que não ouvissem, porque seria definitivamente tomado como ofensa. Estávamos a preparar uma salada de atum para comermos com queijo e fruta para o jantar quando a filha da Tina me veio chamar, que estavam à minha espera para comer a bacalhoadada que a mãe dela e a Celeste tinham preparado para os que estavam «a correr com o enterro».

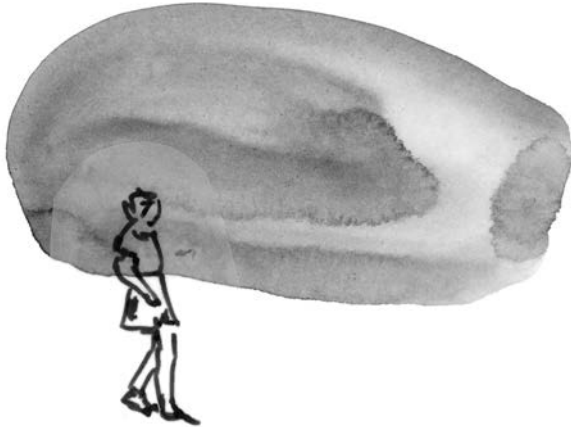
As filhas da França chegaram à meia-noite e meia. A multidão que, na sala da casa, agora transformada em câmara ardente, rezava o terço abriu alas para elas irem até ao corpo. «Vinham enganadas», como me explicaram os vizinhos, por entre os prantos que se seguiram. «Ai, que era meu pai, mas era uma criança.» «Ai, era, era um anjinho do céu.» «Gostava tanto de mim, ‘ind’outro dia me deu quinze contos.» «Nunca nos faltou com nada. Ai, era como um santo.» No meio disto, a filha mais velha desmaiou nas escadas. Quando voltou a si, estava em tal estado de euforia histérica que fiquei perturbado. Perguntei ao Sendão:

– Talvez a gente lhe deva dar algo para a acalmar um pouco.

Ele e os vizinhos que ali estavam gostaram imenso da ideia. Hoje envergonho-me do que fiz. Estes erros estúpidos são, afinal, portas privilegiadas para o conhecimento e, portanto, merecem ser contados.

Fui a casa e dei-lhe metade de uma pastilha de *Valium*. Não penso que ela tenha jamais tomado qualquer droga dessa natureza porque caiu imediatamente num torpor agitado. A noção de que lhe tinham dado um remédio satisfazia-a. Cedo se apercebeu, no entanto, de que não conseguia carpir-se como queria. Pouco depois estava eu a falar com o Cunha e o Esteves no terreiro mal iluminado por uma luzita amarela

quando apareceram três das irmãs à porta da cozinha. A luz brilhante do néon da cozinha transformava os degraus que desciam da porta numa espécie de palco. No meio, a irmã mais velha, suportada por duas outras, gemia e esforçava-se por se manter em pé. Dizia: «Ai eu, que me deram elas? Que eu quero chorar pelo meu paizinho e não posso.» Envergonhado, fui para a cama, mas também a mim me custou a adormecer com os prantos, por vezes mais altos, por vezes mais baixos: tinham chegado o irmão e a irmã da América.



O resolver de uma morte

As uvas nas ramadas pediam que as apanhassem. Quem faria ao falecido a desfeita de deixar apodrecer nas videiras as uvas que ele tanto se esforçara por cultivar? O Sendão ofereceu-se logo para tomar conta como caseiro de uma boa porção dos campos, entregando este ano à Sãozinha uma parte maior da colheita do que o costume. Como poderia ela recusar a oferta do compadre que tanto a tinha ajudado neste momento crítico?

Foi assim que uns dias depois do enterro, quando voltámos do Porto, fui encontrar o terreiro cheio de dornas com uvas que o Sendão descarregava de dois carros de bois, o dele e o do falecido. As filhas e os genros ajudavam. Quem tomava a liderança natural era o genro mais velho, o Adelino, um homem grande de 40 e muitos anos, pesadão e forte, com um andar balanceado e uma expressão normalmente feliz. Em tempos tinha sido alourado e agora usava umas suíças grisalhas que lhe davam um ar de camponês de postal. Como não se podiam lavar, nem mudar a roupa, nem barbear, nem olhar ao espelho, estavam todos com o aspecto cansado e sórdido de quem já não dorme há dias.

Fomos vindimar a ramada alta, que corria, por cima do terreiro, entre a eira e a estrada. A atmosfera não era pesada, mas a euforia típica da estação estava ausente. Não havia música nem piadas brejeiras. Talvez por isso me dizia o Adelino sau-

dosamente que o tempo mais feliz da vida dele foi quando voltou do Brasil. Já era homem feito, mas estava ainda solteiro. Trouxe um acordeão que tinha aprendido a tocar por lá. Nesse ano não houve desfolhada ou vindima que ele não visitasse. Depois começou a andar por essas festas e romarias com um colega que agora está na Alemanha. Aquilo foi um ano inteiro de folia. Eram tempos muito diferentes dos de agora. Havia mais alegria e mais pobreza – as duas coisas iam juntas. Para enganar a fome, a gatinha cantava e dançava muito mais.

Foi nessa altura que, na feira dos Arcos, conheceu o Lopes; só tinham dez anos de diferença. O Adelino tinha comprado umas terras com o dinheiro que trouxera do Brasil e agora andava à procura de dois animais jeitosos para as lavar. O Lopes trouxe-o cá a casa para ver duas vacas que tinha a meias com o pai do Tôno Monteiro. Ficou de lhas comprar, mas nunca chegou a levá-las. Mal lhe viu a filha, ficou perdido por ela. «Era assim magrinha e toda jeitosa, com o cabelo muito preto encaracolado.» Quando voltou, no dia seguinte, já não foi para ver o Lopes. Ofereceu-lhe logo casamento e ela disse que sim. «Olhe, Joãozinho, foi ali onde está a ver aqueles tijolos, por trás da eira, ao lado do cancelo que dá para as Alminhas», dizia ela. Ele sorria. «Uma coisa é um homem andar pelas feiras a cantar, outra coisa é ter mulher e criar filhos.» «Disse-me ela assim: ‘Olha, se só tens esse campo aí, mesmo com o que o meu pai nos der, não vamos ter muito para nos alargarmos.’ E razão tinha ela. Só que eu ir para o Brasil sozinho outra vez era como quem me matasse. Mais valia não me casar. Lembrou-me do meu tio que estava na América. Digo eu: ‘Vou p’rá América e dentro de um ano volto com o que dê para comprar mais uma leirita.’ Mas ela: ‘Nem pensar!’ Que para viúva, dizia, bastava-lhe quando eu morresse, que já era mais velho que ela um pedaço. Escrevi ao meu tio e ele mandou logo dizer que arranjava trabalho para os dois. Casámos e fomos. Foi o falecido quem pagou a viagem; Deus olhe pela sua alma. Para mim foi mais que um pai.» Trabalhavam lá ambos numa fábrica de enchidos e enlatados de carne. Deram-se bem: têm dois carros, casa própria e um

casarão aqui em Paço. Agora já só voltarão para morrer, é o que dizem.

Do alto do muro em que estávamos empoleirados, para chegar melhor às uvas da ramada, víamos bem a estrada, sem sermos necessariamente vistos por quem passava. Ouviu-se o chiar do carro do Nelo Sendão, que voltava outra vez carregado de uvas. O filho de 12 ou 13 anitos puxava os bois e ele, sentado atrás do carro, com as pernas ao dependuro, tinha um aspecto de feliz cansaço, com o chapéu puxado para trás. Cantarolava. Não imaginava que o estivéssemos a observar.

– Lá vem o Nelo. Como ele vem feliz! Aquilo foi o Totobola que lhe saiu.

– Às vezes parece que tens peçonha, mulher. Cala-te mas é, que a gente deve-lhe muito.

– Que fique ele por herdeiro então.

– Já te disse para te calares.

Fomos ajudá-lo a descarregar os carros e eu nesse dia já não voltei à vindima. Depois de almoço fui levar o Rick e a Ann a visitar a feira de Ponte de Lima. Demos a volta à feira e a certa altura encontrámos o Moreira – o que tinha ajudado a levar o Lopes para casa. Pediu-me para lhe dar uma boleia de volta a Paço.

Era um homem baixo e sempre muito arranjadinho, com um bigode à Clark Gable, do qual era visivelmente vaidoso. Muito pobre e analfabeto, só se aguentava e aos treze filhos que tinha pela caridade do feitor da Quinta da Anha, da qual era caseiro. Para escândalo de toda a freguesia, emborrachava-se solenemente todos os fins de semana e não parava de fazer filhos à mulher.

Uma vez, durante a Páscoa, entrei em casa deles atrás da cruz. Era composta por um quarto grande que também servia de cozinha e um cubículo para os pais dormirem que fazia de arrumos durante o dia. Olhei à minha volta e os doze filhos pareciam uma escada que dava a volta ao quarto – ainda só a mais velha, com 16 anos, tinha idade para ir servir para Lisboa. À noite, aquele chão devia estar completamente coberto por miúdos, enrolados em cobertores a dormir no chão. Andavam

sempre em grupos de três ou quatro, percorrendo toda a meia-de-baixo da freguesia. Mas não eram arruaceiros. Dávamos-lhes doces e eles eram muito carinhosos connosco. Pediam-me constantemente para lhes tirar fotografias. Um dia apareceu-me lá também a mais velha com o filhito ilegítimo que lhe fizera o patrão em Lisboa – queria que lhe tirasse uma fotografia com os irmãos e uma outra com a Ruth. O cabelo ruivo dela fascinava-os a todos.

À volta de Ponte de Lima, a Ann, o Rick e o Moreira vinham no assento de trás. O Rick não fala português, mas é um pândego que gosta de entreter. Fazia gestos cómicos e batia amigavelmente no ombro do outro. O Moreira tinha uma cara de entretenimento surpreendido e vagamente apreensivo, mas vinha calado, a ouvir a algarviada que estes senhores tomam por língua. A certa altura passámos pelo café e ele fez o gesto apropriado à situação, que era oferecer-se para nos pagar uma bebida, já que lhe tínhamos dado uma boleia. Sabia, em princípio, que não aceitaríamos. Éramos quatro e as bebidas sair-lhe-iam a mais ou menos o dobro do preço do bilhete de autocarro que ele tinha poupado. Estava eu a agradecer imenso e a declinar a oferta, dizendo que tínhamos pressa, quando o Rick, porque o outro tinha falado pela primeira vez, se decidiu a mostrar que já tinha aprendido algumas palavras de português, seguindo o velho princípio anglo-saxónico de que os nativos gostam sempre que a gente saiba dizer umas palavrinhas da língua deles. Falou então ao mesmo tempo que eu recusava a oferta, dizendo: «Um, dois três, quatro; desculpe; cerveja; bife; por favor; obrigado; direito; esquerdo.»

O Moreira, pela primeira vez em toda a viagem, percebeu-o perfeitamente. Achou que ele queria uma cerveja e um bife – que era mais do que ele tinha oferecido (e, provavelmente, mais do que podia pagar sem o crédito que o Nelinho lhe daria de certeza). Não era homem para recusar isso a um hóspede.

– Ah, Sr. Doutor, este senhor aqui quer uma cerveja e um bife. Fazia favor, íamos aqui ao café do Nelo.

Parei o carro, é claro. A Ruth estava perdida de riso e eu próprio mal me continha. Expliquei então ao Rick o que se passa-



va. A Ann ria muito, mas o Rick ficou a olhar para ele, muito sério e encavacado. O Moreira já ia a sair do carro, puxando o Rick pelo braço. Finalmente, expliquei-lhe que o senhor inglês não percebia nada do que tinha dito, mal sabia o significado das palavras e estava só a tentar agradecer-lhe a oferta, dizendo que tinha pressa de voltar a casa, que noutra altura aceitaria com muito gosto. Se tinha falado assim, era porque eram as únicas palavras que sabia em português. Pedi ao Rick que indicasse com a cabeça que concordava comigo. O Moreira acabou por aceitar a explicação e os seus agradecimentos profusos com um visível alívio. Quando o deixámos, despediu-se com um sorriso entretido, devia estar a pensar como o Obelix: «São loucos, estes ingleses!»

O Rick, aliás, foi tema de conversa em toda a freguesia. Sabia-se, da televisão e de ouvir falar aos emigrados, que havia outros sítios em que certos homens de má fama usavam cabelos compridos. Por aqueles lados, no entanto, era raro ver-se um de perto e o Rick causou comoção, sobretudo porque a Ann usava calças e tinha o cabelo curto. O Cunha, sempre com aquele seu humor verrinoso, perguntou-me um dia discretamente se era ele ou ela que era o homem.

Ao fim de alguns dias, o Rick começou a conhecer suficientemente a zona em torno de Souto para ir dar longos passeios sozinho pelos bosques mais próximos. Na verdade, naquela altura do ano o cenário era idílico. Uma tarde voltou com cara de poucos amigos. Eu que o perdoasse, mas que gente mais arisca! Então tinha ido ele passear ali por cima (e apontava para o lado de São Macário) e, ao sair da floresta, ao pé da estrada, viu um *toddler* a brincar ao sol. Foi fazer-lhe uma festinha e o miúdo tinha-se mijado de medo. A mãe veio a correr pegar nele e fugiu, furiosa, para dentro de casa, batendo a porta e gritando. Tomavam-no por feiticeiro (ou coisa pior), pensei cá comigo. Deveriam perguntar-se: pois que passava ele os dias inteiros a fazer com aqueles cabelos compridos, escondido por esses montes, onde não havia nada de bom? Tive pena, porque me dava bem com eles, mas foi com um certo alívio que vi o casal de ingleses partir na semana seguinte.

Mais ou menos por essa altura, uns dias depois da missa do sétimo dia, apercebi-me de que qualquer coisa de muito desagradável se preparava. Depois do almoço fui procurar a Sãozinha com o intuito de lhe pedir que me falasse sobre dotes — andava muito interessado nisso na altura. Tinha lido o *Goody* e queria estabelecer com precisão qual o significado que ali se dava à palavra. As filhas da França já tinham partido. Ficaram só os da América por mais uns dias. Estavam todos nesse dia a vindimar não sei onde. Bati à porta da cozinha e encontrei a Sãozinha sentada a cortar batatas. No decorrer de uma semana tinha mudado completamente. Estava agora muito abatida, com um ar pouco saudável, envelhecida. As roupas pretas, de que se cobria, davam-lhe um ar triste. Inclusive, cobria o queixo com um lenço de lã mais grosso que o do costume, que já não lhe caía alegremente para trás, como tinha sido seu hábito. Mais tarde recuperou a alegria, mas mesmo então nunca perdeu a ironia e a tagarelice que a redimiam. Todavia, nunca recuperou a força vital, envelheceu muito rapidamente e encheu-se de doenças. A sua propensão para a maledicência tornou-se mais violenta e descarada. Antes o marido controlava-a, dava-lhe segurança e limitava os assomos da sua agressividade inata. Agora vinha tudo ao de cima.

Começou por se queixar muito, por chorar um pedaço e, em seguida, meteu-se por uma conversa que percebi que tinha uma intenção, sem conseguir, no entanto, captar imediatamente qual seria. Sempre que alguém ia morrer, ela sonhava com dentes, dizia. Isto era já uma coisa antiga, que a sua avó também dizia. O falecido, aliás, tinha trazido um almanaque, dos que têm as fases da lua e o tempo que vai fazer e tinha lá indicado isso. Quando foi da morte do seu paizinho, que Deus o guarde, tinha sonhado que lhe caíam os dentes todos. Desta vez é que não. Não era estranho?

Viu que eu não estava a perceber. Tentou explicar: é que isto não era uma morte que estivesse escrita, não era uma morte que tivesse de ser, porque senão ela teria sonhado com dentes. Ainda ia ter de consultar alguém... O Esteves sabia de uma mulher em Viana. Mas ela não queria ir com ele, que ele fala

pelos cotovelos e, com estas coisas, o melhor é cada um olhar por si.

– Pois se o falecido escorregou e caiu da árvore, D. Sãozinha? Que mais é que há a saber?

– É. Só que a gente... Olhe, vou ser franca. Como o Joãozinho nos ajudou tanto, a gente deve-lhe até uma explicação, mas não o quero meter nestas coisas, Santo Nome, que o Joãozinho não tem nada a ver com isto. Mas é que andamos aqui preocupadas, sabe, porque não conseguimos encontrar o dinheiro que o falecido tinha sempre numa caixa de sapatos ali na sala. Ainda eram muitas centenas de contos – que a minha Mila contou-os com ele ainda há duas semanas.

Apareceu então o Sendão. Ela recebeu-o com um ar desconfiado, que me surpreendeu. Aliás, ele também vinha com aspecto de quem estava preparado para o que desse e viesse. Vinha por causa da venda das vacas, explicou. E quem dera a ordem de venda, perguntou a Sãozinha? Pois que ordem, não era ele parceiro? Mas a conversa foi interrompida pelo padre, que vinha visitar a viúva. Bebemos dois copos e, vendo eu que os outros queriam continuar a conversa sem nós, convidei o padre a ir dar uma volta comigo. No dia seguinte, às 8 e meia da manhã, bateram-me à porta. Estranhou-me, porque sabiam todos que me levantava mais tarde que eles e ali respeita-se muito a privacidade de cada um. Fui à porta, era o Sendão, com ar atarantado, a dizer que precisava de ir imediatamente ao Porto, se eu não me importava de o levar, que me pagava a gasolina. Devo dizer que, não me tivesse cheirado já a esturro, a minha tendência natural para corresponder aos pedidos das pessoas talvez me tivesse levado a pensar duas vezes. Tendo em vista a conversa de ontem, no entanto, respondi-lhe que, bem via, não só não tinha tenção de ir ao Porto, como, se fosse, teria todo o gosto em levá-lo de graça. Felizmente, o carro estava-me a dar problemas e desculpei-me com facilidade. E que ia ele fazer ao Porto que tinha tanta pressa, se não se importava que eu perguntasse? Ai, eram umas coisas que tinha de fazer com muita urgência. Despediu-se e pôs-se a andar sem responder à minha pergunta. O homem não tinha percebido que, lá porque eu estava pronto a levá-lo fosse onde

fosse durante o enterro do Lopes, não tinha intenção de passar a ser seu *chauffeur*! Ou teria ele outra intenção? Nunca hei-de saber porque não aceitei o desafio.

Veio a Lúcia dizer-me que a mãe perguntava se eu não queria tomar uma cevada com elas. Lá fui. Queria saber se me lembrava do que tinha acontecido à agenda do falecido quando lhe tínhamos tirado as roupas. Tínhamos posto tudo na mesa-de-cabeceira, disso lembro-me; mas, se havia um diário, disso já não me lembro. Eu conhecia bem o diário porque ele consultava-o sempre que lhe perguntava sobre preços de produtos ou de gado ou sobre datas dos trabalhos agrícolas. Talvez, se não o conhecesse, me tivesse sido mais fácil lembrar-me da sua presença sobre a mesa-de-cabeceira do morto.

Aquilo era onde ele tinha as contas todas, explicaram-me elas. Dizia sempre à Sãozinha que, se morresse, as filhas que lessem aquilo, que estava lá tudo bem indicado dos negócios de gado. Eu não estava a perceber nada.

– Então ele vendeu as vossas vacas? Que história é essa?

Resumindo, a resposta foi a seguinte. Não eram as vacas deles, eram umas que estavam com o Sendão. O falecido não gostava de mostrar que negociava, porque esta gentinha é muito maldosa e acha que todos os negociantes, são «regatões», que só a roubam. Por isso, como era compadre e tinham confiança nele, o Sendão comprava o gado com o dinheiro deles como se fosse para a sua própria casa e depois, quando vendiam, davam-lhe uma porção em pagamento do seu trabalho. Ninguém sabia do negócio, nem mesmo ali no lugar. Isto já funcionava assim há muitos anos.

Então ontem apareceu o tipo a dizer que vendeu o gado a um contratador de São Tomé do Vade, um homem de pouca confiança, que anda sempre metido com ciganos e ladrões. Diz que o falecido já tinha arranjado a venda com ele. (Era o tal do boné, que eu tinha visto à distância na feira.)

– Eles estão mas é arranjados um com o outro – insistia a Sãozinha.

– Quero saber é por que é que ele não me disse nada antes de as vender. Diz que era por eu estar de luto, grande men-

tiroso. Primeiro, o preço que ele diz que recebeu é ridículo; depois, diz que as vacas eram a meias. Grande ladrão, a roubar uma viúva; ainda por cima, nós, que somos compadres. Que história é esta, julga ele que eu não sabia? Ele, das vacas, só tem a pagar-se da engorda, que é feita por ele – o falecido tinha-me dito que elas eram todas nossas, não havia parceria. Mande logo o Avelino a São Tomé para se informar com o tal regatão – só que já estavam combinados os dois. Veja lá, escreveu-me este papel a dizer que o preço já tinha sido feito pelo falecido e que era o preço que diz o Sendão. Não é isso que aí está escrito?

E espetava-me o papel debaixo do nariz.

Era, pois. De qualquer forma, pelo que o Cunha me disse depois, nem um nem outro eram homens em quem se confiasse, nem mesmo se dessem as filhas em penhor. Aliás, se a minha opinião vale alguma coisa – hoje, que já não me lembro de nada com precisão, que já não distingo o que vi e ouvi do que me disseram ou do que entretanto fui congeminando –, se me perguntarem o que penso, acho que todos eles estavam enterrados em má fé até à ponta dos cabelos.

A começar pelo falecido, que era sôfrego de mais e era pouco escoreito nos seus negócios. Nem à mulher dizia o que fazia, porque o capital para aquilo tudo vinha da herança dela – era dinheiro que o pai dela tinha trazido do Brasil, fazendo toda uma fortuna a partir de uns contos de réis por meio da usura. O Lopes não informava a Sãozinha porque não queria que ela lhe atasse as mãos, como sem dúvida ataria, que não era mulher para deixar que se fizesse o contrário da sua opinião.

O Ramos também andava a esconder qualquer coisa sobre os negócios que, estou certo, ele tinha com o Lopes. Pelo menos foi isso que depreendi do que os ouvi dizer durante a desfolhada. A tal caixa de sapatos, da qual se perdera o paradeiro, com as centenas de contos dentro, bem podia ter ido por essa via. Pelo menos, quando perguntei discretamente se também havia algum negócio com o Ramos, a Sãozinha disse-me que também tinha perguntado mas que lhe tinham dito que não.

O Sendão – diga-se isto em abono da verdade – tinha-se de facto fechado dentro do quarto do morto. Lá isso tinha, que eu

bem me lembro de ver a Mila a bater à porta do quarto com roupa para o falecido na mão e a perguntar por que é que ele lá estava fechado antes de sairmos para a Codeceira. Seria para discretamente pôr no bolso a agenda? Era bem possível, mas não era certo. Só que a rapidez com que ele se fez caseiro das terras do compadre morto, começando por fazer as vindimas por conta própria, assim como a decisão de vender as vacas logo na semana seguinte ao enterro sem sequer avisar a viúva, eram tudo factos que não abonavam em seu favor. Não penso que chegasse ao ponto de lhes roubar a caixa dos sapatos, como elas mais tarde afirmavam. O risco de detecção, com toda aquela gente em casa, era excessivamente elevado. Ele não era suficientemente inteligente nem tinha a frieza de temperamento necessária para levar a cabo esse tipo de roubo. A caixa saiu de casa, lá isso saiu, mas deve ter sido discretamente, por mão do próprio Lopes, para algum negócio secreto. O tal negócio com o Ramos? Quem sabe...

A Sãozinha foi descuidada ao não ter confiado o enterro a um homem acima de qualquer suspeita, como o Cunha. A Tina bem a avisou na altura. Aliás, ela agora reconhece que foi um grande erro ter aceite a oferta do Sendão. Foi também tonta ao ter pensado que podia usar o homem como um simples criado; ao não perceber que, morto o patrão, ele seria terrivelmente tentado a herdar-lhe o trono. O Sendão terá pensado: cobro-me dos negócios (para o que bastava roubar a agenda) e, com o capital assim acumulado, recomeço operações. De tanto andar atrás do outro, tinha todas as informações necessárias para pôr o negócio em andamento. A Sãozinha, que conhecia o homem de longa data e sabia que ele era só uma fachada, devia ter tomado mais cuidado.

Aqui entro eu, que também tenho as minhas culpas. Fui tonto por não ter percebido como era uma arma excessivamente poderosa para os braços que me estavam a usar. Como o Cunha mais tarde disse: «Não fosse o seu carro, ele não poderia ter corrido com o enterro.» E o próprio Cunha não está livre de culpas. Não devia ter cruzado os braços só porque não o chamaram logo. Sabia perfeitamente, como depois me confes-

sou, que aquilo ia acabar em desastre. Não conhecesse tão bem os protagonistas! De facto, acho eu, ele continuava a moer a memória do fraquinho pela Sãozinha. Talvez o seu silêncio tivesse um vago sabor a vingança. Nunca lhe perdoou a noite que passou no cortelho da casa do pai dela, sobretudo porque ela engravidou do falecido poucos meses depois.

Foi assim que no dia seguinte, quando voltava de motorizada da feira, ao passar à porta da Sãozinha, o Sendão foi interpelado por ela aos berros, chamando-lhe ladrão e perguntando-lhe bem alto, para que todos ouvissem, donde vinha o dinheiro para as vacas que ele tinha acabado de comprar na feira dos Arcos. Tinham vindo logo avisá-la.

Qual era a pressa?, pergunto-me eu. Por que é que ele não esperou umas semanas antes de recomeçar a negociar? Francamente, acho que a ansiedade de se substituir ao patrão, que sempre invejara, ganhou sobre o espírito crítico. Só assim se explica que pensasse que podia continuar a usar-se do meu carro como se do Lopes se tratasse ou que fizesse o deslize de começar a negociar com o gado do outro ainda o falecido não tinha arrefecido na campã. Sujeitou-se, portanto, à chacota da Sãozinha, que, cada vez que ele ou alguém da sua casa passava, se punha aos berros, chamando-lhes «herdeiros».

Acabou tudo no tribunal, já muito depois de eu ter voltado à Inglaterra. Perdeu a Sãozinha, é claro. Não percebeu que, como mulher, nunca poderia penetrar no mundo dos negócios de gado e que, sem essa peça, nunca poderia provar nada contra o antigo compadre. Todos estavam contra o Nelo Sendão; sobretudo não lhe perdoavam o excesso de sofreguidão que o tinha levado a abrir mão do jogo tão cedo. Mas sabiam também todos que ela o acusava de coisas de mais e que não tinha provas para nada. Aliás, quando um potentado perde a sua força, os pequeninos só se lembram do mal que receberam, nunca se lembram da protecção. Só os fortes protegem os que antes tinham sido fortes, os fracos estão excessivamente ocupados a protegerem-se a si próprios. Foi de facto a sua própria falta de siso que pôs a Sãozinha a perder.

O Sendão também pouco ganhou, coitado. Para já, nunca mais ninguém confiou nele – um homem que faz uma desfeita dessas a um compadre recém-falecido nem é homem nem é nada. A opinião era generalizada na freguesia. E, de um ponto de vista económico, também cedo perdeu o que ganhara, que estas coisas da justiça são muito caras para quem quer ganhar a todo o custo. Uns anos depois andava aí um grande escândalo com o filho mais velho, que voltara dos Estados Unidos e que dizia que o pai lhe tinha gasto em justiças as poupanças que tinha mandado para uma conta bancária na qual o pai tinha assinatura.

Antes de levar o caso a tribunal, a Sãozinha fez uma derradeira tentativa para provar a si própria que a agenda fora mesmo roubada por ele. Fui eu que a levei lá no último dia da minha estada, já a nossa casa tinha sido desmontada e tínhamos tudo preparado para a partida. Ela andava preocupada com o assunto. Na semana anterior tinha-me dito que se apegara à Nossa Senhora de Fátima. Fizera-lhe uma promessa de 2 contos: se tivesse sido o Sendão, que a Senhora lhe puxasse para ali a ideia; se não tivesse sido, que a desinteressasse para esquecer aquilo tudo.

– Ó D. Sãozinha, e como é que você vai saber se a Senhora lhe respondeu ou não?

– Ai isso logo se vê, Joãozinho, que já me fui informar. Tratei com um advogado da vila e já me apeguei com o delegado de justiça, que diz que põe uma acção no tribunal ao homem. Agora é só decidir-me. Se for preciso, manda-se vir cá a Judiciária, que eles vêm e nunca pedem mais de 20 contos.

Onde terá ela arranjado estas noções? Afinal, parecia-me que haveria mais «herdeiros» para além do Nelo Sendão!

Mas queria confirmar as suas suspeitas. Foi então que passou por lá um tal Mendes, um velho amigo do Lopes, de uma freguesia próxima. Contou-lhe de um homem para os lados de Paredes de Coura que tinha muito poder. Tinham lá ido por causa de uma sobrinha dele, uma moça de 16 anos, que tinha uns desmaios e andava muito mal. O velhinho ouviu-as, sorriu e disse para a irmã do Mendes:

– Isto não é caso para mim, senhora. Vomecê explique-lhe da vida das mulheres.

Veja lá que a mãe, meu Deus, que burra!, dizia a Sãozinha, explicou-lhe do arranjo da casa e tudo isso, mas não percebeu que era da «tristeza das mulheres» que se tratava.

– Está a perceber do que falo?

Como a rapariga continuasse muito mal, foram pedir ao Senhor Reitor aqui em Paço para exorcizar os demónios. Ele ouviu a história toda, levou a moça à parte, leu-lhe lá um livro que ele tem assim dessas coisas de sexo e a partir daí a rapariga sarou.

– Veja lá bem, como há gente estúpida!



O que tinha convencido o Mendes da força do bruxo, no entanto, foi outra coisa. Ao sair da porta, o homenzinho chamou-o à parte para lhe dizer que haviam de ter vindo lá, não pela sobrinha, mas por ele, que era ele que estava com problemas, porque ia ter justiça da parte da família da mulher. E não é que foi precisamente o que aconteceu duas semanas depois? A partir desse dia, o Mendes ficou muito crente no velhote.

Era para os lados de Paredes de Coura. O dia estava chuvoso e a viagem foi horrível. A estrada, mesmo em dias de sol, é perigosa. Naquele dia de chuva e frio de Dezembro, cada curva era uma dor de alma, e havia tantas curvas, meu Deus! Íamos quatro: a Ruth, a Sãozinha, a Tiª Amélia do Torto e eu. Eu estava a chocar uma gripe, que depois fui curar para o Porto. Talvez

que os tons téticos e patéticos de que essa viagem se reveste na minha memória se devam a esse mal-estar.

Chegámos à aldeia que nos tinha sido indicada. Passada uma curva, vimos uma casa pintada de verde, que parecia ser a certa. Estava uma mulher de mais ou menos 40 anos, baixa e gorda, encostada à cancela do terreiro. Tinha parado de chover, mas ela ainda tinha o chapéu-de-chuva aberto.

– Bom dia.

– Bom dia... – E como eu hesitasse...

– Os senhores ao que vêm?

– Queríamos ver o Sr. António Domingues – uma pessoa que nos dizem que sabe resolver problemas... Sabe onde é?

– É aqui, sim senhor. É o meu pai. Bom, só que ele anda muito ocupado... Mandaram dizer que vinham?

– Não, não pudemos. – Foi a Sãozinha que respondeu, já fora do carro.

– Vou ver o que se pode fazer. Entrem para aqui.

Levou-nos a uma «loja» onde nos fez esperar. Havia um carro de bois perto da entrada; por trás, ao fundo, três pipos vazios e, do lado oposto ao que estávamos, um amontoado de palha. A Ruth ficou no carro. Esperámos ali os três, a olhar em silêncio para a chuva que caía outra vez. A mulher voltou, dizendo que tínhamos de esperar. Falava em tons baixos com a Sãozinha, como se tivesse qualquer coisa a esconder.

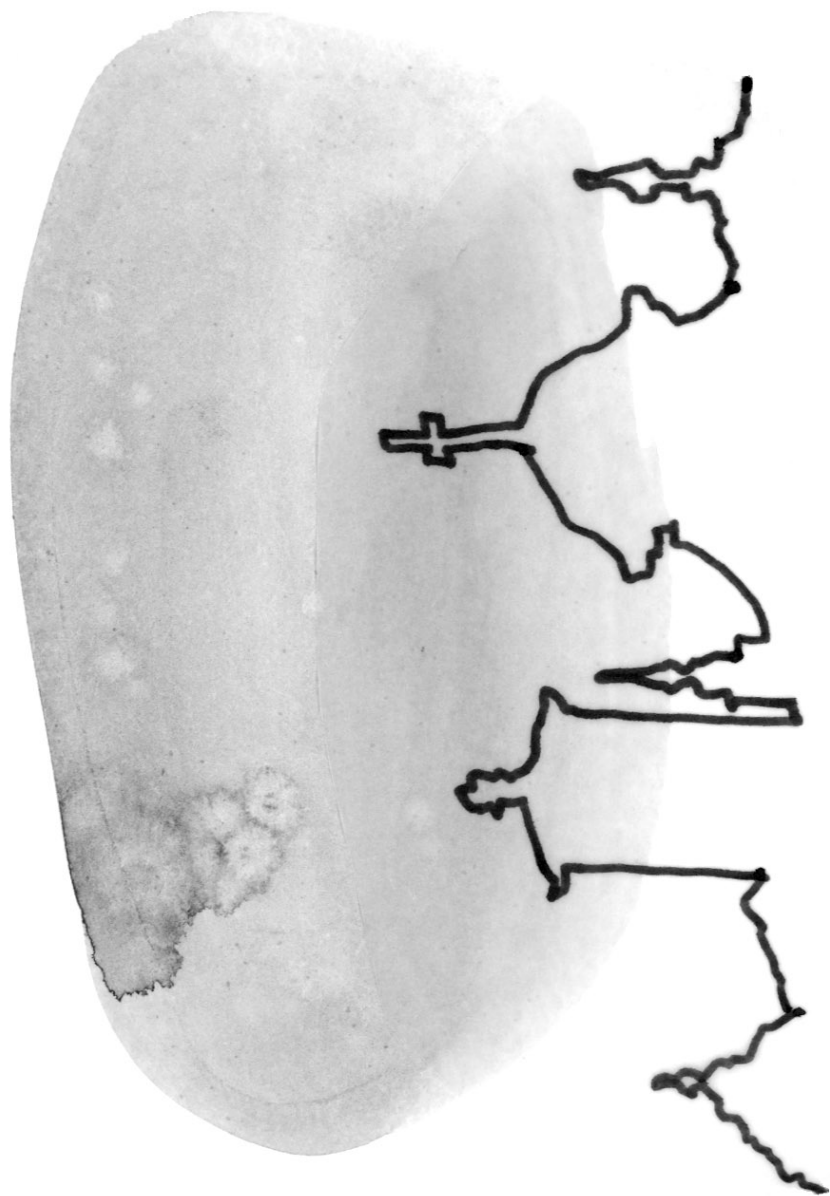
– Já lhes contaram como foi que se passou com o meu pai?

Não vou relatar a história em discurso directo porque não seria capaz de reproduzir com suficiente precisão a forma como ela a contou. Explicou que o paizinho dela já há muito que sofria do coração e que um dia, dois anos antes, lhe dera um ataque. Chamaram a ambulância e ele morreu ainda antes de chegar ao hospital. «Os senhores não acreditam, pois não? Mas é a verdade todinha». Trouxeram-no de volta e puseram-no em câmara ardente ali mesmo na sala. Vieram os vizinhos a deitar água benta e vejam lá que, quando passava um homem que era ali daquele lugar que os senhores passaram há bocado, onde há aquela espécie de ponte... quando esse homem veio a deitar a água, o paizinho dela sentou-se no caixão. «Vivinho,

vivinho; como nós aqui estamos. Ai, meu Deus, foi para aí um berreiro! Nem queriam acreditar no que viam. Foi uma felicidade que Deus nos deu. Ouvia os nossos pedidos, que o nosso paizinho fazia-nos tanta falta. Mas estas coisas são assim mesmo, que há uma conta certa no céu, sabe? Quem pagou foi o homenzinho que lhe deitou a água, que, com o susto, morreu ele logo ali. E, pobrezinho, esse nunca mais voltou. Até que os parentes dele andam para aí a dizer que aquilo foi feitiço nosso. Mas não foi, não senhor. Foi Nosso Senhor que assim quis». E mesmo agora, que o pai dela tinha este dom de adivinhar, não era feitiçaria. É que ele tinha estado no céu e agora falava directo com Nosso Senhor.

Foi ver se ele já podia vir. Apareceu sozinho. Um velhote encurvado dos seus 70 anos, já com poucos dentes, com as mãos muito negras de andar a descascar nozes, os cabelos muito amarelados de sebo, as roupas sujas. Cumprimentou e parou por trás do carro de bois. Pegou num rosário de plástico fluorescente, com o crucifixo na mão direita e a ponta na mão esquerda junto à boca. Apontou o crucifixo, como se de uma fisga se tratasse, em direcção à parte do céu por detrás da qual, com um esforço de imaginação, se poderia pensar que estaria o sol, naquele dia inóspito de Inverno. Manteve-se nesta posição o tempo todo, virando-se temporariamente para trás quando queria ouvir as respostas da audiência.

Principiou por rezar um padre-nosso e a meio da ave-maria que se seguiu a sua voz já estava muito empastada. Chegava a ser difícil perceber-se o que dizia. Perguntou-me ao que vinha. Como eu apontasse para elas, a Sãozinha respondeu que lhes faltava um «albjéto» de casa e que tinham aqui vindo por isso. O velhote murmurou umas coisas ainda mais incompreensíveis em direcção ao céu e depois disse-lhes que pusessem o pensamento na casa delas. Ele estava a ver o tal objecto, que era uma coisa pequena, castanha, que tinha outra coisa pendurada no meio. (No caminho de retorno a Paço, a Sãozinha explicou-me que o falecido tinha o hábito de deixar a caneta a marcar o dia do ano na agenda.) A pessoa que lhes tinha roubado a agenda (a Sãozinha tinha logo informado que era isso



que estava em causa) tinha estado lá em casa num dia em que havia lá muita gente. Disse que o roubado tinha ido para cima (ora a casa do Nelo Sendão fica mais elevada que a da Sãozinha). Quem roubou era de família. Elas disseram-lhe que não, ao que ele respondeu que podia ser, mas, como estava a ver à distância, lhe parecia de família. (Mais tarde, ao almoço, já em Souto, foi a Mila que explicou que compadre, aos olhos da religião, era como se fosse família. A explicação satisfez imenso a Sãozinha, que não queria ter de duvidar do que já estava mais que certa.) Continuou: elas já tinham dito os responsos de Santo António, não era? (A Sãozinha estava radiante de ver como o homem era um vidente tão poderoso.) Concluiu dizendo que podia demorar muito tempo, mas iam acabar por encontrar o que faltava, mas isso era se fossem à justiça, porque de outro modo a coisa não se resolvia.

Antes de nos despedirmos, e depois de a Saõzinha lhe ter passado para as mãos uma nota de conto, que ele começou por dizer que não podia aceitar, ainda afirmou que também tinha visto que este senhor aqui (que era eu) era do Porto e estava aqui de passagem.

Ao almoço, em Souto, tentei dissuadi-la de ir a tribunal antes de ter absoluta certeza de que tinha provas do que queria demonstrar. Respondeu-me perguntando se as provas que tínhamos tido hoje não chegavam? A verdade é que, com a gripe que eu tinha, também já não estava em estado de insistir mais. Ainda tínhamos de carregar o carro e fazer uma viagem cansativa para o Porto. Passámos em Padim a entregar as chaves e dizer um último adeus ao Cunha. Não voltei a Paço nos dois anos seguintes.

Interlúdio oxoniano

Como sempre, tinha acabado de chover há pouco. A velha bicicleta preta do tempo da guerra, com as suas rodas grossas e seguras, cortava as poças no asfalto, deixando uma marca evanescente. Passei a ponte sobre o Tamisa, que aqui tem um nome próprio (Ísis), passei o Colégio de Santa Madalena, cujo nome aqui se pronuncia de uma forma diferente, e entrei na High Street, o centro da velha Oxford. O trânsito está sempre entupido aqui. Por entre autocarros vermelhos e automóveis com condutores estranhamente calmos, considerando que não iam sair dali ainda por muito tempo, dirigi-me ao Colégio de Todos os Santos. A bicicleta ficou à porta, contra o muro, travada por um grosso cadeado – o negócio de bicicletas roubadas é activíssimo em Oxford; diz-se que a polícia nunca as encontra, porque os ladrões as exportam para países do Terceiro Mundo.

Depois de explicar ao porteiro ao que ia, entrei no primeiro pátio (*quadrangle*, dizem eles descritivamente) do edifício monacal. Renovados e restaurados constantemente desde que se iniciou a construção na alta Idade Média, estes velhos colégios não são lugares em que o tempo tenha parado, como pode parecer ao observador superficial. São antes lugares onde o tempo se acumulou pesadamente. Por cima das salas góticas encontram-se alas renascentistas, dentro das quais os séculos

XVIII e XIX deixaram pesadas heranças de conforto, agora utilizadas desajeitadamente por nós, nesta era democrática em que já não há criados.

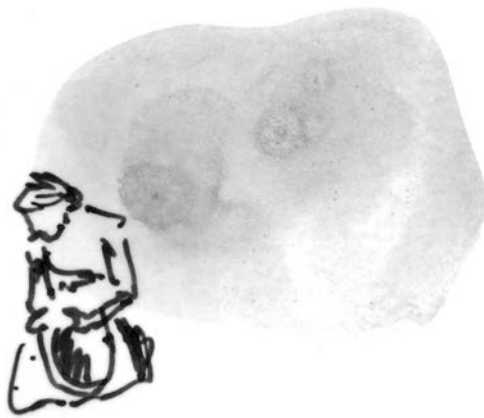
Do outro lado da capela, o segundo *quadrangle*, com o seu quadrado de relva maior que o do anterior, é também mais tardio. As grandes portas de ferro forjado do lado oeste deixam entrever o edifício de plano circular da biblioteca, chamado Radcliffe Camera, onde, num dia chuvoso como este, depois de muito procurar pelos ficheiros, acabei por encontrar a tese de doutoramento de história medieval portuguesa daquele padre-catedrático de que vos falei no início deste livro – o tal que está a construir um santuário. Lembro-me bem da sensação de intemporalidade que tive quando levantei os olhos do livro pousado sobre uma mesa antiga de carvalho do 1.º andar da biblioteca e vi, através do vidro tosco, que já teria mais de duzentos anos, o vulto do professor Needham, que falava com alguém no seu grande gabinete, no 2.º andar de uma das torres góticas do Colégio.

Ora era precisamente por causa dele que eu agora visitava este colégio, que não é o meu. O professor tem um seminário regular, onde se reúnem quinzenalmente treze a vinte pessoas, estudantes graduados e professores, em torno a uma enorme mesa coberta de feltro verde, no meio de uma linda sala redecorada sumptuosamente nos meados do século XIX. Entra-se pela porta da segunda torre, a leste do *quadrangle*. Abandonam-se capas, casacos, chapéus e guarda-chuvas e passa-se então para a atmosfera simultaneamente acolhedora e aterrorizante da sala. Naquele dia o terror dominava-me. Era eu que fazia a apresentação – era a primeira coisa que escrevia sobre o Alto Minho, a primeira vez que falava em público em inglês e o professor Needham era famoso por ter opiniões fortes e francas.

Afinal, parece que correu tudo bem. Corre sempre tudo bem quando se tem algo a dizer, e eu tinha. Sobre corpos incorruptos, rituais funerários, santas, santos e camponeses – foi sobre isso que falei – tinha eu muito que dizer à época, mas em inglês! Quando hoje leio as minhas notas de campo, chego a surpreender-me pelo facto de tanto ter sido escrito em inglês.

Porquê? Afinal, é contra os princípios do método clássico malinowskiano. Sabia-o tão bem na altura como hoje. No entanto, só agora, que pela primeira vez escrevo em português para portugueses, só agora reparo no aparente paradoxo de que, quando o Lopes ou o Cunha me falavam, eu transcrevia muito do que me diziam para inglês.

Essa noite, a Swati e o Chandan, os nossos melhores amigos, tinham preparado um jantar para celebrar a ocasião. Levei duas garrafas de vinho verde, que ia até muito bem com a comida bengali. Passámos a noite a jogar majongue e a discutir o capítulo que ele tinha acabado de escrever da sua tese sobre o Partido do Congresso em Bengala durante a Segunda Guerra Mundial.



O último capítulo

Subíamos a encosta por cima do santuário da Senhora da Peneda. O sol, que prometia despontar a cada momento, já nos começava a aquecer as costas doridas pela noite ao luar. O caminho é íngreme e a enormidade das lajes com que o calçaram impressiona quando se pensa que foi preciso alguém encaixá-las ali. O neto mais novo do Cunha ia à frente, logo seguido pela tia solteira mais jovem. Atrás de mim vinham os outros, alguns com os foles já de fora, mas todos muito excitados com a beleza da paisagem, a força misteriosa do nascer do sol e o descongelar dos ossos. Nem eles saberiam nomear as causas da sua alegria, nem eu seria capaz de vos descrever a beleza agreste e intensamente fértil desse amanhecer de montanha. Corriam águas por debaixo das pedras onde pousávamos os pés.

Agora que estava a viver em Lisboa era-me mais fácil voltar a Paço regularmente. Desta vez voltara para acompanhar o Cunha e a família na romaria da Senhora da Peneda. Estas noites de Verão começam muito ternas e apetitosas. Passeia-se, dança-se, fala-se, come-se e bebe-se, até que, aí pelas 2 da manhã, dá o sono. Deita-se a gente no terreiro sobre sacos, colchas e cobertores, palreando alegremente no meio de uma selva de painelas, cestos e garrações agora vazios. Conforme as horas passam, o cobertor, que a princípio não era mais que um conforto dispensável, vai-se tornando mais presente e, estranhamente, começa

até a encolher. Por volta das 4, quando a claridade retorna, os que se passeiam, dançam, bebem e falam já o fazem mais para se aquecerem que por divertimento. Há muitos até que desistem e se vão embora. Já não é fácil lembrar-se a gente da noite sensual e aveludada que ainda há duas horas nos envolvia como um manto de alegre conforto. O pior frio é o que ataca antes da missa das 6 menos um quarto, quando a claridade já é total. Vai todo o mundo à missa mais para não sentir aquela dorzinha nos ossos do que por real devoção. Para devoção à santa, bastava ter-se cantado e dançado a noite inteira.

Passara a noite toda com o Cunha e o genro a deambular pelo terreiro da festa, a ver a dança, a ouvir os cantares ao desafio. Um tal Sargaceira de Gade, como ele próprio se chamava, era imbatível. Era um homem alto, escuro e com cara de folião, mas com um sorriso bárbaro. Atirava-se aos que o desafiavam com uma verve poética que os deixava de rastos. Não houve nenhum que, nessa noite, lhe chegasse aos calcanhares:

*'Ô Sargaceira de Gade,
Não o leva um qualquer.
Um homem que tanto vale,
Bate todos que quiser.*

Lá mais para o meio da noite descemos a escadaria de capela em capela, seguindo os passos da cruz, representados por enormes bonecos de barro num deplorável estado de deterioração. A iluminação da festa não chega ao redondel, onde acaba a escadaria, no qual me surpreendeu ver que não desagua nenhuma estrada. Os romeiros, diz o Cunha, vinham a pé por essa enfiada de vales acima. Agora, sob o luar intenso, não se vêem os carreiros que ele indica com o dedo nodoso e marcado pela artrite, que ultimamente o tem incomodado. Só se distinguem entre o verde escuríssimo da noite os telhados espalhados aqui e ali e o brilhar prateado das oliveiras.

– Vínhamos de Paço a pé – dizia, saudoso. – Chegávamos a meio do segundo dia. Os que vinham de burra chegavam antes e esperavam aqui pelos outros. Da última vez que vim foi com a Sãozinha e o marido; vínhamos para a novena toda e ficávamos ali nas casas da confraria.

Fomos em seguida ver os quartos para os romeiros. Pensámos que, como o movimento da festa ainda era muito, talvez encontrássemos algum sítio quente para dormir um pouco. Qual quê? Estava tudo a abarrotar. Diz o Cunha:

– No meu tempo isto de colchões não existia, dormíamos sobre a palha. Nem me lembro de cheirar assim tão mal.

Ao descer outra vez os degraus para o terreiro lembrei-me da Sãozinha, que nos contava que fora o rogaçar da palha que a levava a descobrir as mãos do falecido metidas «por engano» pelas roupas da Mercedes adentro. Memórias tenazes de mazelas que estão prenhes de futuro. São coisas que ficam, como, infelizmente, vim a descobrir no dia seguinte, quando, de volta a Paço, a fui visitar.

Ja jantar com eles e, porque sabia que estavam a limpar o monte para os lados do Rosário, fui lá procurá-los. Estava exausto. Apesar de ter dormido um pouco durante a tarde, ainda sentia os efeitos da noite anterior, passada em branco. Talvez a cena que se segue não se tivesse marcado tanto na minha memória se não fosse a luz do fim de dia e o cansaço.

Vinha eu, a Sãozinha, a filha mais nova e o filho, que estava agora de volta da América. No carro de bois, carregado de mato, vinham os dois netos. Descíamos a calçada, já perto de casa, quando passaram por nós a Mercedes e a Bininha, a filha mais velha, cada uma com uma cara mais carrancuda que a outra. A Sãozinha olhou para o lado oposto. Elas cumprimentaram-me rapidamente com a cabeça, mas andaram céleres sem dizer mais nada a ninguém. Como da última vez que as vira, a Sãozinha e a Mercedes ainda mantinham relações de cordial vicinalidade (nunca tinham sido amigas), quis perguntar que é que se passava. Não tive tempo. Mal chegaram à esquina, onde o caminho desce para passar em frente à casa delas, viraram-se para trás, como se viessem

já preparadas, e desferiram um ataque oral de tal ferocidade que fiquei positivamente assustado:

– Sua coirona. Feiticeira. Grande cabra ranhosa. Bruxa. Vies-te-nos deitar feitiço, puta. Vais pagá-las todas, ai isso vais, feiticeira maldita.

Num repente tinham desaparecido, deixado a Sãozinha lívida no meio da rua, como se lhe tivessem despejado um balde de água fria em cima. Começou então ela também a berrar, respondendo-lhes na mesma moeda, até que o filho lhe puxou pelo braço e a fez calar-se.

– É gente que não merece ser ouvida – dizia ele, levando-a para casa.

– Fazem isto para me desfeitear em frente ao Sr. Doutor. – Agora ela chamava-me assim na presença de terceiros, porque dizia que, se me chamasse Joãozinho, os outros também o fariam e era uma falta de respeito.

Nessa noite sonhei que a Mercedes se tinha virado contra mim por causa da morte do Lopes. Acordei de sobressalto com a imagem aterradora das duas mulheres mal vestidas, com os cabelos alourados a saírem desgrenhados dos lenços de cabeça, caminhando apressadas e, de repente, virando-se em unísono para mim, maldizendo-me aos berros, com as caras disformes de angústia e ódio, as bocas abertas, os punhos fechados, os olhos salientes e arregalados.

A Sãozinha dizia que eram coisas de feitiço, que a acusavam de andar metida na Mercedes, causando-lhe as doenças de que ultimamente se vinha queixando.

– Mas como é que uma pessoa viva se pode meter numa outra pessoa, como se fosse um espírito? – perguntei inocentemente.

Tinham-me dito antes que um espírito é diferente de uma alma; que as pessoas vivas só têm alma, não têm espírito. A Sãozinha só respondeu que «elas são umas ignorantes».

No dia seguinte, a Gracinha da Toma deu-me uma versão diferente dos acontecimentos. Segundo ela, aquilo era já muito antigo, do tempo em que o filho da Sãozinha namorava com uma moça de São Macário. Nessa altura a Sãozinha andou metida em tribunais porque «pôs vozes sobre uma mulher casada» e a mãe

da moça ter-lhe-á proibido de continuar o namoro. Ao mesmo tempo, a filha mais velha da Sãozinha falava com um filho da Mercedes, mas deixou-o para casar com o Avelino. Esse filho da Mercedes acabou por se casar com a antiga namorada do filho da Sãozinha. Era um tipo com um sorriso alarve, alto, forte e alourado, como todos os filhos da Mercedes. Estava emigrado em França. Eu já sabia que ele não se dava com as filhas da Sãozinha, porque tinha feito a casa nuns terrenos fronteiros aos que o Lopes tinha comprado aos Vigários. Tinha ficado furioso por não os ter comprado ele, e mais ainda por eles terem construído as casas das filhas logo por cima da dele, que era bem mais modesta.

O que não sabia é que no ano anterior, quando foi do julgamento do caso do Nelo Sendão (que a Sãozinha perdeu por falta de provas), o tal da Mercedes «deitou fogo» para celebrar com foguetes o que ele considerava ser um feliz desfecho, apesar de não ter nada a ver com a história. Desde aí a Mercedes andava a sentir-se menos bem de saúde. Foi ao médico, que a tratou e no fim lhe disse:

– Olhe, minha senhora, eu por mim já fiz o que podia; agora, se continua a não se sentir bem, se calhar, o seu mal é de bruxa.

Ao que chega a piada leviana de um médico quando cai num poço de ódio!

A Mercedes foi logo a uma bruxa, que lhe terá dito que era uma vizinha da parte de cima que estava metida nela. Se não se protegesse, a outra comia-a por dentro, que era uma bruxa. (Aquele história de espíritos, que eu não tinha percebido, era um eufemismo, uma maneira de a Sãozinha me explicar que as outras a acusavam de ter feito um pacto com o Diabo. De ser feiticeira, como se diz em Paço, das que andam nuas a voar pela noite.) Por isso me relatava o filho, cheio de asco:

– Veja que de manhã encontramos aí nas cancelas cacos com cinzas – defumadouros, como dizem –, que são essas ignorantes que põem para que a minha mãe não saia de casa durante a noite!

Um belo dia o Sendão vinha a descer de motorizada a estrada em frente a casa da Sãozinha quando esta se pôs aos berros, como era já seu costume. Chamava-lhe «procurador», «her-

deiro» – acirrada como estava por ter perdido não só o que considerava ser dela, como os custos da justiça, que ainda deve ter sido mais. Quando a viu, o homem ter-se-á distraído, a verdade é que se atirou para cima de um carro que vinha na direcção oposta. Partiu um braço, destruiu completamente a mota. Agora anda por aí a dizer que a Sãozinha o empurrou, que ela é bruxa e que ele «sentiu assim como que uma mão que o empurrou para cima do carro», que aquilo foi feitiço, porque ela anda feita com o Inimigo.



A tempestade estava a preparar-se. A irmã mais velha da Mercedes, a Eulália, estava nessa altura muito doente, em perigo de morte. Na tarde de um desses dias que por lá passei então encontrei o irmão delas – um tipo calmo e simpático, que nunca se metia nessas histórias e que tinha sido grande amigo do Lopes em vida deste. Vinha de casa da Eulália, que vivia

perto de um moinho de água, já fora do lugar. Falámos de generalidades e, em seguida, ele confessou-me estar muito preocupado porque previa que as coisas ainda não iam acabar bem. Ele era amigo da Sãozinha por respeito à memória do falecido e, por saber que eu também era, estava-me a dizer isto para que lhe falasse, que ele já não podia fazer mais nada. Ela devia ter mais cuidado. Agora a Mercedes e as filhas dizem que a doença da Eulália é devida à Sãozinha. Como é que isso é possível?

– Mas são assim, não querem acreditar quando lhes digo que isso não existe. São coisas de mulheres, sabe? E a Sãozinha também havia de ter mais juízo na cabeça. Então não a tinham ouvido dizer que, se a Eulália morresse, não se perdia grande coisa?

Claro, agora as outras andavam danadas.

Se a Eulália não tivesse morrido, talvez a situação não tivesse degenerado ao ponto a que chegou. Mas a Eulália morreu passado um mês, já eu tinha voltado a Lisboa. Na altura do enterro da Eulália reuniu-se em Paço todo o contingente da família da Mercedes. Vieram o filho, a filha e os três cunhados que estavam na França. Só o marido não punha mesmo cá os pés. Pela primeira vez desde sempre havia mais gente no lugar a favor da Mercedes que da Sãozinha. Logo por sorte, foi numa altura em que o filho desta andava por fora. Só cá estava ela, a cunhada e a filha mais nova. A Mila já estava casada e emigrara para a América com o marido.

A Sãozinha tinha perdido o marido, estava baixa de dinheiros e, como tinha perdido a causa contra o Sendão, não tinha já tanto prestígio como antigamente. A ideia desta gente toda foi que não podiam esperar por melhor ocasião. Já tinha morrido a tia, morta por esta mulher; se não se cuidassem, ainda lhes podia morrer a mãe também. Para eles, a Sãozinha era uma feiticeira comprovada; andava feita com o Demónio. Até já o médico tinha dito que a doença da Mercedes tinha a ver com a Sãozinha, interpretavam eles. Se queriam salvar a mãe, então teriam de fazer sangue. Só isso, acham por lá, pode curar uma bruxa verdadeira. E assim fizeram – deram à Sãozinha o tratamento tradicional para bruxas e lobisomens,

uma carga de porrada tal que saia sangue e os deixe por terra por mortos.

Uma noite em que a Sãozinha tinha ido fechar a porta ao gado que tem na corte da Masseuria encontrou o caminho barrado pela Mercedes, pelas filhas e pela cunhada. Cada uma tinha um pau de enxada na mão. Bateram-lhe até ela não se poder mexer mais. Só pararam porque os homens, que estavam na estrada a impedir que alguém passasse, lhes vieram dizer para se despacharem, que o Tôno Monteiro tinha ouvido os berros e que não o poderiam conter por muito tempo. Foram para casa e deixaram-na ali, numa poça de sangue.

Quando chegou ao hospital estava morta. O seu enterro não teve nada da grandiosidade do funeral do marido, foi uma morte que deixou todos os vizinhos um pouco envergonhados. Ninguém queria falar no assunto.

– Olhe – dizia o Cunha com o seu habitual realismo frio (ou era cinismo?, nunca soube) –, aquelas da Mercedes são umas brutas, uns animais. Mas de que serve a gente falar? Ela colheu o mal que semeou. Eu já lhe tinha dito um dia, quando ela andava metida em justiças com os da Torna, que ainda havia de morrer da língua que tinha.

O mais provável é que isto não acabe por aqui, mas a vingança que os netos de uma farão nos netos da outra ainda não é fácil de prever. A princípio, o filho falava em apresentar queixa, em ir para tribunal. Por fim, explicou-me que não podia ser. A única testemunha era o Tôno Monteiro, que lhe dissera que os outros, de facto, eram uns malvados e que mereciam uma lição, mas que ele não pusesse justiça porque muita da culpa também fora da língua da Sãozinha. De qualquer forma, o Tôno não iria a tribunal por ela, porque ninguém o podia proteger de lhe fazerem uma noite a ele o que lhe fizeram a ela. Logo que souberam que ela tinha morrido, vieram ameaçá-lo e eles eram do género que cumpre essas promessas.

Nunca tomei uma decisão consciente de deixar de visitar Paço. Foi de facto a forma como soube da morte do Cunha que criou em mim esta aversão. Um dia a telefonista do meu instituto desculpou-se dizendo que tinha encontrado na gaveta uma mensagem que se esquecera de me entregar. Era uma notícia de há uns meses atrás, dizendo que o Cunha ia a enterrar no dia seguinte. Até hoje foi a morte que mais senti na minha vida.



Posfácio

Fronteiras: roteiro breve de uma viagem por um livro singular

Rui Graça Feijó

Fronteiras são territórios fantásticos, extraordinários, ou não se inscrevessem no seu corpo vivo as noções fortes de diferença, de limite e de diálogo. Este livro *a quattr'occhi* tem como suporte uma relação de amor retribuído na qual repousam, no fim de uma longa peregrinação, cumplicidades de dois olhares distintos: a narrativa de João de Pina Cabral, as imagens de Ruth Rosengarten. E é, a vários títulos, um livro sobre fronteiras

Para a Ruth, o Alto Minho representou uma experiência de radical novidade, de encontro com um mundo totalmente estranho, num sentido biográfico. Nascida em Israel, criada na África do Sul, passando depois alguns anos em Inglaterra, Ruth Rosengarten desembarca no vale do Lima tendo como único elo de ligação a esse mundo aquele que lhe era dado pela partilha de vida de alguns anos com o João. As impressões que este novo mundo lhe causava foram-se afirmando paulatinamente, filtradas pelo seu ofício de pintora, que a princí-

pio evidenciava ainda a inércia de vivências anteriores, pinturas quase abstractas de ambientes em que a figura humana estava sistematicamente ausente. A nova experiência aparece primeiro numas aguarelas com cores fortes, povoadas por personagens em que o peso da vida transparece com nitidez, repletas de novidades como uma horta do minifúndio minhoto, e que acompanharam a primeira edição do livro; e agora, muitos anos mais tarde, trabalhando sobre uma memória que foi deixando cair o detalhe e a composição complexa de outra, é ainda a luz depurada do vale cheio de ramadas e castanheiros que assoma no pincel, o fragmento do quotidiano em que gente, bichos e coisas se misturam numa evocação sentida pela mão que empunha o lápis, que se renova e recria. O resultado desta reflexão sobre a realidade exterior através do acto criativo da pintora é um movimento de aproximação do observador ao mundo do Alto Minho que o faz atravessar algumas «portas privilegiadas para o conhecimento» e, por isso, o enriquece muito para além da «ilustração». Na verdade, trata-se de um discurso autónomo, que como tal pode ser lido e que dialoga de forma fecunda com a narrativa textual. Por isso este volume é, mais que uma justaposição de registos, um corpo solidário.

João parte de uma situação distinta. Tendo vivido largos anos da sua formação em Moçambique, frequentado uma universidade em Joanesburgo e desenvolvido as bases teóricas do ofício de antropólogo em Oxford, a aldeia do Alto Minho onde assentou arraiais com a Ruth era um objecto que podia ser observado como uma realidade-outra e analisado com as ferramentas do método etnográfico – o que o João fez com o sucesso que *Filhos de Adão*, *Filhas de Eva* e os escritos académicos conexos vieram a revelar. Mas havia uma outra face da moeda que é necessário relevar: o antropólogo estava, em grande medida, a voltar à «sua» sociedade. Na verdade, nado e criado no Porto, partilhava com a sociedade de análise o domínio perfeito da língua materna e o direito de voto nas eleições do Portugal democrático, uma história comum e referenciais culturais de vulto, a integração num mesmo sistema

judicial, uma familiaridade com o território da religião... Carmelo Lisón Tolosana, em Espanha, e José Cutileiro, em Portugal, haviam já mostrado como essa opção pelo outro em nós próprios era compatível com a solidez requerida às monografias etnográficas; mas a verdade é que, por volta do momento em que o João escolheu mergulhar no Alto Minho, Cutileiro via-se na obrigação de justificar, num artigo que ficou famoso, opções dessa natureza que ainda suscitavam olhares de espanto e desconfiança em meios supostamente abertos. Eu próprio testemunhei em Oxford referências ao trabalho desses dois investigadores que revelavam dificuldades de digestão. Talvez hoje – quando a antropologia e o seu método, testados historicamente em situações de diferença geográfica que exigem ao antropólogo o uso do seu passaporte, alargaram o seu campo de análise às sociedades complexas e, mais do que isso, a instâncias da sociedade urbana e pós-industrial, diluindo a «diferença» biográfica entre o investigador e o seu objecto de análise – seja útil referir que a decisão de João de Pina Cabral se situava na fronteira da sua disciplina. E isso requer e evidencia coragem.

Ao rever nas páginas deste livro as opções que fez, o João diz-nos que, ao tomar a decisão de se envolver com a sociedade minhota, se dirigia «da diferença em direcção à semelhança». Isto significa que diferença e semelhança não são entendidas como mundos estanques, mas antes polaridades de um contínuo em que a fronteira entre ambas se encontra em perpétuo movimento. Vejamos: entre as várias hipóteses que lhe foram sugeridas, como, por exemplo, uma aldeia isolada de montanha onde um antiquado professor projectava o território da antropologia como uma disciplina que se distinguiria pelo estudo de sociedades primitivas, ou o que mais se lhe poderia aproximar dentro do território nacional, o investigador optou por um lugar que «não dava a um cidadão romântico a mesma impressão de intemporalidade pitoresca, de inserção numa Idade Média mítica». Escolheu uma povoação na sombra da vila, servida por uma boa estrada, num vale onde os movimentos das gentes são constantes, em suma:

aberta. E assim a articulação entre o lugar, a região e o país, a constante dança das suas fronteiras, tornou-se objecto central de trabalho. As páginas sobre a administração da justiça, ou o relacionamento do João com filhos da terra que habitualmente moravam noutras paragens – «eu que vivo e sinto no mundo dela e não no deles», diria a propósito da filha do Cerqueira e da restante família deste –, mostram claramente esse jogo.

Dentro da comunidade minhota, o antropólogo munuiu-se de instrumentos que marcassem a distância: aos olhos de todos, assumiu a sua relação com a Ruth, uma estrangeira, com ela falava correntemente em inglês e não se coibia de deixar entrever traços de uma relação com raízes num universo de referência bem distinto; e «a Ruth fez o que pôde para explicar que eu também tinha vindo de longe como ela». Aos seus olhos, infringiu um dos princípios do método malinowskiano e redigia a suas notas de campo em inglês. Mas esta diferenciação tem limites que convém observar e a visita de um casal amigo vindo expressamente de Oxford, com os seus modos cosmopolitas, viria a constituir um exemplo concreto dessa dificuldade em compatibilizar dois mundos interiores.

O que emerge neste livro não é um relato ou uma análise, como outras que se tornaram comuns em décadas recentes, em que o antropólogo apresenta e discute a sua experiência de trabalho de campo, procurando elaborar discursos teóricos, embora haja naturalmente algumas reflexões que se prendem directamente com essa problemática. Veja-se, a este propósito, o que nos diz acerca da «horrrível necessidade de fazer perguntas»: «Não é assim que os verdadeiros curiosos extraem as suas informações.» São referências breves, espalhadas ao longo do texto, mas com profundas implicações no modo como se operacionaliza o método etnográfico. Trata-se de uma dimensão do texto no seu conjunto que deve ser salientada.

Também não deve este livro ser entendido como um repositório de notas, pois existe nele um tremendo esforço de recriação, em tudo paralelo ao que se desenvolve nas imagens da Ruth: «Não era assim que as histórias, em geral, me che-

gavam, embrulhadinhas pela curiosidade mórbida da Sãozinha e pela curiosidade primitiva da justiça. Chegavam-me em farrapos, aos pedaços, peçazinhas que raramente se juntavam todas, *puzzles* sempre incompletos.» Mais do que tecer a trama narrativa a partir dos seus fragmentos, o que sobreleva aqui é a capacidade de usar estas histórias (e as suas «outras verdades») para produzir sentido, ou seja, para nos aproximar do âmago da vida minhota – e neste terreno é o antropólogo que se defronta com os limites da sua disciplina. Com a sua fronteira.

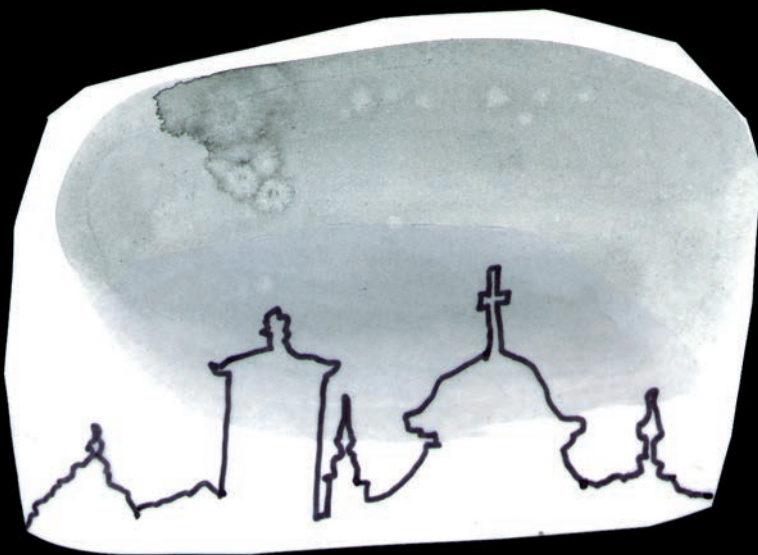
A dado passo, o João usa uma expressão que me permito retomar, alargando-lhe o âmbito de aplicação. Diz ele: «Há limites para o que se pode esperar de um antropólogo em termos de compreensão.» Bem sei que a frase, no seu contexto, remete para uma leitura da «compreensão» como empatia. Mas a sua polissemia permite que vos proponha entender «compreensão» como um processo intelectual, uma forma de apreensão e de conhecimento que se distingue de «explicação» (embora se possa estabelecer entre elas uma relação de precedência). Ora neste livro não creio que esteja presente um esforço de explicação idêntico ao de uma monografia etnográfica. Mas está certamente bem presente um percurso de compreensão que utiliza recursos amplos – autobiografia e introspecção, método etnográfico, história oral... – e uma escrita criativa que justifica o epíteto de «etnopoética» que o autor reclama para este texto: «Finalmente [...] já nem eu próprio confio na veracidade factual da minha memória livre.» Como se o tempo decantasse as memórias mais agitadas até deixar ficar apenas aqueles traços fundos que nos fazem identificar sem dificuldade situações vividas. *Se non è vero, è bene trovato* – e isso é o que, acima de tudo, importa reter.

Nestas páginas de etnopoética há, no entanto, análise da mais fina, da mais penetrante. É o que vemos quando se afirma, por exemplo, que «a diferença é uma injustiça». «Toda a identidade tem implícita uma diferença e toda a apropriação comunitária de bens tem subjacente uma estrutura de poder.» Não poderíamos pedir um olhar mais frio sobre a ideologia

igualitarista e o seu corolário, essa noção omnipresente de «inveja» que marca de forma tão profunda a cultura popular minhota. E, no entanto, é muito claro que esta frieza analítica anda de mãos dadas com uma experiência emocional forte, com uma capacidade de viver situações e de as recriar intelectualmente. Ou seja, e mais uma vez, que há um diálogo entre a experiência emocional e a racionalidade que joga com a fronteira entre elas.

A metáfora da viagem está presente em várias passagens do texto e poderia mesmo ser alargada ao percurso efectuado pela Ruth. O impulso inicial poderá ter tido um forte carácter privado («uma viagem que recolho em palavras para que não se perca dentro de mim»); mas a sua divulgação, nesta forma de livro partilhado por dois olhares em diálogo, acaba por oferecer ao público um magnífico mapa ou roteiro com o qual poderá iniciar a sua viagem ao coração do Alto Minho, pedaço da nossa identidade comum.

Moledo do Minho, Julho de 2008



Aromas de Urze e de Lama é um ensaio de etnopoética situado na área nebulosa entre a experiência vivida e a ficção. O leitor encontra relatos das vidas e das mortes dos camponeses minhotos, das suas noções, dos seus fantasmas, dos seus amores, dos seus medos – recentes ou antigos, verosímeis ou fantasiosos.

Na sua viagem ao terreno, o antropólogo recolhe «dados» com os quais escreve uma monografia etnográfica. Algo, no entanto, fica por contar; algo que não é factual nem ficcional: a experiência vivida, a catálise efectuada por essa viagem na sua personalidade e na sua própria visão do mundo. Estas são as «histórias» com que o Alto Minho marcou o narrador – é a sua experiência que, por fim, dá unidade ao texto.

Escrita nos meados dos anos 80 como primeira reacção ao reflexivismo que então se impunha nas ciências sociais, esta obra está fora de circulação há bem mais de uma década. A Imprensa de Ciências Sociais trá-la de novo ao prelo por sentir que representa indubitavelmente um dos principais marcos de viragem da antropologia portuguesa contemporânea. *Aromas de Urze e de Lama* é um hino a uma ruralidade que se esvaía. Passados vinte anos sobre a sua escrita, o texto continua a desafiar o leitor tanto pelo que conta como pela forma como conta.

ICS

Imprensa
de Ciências
Sociais

www.ics.ul.pt/imprensa

ISBN 978-972-671-220-6



9 789726 712206